

1,5 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

Amanhã eu paro!

Gilles
Legardinier

*O fabuloso destino
de Julie, uma garota
desesperadamente
romântica e
completamente
desastrada*





Amanhã
eu paro!





O Arqueiro

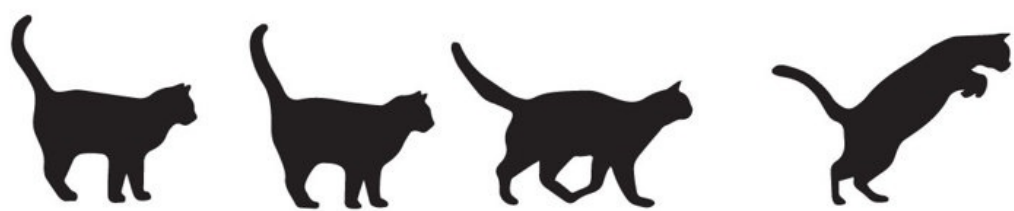
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

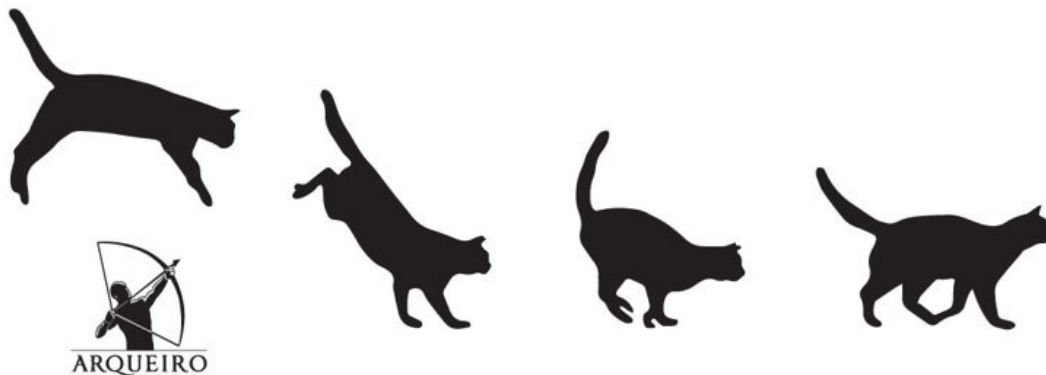
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Gilles
Legardinier

Amanhã eu paro!



Título original: *Demain j'arrête!*

Copyright © 2011 por Fleuve Éditions, uma divisão de Univers Poche
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fernanda Abreu

preparo de originais: Bruna Soares Pinheiro

revisão: Milena Vargas e Suelen Lopes

projeto gráfico, ilustrações e diagramação: Eloísa Fróes

capa: belle mécanique

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Vasily Koval/123rf (gato), Naty Strawberry/Fotolia (gorro), aroas/123rf (tecido), Charles Taylor/Fotolia (fundo)

foto do autor: © Vincent Colin pela Coming Soon Prod.

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L525a

Legardinier, Gilles

Amanhã eu paro! [recurso eletrônico]/ Gilles Legardinier; tradução de Fernanda Abreu. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital

Tradução de: Demain j'arrête!

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-706-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Abreu, Fernanda. II. Título.

17-39981

CDD: 843

CDU: 821.133.1-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Você já conheceu alguém que deu uma festa quando se divorciou? Eu já. Nos casamentos, em geral quem mais se diverte são os futuros noivos. Ouvimos suas buzinas quando eles seguem em procissão na direção do cartório, cruzamos com eles no dia anterior nas ruas, em bando, vestidos de palhaço ou quase nus. Com grande reforço de tambores e fanfarras, eles exibem aos passantes a alegria por enterrar a vida de solteiro, às vezes com mais de 35... Menos de um ano depois, porém, quando 19% deles se separam, ninguém mais joga confete. Bom, Jérôme, sim.

Não assisti aos seus dois primeiros casamentos, mas fui ao terceiro. Três matrimônios e três divórcios aos 32 anos não é para qualquer um. Diz o ditado: “No segundo naufrágio, não ponha a culpa no mar.” A sabedoria popular não se aventurou até o terceiro.

Cá entre nós, acho a festa do divórcio dele bem mais legal do que as de casamento. Nada de ficar se exibindo, nada de códigos sociais, adeus, discursos obrigatórios, tchau, vestido sufocante, de volta ao armário os sapatos de salto alto feito despenhadeiros que podem matar em caso de tropeço, nada mais de vaquinha para reformar a igreja, nada de cardápio com pratos metidos a besta com molhos impossíveis de digerir, e mais nenhuma piada idiota do tio Gérard, que, aliás, não foi convidado. Apenas pessoas com as quais ele tem vínculos de verdade e a quem foi honesto o suficiente para dizer: “Deu errado outra vez, mas eu gosto de vocês.” Acho que até a primeira mulher dele está na festa.

E eis que me encontro, num sábado à noite de outubro, dentro de um belo apartamento apinhado de gente, entre pessoas que estão se divertindo de verdade graças a Jérôme. Ainda é cedo, há sorrisos, conversas soltas, e todos falam daquilo em que fracassaram, daquilo de que se arrependem, num clima um tanto surrealista, porém leve. Parece uma reunião dos “Fracassados Anônimos”. Quem

inaugura a festa é Jérôme:

– Obrigado a todos por terem vindo. Não há nada a comemorar, a não ser o prazer de conhecer vocês. Todos fazem parte da minha vida. Prefiro deixar logo bem claro que os presentes que vocês generosamente me deram... generosamente no caso de alguns... não serão recompensados. Hoje não estou mais usando um terno bonito e não conto mais com vocês para bancar minha lua de mel, aliás, nem mulher eu tenho mais. Por uma perversão da qual eu não sabia que era capaz, fico pensando se esse divórcio da Maria não foi motivado unicamente pela minha vontade de dar essa festa com vocês. Então, eu assumo tudo. Dou a vocês o presente de ser o pior, a referência mais rasteira possível, o fundo do poço. Se um dia vocês se sentirem uns merdas, se sentirem culpados por seus fracassos e com raiva de si mesmos, pensem em mim, e espero sinceramente que se sintam melhor.

Todo mundo ri, todo mundo aplaude, então uma moça começa a contar que foi demitida três semanas antes por ter dado uma gargalhada na cara de um engraçadinho que a estava azarando. Pensou que ele fosse algum executivo cheio de testosterona da área comercial, mas na verdade era o jovem e bem-apessoado CEO do cliente mais importante de seu chefe... Ela perdeu o emprego e morreu de rir. E todo mundo riu junto.

De confiança em confiança, a noite logo fica animada; as pessoas têm assunto. Ninguém fala de televisão, nem de todas aquelas coisas sem importância que dominam inutilmente nossas vidas. Ninguém precisa beber para se divertir e se sentir bem. Estamos entre iguais, seres humanos falíveis. Quando celebramos um aniversário, uma vitória ou um acontecimento feliz, nunca fica esse clima. Há sempre um protagonista ou então o casal, sozinhos no seu pedestal, e todo mundo em volta olhando.

Talvez fosse melhor comemorar nossos fracassos... Nada de pódio, nada de falsa glória, apenas a felicidade de estarmos vivos, lado a lado. Com certeza temos mais arrependimentos a compartilhar do que motivos de orgulho. Nesta noite, apesar de tudo o que escutei para neutralizar os meus complexos, não me atrevo a dizer nada. Excesso de medo, de vergonha, e muita coisa para contar. Eu precisaria de meses para revelar todos os meus fracassos e, mesmo assim, eu teria que falar rápido...

Vim à festa para estar com Jérôme, para esquecer tudo, para me divertir, e

não me arrependo. Esse tipo de coisa, porém, não impede que o destino continue atento a você. Nunca sabemos em que momento ele vai resolver incidir na nossa vida, nem de que maneira. No meu caso, acontece esta noite, e seu mensageiro é muito esquisito.

Saio para respirar um pouco de ar puro na sacada e me vejo na companhia de todos os fumantes que vão baforar longe dos outros, escondidos tal qual foragidos condenados pela justiça. É noite, e faz um pouco de frio. Fico observando a rua lá embaixo. Jérôme mora no quinto andar e tem uma bela vista dos telhados e do parque vizinhos. Apoio-me no corrimão de alumínio. Está gelado. Inspiro fundo e, bem feito para mim, o que sorvo não é o ar puro da noite, mas uma lufada de algo suspeito que um homem alto está fumando um pouco mais adiante. Tusso e torno a tentar. Desta vez é bom. Perseverar sempre. O ar fresco enche meus pulmões. Serenidade. De onde estou, escuto os risos vindos da sala, misturados ao burburinho da cidade que adormece. Experimento um leve arrepio de bem-estar.

Começo a pensar em tudo pelo que passei nos últimos meses. Sinto-me suficientemente bem para pensar nisso com algum distanciamento, como se fosse a história de outra mulher que eu pudesse analisar sem me envolver. Nem pensar em deixar surgirem as verdadeiras questões. Essas, eu nunca consigo resolver. São numerosas demais, verdadeiras demais. Busco apenas uma visão do todo, neutra, avaliada com frieza, para que eu acredite por um segundo que estou segura, que domino impunemente todo o campo de batalha.

É então que noto um olhar insistente sobre mim. Viro o rosto e vejo um homem bastante jovem, que usa um suéter largo e hippie. Não sei por quê, mas de imediato seu rosto me faz pensar em um esquilo. Os olhinhos pretos engraçados, o nariz se remexendo e dentes feitos para quebrar nozes. Que rosto estranho para um mensageiro do destino. Ele me olha fixamente.

– Oi!

– Boa noite.

– Eu sou o Kevin, e você?

– Julie.

– Você é amiga do Jérôme?

– Como todo mundo que está aqui hoje.

– Me diz uma coisa, Julie: qual foi a coisa mais idiota que você já fez na

vida?

Não é a pergunta em si que me desconcerta, mas as respostas que imediatamente me vêm à cabeça. Eu poderia lhe contar sobre quando vesti um suéter enquanto descia às pressas a escada e caí terrivelmente, ficando com a cabeça presa e os braços imobilizados pelas mangas. Um braço e duas costelas quebradas e um hematoma no queixo que levou mais de um mês para sumir. Poderia responder que foi quando tentei consertar um plugue ligado na tomada, precisei das duas mãos para aparafusar o suporte e tive a brilhante ideia de segurar os fios com a boca. Passei uma hora vendo tudo amarelo.

Eu poderia lhe dar cinquenta respostas, todas igualmente ridículas, mas não falo nada. A pergunta dele tem o mesmo efeito de um tapa na cara. Não sei quem é esse tal Kevin. Acho, aliás, que não lhe disse mais nenhuma palavra, mas minha cabeça começa a fundir. A coisa mais idiota que eu já fiz na vida? Eu preciso pensar, porque são muitas. Posso fazer uma lista em ordem alfabética ou em ordem cronológica, tanto faz. Uma coisa é certa: desta vez eu serei obrigada a responder para mim mesma. Disso não poderia escapar. Meu cérebro não me deixa nenhuma saída de emergência. Como se fosse o sinal que ele aguardava para me encurralar diante de uma pergunta existencial que eu vinha ignorando havia muito tempo...

Eu digo a mim mesma, então, que vou responder honestamente. Por isso estou aqui com você. Vou contar a coisa mais idiota que fiz em toda a minha vida.

Que coisa mais linda é uma orca mergulhando. A fascinante potência desse animal, a fluidez e a precisão com que fura as ondas para atacar a presa. Mas que importância tem isso quando se acaba de levar um fora?

Meu nome é Julie Tournelle, tenho 28 anos e estou em pânico. Não por causa da orca que está nos atacando, mas porque, neste momento, a vida não tem se desenrolado do jeito que me descreveram. Uma coisa é certa: eu nunca deveria ter aceitado o convite para vir ao Sul. Fui enganada de novo. Carole me disse: “Venha visitar a gente aqui no Sul, vai fazer bem para você. Faz muito tempo que a gente não passa um fim de semana juntas. Vamos ter tempo para conversar. E assim você vê sua afilhada. Ela cresceu muito, está uma graça, vai gostar de ver você. Venha logo!”

É verdade que Cindy cresceu muito, e acho que é só o começo. Normal, ela tem 9 anos. É verdade também que ela é uma graça, mas, como prometi dizer toda a verdade a você, preciso esclarecer que o lado “uma graça” não sobrevive à primeira manhã de vida em comum. Estranho que eu esteja dizendo isso, pois adoro crianças. Enfim, acho que vou adorar as minhas, se um dia eu tiver filhos.

E é assim que, num belo sábado de agosto, você se vê em Antibes, num parque de atrações aquáticas espremido entre duas autoestradas, junto com mais alguns milhares de pessoas, para ver peixes grandes presos em piscinas enormes, pulando em cima de pequenas sardinhas. Já está calor, o asfalto fica grudento e o preço da água mineral acompanha o do barril de petróleo. Você atravessa o estacionamento lotado de carros imensos equipados com cadeirinhas de bebê e se pergunta o que está fazendo ali. A resposta vem bem depressa, no instante em que vai comprar um algodão-doce para Cindy.

Eu tinha uma boa lembrança de algodão-doce. Quando era pequena, só achava que grudava um pouco na boca. Papai, mamãe, me perdoem: algodão-

doce é um horror, um suplício, algo abominável. Não só é sempre grande demais para uma criança conseguir comê-lo inteiro, como gruda por toda parte. Não gruda só na boca, gruda também no nariz, na roupa, no cabelo.

O pior foi quando, na fila de espera, um homem alto me empurrou para cima de Cindy e o algodão-doce dela grudou na minha linda camiseta clara. Uma senhora educada disse que aquilo se chamava “a maldição do Homem-Aranha”, por causa da teia grudenta. E pensar que ainda não tínhamos nem entrado no parque...

Antes do grande show de golfinhos, entramos nos pequenos pavilhões educacionais cheios de animais nadando e placas explicativas. “Os animais são nossos amigos”, “Somos responsáveis por eles”, “A Terra está ameaçada”. É verdade. Mas num dia como este, para mim bastante sombrio apesar do sol, sinto-me tentada a dizer que eu também estou ameaçada, mas nem por isso alguém fez uma placa.

– Ah, dinda, olha! A tartaruga se chama Julie! Que nem você!

– E tem os seus olhos – acrescenta Carole, achando graça. – Mas parece que ela conseguiu manter o namorado...

Não sei de onde vem o ímpeto de energia que nos permite sorrir desse tipo de piada quando nossa única vontade é chorar. Sem dúvida, a mesma força que nos impede de dar um soco na nossa amiga pelo seu humor tão torturante. O dia está quente, Cindy tem sede, ela quer um bicho de pelúcia, e eu quero morrer.

O restante do fim de semana é apenas uma longa descida ao inferno. Você está hospedada na residência de uma família de verdade, a casa cercada por flores, o sedã estacionado em frente, brinquedos jogados pela sala, fotografias nas paredes, as piadinhas que só eles entendem. E, apesar de toda a gentileza demonstrada por eles, você se sente uma estranha nesse mundo de afeto tão banal para aqueles que têm a sorte de vivê-lo.

Cindy toca uma música na flauta para mim. Não reconheço a melodia. “À la claire fontaine” assassinada? “Hino à alegria” traído e arruinado? Não. É a música-tema da nova série televisiva do californiano espinhento cujas fotos cobrem as paredes do quarto dela. Em seguida vem a degustação de cookies queimados. Se um dia eu tiver câncer, saberei de onde veio. Depois disso, nós brincamos de “Venha me maquiar”. Eu deveria ter passado mais rímel em volta das suas narinas, porque ela não teve o menor pudor de passar batom em mim

até dentro das orelhas.

Mas isso não foi o pior: tivemos mesmo tempo para conversar.

– É quase uma sorte o Didier ter ido embora. Ele não era homem para você. Vai ter sempre a mentalidade de um garoto de 10 anos, e você teria passado a vida inteira cuidando dele.

Observem que, se vocês substituíssem “Didier” por “Donovan” e acrescentarem “ele só estava interessado na sua fortuna”, no fim das contas parece o diálogo de um seriado americano. Obrigada, Carole. Você me ajudou mesmo.

Choro durante todo o trajeto de volta no trem. Tento de tudo para pensar em outra coisa. Na estação, num acesso de fraqueza, compro a revista que fala de gordura localizada e dos tratamentos de desintoxicação das celebridades. Nunca entendi como se pode escrever um artigo sobre crianças que não têm o que comer e, na página ao lado, enfileirar top models em carros luxuosos divulgando a excelência de roupas estúpidas, impossíveis de serem usadas, cujo preço representa seis mil anos de salário dos pobrezinhos, que vão morrer antes de poder vesti-las. Quem somos nós para aceitar isso?

Viro as páginas até chegar ao horóscopo. “Leão: saiba escutar seu parceiro ou o tom vai esquentar.” Que parceiro? Escutar foi só o que eu fiz, e que resultado... “Saúde: evite abusar do chocolate.” “Trabalho: você vai receber uma proposta que não poderá recusar.” É o que se chama de revelação bombástica. Francamente, eu gostaria de saber como se lê nos astros que não se deve abusar do chocolate. Não acredito que Plutão ou Júpiter sejam capazes de me dizer o que eu posso ou não comer, e quem afirma o contrário é, no mínimo, um charlatão. Também não consigo me interessar pelas fofocas das subcelebridades, que dão declarações estarrecedoras como “Estou disposta a tudo para ser feliz” ou “Adoro quando me amam”. Larguei a revista.

Em seguida, me empenho em entender o que Cindy tentou representar num belo desenho colorido que me deu logo antes de eu partir. Um gato esmagado dentro de um pote? Um ácaro visto do microscópio? De nada adianta. Choro. Penso em Didier. Pergunto-me onde ele estaria naquele exato instante. O que teria feito no fim de semana? Faz só quinze dias que ele me largou, mas tenho certeza de que já arrumou alguém. Músico, motoqueiro e bonito: um homem assim não fica sozinho muito tempo.

Esse daí me enganou direitinho. Pensando bem, que babaca! Nós nos conhecemos num show. Não no Zénith Paris, mas numa casa de festas de Saint-Martin, uma cidadezinha sem importância. Ele cantava numa banda de rock alternativo chamada Music Storm. Só pelo nome eu já deveria ter desconfiado. Eu estava com duas amigas. Tínhamos ganhado ingressos, então fomos, curiosas. O som estava tão alto que minha cabeça vibrava. O show foi uma porcaria, mas Didier estava lá, em pé debaixo do canhão de luz, no meio dos seus amigos histéricos, todos se achando astros do rock. Ele arranhava no inglês, mas era um homem bonito. A primeira coisa em que reparei foi a sua bunda. Minha amiga Sophie sempre diz que só os homens safados têm bundas bonitas, e a bunda de Didier era linda.

Depois do show, olhei nos olhos dele, e tudo aconteceu muito depressa. Ainda não sei por quê, mas ele me seduziu. Um quarto de artista rebelde, um quarto de adolescente hiperativo, e outra metade que eu tinha dificuldade para identificar. Uma verdadeira paixão à primeira vista.

Que canalha... Sempre devemos lembrar a primeira coisa que nos agrada nas pessoas. Eu deveria ter me contentado com a bunda dele. Nós ficamos, e comecei a ir junto com ele a todos os shows. Eu passara 26 anos sem pôr os pés num bar e, em três meses, conheci todos os da região. Por ele, deixei para trás minhas amigas. Ele dizia que precisava de mim. O pior era quando estava “escrevendo”. Ficava num humor de cão, exceto com os outros. Podia passar horas imóvel em frente à TV, e então, do nada, ficava irritado. Saía para dar uma volta de moto, ou então tínhamos que sair para lhe comprar roupas. Sempre ouvi dizer que, quando estão criando, os artistas passam por esse tipo de fase. Acho que é verdade, a não ser para os que têm talento.

Passávamos o tempo inteiro juntos. Eu o ouvia contar os milhares de coisas que iria fazer e o via folheando suas revistas de moto. Ele transava comigo quando sentia vontade e eu o observava buscando inspiração em qualquer coisa, da internet ao cereal do café da manhã. Que inspiração podiam proporcionar os ingredientes de um cereal? Como eu fui boba... Para ajudá-lo, acabei abandonando os estudos e arrumei um emprego de meio período num banco, o Crédit Commercial du Centre. Durante o dia, eu amargava seminários motivacionais para aprender a empurrar qualquer coisa para clientes já arruinados, e à noite eram shows e chilikies. Nem conto para você o dia em que,

tomado por um delírio megalomaniaco ao final do segundo refrão, Didier se atirou em “seu” público para ser carregado feito um astro do rock, mas, no pequeno salão da Monjouilloux, os vinte gatos pingados da plateia se afastaram e ele se esborrachou no chão feito um tomate podre. Eu deveria ter visto nisso um sinal.

É claro que Didier se mudou para a minha casa. Eu pagava tudo. Ele me tratava como se eu fosse uma fã. Eu percebia, mas sempre encontrava alguma desculpa. Nossa história durou dois anos. Eu tinha noção de que não conseguiríamos passar a vida juntos, mas, muitas vezes, como já confessei, tenho dificuldade para encarar a realidade. Então é isso: o cantor foi embora, e eu continuo prisioneira de um emprego tapa-buraco nesse banco que é “o único honesto”.

A partir daí, tudo desmoronou. Primeiro, veio a solidão, depois as saídas com outras amigas solteiras. Ficamos fazendo de conta, tentando acreditar que éramos livres e que a vida era muito melhor sem esses homens que não prestam. Repetimos esses discursos frágeis até que uma de nós finalmente se apaixona. Reconfortamos umas às outras como podemos. Digo “uma de nós”, mas está mais para “uma delas”, porque para mim foi a travessia do deserto. Nada, zero, porcaria nenhuma.

Éramos cada vez menos numerosas nas saídas. Às vezes, alguma das antigas reaparecia. Um clube de largadas. No fim das contas, pensando bem, o mais comovente era o não dito. Aqueles olhares que iam além da encenação que fazíamos para aguentar. Havia uma espécie de afeto solidário, canhestro, surdo, mas real. Se continuávamos saindo, não era por causa dos joguinhos idiotas, mas por causa dessa solidariedade cheia de reservas. E quando voltamos para casa sozinhas é que surgem as verdadeiras perguntas: será que já me apaixonei? Será que o meu dia vai chegar? Será que o amor existe mesmo?

Ao sair da estação, após ter chorado por 2 horas e 17 minutos dentro do trem, é esse o ponto em que eu estou. Atravesso metade da cidade a pé. É uma bela noite de verão. Eu estou ansiosa para voltar para minha rua, para o meu mundinho, mas o destino ainda me reserva outras surpresas. Achamos que conhecemos o ambiente que nos cerca, mas às vezes basta que um detalhe mude, e você nem desconfia que a sua vida inteira vai mudar. E para isso nunca estamos preparados.

Gosto da minha rua. Existe vida de verdade lá, uma atmosfera. Os prédios são antigos, numa escala humana; há várias coisas nas sacadas – plantas, bicicletas, cães. Em relação a lojas, estamos muito bem servidos: encontra-se de tudo, desde a pequena livraria até a lavanderia automática. Não é uma rua principal, então quem vai até lá tem sempre algo a fazer. A rua faz um leve declive na direção oeste. Quando o sol se põe, quase dá para acreditar que mais adiante, lá embaixo, encontraremos o porto, o horizonte e o mar, ainda que o litoral mais próximo esteja a centenas de quilômetros. Cresci a dois quarteirões daqui. Quando meus pais se mudaram para o sudoeste depois de se aposentarem, eu quis ficar. A única vez que quis ir embora foi logo depois da partida de Didier. Lembranças demais... sobretudo lembranças ruins demais com ele. Mas as boas logo tornaram a se impor.

Admiro quem se lança na descoberta do mundo, quem faz as malas para ir morar um ano no Chile, quem se casa com um australiano, quem compra uma passagem de avião para decidir tudo lá quando chegar. Eu sou incapaz disso. Preciso de referências, do meu universo e, sobretudo, daqueles que o povoam.

É verdade que me apego com facilidade. Para mim, a vida é, em primeiro lugar, aqueles com quem nós a construímos. Adoro minha família, mas os vejo duas vezes por ano, enquanto meus amigos encontro quase todos os dias. Um cotidiano compartilhado é muitas vezes mais forte do que um grau de parentesco.

Até mesmo a dona da padaria, a Sra. Bergerot, faz parte dessa estranha família. Ela decifra minha expressão facial, me conhece desde que sou pequeninha, e eu sei que às vezes, apesar da minha idade, hesita em me entregar uma bala junto com o troco. Sua padaria fica bem ao lado da mercearia de Mohamed, que, aliás, se chama “Chez Mohamed”. A mercearia está sempre

aberta. Ele é o terceiro Mohamed que eu conheço. Acho que só o primeiro tinha realmente esse nome; os outros, que vieram depois, preferiram ser chamados de forma igual a ter de mudar o letreiro.

Quanto mais avanço pela minha rua, mais me sinto bem. Se um dia eu perder toda a noção do tempo, se ficar louca, tenho um jeito infalível para saber em que dia estamos. O segredo é a vitrine da delicatessen chinesa do Sr. Ping. Às vezes me pergunto se esse também não seria um nome falso. Em cinco anos, ele não melhorou muito o seu francês, mas tenho quase certeza de que é para fazer tipo.

Para saber em qual dia da semana estamos, basta ler o menu na sua vitrine: às sextas, ele faz uma grande promoção de camarão no vapor. Aos sábados é a vez do camarão salteado ao sal e pimenta. Aos domingos, camarão com cinco especiarias. Às segundas, ao molho agri-doce, mais agri do que doce. Às terças, com pimenta do Sichuan, e às quartas, ao molho picante. Se você passar por estas bandas, nunca compre camarão depois de domingo. Uma vez, quando tinha acabado de me mudar, comprei na quarta à noite. Passei mal feito uma condenada. Fiquei três dias seguidos indo ao banheiro. No fim, eu já estava lendo a lista telefônica.

Nesta segunda-feira, ao voltar para casa, ainda está de dia e faz uma temperatura amena. Saboreio o momento. Quando passo em frente à casa de Nathalie, vejo a luz acesa na janela. Chegando perto do meu prédio, tenho uma sensação comparável à de alguém que enfia os pés cansados nos seus chinelos preferidos. Depois de três dias na casa de Carole, finalmente estou no meu espaço, no meu território. Acho que até mesmo aquele imbecil do Didier sabe que não seria bom dar as caras por ali outra vez. Com gestos de artista, Mohamed empilha damascos.

– Boa noite, Srta. Julie.

– Boa noite, Mohamed.

Chegando ao meu prédio, tudo está no seu devido lugar. Digito a senha do porteiro eletrônico, empurro a porta e vou direto para as caixas de correio. Abro a portinhola da minha: duas contas e uns anúncios. Num dos envelopes está escrito, em letras grandes, que eu posso ganhar um ano de comida para meu gato. Não tenho gato e ainda não cheguei ao ponto de comer ração. Depois eles nos dizem para economizar papel para salvar o planeta. Se parassem de nos soterrar, para começo de conversa...

Quando fecho minha caixa de correio, reparo no nome escrito na caixa ao lado. Eu sei que o casal do terceiro andar foi embora por causa de um segundo filho, mas não sabia que o novo morador já havia se mudado. “Sr. Ricardo Patatras”. Que nome é esse? Ricardo Cablam, Ricardo Catapum... Parece que abriram um circo no bairro e o palhaço resolveu morar aqui. Sério, não se deve zombar dos outros, mas isso é demais. Fico alguns segundos lendo e relendo a etiqueta do novo morador com um sorriso estúpido estampado no rosto. O primeiro do fim de semana.

Subo para o meu apartamento. Ligo para Carole para avisar que cheguei bem e que, infelizmente, o moreno alto sentado na poltrona em frente à minha no trem não tentou dar em cima de mim. Coloco roupa para lavar. Vou tomar banho, e adivinhe? Não consigo parar de pensar naquele nome. Que idade teria aquele tal Ricardo Patatras? Como seria a cara dele?

Com um nome desses, reconheça que a imaginação ganha asas. Se “François Dubois” vem morar no andar em cima do seu, você tem a impressão, talvez equivocada, de já saber tudo. Equivocada com certeza, aliás, porque, pensando bem, conheci um François Dubois no ensino fundamental e, da última vez que soube dele, foi pela florista que havia acabado de consolar sua mãe, porque ele foi condenado a dois anos de prisão com direito a condicional e uma multa enorme por tráfico de azeite falsificado. Para você ver...

Mas, quando se trata de Ricardo Patatras, são outros quinhentos. Um nome grandioso, forte, como o de um aventureiro argentino defensor da causa dos orangotangos, como o patronímico do inventor da torrefação em grande altitude, ou o nome de um grande mágico espanhol que se exilou depois de ter trespasado a ajudante com as espadas e nunca ter se recuperado, porque era secretamente apaixonado por ela. Esse simples nome já diz muita coisa, mas não que se trata de um vizinho de prédio banal, não mesmo.

Então, de repente, no chuveiro, me dou conta de um novo objetivo na vida: saber que cara ele tem. Fecho a torneira e pego a toalha. É então que ouço passos na escada lá fora. Corro para espiar pelo olho mágico se é ele quem está subindo. Saio correndo feito louca e escorrego. Se eu quisesse ironizar com a onomatopeia, poderia ter dito “patatrás”, mas foi mais para “catapum”. Acabo pelada no chão, estatelada de corpo inteiro e cheia de dores inexprimíveis. Que imbecil! Nunca vi o sujeito e ele já está me levando a fazer uma coisa idiota. É a

primeira vez. Não seria nem a última, nem a pior.

Não sei se existe gente que gosta de trabalhar em banco, mas eu detesto. Para mim, os bancos simbolizam a falência de nossas civilizações. Tanto os clientes quanto os funcionários sentem a mesma infelicidade por ter que frequentá-los, mas ninguém tem outra opção.

Todo dia de manhã, ao chegar à agência, temos que verificar a condição dos caixas eletrônicos e, se há algum problema, avisar às equipes de manutenção. Se é apenas um problema de limpeza, somos obrigados a resolver sozinhos. Sabe o que isso significa? Eles põem caixas eletrônicos por toda parte para poder cortar pessoal e, ainda por cima, temos que cuidar dessas máquinas. É como se você precisasse alimentar, escovar os dentes e encher de mimos o parasita extraterrestre que vai acabar por devorá-lo. Hoje de manhã não há nada a não ser o adesivo de um grupo de rap. Eis que, de repente, me imagino encontrando um adesivo da Music Storm anunciando suas turnês ridículas. Nesse caso, ninguém precisaria me obrigar a fazer a limpeza. Eu tocaria fogo e pronto.

Para entrar na agência antes do horário de funcionamento, temos que passar pela porta de segurança. Sempre que me vejo fechada dentro dessa caixa de vidro, fico apavorada que aquela bobalhona da Géraldine se engane de botão e, em vez de abrir a porta de dentro, solte em cima de mim a dose de gás tranquilizante que fica armazenada no teto esperando a hora de ser usada. É fácil me imaginar sufocando feito um peixe dentro de um saco plástico furado, gesticulando desesperada. Qual seria o meu último pensamento? De nada adianta dizer a mim mesma que eu seria capaz de alguma tirada sensata e memorável, acho que na verdade eu diria “Que escrota essa Géraldine!”. Ela nunca teria virado assistente caso não tivesse pernas inversamente proporcionais ao comprimento das saias que usa.

Nesse dia eu sobrevivo, e a porta se abre.

– Bom dia, Julie. Você está mancando! O que houve?

– Escorreguei no banho.

– Fazendo loucuras com seu corpo outra vez!

Não respondo. Coitada da Géraldine. Com certeza, com aquele corpo perfeito, ela não deve poder tomar uma chuveirada sem fazer loucuras com o próprio corpo. Deve fazer loucuras com o próprio corpo até quando vai tirar o lixo.

Acho que, no fundo, ela não é má pessoa; na verdade, gosto dela. Mas quando vemos uma mulher jovem e linda de morrer trocando de namorado quando quer e, além de tudo, sendo bem-sucedida profissionalmente, ficamos felizes de poder pensar que ela é uma boba, porque sentimos um pouco de inveja.

Eu estou prestes a assumir meu lugar atrás do guichê quando o Sr. Mortagne espicha a cabeça para fora da sua sala.

– Srta. Tournelle, poderia vir falar comigo um instante, por favor?

Mortagne é o gerente da agência. Um galo reinando sobre as galinhas. Um nojento. Às vezes eu tenho a impressão de que ele está de fato convencido daquilo que dizem os folhetos que entrega aos clientes. O terno que usa parece uma armadura. Nosso mundo precisa mesmo ter derrapado feio para que um sujeito desses possa ter responsabilidades.

– Sente-se, Julie.

Ele se acomoda na sua cadeira feito um Airbus com duas turbinas defeituosas. Estreita os olhos para decifrar a tela do computador. É terça-feira de manhã, o primeiro dia útil para os bancos, e ele vem me pressionar falando em “objetivos”.

– É a senhorita quem cuida da conta da Sra. Benzema, não?

– “É claro que sou eu, seu otário, está escrito na ficha dela.”

– Sou eu, sim.

– Semana passada, ela estava prestes a fechar um seguro de carro e um residencial conosco. Queria também abrir uma conta-poupança para a filha. Aí, de uma hora para outra, desistiu. A senhorita teve uma reunião com ela, não foi?

– Sim, senhor. Na quinta passada.

– Então por que não a fez assinar os documentos?

– Ela me pediu conselhos...

– Ótimo, isso é muito positivo. Estamos aqui para aconselhar.

– Ela estava disposta a fechar tudo isso porque o senhor, em troca, lhe daria um limite de cheque especial.

– Isso. Fechei com ela um acordo em que todos saem ganhando. Nossa profissão é isso também.

Olhe só para ele, com esse ar de vencedor, essa gravatinha e esse cabelo empapado de gel. Imbecil. Nenhuma moral, nenhum bom senso.

Se eu fosse homem, adoraria me levantar da cadeira e urinar em cima da mesa dele, assim, só para mostrar de um jeito simples e primitivo o quanto eu o desprezo. Na verdade, não tenho certeza se as mulheres são essencialmente mais elegantes do que os homens. O verdadeiro problema é que, na hora de fazer xixi, elas são mais limitadas.

– Ouviu o que eu disse, Srta. Tournelle?

– É claro que ouvi.

– Então me explique.

– Não tive coragem de pressioná-la. Eu ficaria com a impressão de estar abusando da sua confiança...

– Mas onde a senhorita pensa que está? Isso aqui não é uma instituição de caridade! Neste nosso mundo só existe uma única regra: devorar ou ser devorado. Então, quando se trata de fazer um cliente assinar um contrato honesto, um cliente que temos a gentileza de ajudar em outros quesitos, não vejo no que isso signifique pressionar! A senhorita precisa entender a filosofia da nossa profissão, caso contrário vai passar a vida inteira na recepção.

Ele parece um pitbull com doutorado em falcaturia. Então, de repente, seu esgar de ódio some e ele abre um sorriso igual ao de alguém que está sendo eletrocutado. Com um tom mais brando, continua:

– Bom, não vou exagerar. A senhorita já está com uma aparência suficientemente frágil com essa sua perna manca. Dessa vez vou deixar passar, mas na próxima serei obrigado a lhe dar uma advertência.

Levanto-me e saio. Nunca esqueça esta verdade absoluta: o pior no mundo não são as provas, mas as injustiças.

Apesar desse começo de dia um tanto calamitoso, não me sinto triste nem por um segundo. Só penso numa coisa: à noite, iria ficar de prontidão junto à porta do meu apartamento para espiar pelo olho mágico. Dali a algumas horas

iria, enfim, descobrir que cara tem aquele misterioso Ricardo Patatras.

Chegando em casa, pego a correspondência e, depois de verificar que ninguém estava descendo a escada, fico na ponta dos pés para ver se a caixa do correio do Sr. Patatras contém alguma coisa. Vejo dois ou três envelopes que ele ainda não recolheu, o que leva a supor que ainda não chegou. Assim sendo, eu teria a oportunidade de vê-lo quando passasse em frente à minha porta. A menos que ele tivesse simplesmente esquecido as cartas; nesse caso, eu ficaria à espreita à toa.

Decidida, subo a escada. Tenho uma programação intensa para esta noite. Planejei muitas coisas. Peguei um daqueles jornais gratuitos cheios de ofertas de emprego no bairro. Depois da ceninha de Mortagne, estou começando a pensar que já é hora de fazer minha carreira progredir em outra direção. Visto uma roupa confortável, deixo a água do chá esquentando.

De tão simples, meu plano chega a ser infalível. Me acomodar à mesa, sem música dessa vez, ficar analisando os classificados de emprego e, assim que ouvisse passos na escada, sair correndo, tendo antes verificado que meus pés estavam secos e que nada iria atrapalhar minha corrida até a porta. Na verdade, estou exagerando um pouco, pois entre o canto que me serve de sala e a porta do meu apartamento deve haver uma distância de 2,70 metros, se tanto...

Estou nos sedutores anúncios de venda a domicílio – até o horóscopo soa mais crível, para você ter uma ideia – quando escuto um barulho. Vou até a porta pé ante pé e colo o rosto nela para espiar pelo olho mágico. Alguém acionou o sensor de presença da luz. Posso ver com clareza a escada toda deformada, arredondada, como através do olho de um peixe. Ouço passos subindo e arrastando algo pesado. As batidas são regulares. Canso meus olhos de tanto tentar distinguir quem vem vindo. Tomara que seja o Sr. Patatras! O objeto pesado deve ser uma caixa da mudança dele. Se ele for velho ou tiver uma cara

boa, vou sair para ajudá-lo. Devo-lhe ao menos isso. Pensei nele o dia inteiro. De repente, na curva que vem do primeiro andar, distingo uma sombra. Impossível identificar a silhueta. Noto uma respiração cansada. Entrevejo a mão de alguém sobre o corrimão gasto, ouço passos vagarosos. Então, um rosto: a Sra. Roudan, moradora do quarto andar. Em geral fico feliz ao vê-la, mas não hoje. Ela vem arrastando seu carrinho de feira cheio até a boca, algo estranho para uma mulher que mora sozinha. Não é a primeira vez que reparo nela e em seu fardo. No entanto, a julgar pela magreza, ela não deve comer muito. O que vai fazer com tanta comida?

Fico decepcionada e, ainda por cima, constrangida. Se eu sair para ajudar a Sra. Roudan, ela vai ficar sem graça por alguém a ter surpreendido e pensar que passo meu tempo espionando as idas e vindas dos vizinhos. Mas se eu não sair, vou me sentir culpada por deixá-la puxar um peso tão grande. É verdade que ela é boazinha e sempre tem uma palavra amável a dizer. Nunca a escutei falando mal de ninguém. Além do mais, tenho carinho por ela, pois mora sozinha, e as pessoas sozinhas me emocionam. Quando estou desanimada, desanimada mesmo, penso que daqui a quarenta anos vou ser igual a ela e me alimentar para sobreviver enquanto não espero por ninguém. Apesar do impulso, não me convenço de que sair para ajudá-la seja bom. Enquanto eu debato comigo mesma, ela tem tempo de chegar em casa umas dez vezes. Ridículo.

Volto a mergulhar nos classificados. Deprimentes. Melhor ir criar cabras nos Pireneus. Além do queijo, pode-se usar a lã para tecer cobertores, e, com o restante, fiquei sabendo que dá para fazer linguiça e patê. Não é pior do que vender crédito.

Como uma maçã e ouço outro barulho. Volto para o meu posto de observação. Desta vez os passos são mais velozes. Não vejo quem pode ser exceto a moça do quarto andar, mas acho que ela saiu de férias. É uma bobagem, mas meu coração começa a bater mais depressa. Uma nova sombra surge, a mão de um homem. Uma silhueta bastante alta. Ele ia surgir depois da curva, mas a luz da escada se apaga. Tudo fica escuro, e não sei quem é o homem mas ele cai, e cai bonito. Faz o mesmo barulho que meia dúzia de leitões rolando escada abaixo. Ele diz um palavrão. Não entendo o que é, mas, pelo tom, Deus levou uma bela escovada, talvez com um leve sotaque. Eu pareço uma louca. Minha vontade é abrir a porta, acender a luz e entrar de novo bem depressa para que ele

não me veja e eu possa observá-lo direitinho através do olho mágico. Deve ter se machucado bastante. Ele se espana. Não sei em que parte do corpo, pois está escuro. Torna a dizer dois palavrões, em seguida sobe tateando. Aqui, neste momento, eu poderia ter furado os olhos do imbecil que regulou a luz para ficar acesa por tão pouco tempo. Ricardo Patatras está ali, sinto a sua presença, ouço seus passos do outro lado da minha porta. Ele aciona o interruptor junto à minha campainha. A luz torna a se acender, mas desse ângulo não dá para vê-lo. Não adianta nada eu pressionar o rosto contra o batente da porta e me retorcer toda. Até mesmo os peixes têm limites. Ele continua subindo. Já era. Meu moral desaba. Uma noite arruinada. Uma vida desperdiçada. De todo modo, o universo vai acabar explodindo mesmo.

Não é fácil, mas prometi ser honesta com você. Então, é o seguinte: dessa noite em diante, passo a viver como um animal, tomada pela obsessão doentia de tentar vê-lo. Vou trabalhar feito um zumbi. Não sei nem com quem eu falo. Digo sim para todo mundo. Nem pago mais minhas contas... Isso dura um dia inteiro.

Pela segunda noite seguida, volto para casa correndo e verifico que há correspondência na sua caixa de correio. Chego até a aperfeiçoar a técnica. Levanto a aba da fenda e ilumino lá dentro com uma pequena lanterna para ter certeza de que não são as mesmas cartas do dia anterior. Uma louca de verdade! Se Hitchcock tivesse me conhecido, teria feito de mim seu melhor filme. Fico à espreita permanentemente atrás da porta. Paro de comer. Me contenho para não ir ao banheiro. É um horror, e chego a cogitar pôr um penico perto do olho mágico. Mas juro que não fiz isso.

Assumo meu posto às 18h15, e fico lá até 23h30. Uma vida de guarda de fronteira coreano. Vivo o inferno da espera, a exaltação da luz que se acende, a empolgação dos passos na escada. A cada chegada, esperança, mãos suadas, adrenalina, o olho cansado de tanto ver o mundo feito uma truta. E, de repente, a aparição, acompanhada a cada vez de uma histeria interna comparável àquela sentida no Natal dos meus 6 anos, quando eu desembulhei os presentes torcendo para encontrar a boneca que gritava “iupi!”.

Vi passar muita gente. O Sr. Hoffman, que assobia o tempo todo a mesma música; a Sra. Roudan, ainda com seu carrinho; o professor de ginástica do quarto andar, que se acha um verdadeiro deus vivo mesmo quando está sozinho na escada. Eu não saía mais de perto da porta. Tinha a marca do batente impressa na bochecha. Poderia dizer a lista das idas e vindas do prédio inteiro, minuto a minuto. Tudo isso pelo menos me ensinou algo: o azar existe. Pois, vejam bem, durante essas longas horas de vigilância o Sr. Patatras passou várias vezes, e a

cada uma delas Deus me puniu de alguma forma.

Da primeira vez, ele passou no escuro. Nessa segunda noite, sobe trazendo uma caixa de papelão tão grande que esconde metade do seu corpo. Vejo suas pernas, os pés e quatro dedos. Quando torna a passar, é minha mãe quem telefona. Nossa conversa dura dez segundos, mas me distrai e ele aproveita. Uma verdadeira maldição.

Não vou deixá-lo esperando. Acabo vendo-o, mas só de pensar nisso ainda me dói. Foi no terceiro dia e, como toda manhã, eu estava passando na padaria para comprar um croissant antes de ir para a agência.

– Bom dia, Julie. Você está andando melhor hoje.

– Bom dia, Sra. Bergerot. É, estou melhor, sim.

Não sei como ela consegue. Sempre a mesma energia, o mesmo sorriso, a mesma atenção sincera com as pessoas. Ela é uma das raras mulheres que vi de fato apaixonadas pelo marido. Ele fabricava pão, ela vendia. Então, três anos atrás, ele morreu de forma brutal. Infarto, 55 anos. Foi a única vez que a vi chorar. No dia seguinte ao enterro, ela abriu a padaria. Não tinha nada para vender, mas abriu mesmo assim. Os clientes vieram. E ela atrás do caixa como sempre, mas desamparada. As pessoas lhe diziam algumas palavras, e mal se atreviam a olhar para os expositores vazios. Durante quinze dias, ninguém no bairro comeu pão. É por isso também que gosto deste lugar. Mohamed não aproveitou para vender torradas nem pão de outra padaria. Com o canto do olho, ficava observando a Sra. Bergerot através do vidro. Foi ele quem publicou um anúncio e, um mês depois, ela contratou Julien, o novo padeiro. Ele é jovem e o pão é mais gostoso, mas ninguém nunca vai dizer isso a ela.

Hoje de manhã, como sempre, um cheiro de massa recém-saída do forno domina a padaria. A vendedora Vanessa arruma croissants nos expositores. Sempre adorei esse aroma delicioso e único. A cada fornada, o cheiro se alastra até a rua. Teria dado qualquer coisa para morar no apartamento de cima e respirar o tempo todo aquele perfume pelas janelas abertas. Trocamos algumas palavras, e a Sra. Bergerot embala meu croissant. Quando vou me despedir e sair, ela me detém:

– Espere, vou com você. Preciso dar uma palavrinha com Mohamed, ele atravancou a minha calçada de novo com os seus legumes.

– Posso falar com ele se a senhora quiser.

– Não, assim faço um pouco de exercício; além do mais, estou tentando fazê-lo entender que não é correto colonizar as terras dos outros.

– Acho que ele vai concordar com a senhora...

– Então por que ele põe seus legumes bem em frente ao meu anúncio de sorvete?

Ela me segue até o lado de fora, e acho que vai começar uma de suas tiradas político-econômicas com as quais costuma bombardear o pobre Mohamed. Eles parecem duas multinacionais competindo por mercados de vários bilhões de dólares.

De repente, ela muda completamente de assunto e diz:

– Falando nisso, bonitinho o novo morador do seu prédio.

– Ah, é?

– O senhor... Pataillas.

Achei que fosse engasgar.

“Seja precisa. O nome dele é Patatras. Descreva-me em detalhes como ele é, agora mesmo. Não tem uma foto? Ninguém esperou tanto esse homem quanto eu. Fico esperando por ele em casa todas as noites. Por que eu seria a única a não vê-lo? Caramba, vou ser a última a saber qual é a cara dele, embora, com certeza, tenha sido a primeira a zombar do seu nome.”

Eu me contenho:

– Ah, sei. E ele é simpático?

– Acho que tem seu charme. Ele sai depois de você de manhã, mas com certeza você vai cruzar com ele um dia desses.

Essa frase me deixa maluca. Eu, por acaso, sou do tipo que me contento com “um dia desses”? Então me dou um ultimato. Naquela noite mesmo, custasse o que custasse, eu ia vê-lo. Se for preciso, me fingirei de morta na escada até que ele chegue em casa e me encontre. Ficarei acampada no andar dele fingindo que sou cega e que tenho amnésia, ou melhor, vou tocar sua campainha para vender calendários com seis meses de antecedência, me antecipando à competição dos bombeiros e dos garis. Não importa como, juro solenemente para mim mesma que não esperarei nem mais uma noite com o olho grudado na porta.

Nem ouço Mohamed e a Sra. Bergerot baterem boca como fazem todos os dias. Vou para a agência como quem vai para a frente de batalha. Nesse dia, digo não para todo mundo. Na hora exata de ir embora, arrumo minha mesa e volto

para casa que nem foguete. É quando chego que o drama acontece.

Primeiro, a inspeção da caixa de correio. Fico na ponta dos pés. Ilumino lá dentro e vejo três envelopes. Ele recebe muita correspondência para alguém que se mudou há poucos dias. Entrevejo um envelope oficial, talvez de uma prefeitura ou ministério. O que poderia ser? Se eu conseguisse saber, essa seria a minha revanche. Como todos viram o rosto dele antes de mim, eu seria a primeira a descobrir sua profissão. Então eu também poderia declarar, num tom ingênuo: “Ah, é? Vocês não sabiam?”

Tento iluminar melhor, mas o envelope de cima atrapalha a leitura. Usando a lanterna, que tem o tamanho exato para passar pela fenda, devo conseguir empurrá-lo. Enfio a lanterna lá dentro o máximo possível. Ainda faltam alguns centímetros. Seguro-a com a ponta dos dedos, faço mais um pequeno esforço.

Estou quase conseguindo, quando, de repente: catapum! Dentro da caixa de correio de Patatras! A maldição ataca outra vez. Minha lanterna cai em cima da correspondência dele, acesa. Na mesma hora, a caixa fica parecendo uma casinha de bonecas iluminada. Então, aqui vamos fazer a sala, aqui a cozinha, e a boneca que diz “iupi” vai entrar quando tiver a chave. Ai, estou perdendo a cabeça! Fiz outra besteira. Tenho que pegar minha lanterna de volta. Enfio os dedos lá dentro... Afinal de contas, ela não está muito longe. Devo conseguir, tenho as mãos finas. Forço mais um pouco. Essa malvada dessa boneca Iupi bem que poderia me ajudar. Sinto-me como aqueles pobres macaquinhos presos nas arapucas dos caçadores, com suas carinhas minúsculas de quem não quer largar o amendoim.

Consigo tocar a lanterna, a pontinha do meu dedo médio encosta nela. A lanterna escorrega. Segure essa lanterna, boneca Iupi, ou eu arranco a sua cabeça! Não tenho escolha: enfio mais ainda a mão lá dentro. A palma já entrou quase toda, mas a lanterna ainda assim me escapa. Não terei uma segunda

chance, então empurro com todas as forças, mesmo correndo o risco de me machucar. Pronto, esmaguei a mão, mas a palma passou.

Agora quem está sofrendo é o pulso, pois a moldura metálica da fenda me destrói a pele depois de ter aleijado a minha mão. De repente, o pesadelo, o pavor. Ouço o chiado da abertura eletrônica da porta do prédio. Alguém digitou a senha e está prestes a entrar. Vai me encontrar igual a uma idiota, pendurada na caixa de correio do vizinho. Agora sei qual a sensação de um coelho surpreendido no meio da estrada pelo farol de um caminhão em alta velocidade. Meu Deus, eu lhe suplico, faça com que seja um dos velhinhos que não veem muito bem! Ou, então, faça com que eu fique invisível! Meu pânico é tão grande que acho que estou pedindo isso em voz alta. Você tem ideia de todas as preces idiotas que Deus deve escutar? Talvez fosse melhor se ele não existisse, seria uma testemunha a menos da nossa estupidez. A porta se abre. Graças à contraluz e à mão imobilizada que impede que eu me vire, não consigo identificar de quem se trata.

– O que está acontecendo com a senhorita?

Uma voz masculina. É ele, ele está ali, reconheço os quatro dedos e os sapatos. Vou desmaiar. Meu corpo ficará suspenso pela mão presa na caixa de correio. Titubeio, minha visão se turva.

– Mas a senhorita está presa! Espere, vou ajudá-la.

Meu Deus, faça com que haja uma explosão! Que alguém caia na escada com um botijão de gás para provocar uma distração! Não a Sra. Roudan, ela é boazinha, mas aquele professor de ginástica débil mental seria bom. A sorte insiste em me torturar mais uma vez. Nada explode. Quem é o santo padroeiro dos entalados? O que ele está esperando para intervir?

O homem se aproxima e é bastante alto. Ele segura meu pulso. Sua mão é quente, macia. A outra também. Ele está perto de mim. Então diz:

– Mas é a minha caixa!

Será que existe algo mais forte do que um desmaio e menos intenso do que a morte? Porque é isso o que vai me acontecer. Não é meu cérebro que explode, mas meu corpo inteiro. É a primeira vez que encontro esse homem de nome engraçado e pareço um camundongo preso na ratoeira. Agora entendo os reis, cavaleiros e santos que, nesse tipo de situação, juraram, caso se safassem, mandar construir uma basílica. O problema é que eu só tenho dinheiro para

mandar construir um nicho ou um grande abrigo subterrâneo com a minha poupança. Mas prometo fazer isso. No presente momento, não tenho como levantar a mão para jurar, mas é de coração. Além do mais, desde que ele começou a puxar minha mão, estou sofrendo um martírio. Estou a dois dedos de ser beatificada. Santa Julie, padroeira das caixas de correio. É preciso se render às evidências: não tenho certeza de que algum dia conseguirei tirar a mão dali. Houve um efeito arpão. A mão entrou, só que nunca mais vai sair. Com certeza vou passar o resto da vida usando a porta da caixa de correio dele como pulseira. Dá para imaginar o tormento para pôr um vestido meio justo?

Ele se posiciona atrás de mim e me envolve com os braços.

– Vou levantá-la. Vai aliviar a dor e ficar mais fácil tirar a sua mão daí. Mas como a senhorita conseguiu fazer isso?

Os braços dele me envolvem, seu tronco se cola às minhas costas. Sinto seu hálito no pescoço. É um escândalo, mas não estou nem aí para o meu pulso, sinto-me bem. Mais tarde cuidarei da minha articulação, colocarei uma tala, compressas, pomadas orgânicas, mas por enquanto não sei o que está me acontecendo. Eu levanto voo.

– A senhorita está presa mesmo. Por favor, fale comigo. Não vai passar mal, vai?

Estou disposta a passar horas encostada nele, com a mão enfiada numa armadilha dos correios.

– Não vamos conseguir tirá-la daí desse jeito. Precisamos de ferramentas.

Ele me recoloca no chão delicadamente, e tenho a impressão de que a caixa o arranca de mim. A dor me ajuda a recobrar o bom senso. Quase sem forças, murmuro:

– No prédio ao lado, número 31, tem um pátio interno. Lá nos fundos, dentro de uma garagem, você vai encontrar o Xavier, ele terá as ferramentas...

– Mas não prefere que eu chame os bombeiros?

– Não. Procure o Xavier, ele tem o necessário.

– Tente aguentar firme, eu já volto.

As mãos dele se abrem e deslizam por meus antebraços. Ele se afasta. Fico com frio. Ele sai correndo. O novo vizinho me tocou, falou no meu ouvido. Me apertou contra seu corpo, e ainda assim eu não vi o seu rosto.

“Aqui jaz Julie Tournelle, morta de vergonha uma hora atrás.” Eis o que teria sido gravado em minha lápide, junto a plaquinhas de mármore deixadas por meus próximos: “Vou vender menos croissants” – *A dona da padaria que eu frequentava*. “Assim você aprende a não mexer nas coisas de gente que não conhece” – *Géraldine*. “A senhorita investiu mal a sua mão” – *assinado Mortagne, com o logotipo do banco*.

Não passo muito tempo sozinha pendurada na caixa de correio, mas tenho a impressão de que é uma eternidade. Enquanto espero, tento decidir que atitude adotar para estar o mais digna possível quando ele voltar. Não encontrei nada satisfatório. O Sr. Patatras volta acompanhado de Xavier e de um alicate para cortar metal. Juntos, eles destroem a porta da caixa de correio dele e me soltam. Xavier fica preocupado, mas, quando vê que eu vou sobreviver e estou em boas mãos, vai embora soldar suas ferragens. O Sr. Patatras me leva até a farmácia na rua um pouco mais abaixo, e o Sr. Blanchard, o dono, cuida de mim. Meu herói é de uma descrição absoluta e explica apenas que eu me machuquei numa porta. Na volta, me segura pelo braço que não está machucado como se eu fosse uma idosa.

– Mas a senhorita está mancando também...

“Foi algumas noites atrás, eu caí pelada feito uma idiota quando estava correndo para ver seu rosto na escada.”

– Não foi nada, eu caí de mau jeito.

Quando entramos no prédio, recuo ao ver as caixas de correio. Agora sei o que sentem os veteranos do Vietnã quando veem gaiolas de bambu. A portinha de metal está caída no chão, despedaçada como se alguém tivesse jogado uma bomba em cima dela. Ele a recolhe com um gesto elegante e diz:

– Não vou deixar a senhorita assim, venha até a minha casa.

Não me atrevo a acreditar no que ele fala, de tal forma que penso que ele está se referindo à portinha. Por que chamar a portinha de “senhorita”? Poderia muito bem chamá-la de você; afinal de contas, é dele.



É assim que me vejo sentada à sua mesa, em meio às caixas de mudança. Tento olhar para ele sem que perceba. Acho a Sra. Bergerot circunspecta por ter dito que ele tinha o seu charme. Ele é um escândalo, isso sim! Olhos castanho-claros, um maxilar bem másculo, um sorriso de verdade, cabelos escuros curtos, mas não curtos demais. E ele deve praticar esportes. Não malhar, mas praticar esportes. E eu, com que cara devo estar? A mesma de um porquinho-da-índia atingido por um raio, sem conseguir tirar os olhos dele.

– Eu sinto muito, a cafeteira está em algum lugar dentro dessas caixas – declara ele. – Só tenho Nescafé para oferecer.

– Está ótimo.

Detesto café. Não gosto do cheiro e, além disso, é um desastre ecológico. Não entendo como essa bebida pode ter se transformado num código social tão universal. Isso mostra que é possível fazer as pessoas aceitarem qualquer coisa, basta insistir bastante. Mas não vou dizer isso a ele. Vou calar minha boca e beber.

Ele tem gestos serenos. Não hesita. Tudo é feito em ordem, com segurança, e dá para sentir isso até quando ele pousa uma xícara na mesa. Ele se vira e anda em direção à pia. Tem uma bunda incrível. A angústia me domina. Por favor, faça com que ele não seja um canalha...

– Por acaso toca algum instrumento?

Ele me lança um olhar de quem acha graça, por cima do ombro.

– Por que a pergunta? Está preocupada com a tranquilidade do prédio?

– Não, só curiosa.

– Não toco, não. E, quanto à tranquilidade do prédio, não precisa se preocupar. Sou uma pessoa discreta.

Enquanto ele esquentar a água, eu observo tudo que está espalhado pela sala. Suas roupas, bem dobradas. É a primeira vez que vejo um homem arrumar as roupas sem estar esperando visita. Será que ele é gay? Reparo numa pá de

pedreiro. Será que é pedreiro? Ficaria bem vestido de pedreiro, de capacete e camisa quadriculada aberta no peito. Em cima de uma das caixas, há um laptop aberto. Ele não demorou a se conectar. Talvez passe horas jogando na internet?

Ele volta para a mesa e se senta na minha frente. Despeja a água quente na minha xícara e a faz deslizar na minha direção. Sinto um fedor de café.

– Quantas colheres de açúcar?

“Trinta e oito, para não sentir mais esse gosto enjoativo.”

– Duas, obrigada.

– Como está se sentindo?

– Melhor. Sinto muito mesmo pela sua...

– Não tem a menor importância. Um dia a senhorita me conta como acabou daquele jeito.

– Queria pegar de volta a minha lanterna...

Ele não insiste. Me encara demoradamente.

– A senhorita mora aqui faz tempo? – pergunta.

– Sempre morei no bairro, mas neste prédio estou há quase cinco anos. Segundo andar à esquerda.

– Caramba, aquele seu amigo Xavier é um cara diferente. Reparei numa espécie de carro estranho e grande dentro da garagem dele. Parece uma nave espacial de ficção científica em construção. É ele mesmo quem fabrica aquela engenhoca?

– Desde menino ele é apaixonado por veículos blindados. A gente se conhece desde o maternal. Ele queria entrar para o Exército, mas não passou nas provas. Foi um verdadeiro drama para ele. Então, meteu na cabeça que iria construir um blindado.

– Sozinho? Dentro da garagem?

– Ele passa todo o tempo livre lá. É um homem bom. O senhor vai ver, tem pessoas muito simpáticas aqui. Se precisar saber algo sobre o bairro, qualquer coisa, é só me perguntar.

– Que gentileza. Acabei de chegar e não conheço a cidade. Estou experimentando aos poucos. Para o jantar de hoje, comprei camarões com molho picante na delicatessen oriental.

“Adeus, Ricardo, nunca mais vou ver você. Estou sem palavras.”

Engulo o café para me recompor. Ele consulta o relógio de pulso.

– Eu estou desperdiçando o seu tempo – digo. – Com certeza deve ter muito a fazer.

– Nada de mais. Ninguém está me esperando. Na sua casa, por outro lado...

– Ninguém está me esperando também.

– Se eu soubesse, teria comprado mais camarão no chinês e a teria convidado para o jantar.

“Assassino!”

– Que nada, já fez o suficiente por mim hoje.

Ele me acompanha até a porta. Na soleira, parecemos paralisados. Se eu quisesse ser honesta, teria lhe dito para não tocar nos camarões. Mas não me atrevo. A vergonha ainda me corrói. Prefiro que ele passe mal feito um condenado a correr o risco de parecer ridícula outra vez. Que feio.

– Ah, não esqueça a sua lanterna! – exclama ele, voltando para a mesa. – A senhorita deve gostar muito dela para ter corrido tanto risco...

Parece ter ali uma pontinha de ironia. Eu sorrio estupidamente – isso eu sei fazer. Pego minha lanterna e nos despedimos. Ele fecha a porta. Eu, no lugar dele, teria colado o rosto no olho mágico no mesmo instante.

Desço a escada num estado esquisito. Talvez pela dor no pulso, mas, sem dúvida, pelo medo de ter me comportado como uma imbecil. Apesar de tudo, me sinto estranhamente bem. Abalada, na verdade. Não acho que seja o café que tenha causado esse efeito.

É uma bobagem, mas fico com saudade dele na mesma hora. Sinto vontade de estar na sua presença. Poderia tê-lo ajudado a abrir as caixas. Teria até me contentado em ficar olhando para ele. Nunca senti isso com ninguém. Não estou fascinada, não estou exaltada. É outra coisa. Do meu apartamento até o seu, se atravessarmos o teto e algumas paredes, deve haver uns 15 metros. Onde será que ele dorme? Será que ele vai dormir? Passo a noite inteira pensando em como reparar os danos causados na sua caixa de correio. Primeiro, penso em propor que dividamos a minha caixa, mas desisto. Já posso imaginar a cara dos outros moradores do prédio se, menos de uma semana depois de sua chegada, vissem nossos nomes lado a lado. Adeus, reputação. Nem Géraldine é tão veloz.

Por volta das duas da manhã, tenho uma ideia genial: pediria a Xavier que fizesse outra porta e, enquanto isso, o Sr. Patatras poderia usar a minha caixa, e minha correspondência ocuparia a caixa sem porta. Estava decidido.

Na manhã seguinte, antes de sair para a agência, ponho um bilhete por baixo de sua porta: “Caro senhor, obrigada, mais uma vez, pela gentileza e pela ajuda ontem. Espero que me perdoe por... blá-blá-blá...” E terminei assim: “Vou deixar a chave da minha caixa de correio para o senhor hoje, por volta das sete da noite. Se não estiver em casa, pode passar na minha. Um abraço, Julie.”

Esse recado simples me exigiu mais trabalho do que toda a minha dissertação da faculdade. Escrever um relatório de 210 páginas sobre “a readaptação necessária da ajuda aos países em desenvolvimento” teria sido mais simples do que rabiscar para ele aquelas poucas linhas. Uma verdadeira superprodução hollywoodiana. Cento e vinte e cinco rascunhos, mais de seis bilhões de neurônios dedicados ao projeto, três dicionários, cinco milhões de hesitações e mais de duas horas para resolver se terminava com “Até breve” ou “Cordialmente”, “Um abraço”, “Afetuosamente”, ou “De todo meu corpo e

minha alma”.

Depois disso, foi preciso decidir a dobradura da carta e optar entre fazê-la deslizar pelo chão por baixo da porta ou empurrá-la o mais longe possível lá para dentro. Será que há mais chances de ele pisar no bilhete sem ver ou de a porta arrastá-lo para junto da parede, e ele só descobrir quando se mudar? Se todos os encontros entre dois seres humanos geram tantas questões assim, está claro que não vamos nos reproduzir depressa o bastante para impedir que os gatos tomem conta do mundo.

Após deixar o bilhete, passo na padaria para comprar meu croissant. Assim que entro, sinto uma energia intensa no ar. E não é pela senhorinha que está comprando sua meia baguete. No início, eu teria apostado num novo embate de armas com Mohamed.

– Tudo bem, Sra. Bergerot?

– Hoje está complicado, minha Julie. Tem dias que são assim.

– O que aconteceu?

Eu preciso mesmo parar com esse tipo de pergunta. Sempre sinto que isso vai me custar um preço alto, mas não consigo me conter. Minha mãe diz que me preocupo demais com as pessoas.

– Ah, minha Julie, eu acabei de impedir uma tentativa de invasão de Mohamed, e eis que Vanessa me comunica que vai pedir as contas.

A vendedora emerge dos fundos da loja, com os olhos marejados.

– Um croissant para a Srta. Tournelle, por favor – pede-lhe a patroa num tom seco.

Vanessa começa a soluçar. Se ela se inclinar mais um pouco, vai chorar em cima do meu croissant. Como num grito vindo lá do fundo do coração, ela exclama:

– Estou grávida, e o Maxime não quer mais que eu trabalhe!

Pronto, a situação fugiu ao controle. Preciso dizer algo para acalmar os ânimos. Tomo coragem e solto:

– Mas que maravilha!

Por que eu disse isso? A Sra. Bergerot não me repreendeu muitas vezes na vida. Na última, eu tinha 8 anos e havia me esquecido de lhe dizer tchau quando saí da loja. Nessa manhã, não deveria tê-la provocado. “Maravilha...”, até parece! Ela levanta os braços e começa a falar, desembestada:

– Não é essa a questão! Eu levei dois anos para formar essa moça. Passei meses trabalhando em dobro para que ela tivesse tempo para aprender. E agora que finalmente começou a conhecer o trabalho, ela resolve me deixar na mão? A volta às aulas é daqui a três semanas... Como é que vou fazer?

Entre um estremecimento e outro, Vanessa me lança olhares desolados. Por outro lado, algo no seu olhar deixa entrever seu alívio por ver a patroa gritando com outra pessoa que não ela. Deixo passar a tormenta e não me esqueço de dizer tchau ao sair.

Quando chego à agência, a vida não acabou de me maltratar ainda. Logo reparo que Géraldine não está bem. Ela não exhibe o seu olhar de sempre, de um castor alcoólatra que acaba de descobrir o mundo. Me sento no meu lugar, e ela vem falar comigo de imediato. Finjo que procuro algo no armário abarrotado onde ficam guardados os talões de cheque.

– Julie...

– O quê?

– Não vire. Ele está observando a gente – murmura ela, apontando discretamente para as câmeras de segurança instaladas em todos os ângulos do teto.

Finjo que estou escrevendo. Finjo de forma aplicada, até. Na verdade, eu bem que gosto disso, sempre sonhei em atuar num filme de espionagem. Eu seria a agente JT, Julie Tournelle ou Jovem e Trabalhadora, uma superespia, e Géraldine teria a missão de me entregar um documento secreto de importância vital para o futuro do mundo. Ela seria a agente GD, Géraldine Dagoïn ou Grande Doida, e teria escondido o microfone de escuta não no sutiã, já que nunca o usa, nem na calcinha, pois mesmo sendo uma agente iniciante ela sabe que corre o risco de se ferir. Pronto, já sei. Ela certamente o esconderia dentro de um daqueles seus anéis horrendos. É isso.

– Géraldine, você não parece contente...

Ela funga. Vai chorar. Será que a ameaça que paira sobre o mundo é tão terrível assim? É a segunda jovem que vejo chorar hoje pela manhã, com certeza deve ser um complô...

– Você está grávida? – pergunto.

– Por que está me perguntando isso? Você sabe muito bem que estou solteira há quinze dias...

– É por isso que está nesse estado?

– Não. Ontem à noite Mortagne fez minha entrevista de avaliação intermediária.

– Já?

– Ele resolveu se adiantar. E acabou comigo. Segundo ele, eu sou um zero à esquerda. Não faço nada direito. Ele me arrasou, me jogou na lama. Fiquei com tanto nojo que cheguei a vomitar.

Que se danem as câmeras, eu me viro. Géraldine parece arrasada. Seguro a sua mão.

– Você sabe como ele é. Com certeza não pensava nem metade do que falou. É o seu lado soldadinho. Você tem que relativizar...

– Eu detesto ele.

– Todo mundo detesta ele. A mãe fugiu para a Índia para não ter mais que ver o filho.

– Sério?

– Não, Géraldine, estou brincando.

– Que bom que você está com disposição para rir, porque ele me falou que hoje de manhã será a sua vez. Olhe ele lá, saindo da sala...

Eles devem achar que somos mesmo uns imbecis... A cenoura e o bastão. Todos os anos, milhões de nós temos que suportar o grande circo das entrevistas. “Um encontro informal para conversar livremente sobre os comportamentos de cada um e saber o que pode ser melhorado para que a empresa se fortaleça por meio da realização de todos.” Basta acreditar. Todos que já passaram por isso conhecem o abismo que separa esse programa sedutor da realidade dos fatos.

O que acontece, com mais frequência, é que um ou dois chefes de importância menor lhe explicam o porquê, “apesar dos esforços inegáveis”, você não vai receber um aumento naquele ano. Se você resiste, se tenta argumentar, o encontro “informal e livre” vira um processo inquisitório. Eles lhe dizem tudo, não poupam nada. Dezenas de vezes já tive que consolar amigos e amigas depois de serem totalmente aniquilados. Com sorrisos afetados e princípios ridículos, eles ensinam lições e pisam na pessoa. No fim das contas, é só uma forma de legitimar o fato de que você não vai receber uma parte maior do bolo que outros estão dividindo entre si. Isso se você ainda estiver com vontade de comer...

Estou sentada em frente a Mortagne, que me faz seu discurso perfeitamente ensaiado. Vocês sabem o que é cegueira da neve? É um fenômeno que ocorre quando seus olhos foram excessivamente expostos à luz ofuscante do sol refletida pelo gelo e você para de ver. No caso, naquela sua salinha que ainda fedia ao vômito de Géraldine, estaria mais para surdez às bobagens. Escutei tantas bobagens, demais, que meus ouvidos não estão mais funcionando. Estou cega do tímpano. Olho para ele gesticulando enquanto alterna sorrisos complacentes e um ar de reprovação. Ele move as mãos como um candidato à presidência na TV. Uma pena, um pelo lhe escapa do nariz e é só isso que eu consigo ver. Todo aquele gel no cabelo, as roupas bonitas compradas on-line na liquidação, o relógio que não passa de uma imitação e, mesmo assim, ele fica

reduzido a um simples pelo fora do lugar.

De toda forma, eu sei o que ele está me dizendo: aquele grande e nobre banco já está farto de me empregar porque, francamente, em “espírito empresarial” eu tirei zero. Nem mesmo trouxe alguém da minha família à agência. Não empurrei um único produto bancário para minhas amigas. Uma traficante sem talento.

Não sei há quanto tempo estou sentada na frente dele, mas isso não tem importância. Meu pulso dói. Aquele mal-educado nem sequer me perguntou o que havia acontecido, mesmo com as ataduras. Que homem grosso. Inseto miserável. Hoje à noite você vai ficar orgulhoso de si mesmo. Vai poder fazer seu relatoriozinho para o seu subchefe. Terá reinado sobre o seu reino. Terá destruído Géraldine e me deixado na lona. Tudo bem. Deixo passar. E quando eu não aguentar mais, meu Ricardo vai vir explodir essa sua cabeça de rato feio.

– Estamos de acordo, Julie?

“Foda-se, não escutei nada.”

Ele insiste:

– Você promete que vai pensar? Estou dizendo isso para o seu próprio bem...

“Ora, vejam só.”

Eu nem respondi. Levantei-me e saí da sala. Géraldine estava à minha espera.

– E aí? Como foi? Demorou tanto.

– Foi ótimo. Ele me acha genial e resolveu me dar um aumento de 30%.

Géraldine fica petrificada. Seu rosto fica tão vermelho quanto se ela tivesse engolido uma xícara enorme de chocolate muito quente de uma vez só, com colher e tudo. Quando dizemos que alguém está fervendo por dentro, é a esse estado que devemos nos referir. Não tenho nem tempo de lhe dizer que estou brincando. Ela parte correndo em direção à sala de Mortagne, aos berros. Nem sequer bate – pelo menos não à porta. Entra. Ouve-se um estrondo e alguns gritos. Pelo barulho, acho que ela partiu para cima dele por cima da mesa. Acho que derrubou tudo. Mortagne só faz gritar:

– Mas que bicho mordeu você?

Segue-se o som retumbante de um tabefe como eu nunca escutei. Um tapa de peso pesado capaz de derrubar um boi. Depois, mais nada. Géraldine acaba saindo da sala, um pouco abalada, mas aliviada. Na agência, o tempo parou.

Pergunto-me se Mortagne ainda estaria vivo. Não quero verificar. Prefiro imaginá-lo inconsciente, com a bochecha vermelha e a cabeça torta, estatelado na cadeira feito um manequim numa simulação de segurança rodoviária após um impacto a 130 quilômetros por hora contra um contêiner cheio de ferros de passar roupa. Pela primeira vez, uma calma harmoniosa reina no nosso local de trabalho. Nesse dia, algo muda, tanto na agência quanto em mim.

Gosto de visitar Xavier. Faz algum tempo que não vou lá. O edifício dele fica colado no meu, mas o clima é totalmente outro. Nosso prédio tem uma pequena escada e apartamentos modestos, enquanto o dele tem porteiro, um pátio grande com garagens nos fundos e dá para ver os choupos da praça mais além. Xavier sempre morou lá, no apartamento dos pais. Quando estava atrasado para a escola, ele escalava os tetos das garagens, atravessava o pequeno parque público e chegava diretamente no pátio da escola pelo buraco na cerca. Nós dois brincamos juntos muitas vezes. Até onde a minha memória alcança, ele era o fortão do nosso grupo. Um cara agradável, tranquilo, aluno mediano, algumas namoradas. Foi seguindo seu caminho com calma até o fracasso no Exército. Não soubemos o que houve. Ele nunca quis comentar. Apesar disso, tem reputação de ter mãos de ouro. Aqui no bairro, sempre que é necessário soldar, toda vez que alguém precisa de um especialista em maçarico, metal ou cano de cobre, Xavier é chamado. Ele tem um bom emprego numa empresa de hidráulica industrial. Em quatro meses, tornou-se chefe de equipe, mas não gostava, porque não tocava no metal. Então pediu para mudar de cargo. Trabalha à noite em obras grandes, e passa o resto do tempo trabalhando no seu protótipo.

Xavier é um relógio. Todos os dias, tanto no verão quanto no inverno, pode-se ter certeza de encontrá-lo na oficina a partir de 17h30. Ele comprou duas garagens nos fundos do pátio. Diariamente, escancara as portas e arrasta para fora o seu monstro mecânico. Arrumou um carro velho no qual apenas o motor ainda prestava. Depois, repensou tudo para transformá-lo num veículo blindado de dar inveja ao presidente dos Estados Unidos. Cada peça é uma obra de arte. As crianças vêm falar com ele, os vizinhos lhe perguntam a quantas anda o projeto. Se uma senhorinha tem problemas de hidráulica, chama Xavier pela janela. Desde o divórcio dos pais, quando ele tinha 18 anos, nunca mais o vi tirar

férias.

Hoje, conforme previsto, encontro-o deitado debaixo do seu monstro de metal. Só as pernas estão para fora.

– Xavier?

Ele sai lá de baixo.

– Oi, Julie. E o pulso, como está?

– Melhor. Obrigada. E você e o seu bólido?

– Arrumei um nome para ele: XAV-1. Xavier Armoured Vehicle 1. Que tal?

– Nada mau. E as coisas estão evoluindo do jeito que você quer?

– Estou adaptando a suspensão. Com as minhas modificações, XAV-1 vai poder descer um caminho esburacado a toda velocidade sem uma única sacudida para os passageiros. Nenhum construtor jamais conseguiu esse feito. Ele vai ser bonito como um Rolls-Royce e sólido como um tanque. Podemos dar uma volta se você quiser.

– Estou contando com isso. E quando você acha que o XAV-1 vai estar operando?

Xavier fica todo feliz ao me ouvir dizer o nome de sua engenhoca.

– Daqui a dois meses. Já consigo ver a conclusão do projeto.

– Vamos ter que comemorar.

– Tem razão. É você quem vai quebrar a garrafa de champanhe na grade!

– Com prazer. Mas, enquanto esse grande dia não chega, eu vim agradecer a você por ter me tirado daquela situação ontem.

– Não tem de quê. Você fez isso tantas vezes por mim.

– Também tenho uma pergunta. Você acha que consegue fazer outra porta de metal para a caixa de correio?

– Sem problema nenhum. Moleza. Faço neste final de semana se você quiser.

– Sem pressa. De todo modo, vou deixar o morador novo usando a minha caixa enquanto isso.

– Pode deixar para ele. Para você eu faço uma porta caprichada.

– Não quero dar muito trabalho.

– Imagine. É a primeira vez que você me pede uma ajudinha metálica!

Feliz em poder ajudar, isso é bem ele. Fico ali algum tempo ainda. Gosto da companhia de Xavier. Crescer perto dos nossos amigos de infância tem algo de reconfortante. Mantemos a ligação com o passado, continuamos juntos. Pouco

importa o que dizemos ou fazemos, estamos sempre ali.

Conversamos, ele me mostra suas suspensões, não entendo nada, mas gostei do seu jeito de explicar e do seu entusiasmo. As pessoas ficam bonitas quando fazem o que gostam. Não noto o tempo passar. Quando vejo as horas, é preciso voltar para casa urgentemente. Tenho apenas meia hora antes de bater na porta do meu charmoso vizinho. Depois do meu espetáculo calamitoso da véspera, estou decidida a deixá-lo maravilhado.

Posto-me em frente ao armário e experimento tudo. Cogito até mesmo usar o vestido que comprei para o casamento de Manon. Qual imagem transmitir? Simples e acessível? Fácil demais. Sofisticada e inacessível? Que besteira. Faltando dez minutos, há roupas espalhadas por todo o quarto e pela sala. Acabo escolhendo uma calça de linho e uma blusa bordada bonita que nunca uso, pois só pode ser lavada a seco. Faltando dois minutos, eu estou em frente ao espelho do banheiro retocando o penteado. Uma mecha solta? Uma fivela? Enquanto isso, os gatos não hesitam. Ficam fazendo gatinhos em todos os arbustos.

Às sete em ponto, bato na porta dele. Aguardo, à espera de qualquer ruído. Nada. Às 19h01 torno a bater, mais forte. Aguardo. Nada ainda. Ele não está. Pior: não viu o bilhete. Pior ainda: viu o bilhete, mas não está nem aí porque foi transar com a Géraldine. Passados quatro minutos, estou reduzida a uma sombra pálida de mim mesma. Meu plano para vê-lo de novo fracassou. Torno a descer até o segundo andar e, no momento em que vou abrir a porta de casa, uma voz me interpela.

– Srta. Tournelle!

Ele sobe os degraus de quatro em quatro. Chega no meu andar.

– Pensava mesmo que a senhorita fosse chegar na hora. Vim o mais depressa que pude. Não encontrou o bilhete que pus debaixo da sua porta?

Nesse instante, se eu estivesse fazendo um eletrocardiograma, um grande traço teria surgido no monitor.

– Não, sinto muito. Acabei de chegar.

Ele está segurando sua correspondência. Vou ficar vermelha. Não deveria, mas vou ficar vermelha.

– É muita gentileza sua me oferecer sua caixa de correio, mas não precisa.

– Eu faço questão.

– Então aceito. Não se deve contrariar uma bela mulher.

Vou ficar vermelha e piscar.

– A gente deveria ter trocado nossos números de celular, sabia? – acrescenta ele. – Assim não precisaria ter ficado escrevendo.

Estou vermelha, vou piscar, e um de meus braços vai se deslocar. Dou uma risada franca, como as tolas que não entenderam a pergunta ou não querem responder.

– Verdade – respondo. – Mas primeiro deveria me chamar de Julie.

– Com prazer. E os meus amigos costumam me chamar de Ric. – Ele me estende a mão. – Encantado, Julie.

Estendo-lhe a minha mão enfaixada.

– Muito prazer, Ric.

Ele segura meus dedos com delicadeza. É maravilhoso. Estamos ali, os dois, na escada, e finalmente nos conhecemos como eu queria que acontecesse. Estamos em frente à minha porta. Numa circunstância dessas, em teoria, eu deveria convidá-lo para tomar um drinque e lhe entregar a chave da minha caixa, mas meu apartamento está coberto de roupas espalhadas por toda parte. Acho até que tem uma calcinha em cima da pia. Ele não pode entrar de jeito nenhum. Se tentar, serei obrigada a furar seus olhos com os polegares. Ele parece estar aguardando. Que pesadelo. O que eu poderia pedir a Deus de bem estúpido para sair dessa situação? Um terremoto seria ideal. Grau 3 na escala Richter, por favor. Não, muito forte, mas bem assustador. Ric me tomaria nos braços, me levaria para fora do prédio e de lá não teria possibilidade alguma de ver minha calcinha. Nós ajudaríamos as pessoas nos esquivando dos vasos de plantas que caíssem das janelas junto com bicicletas e cachorros. Seria legal.

Não houve terremoto. E quem me salva não é Ric, mas o Sr. Poligny, o aposentado responsável pela administração do condomínio, que chega carregando um imenso embrulho. Com uma energia suspeita, eu exclamo:

– Deixe eu ajudar o senhor! Isso está parecendo bem pesado.

Com naturalidade, Ric pega o embrulho e subimos todos para o andar de cima. O Sr. Poligny volta para sua casa e, por uma cartada magistral, nós dois estamos agora em frente à porta de Ric. Tiro do bolso a chave da minha caixa de correio.

– Então, aqui está... Não se esqueça de trocar as etiquetas, ou serei obrigada a incomodá-lo todos os dias para pegar minha correspondência.

– Não seria um problema.

Me diga com sinceridade, eu estou piscando, não estou? Ainda estou rindo. Que engraçada, essa Julie. Ele torna a falar:

– Não a convido para tomar um drinque porque preciso trabalhar. Mas vamos combinar um dia desses depois do trabalho, se quiser.

“Ah, se eu quero, meu Riczinho!”

– Com prazer. E trabalha com o quê? Se não for indiscreto perguntar...

– Trabalho com informática. Conserto unidades que foram desprogramadas, esse tipo de coisa. E o seu trabalho?

– Estou num banco. Mas as barras de ouro que eu conto não são minhas. Trabalho na agência do Crédit Commercial du Centre.

– Sério? Pensei em abrir uma conta lá. Como acabei de chegar, também estou escolhendo um banco. Seria engraçado...

Pense rápido, Julie. Se ele abrir uma conta, você o verá sempre, saberá tudo o que ele faz acompanhando a sua movimentação e, além do mais, poderá se gabar de ter levado um cliente. Pense bem, Julie, dentre todos esses motivos apenas um é honesto. Todos os outros são revoltantes.

– Posso lhe passar alguns documentos, se quiser. Daí poderá escolher.

Ele concorda com um movimento de cabeça e diz:

– Preciso ir. Até a próxima.

Vamos nos despedir outra vez. Não nos conhecemos o suficiente para dar dois beijinhos. Mas nos conhecemos demais para um aperto de mão. Então, ficamos parados feito dois manetas.

Já em casa, percebo que não trocamos nossos números de celular. Maldição! Não tem problema. Já tive uma ideia infalível para revê-lo no dia seguinte mesmo.

Pensei e repensei cada detalhe do meu plano: ele é perfeito. Amanhã, sábado, só trabalho de manhã. Quando voltar, passo na casa de Ric e lhe digo que o meu computador quebrou. Se ele for o homem que penso que é, não vai me deixar na mão. Antes que eu desfrute o prazer de vê-lo correr em meu auxílio, porém, preciso primeiro deixar meu computador inutilizável. Não devo fazer as coisas pela metade. Mesmo sem entender absolutamente nada do assunto, não posso me contentar em desinstalar um programa. É preciso evitar que ele consiga resolver meu problema em cinco minutos. Os grandes resgates precisam durar no mínimo uma hora. Caso contrário, não há romantismo algum e será frustrante. Assim sendo, estou decidida a usar artilharia pesada, mesmo que tenha de passar a noite nisso. Portanto, em vez de ir jantar na casa de Sandra como planejava, aleguei uma dor de cabeça inexplicável para ficar em casa maquinando sozinha como sabotar meu próprio equipamento.

Mesmo tendo tido vários computadores, eu jamais tive a oportunidade de desmontar um. Hoje tenho dois. Um grande, usado, que um amigo do trabalho me deu e que fica na minha escrivaninha, e um laptop que uso para mensagens. Não sou viciada em informática. Já constatei que, frequentemente, quanto mais as pessoas se interessam pelo assunto, mais são desconectadas da vida. É uma bela ferramenta, mas que pode levar a ilusões: a ilusão de saber, de ter compreendido e de ter centenas de amigos. Para mim, a vida acontece em outro lugar, não diante de um teclado.

Sempre posso bancar a espertinha e criticar, mas a informática pelo menos vai me servir para rever Ric. A ideia é esconder o laptop e danificar o computador desktop. Por isso, tenho à mão uma chave de fenda e a parte de trás do meu PC está escancarada na minha frente.

Eu nunca vi um computador por dentro. Todas aquelas placas cobertas de

componentes misteriosos... Um verdadeiro labirinto de elétrons. Ultracompacto, cheio de pecinhas soldadas, umas ao lado das outras. Minha vítima inocente está escondida entre elas. Hesito, avalio, peso as possibilidades e acabo escolhendo uma pequena peça redonda e comprida presa atrás de um microprocessador e estriada com belos anéis vermelhos e laranja. Com delicadeza, insiro a ponta da chave de fenda embaixo dela e a levanto. A peça não resiste muito tempo. Uma das pontas soldadas se solta. Vitória! Agora, como faria a célebre espiã JT, vou encaixar as peças com todo o cuidado, depois apagar minhas digitais. Em seguida, se não for demasiado tarde e se não houver risco de acordar os vizinhos, darei uma gargalhada demoníaca no meu apartamento de quarto e sala.

Levo mais de uma hora para fechar tudo. Cometi a besteira de misturar todos os parafusos, e um deles havia caído no chão. Sem dúvida, um amigo do componente eletrônico que eu estraguei e que quer me fazer pagar pelo crime. É difícil encontrá-lo. Depois disso, passo à fase dois do meu plano diabólico: tornar meu apartamento irresistível para fazê-lo se sentir bem ali.

Não recebo muitas pessoas e, na maioria das vezes, são amigas ou amigos que não fazem tanta questão da faxina. Mesmo tendo jogado muita coisa fora depois da partida de Didier, a última vez que limpei tudo de verdade foi para a visita dos meus pais, em maio. Que loucura como tudo fica sujo em três meses. Depois da etapa faxina, tive que rever a decoração. Foi preciso fazer escolhas em relação a tudo. Deixo as fotos das minhas viagens na parede, mas guardo meu ursinho de pelúcia num lugar seguro. O nome dele é Toufoufou. Dou-lhe um beijo e lhe peço perdão, mas ele vai passar o sábado dentro da minha gaveta de roupa íntima. Arrumo a louça. Ando para lá e para cá observando tudo com olhos de homem. O que Ric vai deduzir a meu respeito quando descobrir o interior da minha casa? Ponho os CDs de jazz em evidência e escondo os do Abba. Jogo fora a revista de programação da TV e, no seu lugar, coloco *As vinhas da ira*. Acho que nem na Casa Branca eles fazem operações de comunicação tão sofisticadas. Limpo as duas medalhas de natação ganhas no sexto ano. Tiro todos os livros sobre emagrecimento, mas não os de culinária. Mamãe disse que os homens gostam de mulheres que cozinham. No banheiro, mesmo sem saber o que ele poderia ir fazer lá, retiro metade dos produtos de beleza da prateleira. Ao terminar, olho o apartamento e penso que adoraria conhecer a moça que mora ali. Minha casa nunca esteve tão limpa e arrumada.

No entanto, são mais de duas da manhã. Estou exausta e feliz ao mesmo tempo. Tenho a impressão de ter passado a noite com ele. Havia meses que não fazia nada de relevante para alguém. De repente, minha mente me coloca brutalmente diante da realidade da situação, e a vergonha toma conta de mim: o que fiz para Ric nessa noite foi orquestrar uma horrível encenação para atraí-lo até a minha casa. Sou uma fingida horrorosa, mas não estou nem aí: amanhã ele estará aqui.

A manhã passa muito depressa. Em geral, o sábado é movimentado, mas neste, sem dúvida devido ao clima de verão e ao meu estado de espírito, tudo é leve. Mortagne não vai trabalhar por “problemas pessoais”; Géraldine, radiante, comanda a agência. Consigo ir embora quinze minutos mais cedo e volto para casa saltitante, pronta para pôr em prática meus objetivos sombrios.

Ao subir a escada, ajeito a blusa. Inspiro fundo e bato na porta de Ric. Ouço um barulho, e ele abre quase na mesma hora.

– Boa tarde. Desculpe incomodá-lo...

– Esquecemos de trocar os números de celular.

– Verdade! Mas também vim ver se podia me fazer um favorzinho. É o seguinte: estou muito constrangida de pedir isto, mas meu computador parou de funcionar e tenho uma apresentação para entregar segunda-feira. Será que, por acaso...

– Quer que eu dê uma olhada? Sem problemas. Agora, pode ser?

“Julie, você deveria ter vergonha de abusar da gentileza do rapaz. O crime não compensa. Um bem obtido por maus meios nunca traz lucro. Quem muito arrisca, acaba se dando mal.”

– Eu não quero abusar.

– Imagine. Vou pegar minhas chaves e já venho.

Ele desaparece apartamento adentro e logo torna a aparecer com o molho de chaves na mão.

– Não precisa de ferramentas?

Tenho medo de ter cometido uma gafe. Como eu poderia saber que ele seria obrigado a desmontar tudo? A agente JT talvez tenha se entregado...

– Antes de abrir a placa-mãe, vamos ver o que está acontecendo... Às vezes não é nada de mais.

“Não conte com isso, meu rapaz...”

Com minha porta aberta, convido-o a entrar pela primeira vez. Tento tornar o clima o mais natural possível. O segredo é adotar uma atitude descontraída. Para representar o papel, tento me convencer de que aquele nível de arrumação é totalmente normal no meu lar. Só que não consigo. Deve ser isso, a sinceridade...

– Cadê o monstro?

– À direita, no quarto, em cima da escrivaninha.

“Por favor, Toufoufou, não fale nada, senão meu plano vai por água abaixo!”

Ric vai direto até o computador. Não olha para mais nada. Não está nem aí para as minhas quatro horas de faxina. Típico dos homens. Eu poderia ter escrito “Casa comigo” bem grande na parede da entrada e “Arranca a minha roupa” na do quarto que ele não teria nem notado.

Começa verificando a tomada. Sempre com gestos precisos. Senta-se sem hesitação, como se estivesse em casa, e aperta o botão de ligar. Eu chego perto.

– Como percebeu que estava quebrado?

– Ontem à noite estava trabalhando na minha apresentação e, de repente, ele parou. Não quis mais ligar.

“E o Oscar de melhor mentirosa vai para Julie Tournelle!” A sala inteira se levanta, agradeço ao público e choro diante do bilhão de telespectadores que acompanha a cerimônia ao vivo.

Ric espera para ver se a “unidade central” reage, como ele diz. Está calmo. Eu chego mais perto. Finjo me interessar pela tela preta, mas só penso que o meu queixo está a dois dedos de roçar no seu ombro. Ele tem um cheiro bom.

– De fato, tem um problema – afirma ele, experimentando uma combinação estranha de teclas no teclado.

“É claro que tem um problema. Que alegria! Nunca mais vou falar mal dos computadores. A informática é uma coisa incrível, mesmo quebrada reúne as pessoas. E isso ainda vai durar muitas horas. Estou tão feliz por meu computador ter parado de funcionar...”

Sinto o calor da bochecha dele irradiando até a minha. Ele não percebe que estou praticamente com a cabeça apoiada no seu ombro. Que maravilha, os homens, eles não percebem nada.

Ele tenta outra combinação de teclas. Parece uma criança de 4 anos tentando canhestamente tocar Chopin num piano grande demais para ela. O problema é

que ele consegue fazer soar uma nota. O computador liga. Levanto-me com um movimento brusco, pasma com o fato de que o equipamento possa funcionar depois da minha fúria destruidora.

“Mas é impossível! Eu mesma arranquei um componente ontem à noite! Não consigo acreditar...”

Estou escandalizada, mas não posso dizer nada. Ric começa a digitar no teclado.

– No fim das contas não é nada grave – diz ele. – Acho que deve ter havido um pequeno curto-circuito, e a máquina apagou. Mas parece que está iniciando de modo absolutamente normal. Daqui a cinco minutos vai estar resolvido.

A ira me devasta, fico louca de raiva por dentro. Vou tocar fogo nesse computador. Quando queremos que ele funcione, ele não presta, e quando queremos que ele pare, ele funciona. Insuportável! Tem dez mil trechos dentro desse equipamento, e fui estragar o único que não servia para nada.

Enquanto tento me conter, Ric verifica vários programas. Tudo “roda”, como ele diz. Parece feliz por mim. E eu não posso lhe dizer nada. Tenho que sorrir, fingir que estou aliviada, talvez até pular de alegria. Não tive tempo nem de oferecer uma bebida nem de observá-lo enquanto consertava. Um pouco de calor e cheiro bom, foi tudo a que tive direito.

– Bom, é isso – diz ele, já se levantando. – Está tudo ok.

– Quer beber alguma coisa?

– Não, sinto muito. Tenho que acabar de fazer umas tarefas, senão amanhã não vou ter tempo de ir correr.

– Você corre?

– Sempre que posso. Correr me acalma. Esvazia a minha mente, e neste momento estou precisando muito disso.

“Julie, às vezes, na vida, determinadas oportunidades surgem e não devemos deixá-las passar em hipótese alguma. Vá em frente!”

Escuto-me dizendo:

– Eu também corro. Quer dizer, quando não estou mancando.

– Sério? Que distância?

– Não sei bem, na verdade quem decide por mim é a paisagem. Quando acho que ficou feio, eu volto para casa!

“Que garota mais poética. Coitada de você, sua idiota. Por que não dizer a

ele que correu até a Suíça e que, como lá era bonito, continuou até a Áustria, passando pelo norte da Itália porque lá era lindo.”

Ele sorri. Eu o acho bonito. Tenho certeza de que é por causa do seu sorriso que me atrevo a acrescentar:

– Incomoda-se se eu for correr com você?

No exato instante em que pronuncio essas palavras, sei que vou pagar caro por elas, mas a razão não tem mais qualquer influência na questão. De agora em diante, essa história é uma fábula chamada: “O bonitão, a idiota e a maldição podre.” Logo, logo vai chegar a moral...

Ele sorri mais ainda. A ideia não parece lhe desagradar. Fico louca de alegria.

– Será um prazer – responde ele. – Onde eu morava antes, às vezes corria com um vizinho. Mas a senhorita é bem mais bonita do que ele! Em geral, saio às oito da manhã. Ainda não faz muito calor. Tudo bem?

– Perfeito.

– Passo para pegá-la às cinco para as oito?

– Estarei pronta.

Ele vai para o hall. Vai me deixar sozinha.

– Boa sorte na sua apresentação.

Ele, então, hesita. Acho que seu impulso era o de me dar dois beijinhos, mas não teve coragem. Sei o que um gato faria no seu lugar. Ele abre a porta e sai. Ainda se vira uma última vez:

– Até amanhã de manhã, então?

– Até amanhã, e obrigada por ter me salvado outra vez.

– De nada.

Com um pequeno gesto de cabeça, ele sobe para a sua casa. Fecho a porta da minha. Acho que vou chorar. Por vários motivos.

É na adversidade que se descobre a verdadeira natureza das pessoas. Do fundo do poço se tem uma visão única e muito reveladora das almas. Restam, então, apenas dois tipos de pessoas à sua volta: as que ajudam e as que se aproveitam da sua situação difícil. Melhor eliminar logo qualquer ambiguidade: eu nunca corri na vida. No ensino médio, tínhamos um professor que até tentou nos fazer correr na pista de atletismo em volta do estádio, mas acabou desistindo. Todo mundo caía, ria, se escondia nas cercas vivas para cortar caminho quando ele virava as costas, vários comportamentos incompatíveis com a prática da corrida. Desde então, caminhei bastante; verdade, certa vez cheguei a fugir “correndo” por 30 metros porque o pequeno cachorro horroroso de uma gentil velhota quase me comeu viva, mas, tirando isso, minha quilometragem é zero. O outro problema é que não tenho nem roupa nem tênis de corrida. E é aí que volto àquilo que as pessoas lhe infligem quando têm poder sobre o seu destino.

Minha única amiga que gosta de esportes se chama Nina. Ela já praticou de tudo, de equitação a ginástica, passando pela dança. Desconfio que seja viciada em competições e medalhas. Uma verdadeira máquina. É faixa preta de tênis e ganhou com facilidade sua bola de ouro de natação. É bem verdade que não a vejo há meses, e que não é exatamente correto aparecer de surpresa e pedir emprestado todo o seu material esportivo. Mas isso não justifica o que ela teve a cara de pau de me pedir em troca. Ela é cliente do Crédit Commercial du Centre e, olhando bem nos meus olhos, falou: “Tarifa zero durante seis meses, caso contrário vá correr descalça.” Que pessoa boa. Se eu fosse um pônei, ainda por cima teria levado uma chicotada. O mais vergonhoso foi que eu aceitei.

Lavo tudo que ela me empresta para deixar secando durante a noite. O short lembra um pouco os figurinos de palco da banda cujos discos eu escondi, só que sem os paetês; a camiseta fluorescente e os tênis sem dúvida foram projetados

pelos engenheiros da Nasa para uma missão em Plutão.

Tento comer alimentos leves, vou me deitar cedo e ponho o despertador para as seis, para ter tempo de fazer um aquecimento. Vou contar outro segredo para você: se constrangimento matasse, eu teria morrido nessa manhã. Para desenferrujar meu pobre corpo, tento me lembrar dos movimentos de educação física do ensino fundamental. Faço alongamentos, flexões e giros com os braços, o que quase me custa minha única arandela. Toufoufou está sentado na cama, ainda emburrado por ter ficado preso. Mas posso perceber que ele me acha uma doida.

Às 6h45, estou em plena forma. Poderia ter descarregado um caminhão de peixe ou carregado a Sra. Roudan nas costas com carrinho de feira e tudo. Às 7h13, estou tremendo sentada numa cadeira, exaurida pela noite demasiado curta e por uma atividade física inabitual. Às 7h28, vasculho meu armário de remédios como uma drogada em abstinência, à procura de vitaminas. Acho dois comprimidos efervescentes que tomo esquecendo a água. Às 7h47, estou uma pilha de nervos, pronta para dar um belo tapa no primeiro que me assustar. Às 7h55, ele bate de leve na minha porta. Pontual, como eu. Adoro isso.

Abro a porta. Em voz baixa, me diz:

– Bom dia. Pronta para a maratona?

“Coitado de você, meu amigo. Se você soubesse...”

Com um olhar rápido, ele me avalia da cabeça aos pés. Sem que eu possa adivinhar seu veredicto, acrescenta:

– Vamos?

A luz está magnífica, e a rua, deserta, como se o mundo existisse só para nós. Ele alonga os braços. Está usando uma calça azul na altura das canelas e uma camiseta preta. Seus tênis têm um aspecto normal. Ele sugere:

– Tudo bem se a gente subir em direção ao terreno das antigas fábricas? Não fica muito longe, e me pareceu bonito.

“Não fica muito longe? Só se for de helicóptero. Já a pé...”

– Perfeito.

Ele passa a mão pelos cabelos e começa a correr, muito à vontade. Parto atrás dele, como na escola. Fico para trás, torcendo para ele não reparar no meu jeito de correr, nem de longe tão descontraído quanto o seu.

– Por que está aí atrás? – pergunta ele.

Com um gesto gentil, me convida a ficar na mesma altura que ele. É então que acontece algo inacreditável. Começamos a correr lado a lado, num mesmo ritmo perfeito. Parece uma cena de filme. Tudo é ideal, eles se amam, é como se estivessem voando em direção à felicidade, só que haveria uma música com violinos e uma dublê no lugar da garota.

Sinto-me bem lado dele. Tenho a impressão de que o conheço há anos. Ele irradia algo reconfortante. Corre num ritmo regular, não parecendo forçar. Eu o observo com o canto do olho. Mesmo correndo, continua elegante. Gosto do leve balanço de seus ombros. Enquanto o devoro com os olhos, não percebo que meu corpo já está me enviando sinais de alerta. No final da rua, meu coração está disparado e não sinto mais meus pés.

– O ritmo está bom? – pergunta ele, sem parecer ofegante.

Concordo com a cabeça, mas é mentira. Seu perfil atraente, seus cílios longos e sua boca ainda me distraem um pouco, mas, na metade da avenida, não consigo mais ignorar minhas limitações físicas. Das duas, uma: ou vou deslocar alguma articulação, ou então vou me esborrachar contra uma parede feito uma pera madura demais. Passamos em frente à praça, depois à escola. Em geral levo dez minutos para chegar até aqui, e hoje levamos menos de dois. Para me motivar, imagino que estamos fugindo de um perigo imenso. Atrás de nós vem uma gigantesca onda de lava que derrete os prédios. Ou então escaravelhos gigantes querem nos devorar. A cidade já está destruída, os escaravelhos torturaram Toufoufou. Ric e eu somos os dois últimos sobreviventes da espécie humana, então corremos o mais depressa possível. Somos a última esperança do mundo. Quando estivermos seguros, seremos obrigados a transar bastante para repovoar o mundo. Obrigada, escaravelhos!

Percebo o campanário da igreja. Faz anos que não passo por estas bandas. Estou saindo de meu perímetro de vida habitual. Às vezes vou um pouco mais longe de carro, mas aquela zona é ao mesmo tempo próxima de carro e distante a pé para que eu me aventure sem um bom motivo. Passava por ali quando minha mãe me levava à escola. Tudo mudou. A loja de ferragens virou uma agência imobiliária, a tinturaria virou uma serralheria. A nostalgia ameaça surgir, mas um início de cãibra me proporciona uma excelente distração. Eu quero aguentar. Preciso aguentar para ficar com Ric, para continuar olhando para ele. Dá para ver que ele adora correr. Não há nem sinal de suor na sua testa.

Tirando minha condição física deplorável, sinto-me, por algum motivo, pouco à vontade em relação a ele. Estou perto dele e o desejo. Deveria estar feliz, mas, apesar de tudo, sei que não estou no lugar certo. Tenho a impressão de estar sendo uma usurpadora, de estar mentindo, de não estar sendo eu mesma. Isso me impede de aproveitar. Agora o que está me torturando é uma dor na costela. Expiro profundamente, mas já não inspiro mais o suficiente para manter o fôlego. Vou sufocar e tropeçar nos meus pés. Vou voltar a praticar esportes, eu juro. Enquanto isso, negocio com cada parte do meu corpo para fazê-la aguentar até o derradeiro limite. Minhas pernas, cansadas, estão a um passo de fazer greve. A esquerda parece menos decidida, mas as reivindicações estão aumentando. Meus pulmões agradecem por eu nunca ter fumado, mas não estão mais suportando. Minha traqueia queima e nem me responde mais quando falo com ela. Minhas costas tentam me convencer a deitar no chão. Enquanto isso, Ric segue correndo, com seus cabelos ao vento, livre e capaz. A barba por fazer lhe dá um ar ainda mais rústico.

Em poucos minutos, já estamos longe do centro. Começamos a subir em direção ao norte. Vejo a rua onde cresci. A ponta do telhado de nossa antiga casa e nossa grande cerejeira despontam no céu. Não volto ali desde a mudança dos meus pais. Nesse dia, eu me escondi para chorar nos fundos do jardim. A casa ainda existe, só não é mais nossa. Guardei uma pedrinha do canteiro que margeava a aleia. Passei milhares de vezes na frente dele sem prestar atenção e, no último dia, acabei pegando-a porque era a única que estava solta. Esse objeto insignificante se tornou essencial. É a minha relíquia, a prova de que todas as minhas lembranças de fato existiram. A nostalgia tenta me assaltar pela esquerda, mas por sorte eu torço o tornozelo. A dor não deixa espaço para sentimento algum. Definitivamente, é uma viagem estranha a que faço esta manhã, tanto com os pés quanto com a mente.

Devo estar toda amarfanhada. Meus cabelos se colam à testa molhada de suor. Como é que ele consegue? Talvez seja um ciborgue, um robô ultrassofisticado que adquiriu forma humana. Que sorte a minha. Quem foi a sorteada outra vez? Euzinha. Os extraterrestres estão chegando e começaram a conquista do planeta pelo meu prédio. Essa é a história da minha vida. Bem que eu achei que ele tinha um nome estranho. Vocês estão nos vendo agora enquanto ele me leva para fora da cidade, em direção à nave-mãe que nos aguarda,

disfarçada de parque de diversões itinerante. Uma vez lá dentro, ele vai arrancar seu invólucro corporal e aparecer como é de verdade: um polvo com vassouras no lugar dos braços e ameixas recheadas no lugar dos olhos.

Pronto, minha cabeça está pifando, estou parando de raciocinar. O sangue não irriga mais meu cérebro, fica só na bunda. Para encontrar forças para continuar, começo a fixar objetivos. No próximo cruzamento, autorizo meus ombros a reclamarem. Daqui a duas faixas de pedestres, meus olhos podem chorar. Ric se vira para mim.

– Não quero parecer abusado, longe disso, mas acho que a gente poderia começar a se tratar de um modo menos formal.

Como ele tem ar suficiente para pronunciar tantas palavras sem diminuir o ritmo? O que ele acabou de dizer? Se tratar de um modo menos formal? Poderíamos até nos tratar por “meu amor”. Respire, Julie!

– Concordo totalmente.

Não tive fôlego suficiente para pronunciar a última palavra até o fim. Ele me encara.

– Tem certeza de que está tudo bem? Avise se a minha velocidade não estiver boa. Não precisa fazer cerimônia. É melhor você se poupar, afinal, está recomeçando agora com sua perna...

É a primeira vez que ele não me chama de “senhorita”, e é para cuidar de mim. São 8h29 e hoje é dia 10 de agosto. Tudo está ótimo, exceto o meu ritmo cardíaco.

Já passamos o bairro de casas pré-fabricadas e vamos chegar ao terreno das antigas fábricas de louça. Ele me olha com cada vez mais frequência; parece preocupado. Com que cara eu devo estar...

O terreno surge atrás da cerca alta.

– Vamos dar uma paradinha – declara Ric.

– Não precisa.

– Acho que precisa, sim.

Ele para em frente à entrada.

– Vamos achar um banco para você descansar um pouco.

– Não quero que você diminua o seu ritmo por mim.

É a primeira vez que eu o chamo de você. Ele me aponta o banco mais próximo.

– Venha, vamos, senta aqui. Não precisa ter pressa. Se você quiser, a gente volta, não tem problema nenhum. Vamos ter outra oportunidade.

Sinto vergonha; não quero que ele pare de correr por minha causa.

– Continue, você precisa, foi você mesmo quem disse.

– Está tudo bem. Fico feliz em estar aqui com você.

Quando ele diz coisas assim com esses olhos, fico emocionada. Mas a culpa não desaparece. De repente, tenho uma ideia.

– Melhor eu ficar esperando aqui. Você termina sua corrida e vem me buscar. Até lá, já vou estar melhor e a gente volta junto.

Ele me avalia.

– Tem certeza?

– Absoluta. Aproveite. Espero você aqui.

Ele me acompanha até o banco. Sento-me e ele se ajoelha na minha frente. Verifica o relógio de pulso.

– Tudo bem se eu voltar daqui a meia hora?

– Está ótimo, enquanto isso recupero minhas forças, e a gente inclusive pode apostar corrida até em casa.

Ele sorri e se levanta.

– Então até daqui a pouco.

Tento sorrir. Faço sinal para que vá andando. Ele começa a correr. Observo-o se afastar, leve, flexível. Quando fala, ele é absolutamente encantador, mas quando está de costas é realmente um canalha.

Um lindo dia de outono está nascendo. O céu está azul, azul. Os raios do sol aquecem minha pele e iluminam as folhas da tília perto da qual estou sentada. Um vento fraco agita a folhagem verde-clara. Pássaros piam e perseguem uns aos outros de galho em galho. O parque ainda está deserto, com exceção de um senhor de idade que passeia com seu cachorro na outra ponta da aleia principal. O que estou fazendo aqui?

Estou esperando um homem que praticamente não conheço e com quem estou tendo conversas de casal. “Fico feliz em estar com você.” “Aproveite. Espero você aqui.” “Apostar corrida até em casa.”

Fascinada por Ric, nem me dei conta de onde estou e de tudo o que esse lugar desperta na minha memória. Dessa vez a nostalgia parece estar tendo sucesso no seu ataque e, junto com alguns cúmplices, está rompendo as barreiras da defesa.

Na última vez que estive neste parque, eu tinha 16 anos. O dia estava bem menos bonito. Eu cursava o ensino médio num colégio chamado Grandes Espérances. Uma das minhas melhores amigas, Natacha, morava logo ao lado e tinha um irmão mais velho, David. Muitas garotas o achavam bonito. No dia 6 de março, um sábado de manhã, ele morreu num acidente com a scooter que acabara de ganhar dos pais. A notícia foi um baque para todas nós. Era a primeira vez que perdíamos alguém tão próximo, tão jovem e de forma tão violenta. Foi o primeiro enterro ao qual assisti. Nunca vou me esquecer. Todas aquelas pessoas de preto em frente ao caixão. O choro, aquela sensação insuportável de impotência, a descoberta da fronteira intransponível entre o antes e o depois.

De um dia para o outro, a família de Natacha foi destruída. Teve que suportar a ausência, a culpa. Observando essa família compreendi algo essencial: a morte

está bem pertinho de nós e nunca deixa de capturar aqueles que passam ao alcance da sua mão. A perda de David fez todos nós envelhecermos. E foi consolando Natacha durante horas a fio que tomei a decisão de amar as pessoas enquanto elas estivessem aqui e de lhes dizer o que penso enquanto elas estivessem presentes. Desde então, carrego um sentimento de urgência, um temor silencioso, o medo de que cada até logo possa ser um adeus.

Na época, passei muito tempo com Natacha, tentando animá-la. Íamos àquele parque quase toda noite. Sentávamos no banco localizado um pouco mais adiante na aleia lateral. Posso vê-lo daqui. Os pés de louro cresceram. Conversávamos muito, com frequência até a noite. Chegamos a ser surpreendidas por temporais, mas continuávamos sentadas, encharcadas, paralisadas de frio, mas felizes de poder resistir àquela pequena prova. Eu quase me esquecera disso tudo. Já faz doze anos.

A família não quis ficar. Tudo lembrava David: o ginásio onde ele costumava jogar handebol, as escolas, o mercadinho em frente ao qual encontrava os amigos e onde trabalhava durante o verão, seu quarto, a casa, o barulho das scooters... Viver ali ficou insuportável. Eles se mudaram.

Mantive contato com Natacha, mas ao longo dos anos os encontros foram ficando cada vez mais espaçados. Ela nunca mais mencionou a tragédia. Hoje em dia, apenas trocamos algumas mensagens de vez em quando. Ela mora na Inglaterra. E eu estou aqui, sozinha, presa na armadilha de uma emoção que não esperava ver ressurgir, não nesta manhã, não de um jeito tão surreal. Às vezes, tem coisas que eu gostaria de esquecer.

Minhas pernas se descontraem, meu fôlego retorna. Sinto tanta sede que cogito beber a água parada do chafariz central. Penso em Ric. Se ele for pontual, deve chegar em dez minutos. Acho que vai ser pontual. Mas como posso saber? Eu não o conheço. Faz menos de uma semana que o conheci e ele já ocupa todos os meus pensamentos. Será que ele está me causando esse efeito, ou será que sou eu quem lhe dou importância demais porque não tenho grande coisa além dele na minha vida? É uma pergunta que vale a pena ser feita. No entanto, sinto que com ele é diferente. Ele me faz reagir. Em primeiro lugar pelo nome, depois pela correspondência, pelas mãos, pelos olhos e por todo o resto. Objetivamente, acho que ele não é um pretexto. De toda forma, ninguém nunca me fez sentir tudo isso.

Quando o vejo de longe, meu primeiro impulso é correr até ele para pular no seu pescoço. Consigo me controlar, pois sei que é devido a esse tipo de comportamento que os homens me acham louca. Deixo que se aproxime. Ainda não está ofegante. Ele para na minha frente, com as mãos nos quadris, na contraluz. Uma verdadeira estátua grega.

– Você está com uma cara melhor. Desculpe por ter obrigado você a acompanhar o meu ritmo.

– Imagina. Eu deveria ter começado a treinar antes de vir correr com você. Espero que não fique chateado.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Chateado?! Eu me sinto tão culpado que, se a sua perna estivesse doendo demais, eu a carregaria até o seu apartamento.

“Minha perna está doendo horrores. Por favor, me carregue no colo por 5 quilômetros e me abraçe forte para não deixar que essa droga de nostalgia se instale entre nós.”

Voltamos trotando devagar. Fisicamente, é quase agradável. Sinto algo novo entre nós, como se paradoxalmente o fato de termos passado meia hora separados tivesse nos aproximado. Sou louca, mesmo. Começo a acreditar que meus sonhos estão se realizando.

Chegando em frente ao nosso prédio, sou invadida por um sentimento de profunda tristeza. Nós vamos nos separar e não tenho nenhum plano para revê-lo em breve. Subimos a escada. Ele me deixa em frente ao meu apartamento.

– Até mais! – solta, com seu belo sorriso.

“Até mais”: que expressão detestável. Para mim, essas simples palavras são um horror; a ideia de perder as pessoas me causa pânico. Significam que não sabemos quando vamos nos rever. Aceita-se que o acaso decida. Isso é insuportável. Quero ter certeza de que vou reencontrar todos aqueles a quem sou realmente afeiçãoada. Só assim terei a chance de dormir tranquila. Quero, inclusive, saber exatamente quando vou encontrá-los. Nunca deveríamos dizer “Até mais”, e sim especificar: “Vamos nos ver esta semana”, ou “Vamos nos ver daqui a duas noites”, ou, melhor ainda: “A gente se vê daqui a 18 dias, 16 horas e 23 minutos.” Uma coisa é certa: no que diz respeito a Ric, não acho que eu vá aguentar esperar 18 dias.

Na última vez que dormi de tarde, eu tinha 7 anos e minha mãe me obrigou. Fiquei com tanta raiva que passei três dias de cara feia, um recorde. Ela nunca mais tentou repetir. Detesto dormir de tarde. Às vezes invejo quem tem tempo para isso, mas no fundo acho que é perder tempo que a vida nos oferece. Acontece que neste domingo, quando me sentei na poltrona para “pensar”, eu caí dura. Aquela viagem aos confins da cidade e às minhas recordações realmente me deixara abalada. O que me despertou foi um telefonema da minha mãe, por volta das cinco.

– Tudo bem, querida?

– Tudo. Você não vai acreditar, peguei no sono agora de tarde.

– Você? Está se alimentando bem, pelo menos?

– É claro que estou, mãe, fica tranquila. E vocês, tudo bem?

– Os Stevensons foram embora hoje de manhã. Mandaram um beijo para você. Seu pai está zanzando no jardim. Como em todos os verões, ele fica dizendo que vai mandar construir uma piscina. Diz que assim você vai vir aqui mais vezes... e que a piscina vai servir para os netos.

“Mais direto, impossível: essa é a 1.798ª alusão a netos, que meus pais aguardam com impaciência. No ritmo em que as coisas estão, papai vai ter tempo de cavar a piscina com uma colher, e até os gatos, mesmo sendo mais rápidos para se reproduzir, não gostam de água...”

Batemos papo por cinco minutos. Mesmo não dizendo nada de revolucionário, esse telefonema de domingo à tarde é um costume ao qual sou apegada. A ligação desse dia foi um tanto estranha, pois tive vontade de contar à minha mãe sobre Ric, mas achei prematuro. Na semana que vem, entretanto, vai estar mais do que na hora.

Nessa noite não vou ficar triste me perguntando o que ele está fazendo,

porque vou jantar na casa de Sophie. É lá que acontece o jantar mensal com todas as amigas. Seremos um pouco menos numerosas do que normalmente, já que muitas estão de férias, mas é até melhor assim. As viajantes nos contarão seus périclos, obrigando-nos a ver suas fotos. Pergunto-me se vou comentar sobre Ric com elas.

Sophie mora a duas ruas da minha casa, num apartamento novo voltado para o cruzamento da République, bem no centro da cidade. Hoje quem ficou de levar a sobremesa fui eu, e vai ser sorvete. Gosto de Sophie. Nós nos conhecemos há mais de sete anos. Começamos juntas a faculdade e nos demos bem logo de cara. Refletindo um pouco, muitas vezes foi no humor que ela e eu nos encontramos. Em geral, são os mesmos reveses da vida ou as mesmas aberrações que nos fazem rir. Em relação aos homens, ela é bem mais aventureira do que eu, mas só falamos de verdade no assunto quando uma das duas está sofrendo. Já temos assunto suficiente com nossas outras irmãs... Quando eu morava com Didier, perdemos um pouco o contato, pois ela sentia muita raiva dele por ter me feito largar os estudos e não escondia isso. Sophie sempre teve o dom de enxergar com precisão as coisas na vida dos outros e de se dar mal na própria vida. Sua amiga Jade é um pouco parecida. Só a conheço desses jantares, mas sei que sempre tem problemas com homens. Quando está com alguém, é um drama, e quando está sozinha é uma tragédia. Ela procura o príncipe encantado, daí sempre se decepciona.

– Oi, lindona!

Não foi Sophie quem abriu a porta. Foi Florence. Tenho muita dificuldade com ela. Florence considera os outros uns idiotas, e dá para ver isso. Ela sempre começa suas frases com “No meu caso” e nunca deixa de incluir um pequeno “Não é de se estranhar que não dê certo com você agindo assim”.

– Oi, Florence.

– Você comprou o sorvete no mercadinho? Deveria ter ido ao MaxiMag, teria pagado 10% a menos.

“Eu deveria ter roubado, aí teria saído de graça.”

Passo a sacola para ela.

– Pode colocar no freezer, por favor?

Sophie sai do seu quarto e vem se juntar a nós na sala.

– Eu estava consolando a Jade – murmura ela para mim. – Ela está muito,

muito triste.

Por que, então, Sophie está com essa cara de riso?

– Ela terminou com o Jean-Christophe?

– Não, com esse já acabou faz quinze dias. O de agora se chama Florian, o número 163.

Sinto que ela vai cair na gargalhada. Arrasto-a para longe, até sua minúscula cozinha.

– Como você pode rir da tristeza dela?

– Ela falou de novo em se matar...

Sophie tem dificuldade para se conter; o acesso de riso não está muito longe. A simples menção da tentativa de suicídio de Jade me faz dar uma risadinha nervosa. É horrível zombar disso, mas convenhamos.

– Se matar... feito da última vez?

– É, mas com certeza ela vai dobrar a dose!

Sophie agora já não consegue controlar as lágrimas, que escorrem dos olhos enquanto ela sorri com todos os dentes. De repente, ela explode numa gargalhada. É preciso dizer que, na última vez que Jade tentou se matar, engoliu dez cápsulas de Floratil. O suficiente para ficar com gases durante duas horas. É o que se pode chamar de querer acabar com tudo... O pior foi que ela chamou a emergência. Felizmente quem veio foi uma mulher, senão ela imediatamente teria se apaixonado pelo seu salvador. Jade é assim. É claro que ela não morreu, mas ficou com os cabelos bem brilhantes e com as unhas rígidas durante um mês.

Sophie se refugia em frente à pia da cozinha e finge estar ocupada até o acesso de riso passar. Inclino-me na sua direção.

– Imagina se ela tenta se enforcar com papel higiênico...

Ambas nos rendemos ao riso em frente à torneira. A voz de Jade gemendo ao longe chega até nós.

– E você, tudo bem? – indaga Sophie, enxugando os olhos.

– Tive problemas lá no banco, estou mesmo de saco cheio.

– Volte a estudar, você era boa.

– Agora não me sinto...

Sophie percebe algo no meu olhar. Olho para o outro lado, vermelha feito um pimentão.

– Julie...

Florence entra na cozinha. É a primeira vez que fico feliz em vê-la.

– E aí, queridas, o que vamos beber?

“Se ela me chamar mais uma vez de querida ou de lindona, vou dizer o que acho do seu cabelo e da sua blusa que mataria de vergonha um camaleão.”

Voltamos para a sala. Sonia acaba de chegar. Está toda animada porque conheceu o homem dos seus sonhos. Vai logo nos contando. O nome dele é Jean-Michel. Ele é legal, tem um bom emprego, quer ter cinco filhos como ela. Só tem um probleminha: ele é meio estranho porque acha que é um ninja. Tirando isso, tudo perfeito.

– Como assim, ele acha que é um ninja? – quer saber Florence.

– Coleciona livros, espadas, tudo o que consegue encontrar. Chegou até a fabricar um par de *mizu gumo*, uns sapatos flutuantes com sacos cheios de ar que permitem ficar em pé na água para espionar. No apartamento, vive andando vestido com a roupa tradicional, com balaclava e tudo, soltando uns gritinhos. Prende alvos por toda parte e fica atirando *shurikens* sem avisar...

– Fica atirando o quê?

– *Shurikens*, umas estrelas de metal com as pontas cortantes como navalhas...

– E não é perigoso?

– Ele diz que vai melhorar. Por enquanto, é bem verdade que volta e meia erra o alvo... Já estragou o armário, e o papel de parede da sala está todo cortado. Ele também abriu a barriga de uma boneca no meu quarto.

– Sério? – espanta-se Sophie.

– Sério. Só preciso tomar cuidado quando ele fica assim. Tirando isso, ele é tranquilo. Menos na semana passada. Estava muito triste porque, para comemorar sua passagem ao nível mental superior, quis mandar tatuar um símbolo ninja enorme nas costas e nos ombros. Mas o tatuador disse que não daria para ver.

Ouso lançar um “por quê?”.

– Porque ele é negro.

Preciso mesmo parar com essas perguntas. Sophie foge para a cozinha. Fico sozinha com Sonia, imaginando seu surpreendente Jean-Michel, o ninja negro, e tentando me conter.

Para mudar de assunto, peço notícias de Sarah, nossa amiga obcecada por

bombeiros. Ela também é bem especial. Os soldados do fogo são sua mania. Já esgotou todos os quartéis da região, e chegou até a ampliar seu terreno de caça. Organiza finais de semana em outras cidades, ou mesmo em outros lugares da Europa, para satisfazer suas fantasias. Já no ensino médio, provocava alertas de incêndio falsos para que chegassem os grandes caminhões vermelhos cheios de homens uniformizados prontos para pegá-la no colo ou para lhe fazer uma respiração boca a boca. Quando digo a vocês que temos umas peças... No verão não vemos muito Sarah, pois ela percorre o país aproveitando ao máximo os bailes de bombeiros. E no Natal, quando saem os calendários, ela fica maluca. Não sossega. É capaz de aparecer na sua casa sem avisar, só para não perder a passagem dos bombeiros que vêm tocar a campainha. Informa-se sobre o trajeto, junta dinheiro. Sim, junta dinheiro, porque só em dezembro passado ela comprou 53 calendários...

Jade sai do quarto e vem se sentar ao meu lado, com uma expressão desanimada. Dou-lhe dois beijinhos.

– A Sophie me contou. Agente firme. Você precisa ser corajosa.

Com um olhar perdido de reconhecimento, ela se agarra em mim, aos prantos. Enquanto isso, aquela boba da Sophie, enfurnada na cozinha, faz para mim uma mímica de Jade engolindo suas cápsulas. Rio de nervoso, e Jade acha que estou chorando junto com ela. Essa noite promete... Já imagino como vai ser. Vocês talvez se lembrem do que eu disse antes: a gente acha que conhece as coisas, mas, de repente, surge um detalhe que muda tudo. Acontece de novo comigo essa noite, e é bem mais do que um detalhe.

Estamos tomando drinques antes do jantar, um *muscat* de Beaumes-de-Venise, fresco e doce, que eu saboreio olhando pela janela. O cruzamento se estende diante dos meus olhos. Eu me demoro olhando as sombras que a luz cálida daquele fim de dia cria de um jeito bonito. De repente, a silhueta de alguém correndo chama minha atenção.

É Ric. Primeiro acho que estou tendo uma alucinação e que minha obsessão por ele está brincando com a minha sanidade, mas não, é ele mesmo! Sua calça na altura das canelas, seu jeito de correr. Nenhuma dúvida.

Ele sobe a grande avenida, exatamente como de manhã. Será que já não correu o bastante? E por que está de mochila? O que tem dentro daquela mochila? Para onde ele está indo?

Nesse instante, minha razão grita para que eu me acalme, mas meu instinto berra mais alto ainda que algo estranho está acontecendo.

– Julie, você me escutou?

Quem falou comigo foi Florence. Não consigo desgrudar os olhos da silhueta de Ric. Sophie toca no meu braço.

– Tudo bem?

– Não sei.

– Como assim, não sabe? Está com uma cara que parece que viu um fantasma! Não é o...

“Não. Se fosse o Didier, eu simplesmente teria aberto a janela e jogado a Florence em cima dele.”

Sophie olha pela janela. Passa os olhos pelas dezenas de passantes, mas não repara no pontinho que se afasta correndo.

Será que isso acontece com todo mundo? A cada vez que me apaixono, começo sempre pela fase de querer saber tudo sobre o outro. É quase uma obsessão. O que ele gosta de ler? O que pensa? O que faz? Vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. É exaustivo, mas impossível de evitar. Fico inteiramente mergulhada. Mesmo com a cabeça bagunçada, ainda me resta lucidez suficiente para perceber que jamais atingi proporções como aquelas. Com Ric a coisa é mesmo violenta. Dou-me conta de que, inconscientemente, minha memória fotográfica realizou prodígios no seu apartamento. A agente JT se superou. Posso descrever a vocês nos mais ínfimos detalhes tudo o que vi. Se houvesse um campeonato mundial de jogo dos sete erros sobre o apartamento dele, eu com certeza iria ganhar. Posso confessar que hoje de manhã, observando-o correr, eu o examinei de cima a baixo. Poderia dizer para vocês como são seus antebraços, como ele encosta o pé no chão quando corre, como é seu queixo, o porte da cabeça, o jeito de estreitar os olhos por causa do sol, seu sorriso, o modo especial que ele tem de erguer a sobrancelha esquerda quando está falando sério. Nada me escapou. Essa vontade de saber tudo, de chegar o mais perto possível, nunca foi tão virulenta.

É claro que existe um outro lado da moeda. Quando estamos nesse ponto, nós construímos uma ideia em relação às pessoas, e começamos a imaginá-las em tudo aquilo que fazem. Isso nos tranquiliza, nos aproxima delas. A grande tristeza é que a menor das surpresas, a mínima distância entre o que inventamos e os fatos reais, é uma catástrofe, uma ducha de água fria. Temos a súbita e brutal impressão de termos sido traídas, de termos sido enganadas. Traídas outra vez. O verdadeiro problema é a sensação atroz que advém disso: ficamos convencidas de que ele está nos escapando e nos abandonando. Basta um pequeno gesto, uma frasezinha de nada, para o moral despencar e o coração se

despedaçar.

Nessa noite, na casa de Sophie, eu quase não digo uma palavra durante todo o jantar. Coisa muito rara em se tratando de mim. Então as meninas deixam as próprias histórias de lado para cuidar de mim. Eu não estou pedindo tanto, principalmente porque elas não podem mudar meu ânimo, apesar das suas gentis atenções. Mesmo na companhia delas e no meio das suas demonstrações de gentileza, me sinto sozinha. Terrivelmente sozinha.

Voltei para casa feito um zumbi e não consegui pegar no sono. Passo horas de olhos abertos no escuro me perguntando por que ele tinha ido correr outra vez. Ou é um obcecado, ou existia algum mistério por trás daquilo, e desconfio dos mistérios. Só irei descansar quando desvendar a chave do enigma.

Pensando bem, esse homem era bom demais para ser verdade. Gentil, educado, bonito, dobra as roupas mesmo quando não está esperando visita. É claro, eu deveria ter desconfiado! É como os gatos angorás que não soltam pelos por toda parte: isso não existe. Por baixo de uma fachada encantadora com certeza se esconde um assassino em fuga. Frio, metódico, ele está me seduzindo para roubar minhas economias. Vai se decepcionar. Bem feito para ele. Depois disso, vai me fazer sangrar feito um coelho e me dobrar igual a uma das suas camisas antes de me enterrar no parque das fábricas de porcelana.

Passei a noite e toda a segunda-feira que se seguiu me torturando com isso. É uma loucura. Quando penso em alguém, penso o tempo todo. Essa pessoa ocupa todos os recantos de minha mente a cada segundo. Eu me esforço ao máximo para pensar em outra coisa, e o mais ínfimo detalhe põe tudo a perder. Fico prisioneira de uma obsessão.

Entrego a uma cliente um folheto sobre o seguro-família e sonho com a que eu poderia um dia formar com ele. Lavo meu bule de chá, e ele é quase da mesma cor dos seus olhos. Folheio um livro de receitas “Especial quiches e tortas”, sim, estou nesse nível, e, bom, “quiche” tem um C igual a Ric. Uma dobra na cortina, e o que lembro é o caimento da camisa sobre o seu peito. Tudo serve, tudo é pretexto. Pareço uma viciada, só que não quero largar a droga. Então, tento me distrair. Mando alguns e-mails, mas aproveito para pesquisar sobre ele, e o resultado é surpreendente: não encontro nada. Nenhum rastro em site algum. Nenhum amigo antigo, nenhum concurso público, nenhuma passagem como aluno por algum colégio desconhecido de ensino médio ou

diploma de informática. É como se Ric não existisse. Ou melhor, como se Ric só existisse na vida real. Lembro seus gestos, torno a ouvir suas palavras, como se fossem as peças de um processo judicial. E depois, o que acontece dentro da minha cabeça é uma verdadeira audiência. Às vezes, visto a beca de advogada e todos os indícios provam a sua inocência; em outras, me posto atrás do púlpito da acusação e tudo vai contra ele. No fundo, porém, seja qual for a sentença, sonho em ser sua guardiã.

Para arejar a cabeça, tento ligar para algumas amigas e jogar conversa fora, mas de que adianta? Também me forço a sair para aproveitar o sol, mas só dou uma volta no quarteirão, com dificuldade, não conseguindo ver nada em volta, porque fico me perguntando incessantemente o motivo de ele ter saído de novo para correr. Acabo voltando para casa, assim me sentiria mais próxima dele. Você deve me achar uma doida. Chegando em casa, sinto uma súbita vontade de subir até o seu apartamento, me plantar em frente à sua porta e, assim, estar quase dentro da casa e junto dele. Poderia ter ficado ali, sentada no último degrau ou deitada encolhida no capacho feito um cachorro. Em determinado momento, um barulho se faz ouvir, e dou um pulo inexplicável até o andar de baixo. Poderia ter morrido, mas em hipótese alguma ele me encontraria ali. Fico andando em círculos no apartamento feito um leão enjaulado. Ric ocupava todos os meus pensamentos, e a pergunta não para de me atormentar. Vivo um verdadeiro pesadelo.

Como não consigo encontrar serenidade nesse aspecto da minha vida, decido não mais suportar os outros. Ponto por ponto, passo em revista minha pequena existência e decido eliminar tudo o que me complicasse a vida. Como o principal está fora do meu controle, pelo menos eu faria uma faxina no restante. A consequência é que, nunca tomo tantas decisões quanto nessa noite.

Terça-feira de manhã, já chego à agência cansada. Inclusive me pergunto se é por causa do meu estado lamentável que acho Géraldine mais animada do que de costume. Quando ela abre a porta e a vejo em pé atrás do guichê, não penso “que mulher bonita”, isso todo mundo sabe, mas pensei que ela agora tem mais nobreza do que antes.

– Bom dia, Julie! Você, pelo visto, passou o fim de semana todo na farra.

“Ela está dizendo isso porque estou mancando, ou por causa das olheiras?”

– Na verdade não, Géraldine. E você, tudo bem?

– Tudo ótimo.

Eu nunca a vi reagir com tanto entusiasmo. É a prova de que às vezes levar um sacode faz bem aos imbecis.

Vou deixar minhas coisas num canto. Como meu primeiro cliente só vai chegar dali a meia hora, decido aproveitar para conversar com Géraldine. Encontrei-a em frente ao armário blindado. Ela está organizando os últimos talões de cheque que chegaram. É preciso anexar um canhoto a cada um. Géraldine tenta afixá-los com cliques de papel, mas, como eles são pequenos demais, o clipe sempre pula no seu rosto feito uma mola. Pergunto a ela:

– Posso incomodar você um instante?

– Claro. Estou lutando com estas porcarias. Ninguém nos ensinou isso no estágio. Como é que você faz para que fiquem presos?

– Pego os cliques desta caixa aqui, que são maiores.

O semblante de Géraldine se ilumina. Pronto, agora sei a cara que Cristóvão Colombo fez quando descobriu a América. No caso de Géraldine, isso é ainda mais forte, pois seus olhos também exprimem gratidão. Seu queixo treme. Acho que ela vai chorar. Aqui, neste instante, penso que talvez seja um erro me confidenciar com ela. Principalmente quando o meu futuro está em jogo. Com a

maior naturalidade possível, recuo.

Ela tenta com um clipe maior agora, e os canhotos de entrega ficam perfeitamente presos a cada talão. Ela observa, fascinada, emocionada com o fato de os cliques não pularem mais nos seus olhos. Vira-se para mim:

– Você ia me dizer alguma coisa. Está precisando de mim?

Seu olhar tem algo de sincero e atencioso. Fico sempre comovida com esse tipo de demonstração de gentileza. Minhas reticências desaparecem.

– Na verdade, eu queria contar uma coisa e pedir um conselho.

– Pode falar.

É nesse instante que Mortagne estica a cabeça para fora da sua sala. Em geral, ele teria comentado de modo seco que a agência não é lugar para conversas pessoais e que, se o nosso diálogo tivesse um teor profissional, podíamos muito bem conversar pelo telefone, pois isso impressiona os clientes. Ele já nos disse isso, e mais de uma vez. Estranhamente, porém, nessa manhã contenta-se em sorrir feito um bobo e dizer:

– Com licença, Srta. Dagoin. Quando tiver um minutinho, poderia vir falar comigo? É sobre o dossiê da Sra. Boldiano.

Ele me vê e acrescenta:

– Bom dia, Srta. Tournelle. Está com uma cara ótima. Passou um bom fim de semana?

Nesse momento, se Géraldine soubesse de quem se tratava, teria visto no meu rosto a expressão que Alfred Nobel adquiriu quando seu primeiro bastão de dinamite explodiu na sua frente. Fico perplexa. E Géraldine lhe responde como se tudo estivesse normal:

– Eu vou assim que a gente acabar aqui. Mas agora estou ocupada.

– Obrigado, Géraldine.

Fico estupefata. O cachorrinho volta para dentro da sua casinha. Ela se vira para mim e emenda:

– O que é que você quer me contar? Está grávida?

Sem nem mesmo esperar a resposta, começa a dar risadinhas e a saltitar. Ela insiste:

– Eu conheço o pai? Você quer me perguntar se deve ter o bebê? Uma criança é um milagre, sabe, Julie?

Pronto, ela já desembestou. Une as mãos, olha para o céu, no caso a lâmpada

néon, e começa a me falar de amor, de felicidade... Um típico delírio à la Géraldine. Pouso a mão no seu braço:

– Géraldine, eu vou pedir as contas.

Ela fica paralisada.

– Vai sair da agência?

– É mais ou menos essa a ideia.

– Você conheceu um cara rico e não precisa mais trabalhar?

– Não exatamente. É que não estou mais aguentando. Este trabalho é um fardo para mim. Enfim, nem tanto o trabalho, mas a mentalidade que preciso ter para fazê-lo. Não me sinto à vontade com os clientes, não concordo com a hierarquia. Não posso continuar assim, me resignando a fazer esse trabalho até uma aposentadoria hipotética, não na minha idade. Quero tentar achar um trabalho que tenha mais a ver comigo.

Géraldine permanece imóvel por alguns segundos, e, então, ela me dá um abraço de repente. Aperta-me contra si numa emoção sincera. Seu grande pingente disforme machuca o meu peito. Nem ousa me mexer. Paciência, vou ficar com a marca daquela bijuteria estranha até o fim da vida. Por fim, ela me solta e me encara.

– Sabia que, de todas as mulheres com quem já trabalhei, você é a única de quem eu teria gostado de ficar amiga? Não colega: amiga. Você é uma ótima pessoa. Estou triste que vá embora. Mas pense bem antes; não jogue sua carreira no lixo à toa.

– Que carreira? Se eu ficar, é minha vida que vou jogar no lixo. Então é o seguinte: queria perguntar se você sabe quando posso sair. Se eu descontar minhas folgas, quem sabe consigo encurtar o aviso prévio...

Ela faz uma cara de quem está pensando. O que é sempre meio perturbador em se tratando de Géraldine.

– Você não precisa entrar em pânico. Vou me informar. E dou uma resposta bem rápido.

Meu primeiro cliente do dia chega na hora marcada. Vou contar para você um truque infalível para saber a que horas um cliente vai aparecer. Quando vem pedir algo, ele chega pontualmente. Sendo um projeto essencial, ele chega até antes. Por outro lado, quando ele vem porque você o chamou para propor algum investimento, chega sempre atrasado, isso quando não cancela. O de hoje queria

crédito para comprar um carro antigo, “uma oferta imperdível”. Consulto sua ficha: casado, dois filhos, boa situação profissional, mas nada que razoavelmente lhe permita ter uma coleção de carros antigos. Analisando seus gastos, fica claro que ele investe mais na sua paixão por carros do que no bem-estar da família. Devo permitir que ele se endivide com o único objetivo de satisfazer uma paixão de adolescência fora de hora? Ainda que seja do interesse do banco, faço meu trabalho de forma cuidadosa e consciente e tento convencê-lo de que não iria conseguir o empréstimo para esse tipo de projeto...

A vida é mesmo estranha. Agora que tomei a decisão de ir embora, enxergo a agência de outra forma. Falta pouco para que eu quase sinta uma nostalgia. A Fabienne que toma café sem parar; o cartaz com a moça bonita tentando nos fazer acreditar que ter uma conta aqui a deixa louca de felicidade; o Mortagne e seus discursos imbecis; a Mélanie e a planta com a qual ela conversa. Nem mesmo eles eu tenho vontade de abandonar. Não perder ninguém, nunca. No caso de Mortagne, a explicação deve ser a síndrome de Estocolmo: acabamos nos afeiçoando até aos nossos algozes. No caso de Mélanie e sua samambaia que vive entre a vida e a morte, não sei. O mais surpreendente é que sou a única responsável pela minha partida e, bem lá no fundo, sei que tenho razão. Lá fora está o meu futuro. Lá fora existe vida. Lá fora existe o Ric.

Uma das maiores qualidades de Xavier é sempre cumprir o que promete. Dessa vez, não é diferente. Ele me disse que iria fazer uma bela portinhola de caixa de correio, e não era mentira. Posso até dizer que ele exagerou...

Chegando ao prédio, estou com a cabeça cheia de dúvidas sobre Ric e sobre minha orientação profissional. Assim que entro no hall, porém, imediatamente reparei na minha nova portinhola. Xavier se superou. Pergunto-me se ele não usou como modelo uma das portas da sua limusine blindada. Na verdade, não, já sei: para fabricar a portinhola ele deve ter feito uma cópia exata da porta do cofre-forte do capitão Nemo no navio *Nautilus*. Chego perto, entre fascinada e aterrorizada. Uma bela moldura de cobre, arrebites grandes, metal grosso, um acabamento bonito. Tudo ajustado e polido com perfeição. Calculo que a obra de arte pese duas toneladas e que irá provocar o desabamento de todo o conjunto de caixas de correio. Comparada às outras portinholas de metal pintado, a minha parece a da cela do homem da máscara de ferro.

Preciso agradecer a Xavier, pois ele fez um trabalho inacreditável. Ninguém nunca vai conseguir roubar meus folhetos publicitários. O dinheiro do banco estará mais seguro atrás dessa portinhola do que na agência. Mesmo assim, eu teria preferido algo mais simples, mais sóbrio...

“Bem feito para você, Julie. Essa porta é a sua cruz. Se você não tivesse mexido na caixa de Ric, nada disso teria acontecido. Assim sendo, a sua punição será a seguinte: o simples fato de olhar para essa infâmia de metal fará todos os seus vizinhos acharem você uma doente, e daqui a quatro anos, no máximo, enfraquecida pela idade, você não terá sequer mais forças para abri-la...”

Um bilhete ultrapassa a aba da fenda. Tomando cuidado para não ter a mão devorada, puxo o papel. “Se quiser rever sua correspondência, venha pegar sua chave. Estou no ateliê. Xavier.”

Na rua, em frente ao prédio dele, uma família chega das férias. Os pais descarregam o carro enquanto os filhos já estão jogando bola no pátio. Eu desvio da bola por um triz e solto um gritinho, fazendo-os rir muito.

O enorme carro de Xavier está em frente à sua garagem, cercado por ferramentas espalhadas pelo chão. O metal da carroceria reluz e, com o sol que fez hoje, deve estar queimando. Em silêncio, já estou repetindo o que vou dizer a ele. “É a porta mais bonita que já vi!” Exagero. Preciso inventar outra coisa. Vejo os pés de Xavier saírem por debaixo da sua engenhoca. Surpresa: ao seu lado há outro par de pés, e acho até que os dois estão rindo. Faço uma pausa. Reconheço sem dificuldade os tênis velhos de Xav, mas a quem pertencem as duas outras pernas? Por um instante, penso que ele talvez tenha enfim arrumado uma namorada e que – o auge da felicidade – ela também seja louca por mecânica. No entanto, os pelos contradizem essa hipótese, a menos que ela não se depile mais, gastando todo o tempo no cuidado de seu caminhão. Droga, acho que estou ficando que nem a Géraldine, que inventa coisas. Ela deve ter me passado o seu vírus quando me abraçou.

Mais risadas se fazem ouvir por debaixo do carro. As vozes chegam até mim abafadas. Vozes masculinas. Que falam um jargão de mecânica:

– Segure a trave do chassi enquanto eu passo o eixo.

– Tá, pode pôr o contrapino.

Se eu ficasse ali sem dizer nada, passaria uma hora olhando para os pés que se agitavam, então ousei me manifestar.

– Xavier?

Um estrondoso ruído de choque. Imagino uma cabeça batendo no metal.

– Julie? É você? Fique aí, eu já vou.

Xavier se contorce para sair de baixo do carro. Está rindo. Não foi ele quem bateu com a cabeça. O outro corpo não se mexe e dá um gemido. Xavier retira as aparas de metal da sua roupa e me pergunta, rindo:

– Você veio buscar a chave para a sua correspondência?

Não consigo desgrudar os olhos das outras pernas, cujo dono, por sua vez, começa a sair de baixo do carro. Xavier ainda diz:

– Mas, então, o que achou da portinhola?

Seu ajudante surge enfim. É Ric.

– Fantástica... – murmuro.

– O quê?

– Eu disse que sua portinhola é fantástica. Sólida, parruda, bem construída, nunca vi nada parecido.

Xavier esfrega as mãos.

– Mereço um beijinho – arremata ele, aproximando a bochecha.

Dou-lhe um beijo. Ric se levanta passando a mão na cabeça. Xavier dá uma risadinha.

– Quando ele ouviu sua voz, se levantou igual a uma mola! Que efeito você tem nele!

Os dois riem como crianças no maternal. Chega a ser embaraçoso. Um dia alguém tem que me explicar por que os homens se entendem tão rápido e tão bem. Vendo os dois, lado a lado, é como se fossem amigos de infância e tivessem lutado juntos três guerras, salvando alternadamente a vida um do outro. E esses dois espécimes não são nenhum caso isolado. Basta colocar dois rapazes no mesmo recinto, num mesmo projeto, ou em qualquer lugar aliás, que em três minutos eles já deixaram de lado toda a formalidade, em cinco minutos estão fazendo piadas cheias de conteúdo subentendido que todos parecem entender e, dali a uma hora, suas mães jurariam que são irmãos. Como é possível um negócio desses, e por que não é assim no caso de nós, mulheres?

Eles estão ali na minha frente. Xavier chega a dar um soquinho no ombro de Ric, que responde fazendo pinturas de guerra na testa do outro com a graxa que tem nas mãos. Se eu não conhecesse tão bem Xavier, diria que ele está bêbado, mas não. Não sei o que seria pior: ele se comportar assim sóbrio, ou ele ser alcoólatra. Tento racionalizar a conversa.

– Vocês agora trabalham juntos?

– Ric tinha uma dúvida, e eu estava brigando com uma peça comprida demais para montar no chassi. Então, ele sugeriu me dar uma mãozinha.

“Ric tinha uma dúvida? Em nome da nossa amizade, Xavier, imploro a você que me diga o que é. A informação será acrescentada ao dossiê, e, fique atento, esse homem talvez seja um assassino em série.”

Xavier vai até a sua bancada e volta com duas chaves presas por um arame.

– Tome, aqui está.

Pego as chaves e lhe dou outro beijo.

– Muito obrigada. Eu gostaria de compensar seu tempo e o material que você

usou...

– Nem pensar. É um presente.

– Obrigada por ter feito isso tão depressa. E ela ainda é resistente!

– É, Julie, eu prometo a você que aquela portinhola ninguém vai conseguir arrombar. Aliás, cuidado para não ficar com a mão presa nela, porque para soltar vai ser preciso mais material do que da outra vez...

E eles riem de novo, agora, ainda por cima, zombando de mim. Quanta cumplicidade, quanta amizade... Dá vontade de bater neles. Em qual dos dois? No meu amigo de infância ou no homem gato que está me deixando maluca? Vocês não perdem por esperar, queridinhos...

Já que é para mudar coisas na minha vida, não poupo esforços. A dona da tinturaria situada bem ao lado do meu banco me fala sobre um grupo de garotas que se encontra três vezes por semana em frente ao parque para correr. Nem sempre são as mesmas, mas o circuito é sempre igual. Segundo a irmã dela, que durante muito tempo fez parte do grupo, o clima é legal. Confesso que a possibilidade de treinar com pessoas do meu nível antes de me expor novamente à avaliação de Ric me atrai. Tenho ainda menos vontade de me humilhar na sua frente agora que sei que ele vai rir disso com Xavier depois, seu novo melhor amigo. Mas não sou do tipo que desiste, e quem sabe da próxima vez ele não fica impressionado?

Outra grande decisão: vou cozinhar. Aliás, junto todos os livros que mamãe me deu de presente e vou testar algumas receitas. Terei de comprar outros livros mais adequados, pois não acho que eu vá servir vitela ao molho trufado nem *cassoulet* em pleno verão.

Minha ideia é convidar todos que eu gosto, mas, sejamos sinceros, meu principal objetivo é treinar para receber melhor o Ric. Já montei uma lista de cobaias. Primeiro vou convidar os menos exigentes, e depois, aos poucos, começarei a me aventurar com os que não perdoam nenhum deslize ou têm o estômago frágil. Talvez isso não seja lá muito honrado, mas os gatos também costumam trazer camundongos ou passarinhos mortos para demonstrar seu afeto. E eles também precisam treinar antes.

É assim que chegamos ao ponto mais importante do meu vasto programa de reorganização da minha existência. Terei só alguns minutos para saber se vai ou não dar certo, e não estou com todas as cartas na mão. Diante do espelho, logo antes de sair, examino o meu reflexo. Jeans preto, jaqueta de algodão. Boa moça, mas nem tanto. Sinto um frio na barriga. Afinal, os riscos são grandes. Talvez a

ideia pareça maluquice para vocês, mas posso garantir que pensei muito a respeito.

Subo a rua e entro na padaria. Três clientes. Faltando quinze minutos para fechar, não sobrou muito para ser vendido. Vanessa me cumprimenta e embala duas tortinhas de ameixa para um senhorzinho.

Aguardo a minha vez. A pressão aumenta. Logo antes de mim, uma moça resmunga porque o pão de forma acabou. O menininho de mãos dadas com ela a puxa com todas as forças para ir se encostar na vitrine das balas. Quantas crianças já não sonharam diante dessas caixas repletas de guloseimas, com os dedos crispados sobre a quina de madeira gasta?

– E a senhorita, o que vai querer?

– A Sra. Bergerot não está?

Vanessa parece espantada. Instintivamente, leva a mão à barriga, como se temesse algum aborrecimento. Uma senhora adentra a loja com ar apressado. Chego mais perto e digo à vendedora:

– Vou querer meia baguete, mas se possível também gostaria de dar uma palavrinha com a Sra. Bergerot.

Vanessa se tranquiliza. Espicha a cabeça para os fundos da loja e, com uma voz demasiado aguda, grita:

– Sra. Bergerot! Tem uma pessoa querendo falar com...

Eu me viro de lado. Minha pressão arterial está que nem a de um gasoduto caucasiano. Estou no limiar de uma crise. Sinto as mãos úmidas. Se alguém tivesse me dito que minha vida um dia iria depender do que acontecesse ali, eu não teria acreditado. E, no entanto...

A dona da padaria surge. Não parece de bom humor. Instala-se atrás do caixa e se vira para Vanessa com um ar inquisitivo. A vendedora espicha o queixo na minha direção.

– Ah! Boa noite, Julie. Desculpe, estou distraída. Mas esse não é o seu horário de costume. Seus pais vêm visitá-la e você quer encomendar um doce?

Adoto um ar tímido.

– Não. Queria conversar com a senhora...

– Bom, aqui estou.

Sinto que ela está se perguntando o que eu quero.

– É um assunto um tanto pessoal...

Ela entende que estou constrangida.

– O que está acontecendo, filha? Venha, vamos lá para trás. Assim ficaremos mais à vontade.

Ela me leva até os fundos da padaria. Em mais de 25 anos, nunca entrei lá.

Quando eu era pequena, tentei muitas vezes imaginar aquele lugar misterioso de onde emanavam vozes e ruídos desconhecidos. Na realidade, é uma simples cozinha repleta de tralhas, cestos, prateleiras, com uma mesa coberta por uma toalha de plástico quadriculada. Calendários dos correios se acumulam nas paredes, e, sobre a bancada da cristaleira, está disposto o estoque de embalagens em cartolina para doce. Uma segunda porta, entreaberta, dá para o local onde se fabricam os pães.

– Então, Julie, me diga o que está acontecendo.

– A Vanessa vai embora mesmo?

– Daqui a quinze dias, o que me complica bastante a vida. Por quê?

– A senhora vai contratar outra atendente?

– Assim que conseguir achar alguém, farei isso, mas no fim de agosto não vai haver muitas candidatas...

– A senhora estaria disposta a me dar uma chance?

– Não estou entendendo.

– A senhora acha que eu poderia me tornar sua atendente?

A Sra. Bergerot me encara com olhos arregalados.

– Demitiram você do Crédit Commercial?

– Não. Fui eu que decidi pedir as contas.

Ela puxa uma cadeira e se senta. É a primeira vez na minha vida que a vejo em outra posição que não de pé.

– Julie, você sabe que eu gosto de você, e vou ser sincera. Conheço você desde pequenininha, sei que é uma moça inteligente. Você fez faculdade. Trabalhar como atendente para mim não é um emprego que tenha futuro. Se você fosse vinte anos mais velha ou tivesse filhos, eu diria sim, mas nesse caso não tenho certeza...

– Eu pensei muito, juro. Não garanto que vá ficar dez anos, mas também não vou deixar a senhora na mão. Um ano ou dois, quem sabe. E quero deixar bem claro que não estou grávida.

Ela sorri. Conheço-a bem o suficiente para perceber que a ideia não lhe

desagrada.

– Ora, que ideia mais estranha. Prometo que vou pensar no assunto. Ficaria contente em ter uma moça como você aqui comigo.

– Então, por favor, diga que sim.

A tranquilidade do mês de agosto passou longe de mim este ano. Está tudo em movimento. Acho que a Sra. Bergerot vai dizer sim. Ela sugeriu que nesse domingo eu passasse a manhã lá treinando. Por isso, Vanessa fechou a cara para mim. Mesmo tendo sido ela quem decidiu ir embora, agora está se comportando como se eu estivesse roubando o seu lugar.

Tenho uma péssima noite de sono. Acordo sobressaltada, com a cabeça cheia de perguntas sobre o novo trabalho. Apesar de saber que o assunto é sério e que essa decisão gera compromissos, considero a ideia de trabalhar na padaria quase como se fossem férias. Acho que não vou comentar com meus pais por enquanto. Por outro lado, conto para Sophie, que, com certeza, tem o mesmo tipo de reação que eles vão ter.

– Mas você enlouqueceu de vez! Padeira? Sério, Julie, na outra noite você já estava esquisita, agora chegou ao cúmulo. E seu décimo terceiro, suas férias, o plano de saúde, já pensou nessas coisas? Vai trabalhar no Natal e em todos os outros feriados. Isso sem falar no estímulo intelectual nulo!

– Você tem razão. Mas não faz ideia de como me sinto melhor simplesmente pensando em fazer algo útil para os outros. Sem ter mais que encurralar ninguém, sem vender serviços inúteis, só oferecendo coisas que eles gostam de comer.

Meu telefonema não deixa Sophie decepcionada, ainda mais porque essa não era a única notícia que eu tenho para dar. Tento abordar o assunto com delicadeza:

- O que você vai fazer amanhã às oito da manhã?
- Por que a pergunta?
- Porque eu gostaria que você viesse comigo.
- Aonde? Nenhuma loja abre tão cedo.

– Você não programou nada?

– Programei sim, Julie. Sábado de manhã eu programei dormir. Mas que conversa é essa agora?

– Decidi recomeçar a correr e pensei que você poderia ir comigo.

Um silêncio sufocante. Ela então diz:

– Você vai recomeçar a correr agora que o verão está quase no fim? E às oito da matina? É na primavera que a gente faz esse tipo de besteira, e nunca de madrugada!

– O sol nasce às 6h12, eu já chequei. E achei também um grupo de mulheres que corre regularmente, mas não quero ir sozinha. Além do mais, seria bom para você...

– Então, recapitulando: você me ligou para dizer que vai virar padeira e que eu sou gorda!

– Não é nada disso. Foi mais para dizer que minha vida está mudando e desejo que minha melhor amiga me faça companhia.

“Julie Tournelle, você é a rainha das cachorras. Esse argumento é manipulação pura, para não dizer golpe baixo.”

Para não lhe dar tempo de reagir, acrescento:

– Além do mais, Sophie, sugiro também que o nosso próximo jantar entre amigas seja na minha casa.

Novo silêncio. Penso escutar um barulho; talvez seja o queixo de Sophie que caiu no chão.

– Sophie?

– Julie, o que está acontecendo? Você sabe que pode me dizer tudo.

– Tudo sobre o quê?

– Sobre a sua vida. Que papo é esse? Em geral, quando a gente está de baixo astral, troca as cortinas de casa ou vai cortar o cabelo. Não é para jogar a vida inteira para o alto.

– Eu não estou jogando minha vida para o alto. Estou saindo de um emprego que me faz mal, estou voltando a praticar corrida... com você, espero, e estou convidando vocês todas para jantar. Só isso.

– Tem homem no meio.

– Se tivesse algum homem no meio, eu não convidaria nosso alegre grupo de solteiras meio doidas para jantar.

– Não fique achando que eu sou a Jade. Eu conheço você e sou capaz de apostar que por trás disso tudo tem algum homem. Da última vez, foi aquele imbecil do Didier, e você passou meses me arrastando a todos os showzinhos vagabundos dele. O que é dessa vez? Está a fim de um maratonista e quer correr atrás dele?

É por isso que eu gosto de Sophie. Como diria Xavier, ela tem bastante recheio debaixo do capô. Como uma ruindade a mais não faria diferença, respondi:

– Se você vier correr comigo amanhã de manhã eu conto tudo!

– Sua...

– Obrigada, fico muito feliz. Em frente ao meu prédio às 7h45. Sem atrasos.

– Peraí...

– Tenho que desligar, eu também adoro você. Até amanhã!

Desligo o telefone.

7h44. Passo rente à parede e aperto o botão que abre a porta do prédio. Com cuidado, entreabro a porta me escondendo como vi fazerem nos filmes de guerra. Sophie com certeza está à minha espera e, se bem a conheço, está prestes a pular em cima de mim. Ofuscada pela luz matinal, ponho a cabeça para fora e olho em volta. A voz da minha amiga faz com que eu me sobressalte.

– É bom você ter uma novidade bem quente para me contar, senão vai ter que correr é de mim.

Sophie está apoiada na parede tranquilamente, tomando sol. Nos cumprimentamos com dois beijinhos.

– Obrigada por ter vindo. Estou meio arrependida...

– Já basta ter agido de modo infame, não precisa mentir ainda por cima. Você não está sentindo arrependimento algum. Então, agora que conseguiu me arrastar para esse seu programa que parece a maior roubada, pode ir falando.

– Não tenho grande coisa para falar, sabe?

Ela me encara. Se eu não a conhecesse, ficaria com medo. Vou ter que falar, vou ter que dizer até mesmo o que não sei. Subimos a rua em direção ao parque público. Faz a mesma temperatura de quando saí para correr com Ric. O que posso contar para Sophie? Nem eu mesma sei o que estou sentindo...

– Eu já vi o cara?

– Não.

– Ele é de onde?

– Não sei.

– Tem parentes por aqui, alguém que a gente conheça?

– Acho que não.

Sophie agarra meu braço.

– Julie, que história é essa?

– Eu não sei quase nada sobre ele, juro. Ele se mudou para o terceiro andar do meu prédio. Foi o sobrenome que chamou minha atenção.

– Como ele se chama?

– Ricardo Patatras.

Sophie abafa uma risada.

– Escute, se for ficar gozando com a cara dele, não conto mais nada.

– Foi mal. Mas admite que é um nome fora do comum.

Ameaço um sorriso. Sophie percebe, e rimos as duas.

– Inclusive, foi por causa do nome ridículo que comecei a me interessar por ele.

Na esquina, cruzamos com a Sra. Roudan e seu carrinho de compras abarrotado como sempre.

– Bom dia, Sra. Roudan.

– Bom dia, Julie. Acordou cedo hoje.

– A gente vai praticar um pouco de esporte.

– Muito bem, vocês são jovens, aproveitem.

Ela se afasta com um ar levemente constrangido. O que será que tem dentro daquele carrinho de compras? Será que ela hospeda clandestinos em casa?

– Você a conhece? – quer saber Sophie.

– Mora no meu prédio. Sempre me trata muito bem, mas não sei o que ela apronta com esse carrinho.

– Não tenta mudar de assunto. Conte sobre o seu Romeu. Vocês estão ficando?

– Imagina! A gente ainda está se observando, enfim, acima de tudo eu, porque no caso dele acho que ele me considera legal e ponto.

– Isso não é nada bom. Talvez você não devesse se apegar.

– Fácil falar. Até parece que eu tenho escolha! Não controlo nada. Esse cara invadiu todos os aspectos da minha vida.

As grandes árvores do parque público já surgem. Em frente ao portão, vejo reunido um pequeno grupo de mulheres; algumas já se aquecem. São de todas as idades, altas, baixas, magras, mais rechonchudas. Somos recebidas por uma mulher na casa dos quarenta, com o corpo esculpido por uma prática esportiva evidentemente intensa.

– Oi, meninas! Como é a primeira vez de vocês, sejam bem-vindas. Vocês

vão ver que com a gente tudo é simples. Nada de mensalidade, nada de perguntas, nada de competição. O objetivo não é preparar nenhum campeonato mundial! Cada uma corre no seu ritmo. Começamos todas juntas, mas cada uma fica livre depois.

A meia dúzia de corredoras acena para nós duas. Respondemos.

Conheço bem o parque público, mas jamais teria imaginado que ele servisse de ponto de encontro para um grupo desse tipo. No horário de saída da escola, concentram-se as mães com seus filhos. Mais tarde, são os jovens que se reúnem no parque e, mais tarde ainda, são os namorados. Ao meio-dia, os que almoçam ao ar livre no intervalo do serviço se refugiam ali. Acho surpreendente que universos tão diferentes coabitem num mesmo lugar sem jamais se misturar.

O pequeno grupo começa a correr. Sophie e eu partimos atrás. Logo nos primeiros passos, percebemos com clareza que nem todas têm o mesmo modo de correr. A novinha que parecia tão esportiva não corre muito bem, e a meio rechonchuda vai deixar todas nós para trás. Sophie corre olhando para os próprios pés.

– O que você está fazendo? Levante essa cabeça, senão vai trombar com um poste.

Sem tirar os olhos dos próprios pés, ela responde:

– Há dez anos não vejo meus pés se mexerem tão depressa. É fascinante.

– Você vai acabar me agradecendo por eu ter arrastado você para essa roubada...

– Nem pensar. Por enquanto a sua novidade ainda não me satisfaz...

Eu poderia ter contado a ela que Ric me deu um abraço, que ele tem as mãos mais macias que eu conheço, que seus olhos são quase tão espetaculares quanto a sua bunda. É tudo verdade e, sem dúvida, aliviaria a sua curiosidade, mas trairia a pureza do que estou sentindo, e isso eu não quero que aconteça.

– Vocês se veem com frequência?

– Eu tento encontrar com ele o tempo todo. Uso qualquer pretexto para isso. Já me pus em situações ridículas para conseguir estar com ele.

– Ouvindo você falar, parece até que convive com ele há anos.

– Pois a minha impressão é de que estou correndo atrás dele há anos.

– Já tentou falar com ele, dizer a verdade?

– Está maluca? Ele vai achar que sou uma doida que se joga em cima de

qualquer homem.

O grupo de corredoras começa a se distanciar de nós. Sem nem sequer nos darmos conta, Sophie e eu diminuimos o passo. Diminuir é um eufemismo. Agora mal poderíamos ultrapassar um molusco na maré baixa. Nossa participação no clube de corrida não durou muito.

– Já que você não sabe nada sobre ele, o que a atrai tanto assim?

– Nada, ou melhor, tudo. Os gestos, a cortesia, uma espécie de força tranquila que ele irradia...

Sonhadora, eu começo a imaginá-lo. Sophie assobia.

– Nossa, parece que você está a fim mesmo. Nunca ouvi você falando assim de nenhum dos seus namorados, nem fazendo essa cara quando pensava neles.

– “Meus namorados”, até parece... Praticamente o único namorado que tive foi o Didier, e aquele grosso atrapalhou os meus estudos, me impediu de ver você e me obrigou a escutar umas músicas horrorosas. Ele nunca se esforçou sequer para ir assistir a um filme de que eu gostasse. Ele me separou de mim mesma. O cara era um parasita. Com Ric é diferente, ele não fica tentando sugar o sangue de ninguém. Ele decide e faz. Nunca vi ninguém como ele.

Nós paramos. As corredoras estão longe. Sophie olha para mim com um sorriso no canto da boca.

– Foi por causa dele que você teve essa ideia de começar a correr?

– Foi. Não ria da minha cara, mas minha esperança é deixar ele impressionado.

– Então vê se ganha tempo e aprende logo a voar, porque, mesmo eu não sendo uma especialista, acho que em matéria de corrida a coisa vai ser difícil.

Suspiro e dou de ombros.

– Eu sei.

Mal corremos 400 metros e já estamos suando em bicas. Minhas pernas doem, e Sophie faz careta porque forçou demais. Vamos começar a rir outra vez.

– E você, com o Patrice? Faz semanas que não me fala dele.

Sophie fita o sol, então fecha os olhos. Quando responde, é de uma vez só:

– Ele está passando as férias com a esposa, e acho que seria melhor para mim parar de acreditar nas promessas dele. No fim das contas, a gente é um casal que não existe. Para mim, ele é uma esperança, mas para ele, eu sou só mais uma amante.

Não sei se aquilo no canto do olho dela é suor ou uma lágrima.

– O que você vai fazer? – pergunto.

Sophie olha para mim.

– Tentar ser livre.

Ela suspira e continua:

– Bela tentativa de mudar de assunto, mas não está na minha vez de falar.

Minha história está terminando, e a sua, começando. Eu fiquei com mais caras do que você, sabe, Julie? Vou contar um segredo para você que nunca contei a ninguém, e que até eu mesma tenho dificuldade para admitir. Todos esses relacionamentos, todas essas histórias não me ensinaram nada. Elas só me custaram minhas ilusões e a inocência com a qual todas nós sempre nos jogamos. Eu gosto muito de você. Quando a gente se conheceu, eu achava você careta, cheia de princípios, enquanto eu ia para a cama com qualquer um. O único cara com quem vi você ter um relacionamento sério foi o Didier, e nunca entendi como uma garota tão esperta pôde ser tão enganada por aquele cretino. Mas você entrou naquilo com total inocência. Talvez seja esse o segredo da felicidade. Hoje vejo você falando nesse Ric de um jeito que nunca fui capaz de falar de nenhum dos caras com quem fiquei. Eu não sei grande coisa, mas pelo menos uma coisa nesse mundo eu entendi. O verdadeiro milagre não é a vida. A vida está por toda parte, pululando. O verdadeiro milagre, Julie, é o amor.

Domingo chegou depressa demais. Não tornei a ver Ric, o que me deixou triste e contrariada. Contrariada porque sei que ele voltou a correr com uma mochila ainda maior, e me pergunto o que pode estar aprontando. Além dessas perguntas, também estou com saudades. Apesar disso, não tenho vontade de iniciar maquinações diabólicas para provocar aquilo que o destino ou ele próprio não me oferecem. Tenho medo demais de que a maldição interfira outra vez.

A Sra. Bergerot marcou comigo às 6h30 na padaria. Pediu para eu bater na porta da despensa, logo depois do prédio ao lado. Na calçada, Mohamed já está trabalhando e enfileira seus caixotes de legumes sob o sol que mal nasceu.

– Bom dia, Julie. Caiu da cama?

– Bom dia, Mohamed. Não, vou trabalhar na padaria. Hoje de manhã é só um teste.

Ele, que sempre demonstra uma reserva absoluta, dessa vez franze o cenho.

– O que devo desejar? Boa sorte?

– Eu espero que dê certo.

– Então, boa sorte! E não se deixe intimidar pela barulheira toda que a Françoise faz. No fundo, ela é boazinha.

Françoise? Mohamed chama a Sra. Bergerot pelo primeiro nome? Eu nem sabia que a dona da padaria tinha um. Que estranho... Eles vivem às turras, como dois comerciantes rivais, e ele a chama pelo primeiro nome.

Já está na hora, e infelizmente não tenho tempo para continuar a conversa. Estou feliz por ter podido trocar algumas palavras com Mohamed; fico mais segura. Sinto um frio na barriga ao bater de leve na porta dos fundos. Quem vem abrir é a Sra. Bergerot.

– Perfeito, você é pontual. Entre logo e limpe bem os pés, vou apresentá-la. Mas estamos em plena atividade.

Pelo menos cinco pessoas se agitam e falam alto para conseguir se sobressair ao ronco dos ventiladores do grande forno. O cheiro de pão quente permeia tudo, misturado ao de croissants, brioches, com eflúvios de chocolate e talvez até de morango. Só de respirar já engordei 3 quilos.

A Sra. Bergerot vai me explicando:

– Essa é a sala do forno. Quem manda aqui é o Julien. Aqui são fabricados todos os pães e *viennoiseries*. Nunca fique parada no corredor. Se faltar algo na loja, você tem que pedir ao Julien e a mais ninguém.

Mal tenho tempo de desejar bom-dia, e ela já está me conduzindo em direção a outro cômodo mais no fundo.

– Isso aqui é o laboratório, que é bem diferente do forno. É aqui que Denis prepara todos os doces juntamente com seus dois ajudantes. Mesma coisa: quem manda aqui é o Denis.

Eu nem sabia que existia uma diferença. Forno, laboratório. Tento absorver todas as informações com as quais ela está me bombardeando. Minha impressão é de ter 12 anos e estar fazendo uma visita com uma professora.

– Venha comigo até a loja, vamos continuar. Hoje de manhã você deu sorte, não deve ter muita gente, mas domingo de manhã geralmente é um horário bem movimentado por aqui.

Passamos próximo a uma grande sovadeira que gira ronronando. Um dos ajudantes verifica a temperatura da massa. Ele olha para mim. Sinto cheiro de fermento e farinha.

Enquanto atravessa a pequena cozinha a passos acelerados, a Sra. Bergerot me pergunta:

– Você não tem jaleco?

Faço que não com a cabeça.

– Já imaginava, por isso peguei o que eu usava quando era mais jovem. Você é mais magra do que eu, mesmo naquela época, mas serve por hoje. Além do mais, fico feliz que seja você a usá-lo.

Não há tempo para se emocionar; ela já entrou na loja.

– Você vai ter que prender os cabelos, é mais higiênico. Quando Vanessa chegar, vai ajudá-la a pôr tudo no lugar. A vantagem, no seu caso, é que você já conhece os produtos. É preciso rapidez, abrimos às sete. Hoje você pode se contentar em servir, eu cuido do caixa. Confio em você, mas sei também que,

mesmo parecendo fácil quando se está do outro lado do balcão, para as iniciantes as coisas se atropelam e elas muitas vezes se atrapalham com as contas e o troco.

Ela olha para mim.

– Tudo claro?

– Acho que sim.

Na verdade, não está nada claro. Tenho medo de fazer besteira, de falar com a pessoa errada, de não entender o que os clientes vão pedir. Socorro!

Vanessa chega. É nítido que ela não pretende facilitar a minha vida. Mal olha para mim, fala comigo como se eu fosse uma ajudante e não perdoa nada.

“Segura essa bandeja direito, assim vai cair tudo.” “Mais rápido! Nesse ritmo de tartaruga você não vai conseguir dar conta quando tiver fila até a calçada.” “Quem não sabe a diferença entre uma baguete com seis cereais e uma integral, precisa abrir o olho!”

Ela não está gostando nem um pouco de me ver assumindo o lugar que vai deixar vago e está me fazendo pagar por isso. O clima na sala do forno é de irritação: os croissants passaram do ponto. Julien está com uma cara furiosa, e ninguém se atreve a falar com ele. Com gestos nervosos e o auxílio de uma gilete, ele faz riscas nas primeiras baguetes antes de colocá-las no forno.

Nos fundos, vejo Denis gesticulando em volta dos seus doces com uma bisnaga cheia de creme. Não imaginamos que haja tanto a ser feito, e tão depressa, para que depois as pessoas possam tranquilamente comer um pão com manteiga ou saborear uma *religieuse*.

– O que está fazendo? – resmunga Vanessa. – Acha que isso aqui é um show? Está na hora de abrir.

Estou no meu posto atrás da vitrine, pronta para encarar a multidão. Vanessa destranca a porta. Ainda que eu só veja uma única pessoa esperando lá fora, começo a imaginar que centenas de outras estão escondidas nas laterais da loja e que, assim que a porta for entreaberta, os clientes vão invadir como se fossem hordas de bárbaros em vilarejos adormecidos. Vão atacar pelos flancos, estuprar as religiosas e jogar para o alto as bombas de creme... A porta se abre e prendo a respiração. Nada, a não ser o senhorzinho, baixote e de idade avançada, que anda a passos minúsculos.

– Bom dia a todos – entoa ele ao entrar. – Ah, uma novata!

A Sra. Bergerot assume seu lugar atrás do balcão.

– Bom dia, Sr. Siméon. Como vai o senhor nesta manhã tão bonita?
– Vou indo, vou indo.
– Vai visitar sua esposa hoje?
– Preciso ir. Ela reconhece mais as suas tortas de limão do que a mim, mas é a minha Simone...

A Sra. Bergerot se inclina na minha direção.

– O Sr. Siméon vai levar duas tortinhas de limão e uma baguete bem clarinha. E as tortinhas dentro de uma caixa, não enroladas no papel.

Eu consigo encontrar as tortas com bastante rapidez, e, no fim das contas, acabo dando conta. Consigo desdobrar a caixa para montá-la, mas na hora de amarrar tenho problemas com a fita. Vanessa me observa com desdém. Pela vitrine, já posso imaginar os bárbaros enfileirados, levantando seus placares com notas como nas competições de patinação artística. Julie, França, nota 2, nota 1, nota 1. O problema com a fita me custa o lugar no pódio. A Sra. Bergerot já está dando o troco, e o Sr. Siméon aguarda. Quando finalmente entrego o seu embrulho, ele se esforça para ser amável, mas entendo muito bem, pelo tremor irritado de sua mão, que as coisas andam mais depressa normalmente.

Ele sai. Foi o meu primeiro cliente. Tenho a impressão de recomeçar do zero. Ultimamente isso tem me acontecido muito.

Quando finalmente tenho tempo de olhar no meu relógio de pulso, fico muito decepcionada. São só 10h30, mas minha impressão é de estar servindo pães e doces sem respirar há uma semana. Vanessa está quase tão tensa quanto no momento em que chegou. A Sra. Bergerot continua atrás do caixa, imponente, sempre atenciosa com os clientes. Em determinados momentos, com seus cabelos pretos arrumados num coque caprichado, com suas formas generosas e seu porte de cantora de ópera, ela parece uma diva recebendo afetuosamente os admiradores após um recital.

Julien se mostra muito agradável, e, no que diz respeito ao pão, começo a entender melhor as coisas. Já no caso dos doces é mais complicado. E isso não é de hoje. Lembro-me de que em casa, quando meu pai trazia alguma sobremesa, eu precisava provar muitas vezes para saber o que era. Mas ali não posso fazer isso.

Não sei quantas baguetes entreguei, quantos croissants embalei, quantos *petits-fours* e quantos doces. Meus dedos estão anestesiados. Tudo é novidade para mim. Neste mundo à parte, pão *quente* é pão *fresco*. Estou embriagada com o incessante balé dos clientes e dos operários que trazem as mercadorias para encher os mostruários. No entanto, apesar de estar tão sobrecarregada a ponto de me perguntar se sou forte o bastante para exercer essa profissão, sinto-me bem. O clima não tem nada a ver com o do banco. Os clientes são diferentes. Não, pensando bem, isso não é totalmente verdade. Eles são os mesmos, mas não chegam com o mesmo estado de espírito. No banco, com exceção de alguns poucos, eles se sentem inferiores; o lugar, aliás, faz tudo para levá-los a se sentir assim. Eles se mostram silenciosos, apressados, discretos e falam de dinheiro. Já na padaria chegam livres, vestidos com roupas elegantes ou então de short, acompanhados pelos filhos, querendo comprar algo que lhes dê prazer. Nem

sempre nos lembramos disso, mas todo mundo come pão: ricos, pobres, gente de todas as religiões, de todas as origens. Assim, numa única manhã, vi passar por aqui metade do bairro. É divertido. A florista parece menos estressada do que quando está atrás das suas flores. Eu nunca tinha visto o dono da oficina de camisa branca nem o dono da farmácia de camisa polo fluorescente. Às 11h30, recebi inclusive uma visita de Xavier.

– Ué... O que você está fazendo aqui?

– Tentando mudar de ramo. O que você vai querer?

– Uma baguete, quatro folheados de carne e um brioche, por favor. Que estranho pedir isso para você...

Ele me olha como se estivesse me vendo pela primeira vez.

– Você fica bem bonita de cabelo preso...

– Onze e cinquenta – interrompe a Sra. Bergerot.

Faz quinze minutos que ela está vigiando Mohamed pela janela. Ele posicionou uma pilha de caixotes vazios que invade a vitrine dos doces em pelo menos 10 centímetros. Vai ter guerra. Já posso ouvir as sirenes antiaéreas e ver se armar a reunião de crise na ONU. Aposto que, assim que ela tiver alguns instantes livres, vai sair e fazer um dos seus discursos sobre protecionismo econômico e gestão de espaços de venda para ele. Engraçado, pois, ainda que a Sra. Bergerot seja muito humana, quando o assunto é a sua loja, ela não consegue deixar de parecer um ministro do Comércio defendendo seus interesses diante do conselho europeu. Usa palavras supertécnicas, uma linguagem econômica totalmente desproporcional. De onde será que ela tira isso? Eu só vi revistas de fofoca na cozinha...

É estranho, mas hoje de manhã senti demais o olhar das pessoas sobre mim. Percebo muito bem que, trabalhando aqui, acabo entrando um pouco na sua vida privada. Ouço pequenas histórias, novidades. Cada um se revela um pouquinho. Ficamos sabendo de muitas coisas pessoais. Isso jamais acontece num banco. Por sua vez, os clientes me avaliam, me espionam enquanto se confidenciam com a Sra. Bergerot, ponderando se sou boa o bastante para estar ali, se sou digna de confiança para escolher seus doces, para pegar no seu pão antes deles. Acho isso tocante, de verdade.

12h15. Estou exausta. Vanessa segura o tranco, e a Sra. Bergerot continua com o frescor de uma rosa. Começo a trocar as bolas, embalo pela segunda vez

as bombas que confundi com os *saint-honorés* pequenos... Inverto café e chocolate. Um horror. Vanessa não parece se importar. A patroa finge que não viu. Logo, logo vai dar uma da tarde e será o fim do meu calvário.

De repente, na fila dos últimos clientes, vejo Ric. Daí não consigo fazer mais nada. Preciso me concentrar feito louca para diferenciar um pão rústico redondo de um pão *bâtard* de fôrma. Há quatro clientes na sua frente. Acho que ele ainda não me viu. Abaixo a cabeça, embalo, vou até os fundos perguntar se ainda sobrou alguma baguete. Dois clientes. Ele está de bermuda e camiseta azul-marinho. Com a barba por fazer. Faz dois dias, seis horas e 23 minutos desde a última vez que o vi. Não sei se vocês acreditam em sinais, mas eu, sim, principalmente quando eles são favoráveis. Quando estava no ensino médio e o cachorro dos vizinhos da rua estava no jardim, eu ficava feliz, e isso significava que, se tivesse um teste naquele mesmo dia, tiraria uma nota boa. Se, além disso, o cachorro me deixasse fazer festa através da grade, eu tiraria quase 10. O nome desse cachorro era Clafoutis, e ele era o meu amuleto da sorte no caminho para a escola. Que bobagem. Já hoje, não vejo nada que possa acariciar para me trazer sorte. Até tem a Vanessa, mas já posso ver o que vai acontecer se eu esfregar a cabeça dela dizendo: “Que cachorro bonzinho...” Diminuo o ritmo enquanto embalo minha torta de maçã para que Vanessa atenda a senhora logo na frente de Ric. Se der certo, quem vai atendê-lo serei eu, e isso vai significar que vamos nos amar para toda a vida. Vanessa vai para os fundos da loja para pegar uma encomenda. Fico me demorando no momento de dar o nó em volta da caixa. Pareço uma criança do maternal amarrando o cadarço. Chego a pôr a língua para fora, igualzinha. Vanessa volta e atende a senhora. Deu certo. Levanto a cabeça e, neste instante, Ric me reconhece. Pelo menos posso dizer que o vi espantado uma vez na vida. Ele chega a ficar estupefato, pior do que Alfred Nobel com sua dinamite.

– Oi, Ric.

Ele gagueja. Eu não teria imaginado que isso fosse possível.

– Achei que você trabalhasse no *Crédit Commercial du Centre*...

– Estou aqui desde hoje de manhã enquanto decido se posso mudar de emprego.

Ele parece desestabilizado e recomeça:

– É para você que peço o que eu quero?

“Sim, Ric, me peça tudo o que você quiser.”

– Estou aqui para você, enfim, quero dizer, estou aqui para isso.

– Então vou querer meio pão e as duas pizzas que sobraram.

“Quer dizer que você não está mais a fim de comida chinesa?”

Enquanto preparo a embalagem, pergunto a ele, num tom leve:

– Foi correr hoje de manhã?

– Não, dormi tarde demais ontem, tive um compromisso.

“Com quem? Tomara que não tenha sido com nenhuma garota. E as duas pizzas são para duas pessoas de uma vez só, ou para você sozinho comer em duas refeições?”

Ele me olha e de repente diz:

– Você está a fim de jantar comigo um dia desses?

Vou desmaiar. O cansaço, os mil tipos de pães para memorizar, as pequenas manias dos clientes, o olhar irritado de Vanessa, a louca Sra. Crustatof que demora duas horas para escolher sua fatia de pudim e ele, que aparece na sequência e me convida para jantar, tudo isso é demais para mim. Apoio-me discretamente no balcão e tento responder como se ele não tivesse acabado de provocar fogos de artifício dentro da minha cabeça.

– Com prazer, mas quem convida sou eu. A gente faz uma coisa simples, na minha casa. Pode ser?

– Pode. Sexta-feira está bom?

Finjo que estou pensando, pois é imprescindível que ele pense que tenho muitos compromissos.

– Para mim, acho que dá.

– Ótimo.

Não estou mais cansada. Não sinto mais dor nas pernas. Sei novamente contar até três. As tortinhas de cereja não me assustam mais. Nada pode me atingir. Estou feliz.

Tudo se acelera. Mal tive tempo para me recuperar da manhã na padaria e já fui obrigada a voltar para a agência. Pergunto-me, realmente, o que estou fazendo ali. Minha avó tinha mesmo razão quando dizia: “A vida nos ensina uma pequena lição por dia.” Minha avó era uma fonte de aforismos. Fosse qual fosse a situação, tinha sempre o dom de achar o ditado ou a frase popular cheia de bom senso e capaz de deixar os nervos à flor da pele. Não conheci muito meu avô; ele morreu quando eu tinha 8 anos. Mas me lembro perfeitamente que uma vez ele quase pulou no pescoço dela de tanta raiva, porque, logo depois de um acidente de carro do qual acabara de voltar a pé após perder seu querido automóvel novinho em folha, vovó havia soltado na sequência: “Pelo menos ninguém morreu”, “Quem perde um, ganha dez” e “Não chega a ser o mesmo tormento de comer rato em casamento”, supostamente um ditado afegão... Dissera isso tudo a ele sem nem mesmo erguer os olhos das cenouras que estava descascando. Vi vovô virar um pimentão. No entanto, mesmo com sua filosofia a toda prova, eu bem que gostaria de ver o que vovó teria achado daquilo que estava acontecendo na agência.

Géraldine está na sala de Mortagne; ouço gargalhadas, risadinhas e acho até que eles estão se beijando. Sei que no amor não há regras, mas assim já é demais. Para começar uma história deve haver outras maneiras que não dar um sopapo na cara do outro, principalmente quando quem ataca é a mulher. Agora, pensando no assunto, acho que os gatos também fazem assim. Isso me dá algumas ideias. Na sexta, quando Ric chegar, vou me jogar em cima dele, de surpresa, do alto de um armário, e dar a maior surra que ele já levou na vida com um taco de beisebol. Vou dar vários socos nele, quebrar um dos seus braços, arrancar tufo de cabelo e arranhar sua cara bonita até ele sangrar. Assim, vamos nos adorar. Como a vida é simples quando entendemos como as coisas

funcionam...

É bobo, mas sinto falta do cheiro de pão. Faz dois dias que revivo aquela manhã, pedacinho por pedacinho, ouço de novo os clientes, revejo a Sra. Bergerot. Depois de ter pensado de tudo um pouco, acho que não é uma ideia tão idiota querer trabalhar com ela.

Meu telefone toca. Atendo. É Mortagne. Inclino-me um pouco e o vejo falando comigo, sentado a poucos metros. Ouço melhor a sua voz na agência do que no fone. Que coisa incrível o progresso.

– Julie, pode vir aqui falar comigo, por favor?

Inacreditável, insano, um verdadeiro milagre. Desde que comecei a trabalhar aqui, é a primeira vez que ele me diz uma frase educada, completa e sem erros. Meu *eu malvado* me cochicha para que eu responda que preciso conferir minha agenda para ver se tenho alguém marcado, mas a minha boa consciência intervém.

– Pois não, estou indo.

Sobre o que ele vai falar comigo?

– Sente-se, Julie.

Acomodo-me na cadeira. Nessa manhã, ele nem sequer está de gravata. Será que alguém lhe roubou um pedaço da fantasia, ou será que Géraldine, à moda dos gatos, arrancou-a fora?

– Géraldine comentou comigo sobre sua vontade de nos deixar.

“Traição! Eu juro que, quando ela estiver passando pela porta de segurança, vou soltar o gás paralisante em cima dela. Que vaca! E eu pedi para que ela guardasse segredo...”

– Não vou esconder de você que a notícia é ruim para mim. A senhorita é alguém de confiança...

“Seu inseto miserável, você se atreve a me fazer esse elogio mentiroso depois de ter me arrasado na avaliação há menos de uma semana?!”

– ... mas eu respeito a sua decisão. Géraldine e eu conversamos muito a respeito...

“Por favor, vou precisar de ajuda para respirar, estou sufocando. Sério.”

– ... e ela me convenceu a apoiá-la para que a senhorita possa cumprir seu aviso prévio em troca das suas últimas folgas e férias. Não vamos fazer drama por causa de umas poucas horas! Conte comigo para fazer uma avaliação

superpositiva para a diretoria de RH. Saberei com certeza hoje no final do dia, mas já posso adiantar que, se for conveniente, a senhorita já poderá ir embora na semana que vem.

“Avisem também a reanimação, porque agora estou em estado de choque. Tenho vontade de beijar Mortagne, e também de beijar Géraldine e a samambaia da Mélanie.”

– Não está contente?

“Contente é um eufemismo. Mas não é só isso. Mortagne, seu idiota, você é a prova viva de que mesmo a pior das larvas pode fazer o bem graças ao amor de uma mulher e de um belo sopapo na cara. Você reaviva minha fé na raça humana. O planeta está salvo! Nós somos a mais bela espécie viva que existe, até mesmo você, Mortagne. Os gatos nunca vão vencer. Eu amo você.”

– É claro que estou contente, mas ainda não absorvi a ideia direito. Em todo caso eu lhe agradeço muito, com toda a sinceridade...

Releiam a última frase. Eis a prova de que nesta vida tudo é possível. Abstenhamo-nos de juízos definitivos. Nunca digamos “nunca”. Amemos uns aos outros, mas mesmo assim desconfiemos dos gatos. Eu também vou me transformar num baú de aforismos baratos, é uma tradição familiar.

Minha vida está quase igual ao céu desta sexta-feira de agosto: azul, sem uma nuvem sequer. Daqui a uma hora, Ric vai chegar. A mesa está posta, o apartamento está um brinco. Prendi os cabelos com uma fivela que Sophie me deu de presente, para dar sorte. Me olhei no espelho demoradamente, sorri, falei, estudei-me como se não me conhecesse. E vejam como eu inclino a cabeça com um ar sapeca, como dou gargalhada enquanto lanço um olhar cúmplice para a cortina do chuveiro. Que sedutora essa Julie.

Escolhi um vestidinho leve, a meio caminho entre Marilyn Monroe e uma sacerdotisa inca; não sei se isso os ajuda a visualizar. É um vestido creme, com uma textura de seda gostosa. O único problema é que as alças são finas e, toda vez que mexo um dos braços, meu sutiã aparece. Hesito, adio a decisão e, por fim, levada pela energia que está virando minha vida pelo avesso, resolvo pela primeira vez não usar sutiã. Por nada nesse mundo vou perder esse jantar.

A mesa já está posta porque há dois dias estou ensaiando o jantar. Desde anteontem, toda noite ponho a mesa com nossos dois lugares, corto o pão na cestinha de vime, acendo as velas, sempre novas. Em seguida dobro os guardanapos e degusto minhas vieiras ao molho de alho-poró. Estou à beira de uma indigestão, mas não quero correr o risco de errar o primeiro prato que vamos saborear juntos. Então treino feito uma doida. Vi muito bem que o peixeiro fez uma cara esquisita quando comprei com ele 5 quilos sem concha para duas pessoas. Mas eu precisava treinar, ainda mais porque não tenho margem para erros. Ninguém terá testado meus talentos culinários antes de Ric.

Preciso confessar a vocês mais um dos meus pequenos defeitos: tenho medo de vieiras. Quando eu era pequena, costumava ver mamãe prepará-las. Elas se mexiam na borda da pia... Tenho uma lembrança aterrorizante disso. Chegava a ter pesadelos à noite. O peixeiro aceitou tirá-las da concha, mas, ao prepará-las,

tenho certa vergonha em dizer que tive medo de uma delas rastejar na minha direção e me morder.

Em ambas as noites acertei tudo. As vieiras estavam tanto mortas quanto macias, e os alhos-porós em seu molho cremoso exalavam um perfume delicado. A vitória está quase certa.

No quesito decoração, prestei tanta atenção nos detalhes que mudei o descanso de tela do computador ligado no quarto. Tirei as palmeiras e a praia de areia branca e pus uma paisagem de floresta. Pensei em tudo. Se ele me perguntar por que escolhi essa foto, responderei que adoro correr nesse tipo de paisagem. Mentirosa sem-vergonha. Pensei em tudo. Na noite do jantar, porém, decidi assumir a presença de Toufoufou. Sem chegar ao ponto de pôr um prato para ele na mesa conosco, deixei-o sentado em cima da cama, e ele está parecendo mais feliz. Acho que gostou do meu vestido.

Daqui a 24 minutos, Ric vai chegar. Comprei garrafas de bebida para tomar antes de comer, e joguei parte fora na pia para ele ter a impressão de que recebo mais gente além dele. Daí me inclino sobre o ralo para me certificar de que não está cheirando a vinho nem a destilado, caso contrário minha imagem iria sofrer um novo golpe.

Preparei tudo, só não pensei, em momento algum, sobre qual assunto poderíamos falar. Tenho dois bilhões de perguntas para lhe fazer. Espero descobrir muitas coisas a seu respeito, ainda mais porque minha angústia em relação ao que ele poderia estar fazendo sozinho está longe de ter amenizado. Meu instinto me diz que o rapaz é digno de confiança, mas tenho certeza de que está escondendo algo. Não sei onde trabalha. Ele parece ser freelancer, mas não entendo como as pessoas podem solicitar seus serviços nas redondezas se ele acabou de chegar. Na outra noite, nos cruzamos e ele estava voltando do correio com um embrulho grande. Pareceu incomodado que eu o tivesse visto carregando aquilo. Disse que era material de informática para o trabalho, mas tive tempo de ler o nome da empresa na etiqueta do remetente e, quando pesquisei na internet, descobri que era um fabricante de ferramentas para obra, especialista em serras para cortar metal. Ele, por acaso, conserta os computadores estraçalhando-os como num filme de terror?

Faltam só dez minutos. O telefone toca. Rezo para que não seja ele ligando para desmarcar.

– Alô?

– Oi, querida, é a mamãe. Está ocupada?

– É claro que não. Tudo bem por aí?

– Seu pai está meio cansado, mas com certeza deve ser por causa dos Janteaux. Eles foram embora hoje de manhã, e devo dizer que já foram tarde. A idade não fez bem a eles. Jocelyne não para de falar nos netos, e Raymond vive repetindo o quanto a indústria da relojoaria regrediu desde que ele se aposentou. Mas não é por isso que estou ligando.

– O que houve?

– Imagine que hoje na hora do almoço eu falei no telefone com a Sra. Douglin, e ela me jurou que você estava trabalhando como vendedora na padaria perto da sua casa. Não é incrível?

“Como é que eu vou sair dessa saia justa? Tenho certeza de que a minha mãe foi subornada pelas vieiras para me distrair enquanto elas fogem da caixa e se juntam para me atacar. Ric vai encontrar meu corpo semidevorado e a janela aberta. Será o começo do fim do mundo, e elas vão matar as crianças a golpes de coral marinho.”

– Julie, você está aí?

– Estou, mãe. Na verdade eu estava mesmo lá na padaria, mas foi para dar uma mãozinha. A vendedora Vanessa está grávida e não está conseguindo dar conta. A Sra. Bergerot me pediu.

– Ora, que cara de pau.

– Eu me ofereci, quer dizer, conto tudo no domingo porque agora preciso ir.

– Vai encontrar seu clube de loucas?

– Mãe, elas não são loucas.

– É claro que são, iguaizinhas a mim na mesma idade, e elas têm razão. Vai lá, querida. Liga para mim no domingo?

– Pode deixar. Um beijo. Não esquece de mandar um beijo para o papai!

Faltam quatro minutos para a hora marcada. Verifico meu penteado. Aliso o vestido. Não consigo parar quieta. O que vou dizer aos meus pais em relação ao trabalho novo? Como vou conseguir passar uma noite inteira com Ric quando, em geral, só preciso de alguns minutos para fazer algo ridículo? E se Toufoufou começar a falar? E se eu pagasse as vieiras para que elas pulassem sozinhas na panela?

A campainha toca. Vou abrir. Ele está lá. Jeans impecável, camisa branca um pouco aberta. Está segurando alguma coisa às costas.

– Boa noite.

– Entre. Estou feliz de verdade por você ter vindo.

“Sua jovem desmiolada. Não demonstre apego tão depressa.”

– Sou eu quem estou feliz por ter vindo.

– Vai ser tudo bem simples e rápido, sabe? Improvisei o que consegui. Não ando com muito tempo.

Ele entra e me estende um magnífico buquê de flores redondo. Solto uma exclamação e agradeço. Acho que poderia ter me aproveitado e dado dois beijinhos nele, mas demorei demais e agora ficaria parecendo calculado. O buquê é multicolorido e realmente bonito. Para decifrar a linguagem das flores vai ser complicado, porque tem de tudo. Frésias azuis: constância; rosas vermelhas: paixão; um pouco de verde: esperança e fidelidade; margaridas: amor simples; tem até amarelo: traição. Se eu tentasse fazer um resumo, ele vai me amar, durante muito tempo, com tentações às quais saberá resistir naturalmente. Mas existem tantas variedades diferentes no buquê que ele me deu que podemos também ler que ele vai fazer sexo selvagem comigo e depois fugir pulando pela mesma janela que as vieiras... Melhor pensar que é só um buquê bonito. Pego um vaso e encho d’água.

– E a perna, melhorou?

– Não me incomoda mais todos os dias, mas para correr ainda não é o ideal. Fiz uma tentativa com uma amiga. Não deu muito certo. E você, continua correndo?

– Não muito ultimamente.

“Mentiroso. Cuidado. Tenho um esquadrão de vieiras prontas para o ataque, só esperando a minha ordem.”

– Você está pensando seriamente em largar o emprego no banco e ir trabalhar na padaria?

– Estou, pelo menos por um tempo. Acho que não tenho a mentalidade adequada para trabalhar num banco. Em todo caso, não quero envelhecer lá.

– Que legal ter coragem de mudar assim tão radicalmente. Estou impressionado.

Ponho o buquê em cima da mesa e o convido para se sentar.

– Obrigada mais uma vez pelas flores.

Ele dá uma olhada na direção do quarto.

– E seu computador, não deu mais problema? Vejo que está funcionando.

– Graças a você, sim. O que vai querer beber? Não tenho muita coisa. *Pastis*, uísque, porto... o porto está excelente. Tenho também um muscat geladinho, cerveja, e deve ter sobrado um restinho de vodca que a gente pode misturar com suco de laranja se você quiser.

– Um suco de laranja puro, se você não se incomodar.

“Putz! O que vou fazer com toda essa birita? A pia já bebeu bastante, mas se eu derramar tudo no ralo ela vai ficar de porre.”

– Tá, suco de laranja. Vou acompanhar você.

– Pode beber se estiver com vontade.

“Isso. Você vai me chamar de alcoólatra no nosso primeiro jantar...”

– Não, tudo bem. As bebidas são mais para as pessoas que eu recebo.

Sirvo o suco e emendo:

– E você, no trabalho? Tudo bem?

– Não posso reclamar. No mês de agosto é sempre mais calmo, porque muitas empresas diminuem o ritmo; por outro lado, os concorrentes também estão de férias, o que me permite ganhar espaço.

“Muito bem, rapaz. O que você diz soa verdadeiro, mas estou só observando, e cada pequeno sinal no seu rosto, ainda que ínfimo, vai me confirmar se você está dizendo a verdade ou não. Não, por favor, não olhe para mim com esses belos olhos escuros, eles me deixam inteiramente sem ação.”

Prossigo meu interrogatório:

– O que trouxe você para cá? Tem família por perto?

– Não, na verdade não. Gosto de mudar de lugar e estava a fim de calma, de privilegiar a qualidade de vida.

“Ele está jogando duro. Esse homem não se entrega tão fácil. Mas deixa comigo, você não vai sair deste apartamento sem ter respondido a algumas perguntas, como, por exemplo: de onde vem esse nome engraçado? O que tem dentro da sua mochila? Você me ama?”

A noite começa bem. Conversamos. Apesar de tudo correr como eu havia sonhado, Ric não revela grande coisa sobre si mesmo. As vieiras ficam perfeitas, assim como o rosto dele. Ric relaxa, eu também. Falamos de cinema, culinária,

viagens. Rimos cada vez mais espontaneamente. Isso não muda em nada o riso dele, mas o meu vai ficando cada vez mais parecido com o de uma hiena que prendeu a pata numa escada rolante. Reparo que ele me observa. Esforço-me para não olhá-lo tanto quanto tenho vontade. Ele passa o pão no prato para comer o resto do molho, e eu penso que estou começando a ficar realmente apaixonada.

Queria que essa noite não terminasse nunca; queria que ele me contasse mais sobre o vento no seu rosto quando ele velejava, que me dissesse o que espera do futuro. Às vezes os seus silêncios e hesitações mostram que ele não está acostumado a falar. Comigo, ele fala. É para mim que sorri, muito embora eu perceba que os seus pensamentos às vezes o levam mais longe do que as simples palavras que ele pronuncia. Se eu confiasse no que sinto bem lá no fundo de mim mesma, juraria que esse homem tem um segredo. Se algum dia ele me contar o que é, nossos destinos estarão unidos para sempre. Queria que esta noite fosse apenas o começo, que nós nunca mais nos deixássemos. Quero sentir sempre o que estou vivendo neste instante, a vontade de entregar tudo àquele que vai me aceitar.

A maldição e o destino, porém, decidem estragar mais uma vez a minha felicidade. A violência da explosão faz nós dois cairmos da cadeira.

Sei o que minha avó teria dito. Aliás, ela teria tido uma farta escolha. Enquanto descascasse as cenouras, poderia ter declarado: “O crime não compensa”, ou “A conta sempre chega”, ou ainda “Bem obtido por maus meios nunca traz lucro”, ou até “A górgona pode transformar o justo em pedra, mas, mesmo assim, sua alma ganhará os céus qual uma borboleta”.

O fato é que, quando tudo explodiu dentro do meu apartamento, eu lancei meu prato aos ares e desabei da cadeira. Ric, por sua vez, abaixou-se espontaneamente diante do perigo e pulou na minha direção para me proteger. Descobri, por fim, o que ele é: um agente secreto, o melhor da sua profissão, que está fugindo de um passado excessivamente pesado e tentando refazer a vida.

A deflagração ocorreu no meu quarto. Foi o computador que explodiu. Houve fumaça, algumas labaredas e, sobretudo, um fedor sufocante de plástico queimado.

Ric pega um pano de prato depressa e o molha na torneira.

– Abre a janela. Não é bom respirar isso.

Ele se lança na direção do aparelho infernal, arranca o fio da tomada, afasta as minhas coisas e cobre o aparelho com o pano úmido. Estou tremendo feito vara verde. Chego perto, tomando cuidado para ficar atrás dele.

– Não funcionou por muito tempo – brinca Ric para descontrair o clima enfumaçado.

Ele se debruça sobre o computador. A parte de trás da torre está eviscerada. As bordas estão negras como se alguém o tivesse alvejado com um míssil.

– Caramba... dessa vez não vou conseguir consertar dando um reboot. Você salva as suas coisas num HD externo?

– De vez em quando, sim.

– Sua apresentação ainda estava aí dentro?

– Tenho uma cópia lá na agência...

“Mesmo à beira da morte, ela segue mentindo.”

– A julgar pelo estrago, acho que não vai dar para salvar o disco rígido. A última vez que vi algo assim foi quando ainda estava estudando. Um engraçadinho mexeu nos circuitos de alimentação elétrica, e a máquina explodiu. Exatamente desse jeito.

Ele percebe que estou tremendo. Segura as minhas mãos.

– Está tudo bem, Julie. Passou. Ele não vai explodir duas vezes. Mas você deveria ir respirar ar puro na cozinha, porque essa fumaça é tóxica. Não quero acabar a noite no pronto-socorro.

Eu obedeço. Como quem não quer nada, pergunto:

– O que o seu colega tinha feito na alimentação elétrica?

– Tinha estragado um componente minúsculo, uma resistência à toa. Nesse tipo de máquina, o tamanho dos elementos não tem relação nenhuma com a sua importância. Pelo menos o incidente permitiu que a gente aprendesse isso e nunca mais esquecesse.

“Você também aprendeu alguma coisa, Julie. Acabou de inventar uma bomba-relógio que explode na hora em que lhe dá na telha.”

Ric observa a máquina ainda mais de perto.

– Você teria uma lanterna? – Ele se levanta, sorri e arremata: – É claro que tem, ela é até de estimação...

Minha vontade é desaparecer por um buraco na parede. Minha noite de sonho está virando uma investigação de peritos da polícia após um atentado. Vou precisar recorrer ao setor de psicologia. Se eu lhe der a lanterna por causa da qual entalei a mão na sua caixa de correio, ele corre o risco de ver o componente que sabotei para atraí-lo até a minha casa. Entende o horror e o ridículo da minha situação?

Finjo que não ouvi nada e continuo a respirar ar fresco na janela da cozinha, como o cachorro que põe a cabeça pela janela do carro para curtir o vento, de língua para fora. Ric tem a bondade de não insistir e apenas pergunta:

– Você desliga o computador durante a noite?

– Nem sempre.

– Então você teve muita sorte, porque se a mesma explosão ocorresse durante o seu sono, poderia ter provocado um ataque cardíaco, e talvez até um

incêndio.

“Ora, vejam, eu tive sorte... Nosso primeiro encontro se transformou numa cena de guerra. Uma sorte, de fato.”

Ele acrescenta:

– A gente sempre pode dizer que no nosso primeiro jantar saiu até faísca! Só que com esse cheiro e essa fumaça esquisita me parece difícil...

– Não vamos nos despedir assim!

Um apelo intempestivo do coração. Sei que eu não deveria ter dito isso, mas saiu sem querer. As duas últimas vieiras do prato dele já devem ter esfriado, e as minhas estão coladas na parede, com o prato estilhaçado logo abaixo. O belo clima de cumplicidade evaporou, e meu apartamento fede. Começo a ficar triste.

Ele sai do quarto.

– Se você quiser, a gente pode levar seu delicioso jantar para a minha casa e acabar lá.

A gratidão toma conta de mim. Mesmo que ele seja um ex-espião foragido, jamais vou denunciá-lo. Estou disposta a jurar ter passado a noite com ele para lhe dar um alibi. Estou disposta até a passar de fato a noite com ele para aumentar a credibilidade.

Colocamos tudo numa bandeja e subimos para o seu apartamento. Ele abre espaço na mesa, nós dois rimos bastante. Parecemos duas crianças fazendo um piquenique.

– Desculpe, não tenho nenhuma toalha de mesa bonita e meus copos são horríveis, mas pelo menos vamos conseguir terminar de comer sem máscara de gás.

Sentamos à mesa, e o milagre acontece. Recomeçamos a conversar, e tudo se normaliza como se o computador não tivesse explodido. Em determinado momento, ainda me sinto tão no clima do começo da noite que me levanto para ir até minha geladeira, mas acabo indo parar em frente à porta do banheiro.

Ric solta uma gargalhada. Dessa vez, seu riso não tem nada de dissimulado. Soa sincero, potente, instintivo. Tudo de que eu gosto.

– Deixa que eu pego a sua sobremesa – diz ele.

Torno a me sentar e o observo agindo. Ele põe o belo doce de morango numa travessa. Foi meu primeiro pagamento na padaria. A Sra. Bergerot me deu o doce de presente em agradecimento pela minha manhã de trabalho no domingo.

Pouco antes, ao me estender a caixa, disse que achava que eu daria, sem dúvida alguma, uma vendedora excelente e que, enquanto eu não decidisse o que queria fazer da vida, ela teria prazer em trilhar comigo uma parte do caminho. Esse doce de morango não é uma simples sobremesa: representa a minha sorte, o fruto do meu trabalho, e vou dividi-lo com Ric.

– E na escola, você era CDF ou mau aluno?

– Eu estudava direitinho. Gostava de rir, mas não era eu quem fazia as palhaçadas. Devo dizer que as coisas em casa não eram fáceis...

Ele não termina a frase. Levanta-se para se recompor, mas dá para ver muito bem que não está à vontade, como se tivesse falado demais. Sim, é isto: parece que ele falou demais e se colocou numa situação constrangedora. Quando estive na mesma situação, ele sempre se comportou com elegância. Eu lhe devo essa ajudazinha. Retorno ao assunto anterior, então:

– Eu só repeti de ano uma vez, no segundo ano do ensino médio.

– Em qual matéria?

“Garotos.”

– Matemática, um pouco, mas sobretudo em disciplina.

– Indisciplinada, você?

– Sim, senhor!

Rindo, ele ajeita os pratos de sobremesa. De repente, fica paralisado. Apesar de eu não ter dito nada de problemático. Ele apura os ouvidos.

– Não está ouvindo nada?

– O que eu deveria estar ouvindo?

Ele se vira e corre até o banheiro. Desaparece atrás da porta, que se fecha sozinha.

Ouçoo-o resmungar. Escuto um barulho impossível de identificar. Ele diz um palavrão. Não há dúvida: foi ele mesmo quem se machucou na escada daquela vez em que a luz apagou.

– Julie!

Corro até lá. Não me atrevo a abrir a porta.

– É para eu entrar? – pergunto.

– Sim, por favor.

Agora escuto o barulho. Empurro a porta e vejo Ric em pé dentro da banheira, segurando um cano de seu boiler preso à parede do qual a água vaza

com força. Ele tenta em vão segurar alguma coisa. E reclama:

– Eu sabia que ia ter que mexer no encanamento, mas achei que ainda fosse aguentar um pouco...

A água espirra por toda parte, inclusive para fora da banheira. Eu chego perto, tomando cuidado com a água no chão.

– Não vá se queimar – digo, preocupada.

– Não tem perigo, é a entrada de água fria. Você poderia ir até debaixo da pia da cozinha fechar o registro? Seria bom...

– Estou indo.

Abro o armário embaixo da pia e procuro o registro. Retiro tudo o que está na frente. Ferramentas, e das grandes. Enxergo o registro e estendo o braço para tentar fechá-lo, mas não consigo. É tão velho que deve estar emperrado. Faço força até ficar com os nós dos dedos brancos, mas nada. Aborrecida, volto para o banheiro. A água vaza cada vez mais; Ric está encharcado.

– Não consigo. Não tenho força suficiente.

Ric continua tentando conter o vazamento, que está se transformando numa enxurrada.

– Se eu soltar aqui, a emenda vai se romper e causar uma inundação. Droga de apartamentos velhos...

– Eu posso segurar para você.

Ele me lança uma olhadela. O vazamento aumenta mais ainda. Insisto:

– Sou mais baixa do que você, mas acho que consigo. De toda forma, não vejo outra solução...

Ele balança a cabeça, resignado. Tiro os sapatos e chego mais perto. Incomodado pela água que lhe fustiga o rosto, ele quase grita:

– Desculpe por obrigá-la a fazer isso. Entra aqui na banheira. Você vai ter que passar entre os meus braços e pôr as duas mãos em volta da emenda. A ferrugem deve ter corroído a superfície de metal do boiler e talvez ele quebre junto com o cano.

Faço sinal de que entendi. Passo a perna pela borda da banheira. A água gelada me molha. A pressão do vazamento é bem mais forte do que parece. Passo por baixo do braço de Ric e me colo no seu tronco. Já passei por essa situação com ele, só que sem a ducha fria. Estou com os pés dentro d'água e com a cara toda molhada; até para o meu rímel à prova d'água vai ser difícil resistir.

Ric guia minhas mãos até a emenda. Sinto o contato do seu corpo. Tenho enorme dificuldade para pensar apenas na tarefa que devo cumprir. A água nos encharca. Ele grita no meu ouvido:

– Ponha as duas mãos em volta e aperte com toda a sua força. Quando eu tirar as minhas você vai sentir a pressão da água. Preparada?

Meneio a cabeça. Seu queixo está encostado na minha bochecha; a água escorre sobre nós dois. Como chegamos a esse ponto? Sinto-me estranha. Minha vontade é de me virar, esquecer o vazamento e beijá-lo. Estou nos braços dele, debaixo d'água. O barulho do vazamento ecoa no banheiro. Perco a concentração.

– Cuidado, vou tirar as mãos – diz ele. – Fique tranquila, não vou demorar.

Os braços dele se afastam aos poucos, e junto com eles, o seu corpo inteiro. Fecho os olhos. Ele sai da banheira e depois do banheiro. Fico sozinha debaixo daquele jato gelado. Realmente, o metal deve estar enferrujado, pois sinto a superfície do boiler se deformando sob os meus dedos. De repente, a pressão do vazamento diminui. A água acaba parando de escorrer. É então que percebo que meu vestidinho está tão ensopado que ficou quase transparente, no único dia da minha vida em que não estou de sutiã.

A porta do banheiro se abre. Ric aparece, ele também está encharcado, com a camisa colada à pele. Tem um corpo lindo. Espero que esteja pensando o mesmo de mim... Eu pareço uma pateta, em pé dentro da banheira, sem saber o que fazer a não ser olhar para ele.

– Você deve estar morrendo de frio – diz ele, apressando-se em abrir um armário para pegar uma toalha de banho.

Ele desdobra a toalha, me ajuda a descer e a enrolar em volta de mim. Com um gesto delicado, esfrega as minhas costas. Mais uma vez fica encostado em mim, com água escorrendo do rosto. Adoro quando fica com os cabelos bagunçados e molhados. Ele consegue falar, eu não.

– Obrigado. Hoje à noite nós dois tivemos sorte. Se a gente não estivesse aqui para conter esse vazamento, o estrago teria sido enorme, sem falar no teto do apartamento de baixo...

Uma explosão e uma inundação na noite do nosso primeiro jantar. Se esses forem sinais, não sei muito bem como devo interpretá-los. Continuo sem dizer nada. Acho que estou em choque. Não por causa da água gelada, nem por causa

do jantar que foi por água abaixo, ou por causa do vestido estragado ou dos seios visíveis, mas por causa de Ric.

Ele pega uma toalha e começa a enxugar seu rosto.

– Parece que alguém resolveu complicar a nossa vida hoje à noite – diz, rindo. – Mas a gente não vai se entregar assim tão fácil. Ainda temos a sobremesa para comer. Prefere ir em casa trocar de roupa?

Nem pensar em me afastar dele, nem por cinco minutos. Acho que ele percebe isso no meu olhar.

– Ou também posso emprestar uma roupa.

Tenho tão pouco controle sobre mim que acho que concordo com a cabeça. Ele me leva até o seu quarto. Pega uma bermuda e uma camisa grossa.

– Vou deixar você se trocando e enxugando o excesso de água. Via de regra, a gente já pagou nosso pedágio para o azar. O fim da noite deve ser tranquilo...

Ele sai e fecha a porta. Continuo muda. Tiro o vestido. Estou nua no seu quarto. Realmente fizemos tudo na ordem errada. Imagino Géraldine no meu lugar. E os gatos. Ela com certeza já teria feito loucuras com o próprio corpo, e os gatos teriam fugido por causa da água. A camisa dele é superconfortável. Não tem nem mesmo um espelho para que eu veja como estou, vestida com essa bermuda grande demais para mim e com aquelas mangas também compridas. Torço para que o rímel tenha aguentado... Viro-me na direção da sala. Ele está no banheiro secando o chão com toalhas, sem camisa.

– Dessa vez vou ter que trocar o boiler. Nem adianta ligar a água antes... Você acha que posso pedir ajuda ao Xavier?

“Você também poderia nunca mais ligar a água e ir tomar banho na minha casa. Poderia até se mudar para lá, se quisesse.”

– Tenho certeza de que ele aceita ajudar você. Além do mais, vocês parecem se dar bem.

Ele se levanta. Chega bem pertinho de mim. Fico sem graça. Mas ele só passa por mim.

– Vou trocar de roupa também...

Nós nos encontramos à mesa e comemos em silêncio o meu primeiro salário como vendedora da padaria, sem nos atrevermos a nos olhar. Como se deve reagir nesse tipo de situação? Não consigo esquecer a imagem do seu peito molhado. Se o que dizem sobre os homens for verdade, ele deve estar se

esforçando para esquecer a imagem dos meus peitos estilo concurso de camiseta molhada.

– O doce está uma delícia – diz ele, finalmente olhando para mim.

Sorrio, certamente como jamais sorri para ninguém.

Despedimo-nos por volta de uma da manhã. Conversamos sobre tudo, menos sobre ele. Na hora da despedida, nos beijamos no rosto sem hesitação. Por pouco não passei o braço em volta do seu pescoço, mas consegui me controlar. Ele foi perfeito. Tudo foi perfeito. A explosão, o vazamento, seus olhares, sua pele. Desci para casa na ponta dos pés, com o vestido molhado dentro de um saco plástico e usando as roupas dele.

Foi estranho entrar no meu apartamento, primeiro porque o fedor persistia, e segundo porque Ric não estava lá. Fui me deitar vestida com as roupas dele, mas não consegui dormir. Tentei imaginar como fazer para não devolver as peças. Poderia inventar um roubo e dizer que alguém as levou. Poderia fingir que os pássaros as carregaram depois que as estendi na janela para secar – na intenção de devolvê-las limpas. Estava perdendo o juízo. Iria apenas me fingir de morta e esperar ele me pedir as roupas por carta com aviso de recebimento.

Devo ter pegado no sono uma hora antes de o despertador tocar. Melhor dizer logo que meu rendimento na agência foi bem relativo. Passei a manhã inteira longe, dividida entre a lembrança de Ric se comportando como um agente especial quando o computador explodiu e a de Ric em pé na minha frente, com a camisa colada no peito após o dilúvio. Ou seja, fiquei pensando nele.

É estranho, porque hoje de manhã, apesar do meu ar maldormido e sonhador ao mesmo tempo, Géraldine não me perguntou se eu fizera loucuras com meu corpo. E olha que dessa vez eu teria tido o que contar.

Ao voltar da agência, passei pela padaria. A Sra. Bergerot me chamou no canto.

- Você está com uma cara cansada, minha Julie.
- Teve um problema de vazamento no prédio ontem à noite.
- Eu pensei bem, sabe, e seria bom se você pudesse começar na terça-feira,

22.

- Daqui a uma semana?
- Espero não ter pegado você desprevenida...
- Não, tudo bem. Não se preocupe.
- “Só preciso dormir um pouco antes...”

Então, vou terminar o trabalho na agência sexta-feira e começar como vendedora na padaria na terça seguinte. Agora, não me resta escolha: vou ter que contar aos meus pais.

Com certeza, você vai me achar uma irresponsável, mas quando eu saí do banco não estava nem pensando no que precisava fazer antes de mudar de profissão. Meu único pensamento era o que poderia fazer para ver o Ric regularmente. Era uma loucura a falta que ele me fazia. Eu ia voltar para casa, nem sequer almoçar e me dar de presente um pequeno intervalo enrolada nas suas roupas.



Estou quase em frente à porta de casa quando ouço uma vozinha me chamar:

- É você, Julie?

O chamado vem dos andares de cima. Curvo-me por cima do corrimão e estico o pescoço.

- Quem é?
- Sou eu, a Sra. Roudan. Você poderia subir aqui, por gentileza?

Com minha baguete na mão, subo os dois andares. Passo em frente à porta de Ric. Será que ele está em casa?

A Sra. Roudan está me esperando no patamar da escada. Parece-me cansada.

- Desci até o seu apartamento agora há pouco. Que bobalhona, tinha esquecido que você trabalhava sábado de manhã. Daí fiquei esperando.
- A senhora deveria ter me deixado um recado, ou então me ligado...
- Isso teria me obrigado a descer outra vez e, na minha idade, é melhor se poupar. E telefone eu não tenho mais... Você tem um minuto?

- Claro.

Ela faz sinal para que eu a siga até a sua casa. Nunca visitei tantos apartamentos desse prédio quanto nos últimos dias. Ao cruzar a porta, é como se

eu tivesse atravessado uma máquina do tempo. Tudo é velho e patinado. Os quadros amarelados estão descascando. Impossível saber qual era sua cor original. Uma mesa de madeira, uma solitária cadeira. Na pia de louça branca, um único prato de borda gasta. A geladeira arredondada emite um barulho de diesel. Sobre ela, um vaso de flor vazio. Eu já ouvira dizer que a Sra. Roudan era a moradora mais antiga do prédio, mas não pensava que fosse tão antiga assim.

Ela puxa um velho banquinho bambo e me aponta a cadeira. Eu recuso.

– Vamos fazer diferente, se a senhora não se importar.

Ela aceita sem resistência. Parece estar com dor nas costas. Não é de se espantar, considerando os carrinhos abarrotados que vive puxando para todo lado.

– Julie, você talvez não saiba, mas eu a conheço faz tempo. Quando era mais jovem, eu passava um pouco de roupa na casa de alguns vizinhos dos seus pais. Ouvia você rindo no jardim da sua casa com seus amigos...

– A senhora nunca me contou.

– Eu falo pouco. E fiquei feliz quando você se mudou para cá.

Estranhamente, ela parece espiar minha baguete com um olhar de cobiça.

– Você deve estar se perguntando por que lhe pedi para subir.

– Estou.

– Eu confio em você, e se aceitar gostaria de lhe pedir um favor. Vou precisar sair de casa por alguns dias.

– A senhora vai viajar?

– Na verdade, não. Preciso ir para o hospital.

Franzo o cenho.

– Nada grave, certo?

– Em junho o médico me pediu alguns exames, e o resultado não foi bom. Ele me pediu outros, daí acharam um negócio ruim. Na semana passada, fui ao hospital fazer uma biópsia, e ontem eles me avisaram que eu teria que voltar por no mínimo um mês.

Ela diz tudo isso com simplicidade, sem nenhuma emoção especial.

– Como você pode ver, não sou rica, e se a previdência não pagasse por tudo, sem dúvida eu já estaria morta.

– O que posso fazer para ajudar a senhora?

Ela me aponta a porta do seu quarto de dormir.

– Queria que você cuidasse da única coisa que tem alguma importância para mim...

“Ela vai me pedir para vir dar comida à família de refugiados que hospeda em segredo. É a cara dela. A Sra. Roudan tem um grande coração.”

– ... se eu voltar, vou precisar disso para continuar vivendo.

Ela se levanta, apoiando-se na mesa, e vai até o quarto com passos miúdos. Uma cama antiga com uma colcha trabalhada conforme as de antigamente, um edredom puído, um pequeno criado-mudo com uma foto um tanto apagada apoiada no pé de um abajur de outra época, um guarda-roupa reparado e um quadro todo empoeirado que retrata uma cena de colheita em cores desbotadas.

Ela vai na direção da janela, a abre e começa a passar com dificuldade por cima do parapeito. Precipito-me na sua direção.

– Não pule!

Ela dá uma risadinha.

– Não se preocupe, Julie. Olhe.

Ela aponta para fora, e eu arregalo os olhos. Debaixo da janela descubro uma pequena horta plantada na laje do edifício ao lado. Tomates, alfaces, ervilhas, outros legumes e alguns pés de morango se espalham por esse jardim suspenso clandestino.

– Arrumei isso discretamente. Trago a terra no carrinho e planto. Ninguém sabe. Talvez o pessoal do prédio ao lado se dê conta algum dia, mas daí veremos.

Minha expressão de incredulidade lhe causa bastante orgulho. De fato, é preciso criatividade e uma baita coragem para criar esse estranho espaço.

– Seria ótimo se você pudesse vir regar as plantas durante a minha ausência. Eu sofri para plantar isso tudo sozinha. Ficaria triste se elas morressem. Pode pegar os legumes, seria uma pena eles estragarem.

Estou impressionada, emocionada.

– Por que a senhora não disse nada antes? Eu poderia ter ajudado.

– As pessoas têm sua própria vida. Não gosto de atrapalhar.

– Quando vai precisar ir para o hospital?

– Segunda de manhã. Vou deixar minha chave na sua caixa de correio.

– E onde a senhora vai ficar internada?

– No Louis Pasteur.

– Eu vou visitá-la.

– Não perca seu tempo. Em vez disso, venha ver onde guardo o regador e as ferramentas de jardinagem.

Nessas três últimas semanas, tenho a impressão de ter vivido mais experiências do que durante toda a minha vida. Estou totalmente esgotada. Um excesso de emoções, todas muito diversas. Deixo minha baguete para a Sra. Roudan e desço para casa. Visto a camisa de Ric e tento organizar meus pensamentos.

O cheiro de queimado persiste. Embalo com cuidado, num saco de lixo, meu computador destruído, enquanto não decido o que fazer com ele. Em seguida, acendo algumas velas perfumadas. Por ora, a mistura de jasmim com os componentes eletrônicos queimados não é lá muito agradável...

Sobre a mesa e na cozinha ainda estão espalhados os restos de nosso jantar interrompido. Guardo tudo, ou quase tudo. Ainda não quero lavar o prato e o copo que ele usou. Assim, tenho a impressão de que ele ainda está um pouco aqui.

Ouvi dizer que, se bebermos no copo de outra pessoa, ficamos sabendo tudo o que ela pensa. Sinto vontade de experimentar. Saberei, enfim, o que ele acha de mim, e o que faz com todas aquelas ferramentas bizarras que tem debaixo da pia. Esse homem decididamente é estranho.

Alguém bate à porta. Certamente a Sra. Roudan, que se esqueceu de me dizer algo. Vou abrir. Não é a Sra. Roudan. É o homem cuja camisa estou vestindo e que nunca deveria me ver esculhambada como estou agora.

– Oi.

– Oi, Ric.

Ele aponta para a própria camisa.

– Fica bem em você. Obrigado de novo por ontem à noite. Foi bem doido, mas tive mesmo uma noite bem legal.

– Eu também.

– E o cheiro do computador, melhorou?

– Coloquei-o dentro de um saco, vou jogar fora.
– Você quer que eu tente recuperar os dados do seu disco rígido?
– Se achar que é possível, sim, eu gostaria, mas você deve ter mais o que fazer. Não tinha nada realmente importante lá.

– Vou levar, então, e dou uma olhada quando tiver um tempinho.

– Ótimo.

Ele tira um papel do bolso.

– Toma, anotei aqui o meu telefone. Não ligo o celular sempre, mas nunca se sabe.

Pego depressa o precioso papel e vou até a minha escrivaninha anotar o meu número. Quando me viro, levo um susto. Ele está ali, no meu quarto. Veio atrás de mim.

Em cima da minha cama ainda meio desfeita, Toufoufou está quase dentro da sua bermuda.

– E agora que está sem computador, como você vai fazer?

– Devo conseguir um laptop velho com alguém para ver meus e-mails. Quanto ao resto, uma vendedora de padaria não tem muitos relatórios nem apresentações para fazer, sabe...

– Com certeza.

– Você vai correr amanhã de manhã?

– Vou tentar, mas tenho umas coisas para preparar.

“Umas coisas. Ele tem sempre coisas a fazer, coisas para ver, coisas para preparar. Melhor seria ter coisas para beijar, para acariciar, para amar. Eu sou uma coisa de verdade, sabia?”

Ele pega o meu número e toma a direção da porta. Vê, nesse instante, o computador embalado.

– Aviso assim que conseguir dar uma olhada. Na minha opinião, a chance de salvar algo é menor do que 20%, mas sempre vale a pena tentar.

Com sua mão grande, ele pega o saco pelo topo e o suspende com uma facilidade impressionante. E pronto, eu agora vou passar um bom tempo sonhando com as suas mãos.

Nós nos beijamos no rosto e ele vai embora. Não me dou conta na hora de que ele se foi. Sem dúvida porque, surpreendida com a visita inesperada, ainda não me dei conta de que ele chegou. Vou precisar dormir, caso contrário daqui a

pouco estarei fazendo besteira. Ainda mais do que de costume.

O clima na agência está mudando. Com a minha saída, talvez eu perca o melhor período que ela já teve. Géraldine está mais serena. Mortagne agora come na sua mão, e o resultado é espetacular. Menos brigas, menos tensões. Em vez de falar com sua planta, Mélanie começa a conversar conosco. Quem vai ficar emburrada é a samambaia.

Minha última semana. Que sensação estranha. Todo mundo se mostra simpático comigo. Por que será que é preciso esperar as pessoas anunciarem a sua saída para os outros tentarem uma aproximação? Porque elas vão fazer falta? Porque já não há mais competição? Fico pensando nisso.

Mal me sento à mesa, o telefone toca. É Sophie.

– Onde você se meteu? Não consigo falar com você.

– Oi, Sophie. Não vou poder falar muito tempo, sabe, estou no trabalho.

– Você está gozando da minha cara? Seria a primeira pessoa com excesso de trabalho no seu banco, principalmente nesta época do ano e a quatro dias de ir embora. Então, como foi com o Ric?

“Escapamos de um atentado, tomamos banho de chuveiro juntos, eu me enrolei nas roupas dele e ele comeu todo meu salário, uma loucura!”

– Foi ótimo, ele realmente é um cara bacana.

– Guarda esse tipo de resposta para a sua mãe. Quero a versão verdadeira. O que vocês fizeram? Ele deu em cima? Vocês estão ficando?

Tenho medo de falar. E se alguém na agência me escutasse? Ponho a mão em volta do microfone do aparelho.

– É complicado falar aqui...

– Tá, entendi, então pode responder só com sim ou não. Vocês transaram?

– Não.

– Ele é gay?

“Seria o drama da minha vida, e eu viraria freira.”

– Acho que não.

– Pelo menos ele foi simpático?

– Foi.

– Que maravilha conversar com você. Não há dúvida, você é minha melhor amiga! E seus pais, você finalmente contou para eles sobre a sua mudança profissional?

– Uma antiga vizinha já tinha dado com a língua nos dentes.

– E como eles reagiram?

– Melhor do que eu temia. Ficaram tão surpresos que acabaram aceitando muito bem. Acho que estão mais preocupados com a saúde do meu pai.

– Sério?

– Ele tem alguns exames na semana que vem.

– E o seu emprego novo?

– A boa notícia é que vou trabalhar meio período no início, até Vanessa, a outra vendedora, ir embora. E você não sabe da melhor: vou ganhar tanto quanto aqui.

– Que ótimo. Nessa avalanche de boas notícias, tenho mais uma. O próximo jantar das meninas vai ser na casa da Maude. Como seremos muitas, não vamos caber no seu apartamento pequeno. A casa dela é a maior de todas, então a gente conversou e ela topou. Não venha me dizer que está decepcionada; agora que já teve o seu primeiro jantar com o Ric, não vai precisar mais de cobaias... E você leva a bebida.

– Tá.

– E não pense que vai conseguir escapar sem contar nada. Há anos a gente ri das histórias de todo mundo, inclusive das nossas, então você não vai escapar. Vou indo, beijo!

Na quarta à noite, fui visitar o Xavier. Queria dar um oi, mas, para ser bem honesta, também estava torcendo para cruzar com o Ric.

Assim que entro no pátio do prédio dele, sou bombardeada por uma claridade ofuscante. Preciso proteger os olhos com as mãos. Então Xavier não está construindo um carro, mas um raio mortal! Bem que eu desconfiava. Ele tem um conluio com extraterrestres vindos do mesmo planeta que Ric, por isso os dois se dão tão bem. É também por esse motivo que os rapazes são tão visceralmente próximos uns dos outros: vieram todos de outra galáxia! Hesitante, saio da frente do raio que me cega, que nada mais é do que o reflexo do sol no para-brisa blindado novinho.

Acima da engenhoca de Xavier, uma grande placa de metal curva flutua presa a um suporte em T, como se não tivesse peso. Muito concentrado, Xavier a posiciona com uma precisão de relojoeiro. De tão compenetrado, nem sequer percebe a minha presença. O suor brota de sua testa. Ele direciona a grande peça metálica um pouco para a direita, empurra-a de leve mais para o fundo, a faz descer mais um pouco acima do motor, verifica a posição perfeita das travas e, por fim, a imobiliza. Suspira, se levanta e me vê.

– Julie! Que susto.

– Oi, Xavier. O que está fazendo?

Ele enxuga o rosto com a camiseta e me dá dois beijinhos.

– Recebi a primeira peça pintada da carroceria. Preto fosco. Você é a primeira a ver. O que acha?

– Classuda. Todo o XAV-1 vai ser coberto por essa armadura?

Ele concorda energicamente, que nem um menino cheio de orgulho.

– O revestimento deve estar pronto daqui a três semanas. Amanhã começo os testes com o motor na bancada. Vou aproveitar que nem todo mundo voltou das

férias para não incomodar demais.

O carro dele será imenso e com certeza muito impressionante, mas mesmo assim tentarei abordar o assunto que me preocupa.

– Você não viu o Ric?

– Hoje não. Acho que ele tinha coisas para fazer.

“Coisas, outra vez coisas!”

– Ele falou com você sobre o boiler de água quente?

– Falou. A gente programou isso para o fim de semana que vem. Está bem problemático.

“Quem? Ric ou o boiler?”

Com um gesto prudente com as costas da mão, Xavier limpa uma poeira do seu capô novinho em folha. Como quem não quer nada, acrescenta:

– O Ric não me falou só sobre o boiler...

“O quê? O que foi que ele disse? Você sabe para qual serviço secreto ele trabalha? Confessa, senão eu pego a chave da caixa de correio e faço um arranhão bem grande no seu belo capô, acompanhado por uma risada sádica e com a cabeça jogada para trás.”

– Ah, é? E qual foi o assunto?

– Outro dia, entre uma pergunta e outra sobre a resistência dos metais, ele me falou muito sobre você.

– Sério?

– Perguntou há quanto tempo a gente se conhecia, que tipo de garota você era, quis conversar sobre os nossos amigos e até sobre os caras que você namorou...

“Xavier, se você tiver dito alguma coisa eu juro que toco fogo no seu carro.”

– Fica tranquila, não falei nada, mas tenho a impressão de que ele está interessado, se é que você me entende... Dito isso, não sei o que você acha, mas ele parece um cara legal.

“Não é só isso. Mas seria demorado demais explicar.”

– Obrigada, Xavier. Obrigada por não ter contado tudo.

Ele se endireita e me encara profundamente.

– Nada. Sabe, Julie, é engraçado dizer isso, mas na minha vida você é quem mais se parece com uma irmã. Nossos caminhos se acompanham há muito tempo, acho que a gente se gosta, mas apesar disso certamente nunca vamos ter

nada um com o outro. Então, deve ser afeto.

Como um homem que acaricia metal como se fossem os cabelos de uma mulher pode dizer frases que até um autor romântico do século XIX teria dificuldade em escrever? Fico emocionada.

Como se não fosse nada de mais, Xavier retoma:

- O Ric é surpreendente.
- Por que está dizendo isso?
- Ele se interessa por coisas surpreendentes.

“Para de fazer rodeios, Xav. Você vai acabar falando mesmo. Olha aqui, estou com a chave na mão...”

- Como, por exemplo?
- Na outra noite, ele me fez várias perguntas sobre metal, sobre as maneiras de manusear e cortar o metal. Isso não deve servir para ele na informática.
- Com certeza deve ter tido a ver com o seu carro.
- Não, nada disso. Eu estava falando sobre motores de oito cilindros e solda. Foi ele quem orientou a conversa para o assunto do seu interesse. Confesso que fiquei encucado.
- Encucado?
- É. Estranho... Pelas perguntas que fez, parecia que ia ajudar alguém a fugir da prisão.

Você pode imaginar que a frase de Xavier teve certo efeito em mim. Certo efeito é eufemismo: foi um verdadeiro terremoto, isso sim. A prisão mais perto daqui fica a uns 60 quilômetros, uma penitenciária feminina. Deprimente. Só de ler o nome dele na etiqueta da caixa de correio naquela primeira noite eu praticamente já o tinha desmascarado. Ricardo Patatras parece nome de um espião foragido que está preparando um plano de fuga para aquela que mais ama nesse mundo e que está na prisão. Por ela, está disposto a correr qualquer risco. Jamais se perdoou pelo fato de ela ter sido capturada durante aquela missão em Novosibirsk. Jurou que a tiraria de lá. Na sequência, os dois vão fugir para uma imensa propriedade escondida no coração de uma exuberante floresta brasileira cheia de animaizinhos fofos. Numa propriedade esplêndida, comprada graças ao seu plano de previdência habitacional da CIA, eles vão viver sua paixão, nus. O meu Ric e essa vagabunda. Minha decepção é terrível. Se encontrar essa mulher, eu estouro os joelhos dela com o capô do Xavier. Imaginá-la nos braços de Ric me dá vontade de gritar. E continuo presa na minha porcaria de vida, empurrando umas contas que nem remuneradas são, enquanto espero para vender pão entre dois jantares de solteiras malucas. Estou arrasada. Mesmo.

Chegando à entrada do hospital, seco as lágrimas antes de me apresentar na recepção.

– O quarto da Sra. Roudan, por favor.

A moça batuca no teclado e verifica a tela do computador. É uma moça bonita e a vida decerto deve lhe sorrir, mas mesmo assim tem um ar triste. Talvez o homem de quem ela goste também tenha fugido com uma espiã. Pensando bem, no quesito homens, todas nós vivemos um pouco a mesma situação.

– Setor de oncologia, terceiro andar, quarto 602.

– Obrigada.

As portas do elevador se fecham tão depressa que quase esmagam a *religieuse* de chocolate que eu trouxe.

Caminho pelos amplos corredores. A última vez que estive aqui foi em visita a um amigo que tinha fraturado a perna. Os corredores estavam cheios, mas, neste setor de hoje, o dos pacientes de oncologia, praticamente só cruzo com enfermeiras e médicos de jaleco branco. Chego à porta do quarto. Bato de mansinho.

– Pode entrar!

Não é a voz da Sra. Roudan.

Entro. Há duas camas. Na primeira, uma senhora idosa com as costas eretas, usando uma camisola estampada com flores amarelas e com um penteado impecável de diretora de pensionato para meninas. Ela me encara com um olhar negro, contrariada por ter sido interrompida na contemplação de um quiz televisivo no qual os candidatos precisam responder a perguntas idiotas embalados por copiosas risadas ao fundo.

– Bom dia – digo, sorrindo timidamente.

Um severo meneio de cabeça. Pensando bem, ela talvez tenha sido carcereira na mesma prisão onde está trancafiada a vadia do Ric.

Na cama dos fundos, junto à janela, a Sra. Roudan nem sequer reparou em mim. Está fascinada pela TV. Assiste com os mesmos olhos maravilhados de uma criança diante das vitrines de Natal. Será possível que ela nunca assistiu à TV? Chego mais perto.

– Sra. Roudan...

Ela baixa os olhos para mim, e o assombro em sua expressão na mesma hora se transforma em surpresa.

– Julie? O que está fazendo aqui? Não está doente, está?

– Não, está tudo bem. Só vim dar um oi rápido.

Ela parece mais constrangida do que feliz.

– Não precisava. É muita gentileza sua. Estou acostumada a ficar sozinha, sabe?

– Tomei a liberdade de lhe trazer um doce.

– Que simpática.

– A senhora pode comer de tudo?

– Por enquanto sim, mas se entendi bem não vai ser por muito tempo.

Deixo o embrulho sobre a mesa de cabeceira. Vejo o olhar invejoso da vizinha.

– O embrulho está um pouco amassado porque não desconfiei, como deveria, das portas do elevador...

A Sra. Roudan me encara, incrédula. Acho que não está acostumada que os outros conversem com ela. Alguns bons dias por semana, algumas banalidades sobre o tempo ou suas dores de velha durante encontros fortuitos, e só. Mas ali no hospital, com as enfermeiras que devem aparecer umas dez vezes por dia e eu falando sobre portas de elevador...

– Sente-se – diz ela. – Tem muitas cadeiras aqui.

– Como está se sentindo?

– Não pior do que em casa.

– Eles falaram quando a senhora vai poder sair?

Ela torce as mãos.

– Eles não falam nada.

Na claridade do quarto, ela parece mais pálida, e seus cabelos, mais finos. O rosto irradia algo de menos tenso do que quando cruço com ela na escada. Ela se inclina na minha direção para que a outra não a ouça:

– E meu jardim, tudo bem?

– Fui regar ontem e está tudo bem. Acho que os tomates vão estar maduros na semana que vem. Eu trago alguns para a senhora.

Essa possibilidade parece lhe agradar. Pergunto:

– Está precisando de alguma coisa? Uma revista, um telefone, qualquer coisa?

Ela diz que não e reforça a resposta com um gesto de mão.

– Tenho tudo de que preciso aqui. Parece um hotel. Basta sentir dor para que se consiga um quarto. E ainda tenho televisão...

Ela aponta para a tela com um dedo discreto. O fascínio se estampa outra vez no seu rosto.

– Tantas pessoas, tantas histórias, que loucura – murmura ela. – A vida dos outros nesse pequeno teatro. Não sei se tem muita gente que assiste...

– Muita gente, Sra. Roudan. Muita.

Ela não fala nada sobre a doença. Não me atrevo a perguntar. Tento

prolongar a conversa, mas acho que faz tempo que ela não fala com ninguém, e suas respostas são curtas. Na saída, prometo voltar. Ela parece contente. Antes de sair do andar, passo no posto de enfermagem.

– Será que eu poderia ter notícias sobre os exames da Sra. Roudan, do 602?

– A senhorita é da família?

“E vamos lá para mais uma grande mentira...”

– Sou sobrinha dela.

A mulher consulta o prontuário.

– Não tem ninguém no espaço “avisar em caso de emergência”. Vou anotar seus dados.

– Está bem.

Dou-lhe meu número de celular.

– O que ela tem?

– Vamos saber mais sobre o caso após os exames da semana que vem. Na sua próxima visita, marque uma hora com o Dr. Joliot, ele vai lhe explicar.

– Certo.

– E aproveite para trazer algumas roupas, pois sua tia chegou com pouquíssimas. Precisa de camisolas, e também de roupas para passear no jardim...

– Vou cuidar disso.

Talvez seja doentio na minha idade, mas sou sensível às coisas que faço pela última vez. Com certeza é pelo medo de perder as pessoas, do qual já falei para você. Hoje é meu último dia na agência. Minha última hora marcada, meu último plano de financiamento, minha última queda de servidor. Estranho sentir nostalgia de um lugar e de uma profissão que, no entanto, estou tão feliz em abandonar. Minha impressão é de encerrar um período da minha vida que não tinha a ver comigo. Antes de encarar qualquer outra coisa, preciso devolver meu disfarce de bancária tão relacionado a Didier.

Não quis organizar uma despedida com todos, mas vou almoçar com Géraldine hoje ao meio-dia. Mortagne bem que tentou se incluir no programa, mas ela não deixou.

Isso também é estranho. Me lembro da primeira vez que a vi. Ela estava chegando de outra agência. Para ser exata, não a vi pela primeira vez, e sim a ouvi. Ela estava na sala da antiga diretora e declarou:

– Eu, quando ando de bicicleta, sempre inclino a cabeça para a direita, porque li que mais da metade dos acidentes afeta o lado esquerdo da cabeça. Assim, aumento as chances de sair ilesa se eu cair!

Antes mesmo de conhecê-la, eu já tinha, portanto, uma determinada imagem dela... No entanto, agora estamos as duas à mesa, sob o sol, na varanda da Brasserie du Grand Tilleul. Um único detalhe me incomoda: Géraldine está de óculos escuros. O fato de o acessório a deixar com uma cabeça enorme de mosca me é indiferente, mas desse jeito não vejo seus olhos. Detesto coversar com alguém cujo olhar não posso ver.

Géraldine é muito vistosa. Tem postura. Por instinto, se posiciona sempre de modo favorável. Os paparazzi podem chegar que ela vai sair bem nas fotos. É uma coisa de instinto. Eu, em comparação, pareço um patinho feio. Não tenho

atitude, nem pingente brilhante no pescoço, nem decote para atrair os olhares masculinos. Até mesmo o jeito de ela segurar o cardápio é fora do normal. Parece uma rainha prestes a ler um discurso para seus súditos fiéis.

– Vou querer os tomates com muçarela – declara ela. – E depois duas sobremesas...

– Vou pedir a mesma coisa, mas hoje é por minha conta. Faço questão.

Ela faz sinal para o garçom, que acorre rastejando. Acho que ele nem me viu. Talvez pergunte se ela quer uma tigela com água para o seu bicho de estimação.

– Vou sentir sua falta, Julie.

– E eu, a sua, mas a gente pode se encontrar.

– Assim espero. Fiquei em choque quando você anunciou que iria trabalhar na padaria. Daí comecei a pensar na minha própria vida...

“Meu Deus, o que foi que eu fiz?”

– ... é preciso coragem para se atrever a questionar tudo desse jeito. Resolvi imitar você. Vou me inscrever nos concursos internos do banco. Estou decidida a subir o mais alto possível. Sei que não vai ser fácil porque não sou boa em tudo, mas vou estudar e tentar minha chance.

– Que ótima notícia.

– Você me inspirou, Julie.

– Que bom. E com Mortagne, como estão as coisas?

– Com o Raphaël? Ele é um amor. Era só aprender a conhecê-lo.

“Era só lhe dar um sopapo, isso sim.”

– A coisa entre vocês dois está séria?

– É cedo para dizer. Ele quer ter cinco filhos e já me mostrou as fotos da casa que quer comprar para a gente, mas eu ainda não estou para tanto. Apesar de tudo, cá entre nós, acho que eu poderia ficar com ele.

– Géraldine, posso perguntar uma coisa?

– O que você quiser.

– Você poderia tirar esses óculos? Fico pouco à vontade.

– Por que não? Conheci um yorkshire castrado em quem os óculos produziam esse mesmo efeito. Sempre que ele via alguém usando, latia feito um doido e mordia. Você não vai latir, vai?

“Não, mas talvez eu morda você para que o garçom que está voltando com os nossos pratos entenda que eu estava esperando ele trazer ração... Deve ser

meu lado cachorro que me faz correr atrás dos gatos.”

– É que eu prefiro ver seus olhos.

– Você acha meus olhos bonitos? – pergunta ela, ingênua, fazendo cara de estrela de cinema.

O garçom serve os dois pratos. Géraldine encara a comida com aquela expressão única. O que estará passando pela sua cabeça? Seria bom para a ciência descobrir a resposta. Ela dá uma piscadela. Sinto a aproximação do comentário inesquecível, da frase absoluta:

– Sempre tive o mesmo problema com tomates e muçarela.

– Ah, é? Qual?

– Fico me perguntando por que eles não fazem os tomates brancos e a muçarela vermelha. Seria diferente, menos monótono, você não acha?

– Bom apetite, Géraldine.

Não sei vocês, mas quando eu era pequena, no meu universo existiam apenas dois tipos de pessoa: as que eu adorava e as que eu detestava. Meus melhores amigos e meus piores inimigos. Aqueles por quem estou disposta a dar tudo, e os que podem morrer secos. Depois, crescemos. Entre o preto e o branco, descobrimos que existe o cinza. Conhecemos pessoas que não são propriamente amigas, mas de quem mesmo assim gostamos um pouco e consideramos próximas, só que não param de nos apunhalar pelas costas. Eu não acho que a descoberta dessa nuance seja uma renúncia nem uma falta de integridade. É apenas um outro jeito de ver a vida. É a essa filosofia que devo a felicidade sincera de compartilhar essa refeição com essa doida chamada Géraldine Dagoin. O mundo seria mais triste e, no fim das contas, menos belo sem pessoas como ela.

Meu primeiro dia completo na padaria. Sou oficialmente vendedora. Papai e mamãe ligaram ontem à noite para me desejar sorte, Sophie também. Todos me perguntaram quando eu pretendia retomar os estudos... Eu esperava que Ric fosse se manifestar, mas passei o fim de semana sem vê-lo. Não sei nem se ele conseguiu trocar o boiler com Xavier. Chequei cinquenta vezes meu celular, se não estava descarregado ou no *vibracall*, mas nada, nem sinal de ligação, nenhuma mensagem. Ele deve ter tido “coisas” a fazer.

Quando chego, Denis, o confeitiro, vem me desejar boas-vindas à equipe. Com o rosto vermelho, balbucia uma frase que não entendo, mas que me pareceu gentil. Julien também me recebe bem. Um dos seus ajudantes acena para mim. O nome dele é Nicolas, ele parece simpático. Vanessa, pelo visto, está se acostumando com a ideia de eu fazer parte daquele cenário. Quem sabe ela não está começando a sentir certa nostalgia ao pensar em ir embora desse lugar que quis deixar? Conheço bem esse fenômeno.

Enquanto empilha as *chouquettes* na bandeja prateada, a Sra. Bergerot me diz logo a verdade:

– A partir de hoje vai ser cada vez mais difícil. As pessoas começaram a voltar de férias.

Na hora em que abrimos, não há muitos clientes. Penso que ela talvez tenha se enganado, e que todos ainda estão de férias. Ledo engano. Das nove em diante, o movimento não para mais. Embora sirva cada vez mais depressa, a fila só aumenta, chegando até o lado de fora. Quando eu trabalhava no banco, nunca vi tantos clientes tão pouco despertos. A maioria está bronzada. Alguns adolescentes chegam recitando uma lista decorada com muito esforço. As pessoas às vezes se alongam resumindo as férias. A Sra. Bergerot sempre lhes respondia com as mesmas frases, tomando cuidado para nunca repetir expressões

com alguém que as possa ter escutado enquanto esperava a sua vez. Você consegue imaginar a disciplina e a memória que isso exige? “Pelo seu bronzeado, fez bastante sol.” “O importante é aproveitar a família.” “Nunca fui, mas dizem que é uma região linda.” “Certa vez vi uma reportagem na TV, era muito bonito, que sorte a sua.” “Acho que a comida de lá é boa, mas não chega a ser melhor do que a nossa!”... Trinta anos de profissão. Ela tem dezenas dessas frases no repertório. Só hoje de manhã escutei todas pelo menos dez vezes. Quando todos os fregueses assíduos voltarem de férias, ela vai guardar suas frases até o ano que vem, como enfeites de Natal. A maioria dos clientes passou as férias na França, só alguns no exterior; muitas vezes, aliás, chegavam usando roupas trazidas de lá, prolongando mais um pouco o clima de férias. Com uma voz potente, os mais exibidos narram estadias indubitavelmente fabulosas em ilhas indubitavelmente paradisíacas do outro lado do mundo.

No meio da manhã, uma menininha entra na padaria, e eu tenho um choque. Pareço estar revendo a mim mesma vinte anos antes. Toda tímida com seu vestido comportado. Empenhada, articulando bem as palavras, ela diz “bom dia” a todos e pede uma baguete. Quando a Sra. Bergerot lhe dá o troco, conta as moedas e, no mesmo instante, vai depressa até o mostruário das balas. Está naquele estado que eu conheci muito bem, no instante em que tudo é possível. Temos dinheiro para comprar uma bala, mas, antes de escolher, podemos pegar qualquer uma. É um momento mágico. Pela primeira vez vivo essa situação do outro lado do balcão. Entendo por que a Sra. Bergerot se entenece a cada vez. A menina escolhe uma garrafinha de Coca-Cola. Ainda sinto o gosto da bala na boca. Primeiro um borbulhar na língua, depois a aspereza dos grãos de açúcar. Em seguida vem o gosto do refrigerante, a gelatina amolece, e você morde até os molares ficarem todos cobertos. Eu bem que teria gostado de atender a menina, mas foi Vanessa quem a serviu. Ela com certeza vai voltar.

Ainda não me atrevo a falar com os clientes. Sirvo-lhes, respondo suas perguntas, sorrio, mas evito puxar conversa. Sempre que algum se posta à minha frente, imediatamente sinto algo por ele. Penso que poderia virar meu melhor amigo ou meu pior inimigo. Mas você e eu sabemos que isso não é verdade.

Um deles, particularmente, fez Vanessa se assustar: um velhote baixinho com cara de contador, careca, camisa cafona, calça disforme e chinelos de dedo.

– Esse quem atende é você – dispara ela, fingindo mexer nos merengues. –

Não suporto esse sujeito. Ele me dá tanto nojo que eu poderia vomitar.

O homem não parece muito asseado, mas daí a ter uma reação tão extrema... Ele é o quinto da fila. A senhora que está pagando conta que viajou para visitar parentes na Espanha. Conta isso com simplicidade. De repente, o homem comenta, em voz alta:

– Melhor seria ter ficado por lá, já somos gente suficiente por aqui.

Silêncio incômodo.

A senhora seguinte reclama que está sem notícias da filha, que saiu de férias. E o homem comenta de novo:

– A preocupação muitas vezes encobre as pequenas coisas...

Silêncio consternado. Chega a vez dele. Vanessa corre para os fundos da loja segurando a barriga.

– Mas vejam o que temos aqui, uma novata! – começa ele.

A Sra. Bergerot assume a situação.

– Bom dia, Sr. Calant. O senhor parece muito bem-disposto.

– É preciso dizer a ela o que eu sempre compro, hein, porque detesto repetir. Ninguém precisa suportar a incompetência dos novatos. Eles que aprendam e pronto. Onde está a pequena Vanessa? Eu bem queria dar bom-dia a ela...

– Nós daremos o recado – responde a patroa. – Julie vai atender o senhor.

Ela então se vira para mim:

– Sirva uma meia baguete bem morena, um pão de passas o menos pegajoso possível e um *mystère* para o Sr. Calant.

Obedeço. Ele acompanha meus gestos com ar desconfiado.

– Não, esse pão de passas não – ordena. – Quero o que está logo atrás.

Obedeço, observando o cliente discretamente, quando de repente, pelo vidro da loja, vejo Ric passar correndo. De bermuda e camiseta. Está indo correr. Fico abalada. Ainda mais porque, apesar de ele passar bem depressa, tenho certeza de que tem uma mochila nas costas.

– O doce é um *mystère*, é isso?

O senhor, meticuloso, revira os olhos e dá um suspiro alto.

– Começou mal! Nem decorar três artigos ela consegue. Seria bom que pensasse em outra carreira!

A Sra. Bergerot se intromete:

– É o primeiro dia dela, Sr. Calant, depois vai acabar adorando a moça, vai

ver só.

Com ar de desdém, ele dispara:

– Viver para aprender é aprender a viver.

Ele pega suas compras, seu troco e sai da loja. É incrível, no mesmo segundo em que ele cruza a soleira da porta o clima melhora. Como se todos nós, inclusive os clientes, houvéssemos sentido o mesmo alívio. Vanessa retorna dos fundos.

Não temos mais nenhum caso especial antes do intervalo do almoço. Vanessa me mostra como fechar a loja e abaixar a porta de ferro da vitrine.

Bem que eu teria passado minha hora de almoço à espreita para ver se Ric reaparecia, mas a Sra. Bergerot tem uma ideia para o intervalo de hoje. Como é o meu primeiro dia e um dos últimos de Vanessa, ela organiza um almoço com toda a equipe.

Na sala do forno, os funcionários afastam sacos de farinha e carrinhos para abrir espaço. A mesa é comprida, somos nove. A Sra. Bergerot se senta na cabeceira, mas é ela que serve todo mundo. Julien está à sua direita, e os outros, dispostos sem muita ordem. Nicolas, o ajudante da padaria, senta-se na minha frente. Não para de olhar para mim.

– A Julie atendeu o Calant e quase errou o pedido! – conta Vanessa.

– Velho caquético! – exclama a patroa, enquanto serve vinho para os homens.

Nicolas se inclina na minha direção.

– Aquele cara é mesmo um *bastranho*...

Denis, o mestre confeitoiro, percebe minha incompreensão. Inclina-se e explica:

– Você vai precisar de um tempinho para aprender a “língua” do Nicolas. Ele junta palavras para inventar outras. “Bastranho” é babaca com estranho. Não é isso, Nico?

– Exato, Sr. Denis.

Denis se dirige apenas a mim:

– Só mesmo em uma padaria se pode contratar rapazes tão estranhos. Para os doces, é preciso profissionais de verdade.

– Eu escutei! – brada Julien. – Deixe os meus meninos em paz. Pelo menos os meus não se divertem cobrindo as namoradas de creme...

Nicolas torna a se inclinar na minha direção.

– Isso daí é mesmo “surturbador”...

Ele certamente queria dizer surpreendente e perturbador.

Terminada a refeição, aprendi muito sobre o funcionamento da profissão.

Nunca mais vou olhar para um pão com manteiga do mesmo jeito.

Paradoxalmente, mesmo que eu tenha acabado de começar nesse emprego, ele já me salvou de um dos principais perigos que ameaçam a minha vida: a obsessão por Ric.

De tanto estar sempre alerta, de tanto ver pessoas, de tanto aprender, às vezes passo minutos inteiros sem pensar nele. No meio da tarde, estou atravessando um desses minutos. Não há muita gente na loja. Lá fora, na calçada, Mohamed acaba de receber uma entrega. Ele se apressa em levar as caixas para dentro, pois o entregador deixou boa parte delas em frente à padaria. Portanto, se a Sra. Bergerot perceber, vai sair de novo, e não vai ser para lhe dar bom-dia.

Uma mulher entra acompanhada do filho de mais ou menos 10 anos. Compra alguns *petits-fours*. Programou-se para visitar sua velha madrinha enquanto o menino terá aulas de matemática, no intuito de que esteja pronto para a volta às aulas que está se aproximando bem depressa.

O garoto não parece nem um pouco feliz, ainda mais porque muitas crianças passam de bicicleta na rua ou jogam futebol. Alguns, mais velhos, chegam em casal, de mãos dadas, para comprar sorvetes. O chão reflete o calor do sol, há poucos carros. Paira no ar uma espécie de indolência que só o verão sabe proporcionar. E é nesse momento que Ric entra. Está radiante.

– Oi!

“Por onde andou? Faz três dias que estou esperando por você! Com quem estava dessa vez?”

– Oi.

– Fiz questão de passar para ver você no seu primeiro dia. Espero que encontre aqui o que está procurando.

“Com você por perto, eu já tenho o que estou procurando.”

– Obrigada. É muita gentileza sua, mesmo.

Quando ele me olha desse jeito, sinto que estou me derretendo igual ao sorvete dos adolescentes que se beijam na calçada em frente.

– O que você não vendeu desde hoje de manhã?

– Como?

– O que os fregueses ainda não pediram?

– Por que a pergunta?

– Para que você venda de tudo hoje, e isso traga sorte.

Vanessa, sempre com ouvidos atentos, retorna dos fundos da loja e me cochicha:

– *Bavarois* de café. Ninguém nunca leva. Aliás, não devem estar muito frescos.

Eu olho para Ric.

– Não vendemos nenhum *bavarois* de café...

– Então, vou levar um.

– ... eles não estão...

A Sra. Bergerot também aparece. Com uma voz bem alta, Ric declara:

– Você me convenceu, vou levar dois.

Vanessa olha para Ric como se ele fosse um idiota completo. Me seguro para não rir, mas é difícil.

Ric estende uma nota para a Sra. Bergerot, depois volta para perto de mim.

– Você gosta de música?

O que isso tem a ver com o doce? O que ele vai fazer com esses doces, aliás? Espero que não esteja planejando me convidar para comê-los. Mas, pensando bem, se ele me convidar, até estou disposta a me contentar com dois doces de café nem tão frescos assim.

– Se eu gosto de música? Que pergunta! Eu adoro música.

– Está a fim de assistir a um concerto comigo no domingo que vem?

Sei muito bem que não devo pular de alegria dentro da loja, mas é difícil me controlar. Ele está me convidando para sair!

– Com prazer!

– Passa lá em casa uma noite dessas para a gente combinar tudo então, tá?

“Uma noite dessas? Acabo de trabalhar daqui a 3 horas e 24 minutos e chego na sua casa daqui a 3 horas e 26 minutos.”

– Amanhã à noite, por exemplo, se for bom para você – precisa ele. – Assim

a gente comemora o meu boiler novo.

– Tá bom, até amanhã.

Ele vai embora. A Sra. Bergerot franze o cenho.

– Não é o novo morador do seu prédio?

– É.

– O jeito como ele olha para você já diz tudo...

Vanessa ergue os olhos para o céu. A patroa me pergunta:

– Como você conseguiu convencê-lo a comprar aqueles? Nunca mais faça isso. Ninguém compra esses doces. É o Denis que teima em fabricá-los, não importa o que eu diga. Por causa do seu amigo, ele vai se sentir obrigado a continuar...

De todos os jantares das meninas, o meu preferido é o do final do verão. Depois das férias, todas trazem histórias incríveis e ficamos felizes em nos encontrar.

Quando toco a campainha da casa de Maude, estou segurando duas grandes sacolas cheias de garrafas. Sonia vem abrir. Pela barulheira ao fundo, já chegou gente. Ouvem-se muitas risadas.

– Oi, Julie! Você trouxe as bebidas? Ótimo, a festa pode começar. A gente também devia ter pedido para você trazer a sobremesa!

As notícias correm depressa. Sonia pega uma das sacolas e me leva até a cozinha. Jade me cumprimenta e vem atrás de nós com uma foto na mão. Sonia explica:

– Eu estava justamente mostrando como é o Jean-Michel.

Ela pega a foto da mão de Jade e a coloca bem na minha cara. Um negro alto, forte, de quimono preto, com um olhar valente e fazendo pose de Bruce Lee. Ele parece mesmo acreditar naquilo. Jade olha de novo, desolada por não ter nenhuma foto de homem para mostrar.

Sophie aparece e me dá dois beijinhos.

– Oiê. E aí, como foi a primeira semana?

– Estou exausta. É bem exigente fisicamente. Por outro lado, vejo passar metade da cidade. Em termos de fofocas, estou num lugar estratégico.

Sonia e Jade continuam sua conversa, não se importando mais conosco. Sophie me confidencia:

– Terminei com o Patrice. Mande ele pastar. Estou de saco cheio. Não conte para ninguém, ainda está cedo. Só você sabe, tá?

– Não está sendo muito difícil?

– Um horror, mas estou me sentindo mais leve. Quanto tempo perdido... E você, com o Ric?

– Amanhã a gente vai no concerto de jovens talentos na catedral de Saint-Julien.

– Que progresso, pelo menos isso. Mas não é lá que vocês vão poder namorar...

Léna aparece e dá um grito de alegria quando me vê.

– Julie! Que ótimo, preciso muito da sua opinião.

Léna é bastante fora do comum. Especialista em estética, gasta metade do salário comprando compulsivamente cremes, sérums, tinturas e há dois anos gasta muito também com cirurgias plásticas. Ela decidiu ficar deslumbrante e, para isso, usa tudo o que a ciência lhe permite. Para vocês terem uma ideia da personagem, o apelido que ela usa na internet é “Princesalinda”. Pelo menos é direto. Mas, do que vemos desde que a conhecemos, sua estratégia não parece estar dando muito certo, porque ninguém apareceu para sequestrar a princesa por enquanto. Ou seja, ela exagera. Foi Léna quem deu a ideia de nos fazer posar como fadas para um calendário em prol das cabeleireiras necessitadas. Todo mundo recusou, menos Jade, que já pode ser vista com pequenas asas e uma varinha piscante. Também foi Léna quem tentou convencer a prefeitura a organizar um concurso de miss... Já a vimos ruiva, com os cabelos pretos retintos, loura platinada e, agora, de cor indefinível, tenho a impressão de que ela mudou mais alguma coisa. Ela se aproxima de mim com seu decote vertiginoso. Meu Deus, acabei de entender...

– Viu só? Estão lindos, né? Coloquei numa clínica superconceituada.

Ela agita o busto como uma dançarina do ventre eletrocutada. Sophie começa a sorrir além da conta; não estou gostando disso. Tento ser educada:

– São impressionantes mesmo.

De repente, Léna levanta o pequeno top que já não deixava muito espaço para a imaginação e sacode os peitos enormes bem no meu nariz.

– Toca, é superagradável.

Não consigo. Impossível. Sophie, segurando o riso, se mete na conversa:

– Vai lá, Julie, você tem que tocar. Você vai ver, é inacreditável. Todo mundo já tocou!

Léna segura minha mão e a posiciona à força, dobrando meus dedos para me obrigar a fazer uma massagem.

– Para um cara me dizer que eles são falsos, vai ter que ser bem esperto. Se

você precisar do endereço da clínica, é só me ligar.

– Obrigada, Léna.

Estou quase vomitando. Que homem seria idiota o bastante para achar que uma monstruosidade daquelas seria natural?

Quando vou para a sala, me deparo com uma mesa bonita e pelo menos quinze cadeiras em volta. Cochicho para Sophie:

– Nunca fomos tantas.

– Vai ser um inferno para os vizinhos, e para a gente, o paraíso. Tomara que nenhuma das meninas tenha trocado de sexo durante o verão, ou você vai ser obrigada a apalpar!

– Que nojo!

Um primeiro braço me enlaça, e então Maëlys me cumprimenta. Segunda rodada de dois beijinhos, terceira... A campainha toca. Mais amigas chegam. O clima está animado. Vejo que Léna já se jogou em cima de Coralie para obrigá-la a tocar nos seus novos instrumentos de sedução. Por todos os cantos, pequenos grupos conversam, trocam, fazem confidências. Ouço uma que emagreceu alguns quilos explicando como se faz a uma outra que engordou três. Fútil e essencial; cumplicidade. Inès descreve suas férias “top” revirando os olhos para o céu a cada fim de frase. Rosalie foi promovida e vai se mudar da região no próximo mês. Laurence, recém-divorciada, passou as férias com os dois filhos e foi ótimo. Olho para todas elas, vivas, felizes por estarem juntas, exagerando um pouco nos relatos, mas compartilhando algo mais belo do que simples palavras. Nessa noite não há mais medo, nem solidão, nem esperanças frustradas. Nessa noite nós estamos felizes. Sinto-me um pouco distante ao observá-las. Na verdade, só tenho afinidade com Sophie. Longe de mim querer me julgar superior; não há risco algum de que isso aconteça. Todas elas se viram muitas vezes melhor do que eu, em vidas por vezes bem mais complexas. Não, acho que sou só um pouco diferente. Imagino que todas sintam isso em algum momento. Ao olhar para elas, vejo a vida sendo escrita, as existências acontecendo, e isso me comove.

– Você está querendo se isolar?

Sophie veio se sentar ao meu lado.

– Não. Estou curtindo o momento.

– Você, curtindo o momento? Isso é novidade.

Florence e Camille estão servindo os drinques, um ponche feito por Camille com rum trazido das Antilhas, onde ela viveu uma tórrida paixão com o instrutor de vela do resort.

No momento de erguer os copos para o brinde, Sarah toma a palavra:

– Tenho um anúncio a fazer! Mas primeiro preciso contar uma história para vocês.

Murmúrios na plateia. Ela começa:

– Neste verão, corajosamente, decidi não fazer o circuito dos bailes de bombeiros à procura da ave rara.

Aplausos.

– Já estava na hora de virar o disco.

– Mas eu ainda acho os bombeiros bonitões – comenta Jade.

– Cala a boca! – exclama Sophie, disfarçando a voz.

Sarah retoma o discurso em meio aos risos.

– Enfim, resumindo, neste verão fui para a Austrália arejar a cabeça. Lá é lindo, cheio de surfistas. Eles também não são nada mau... Eu tinha achado um hotelzinho barato perto da praia. Na segunda noite, houve um incêndio nas cozinhas. O fogo se espalhou por toda parte, com uma fumaça infernal. Meu quarto ficava no sexto andar. Alarme, evacuação do prédio. Com os elevadores interditados e sem poder abrir as janelas bloqueadas por causa do ar-condicionado, nem preciso dizer que entrei em pânico. Peguei minha bolsa, pus uma toalha cobrindo a boca e me joguei na escada de emergência. Começamos a descer, eu, umas italianas e uma japonesa agarrada ao namorado. Não sei como eu consegui, mas com a fumaça e o pânico acabei me perdendo.

– Apresse essa história, a gente está com sede!

Sarah ri, mas sentimos a emoção despontar.

– Tá, vou ser mais rápida. Comecei a ficar com asma, sem saber se estava no segundo ou no primeiro andar. Pânico. De repente, vi a porta de serviço se abrindo como se alguém a tivesse arrombado. No vão da porta surgiu a silhueta de um homem alto com um machado na mão, de capacete e roupa à prova de fogo. Comecei a passar mal. Ele me pegou no colo e me levou para a rua.

Ninguém mais ria, todas tinham a atenção concentrada em Sarah.

– E ali, à luz dos giroscópios, no meio de uma confusão inacreditável, ele começou a falar comigo afastando meus cabelos do rosto. Mesmo estando com

luvas enormes, foi muito delicado... Meninas, ele é o bombeiro mais lindo que eu já vi.

Ela remexe na bolsa e nos mostra uma foto em que posa ao lado de um sujeito de uniforme. De altura, ele tem uma cabeça de diferença para ela. Além dos músculos, a primeira coisa que chama a atenção são os espetaculares olhos azuis e o sorriso capaz de fazer um navio naufragar.

– O nome dele é Steve, e a gente está superapaixonado. O sonho dele era vir morar na Europa, e ele está chegando em uma semana. Meninas, a gente vai se casar no dia 25 de setembro, e vocês estão todas convidadas!

Sarah está chorando de felicidade. Maëlys e Camille pulam no seu pescoço. Não foram só palmas que explodiram no apartamento, mas uma verdadeira tempestade de gritos e batidas de pés no chão. Os vizinhos de baixo devem estar chamando a polícia.

Jade apenas diz:

– Será que não entende? Você poderia ter morrido nesse incêndio.

Mesmo casada com Ric, acho que eu nunca vou parar de vir a esses jantares.

Quem nos visse caminhando assim, lado a lado, nessa bela tarde de domingo, poderia achar que somos um casal. Inclusive, que estamos juntos já há algum tempo, pois não andamos mais de mãos dadas. Mas só mesmo os desconhecidos que cruzam por nós achariam que Ric e eu estamos juntos. Uma pena. Minha alegria é genuína, porém, pois essa é a primeira vez que saímos juntos.

Espero não fazer nada errado, pois, como a noite com as meninas acabou depois das duas da manhã e hoje comecei cedo na padaria, não estou muito bem-disposta.

Me sinto feliz por estar indo ao concerto com o Ric. A frase é ainda mais verdadeira se tirarmos o “indo ao concerto”. Ele vestiu uma elegante camisa cinza-ardósia e uma calça de lona muito bem-passada. Um agente secreto precisa saber passar roupa. Eu, por minha vez, escolhi, com grande dificuldade, um vestido estampado de cores sobrepostas, também em tons de cinza-azulado. As pessoas vão achar, ainda, que nós moramos juntos, pois nossas roupas estão combinando com perfeição.

Um vento fraco me acaricia o rosto; me sinto bem. Minha vontade é de segurar na mão dele, mas isso com certeza seria inadequado. Afinal, nós somos vizinhos, dois amigos, dos quais um está ficando perdidamente apaixonado pelo outro enquanto se pergunta o que ele faz durante suas expedições. Eu não disse nada às meninas na noite passada, mas por pouco Sophie não contou a história toda. Consegui impedi-la ameaçando revelar o término da sua relação. Embora eu jamais fosse fazer aquilo, ela desistiu.

Quando chegamos no adro da catedral, nos juntamos a uma multidão. Grandes bandeiras anunciam o evento: “5º Festival de Música Amadora, apadrinhado pela pianista virtuose Amanda Bernstein.” É um festival conhecido na região, mas eu nunca estive aqui. De todo modo, graças a Didier, eu não

escutava mais nada além de músicas ruins.

Estou curiosa para saber se os jovens músicos das redondezas têm talento. O evento é patrocinado pela prefeitura, pela região e pelos célebres ateliês Charles Debreuil, renomada marca de bolsas e malas, símbolo do luxo, cujas fábricas garantem à cidade uma pequena notoriedade.

Um público bem-vestido se acotovela dentro da catedral de Saint-Julien, abarrotada como nos dias de festa. Ao passar pela porta de entrada, posiciono-me bem ao lado de Ric e fecho os olhos. Penso no futuro casamento de Sarah e em nós dois. Será que eu quero casar?

O ar está fresco na nave. Ric me conduz até as primeiras fileiras.

– Devem ter sobrado dois lugarezinhos para a gente...

No meio do coro, um piano de cauda preto se impõe diante do altar. A luz do sol, colorida pelos vitrais, inunda o espaço, projetando desenhos nas colunas de pedra que sobem até a abóbada. Centenas de passos e vozes ecoam num zunzum de cerimônia importante. Vejo alguns clientes do banco, outros da padaria. Vejo até o Sr. Ping, dono da delicatessen chinesa.

As pessoas se acomodam aos poucos. O prefeito chega e sobe os primeiros degraus do coro. Faz-se silêncio.

– Boa tarde a todos, e obrigado por terem vindo em peso assistir a esta nova edição do nosso festival. Hoje, os finalistas das seleções ocorridas durante todo o ano vão dar o melhor de si. Depois do recital, vamos anunciar o ganhador ou ganhadora do grande prêmio. Alguns de vocês vieram escutar os jovens talentos da nossa cidade, outros vieram saborear a alegria de ouvir a diva Amanda Bernstein, que nos deu a honra de estar aqui presente, mas todos estamos aqui por causa do amor pela música e pelas artes, blá-blá-blá...

Ric escuta com atenção. Eu observo discretamente seu perfil, as mãos pousadas espalmadas sobre as coxas.

– ... Agora vou passar a palavra para nossa generosa mecenas, a Sra. Albane Debreuil.

A multidão aplaude. A Sra. Debreuil, única neta e herdeira do fundador da prestigiosa marca, é o que se convencionou chamar de uma personalidade. As bolsas e malas criadas por seus ilustres pai e avô são conhecidas no mundo inteiro e custam uma fortuna. Couro da melhor qualidade, um modelo original que se destaca dos demais e, sobretudo, um marketing associado às estrelas e às

personalidades célebres, capaz de convencer milhares de mulheres de que apenas se é elegante usando uma “Charles Debreuil” pendurada no braço. Ela chega a passos largos, usando um vestido longo vermelho-escuro, um conjunto de colar e brincos de diamante. Impossível não reparar na sua presença. A mulher tem estilo, postura e nunca perde uma oportunidade de exibir o último modelo da bolsa que lhe garante fortuna e glória até hoje...

– Sejam todos bem-vindos! – começa ela.

A Sra. Debreuil fala sobre criação, sobre talento e emoção; todo mundo sabe que o assunto ali era música, mas ela não conseguiu deixar de falar sobre seus ateliês. Acho ótimo que ela patrocine esse tipo de evento, mas, mesmo assim, me pergunto se o faz para dar chance aos jovens ou para alimentar o próprio ego.

Ric também a ouve com atenção. Eu diria até que ele a está escutando com um ar mais sério do que ao prefeito. Encara a Sra. Debreuil inclinado para a frente, com as mãos levemente contraídas sobre os joelhos.

A herdeira encerra o discurso desejando boa sorte aos candidatos e sugere começarmos com uma peça interpretada por Amanda Bernstein.

A plateia aplaude. Uma senhora baixinha, usando uma roupa que parece uma cortina dupla, surge sem nem sequer olhar para o público. Qual um fantasma deslizando pelo pavimento secular, vai até o piano debaixo da aclamação dos presentes. Indiferente ao barulho, senta-se diante do teclado. No instante em que ela ergue as mãos para começar a tocar, o burburinho diminui até cessar por completo. As primeiras notas se fazem ouvir. Debussy. Não é preciso ter nenhum conhecimento no assunto para sucumbir à felicidade que a música proporciona. Toda arte é assim. A arte nos toca. Os dedos da pianista correm, encadeiam as notas, fazem nascer a melodia que, no espaço da nave, adquire toda a sua amplitude. Somos centenas de espectadores, mas, mesmo assim, nada atrapalha a magia que contagia a todos. Que espécie estranha, os humanos. Pensar na soma necessária de talento, experiência e inventividade para podermos escutar aquela composição, tocada naquele instrumento, naquele lugar, por aquela senhora miúda... Chega a dar vertigem. São séculos de esforço e paixão para que todos nós, sentados, reunidos, cada qual perdido nas próprias sensações, estejamos aqui juntos, arrepiados, emocionados. A música me toca profundamente.

Ric escuta, mas parece contrariado. Impossível lhe fazer qualquer pergunta, impossível tocá-lo. Até a última nota de Amanda, o público permanece

subjugado, embalado, arrebatado. Acho que sou uma das primeiras a se levantar para aplaudir. Levanto-me tão depressa que, por um instante, penso que a peça não acabou e que eu sou a inculta, a bárbara que está interrompendo o prodígio com sua ruidosa alegria. Um pesadelo completo, que dura uma fração de segundo. Graças a Deus, apenas sou a primeira, a peça já acabou mesmo. A senhora pequenina, a grande artista, sai do palco sem dar um olhar sequer. Nós a perdoamos. Seus dedos nos oferecem o que seus olhos nos negam.

Em seguida, é a vez dos jovens finalistas. Não é fácil subir ao palco depois daquela demonstração. São quatro pianistas e uma flautista. Confesso que tenho uma leve preferência pelo piano. A flautista abre as festividades. Vivaldi num arranjo para flauta. De tão finas, as notas agudas parecem capazes de atravessar as paredes de pedra. Contrariando todas as expectativas, a música me agrada.

O primeiro pianista se senta na banquetta; tem apenas 14 anos. Decidiu tocar um jazz e tem muito talento. O público se encanta. O segundo, que não é muito mais velho, toca Chopin com um domínio notável. A terceira é uma menina, Romane, que toca muito bem apesar de algumas notas hesitantes. As peças se sucedem, todas diferentes umas das outras. Quando a quarta e última pianista se senta ao piano, não acredito no que estou vendo. Era uma das filhas do chinês da delicatessen. Chama-se Lola. É a única que cumprimenta o público. A tarde já está bem avançada, e todos já pensam na premiação que virá a seguir e no que vão fazer depois. Apesar disso, quando Lola começa a tocar, a plateia fica paralisada de repente. Uma peça de Rachmaninov, compositor, segundo dizem, impossível de ser tocado por uma criança daquela idade. A peça é esplêndida, e o modo como a menina a executa é sublime. Ela modula as notas, se apodera delas, as domina. Suas pequenas mãos voam de tecla em tecla. Um momento de pura graça. Lola não parece nem séria, como os dois rapazes, nem compassada, como a outra menina. Parece feliz. Poderia estar tocando em casa ou diante de cem mil pessoas, seria a mesma coisa. Sozinha com seu piano, e nós, sortudas testemunhas de um jovem talento, subjugadas pela emoção que ela instila na sua interpretação.

Depois de tocar os últimos acordes, Lola recebe mais palmas e bravos do que a própria Amanda Bernstein. O público parece enfeitiçado por aquela menina tímida que, após os cumprimentos, volta depressa para se aninhar junto aos pais.

O prefeito retorna durante os aplausos, que não parecem querer cessar.

Convida a Sra. Debreuil para subir ao palco. Mostra o envelope que contém o nome do vencedor.

– É chegada a hora de recompensar aquele ou aquela que merece ser incentivado. Todos concordarão comigo que cada um deles merece muito esse prêmio, entretanto, como é preciso escolher, após longa deliberação, o júri finalmente selecionou o talento mais promissor de nossa cidade.

Bem lá no fundo, tenho certeza de que Lola ganhou. Os outros tocaram bem, mas ela foi, sem dúvida alguma, muito superior.

O prefeito estende o envelope para a Sra. Debreuil, sorridente. Ela rompe o lacre e puxa o cartão de cartolina. Seu largo sorriso se confirma:

– Tenho especial satisfação em anunciar o nome da vencedora: Srta. Romane Debreuil!

Perplexidade na plateia. O prefeito puxa as palmas, mas o público demora a seguir o seu exemplo. A vencedora sobe ao palco, e os espectadores acabaram por ovacioná-la. Até mesmo Lola, seu irmão, sua irmã e seus pais aplaudem. Fico estarrecida. Será que eu escutei direito? Romane Debreuil? Da mesma família? Se aconteceu o que eu estou pensando, estamos diante de um escândalo. Toda a felicidade que aqueles artistas nos deram foi conspurcada pelo que certamente acabou de acontecer. Para Lola não se trata de uma prova, mas de uma injustiça.

No caminho de volta, fico louca de raiva. Ric tenta me acalmar, mas, de tanto vê-lo tentando encontrar desculpas, devo confessar que acabo me irritando um pouco com ele.

– Como assim, talvez Romane sempre tenha tocado melhor do que hoje? Preste atenção no que está dizendo. Você escutou a pequena Lola?

Estou indignada, revoltada, furiosa por não ter visto a emoção que todos sentiram ser coerentemente reconhecida. E por quê? Porque Romane é filha de um figurão, e Lola, de um obscuro comerciante chinês que fez todos nós adoecermos pelo menos uma vez? Isso é inaceitável.

Agora, pensando bem, acho que Ric ficou desconcertado com a minha raiva. Era a primeira vez que me via daquele jeito. Mas, falando francamente, no caminho de volta isso não tinha a menor importância para mim. Eu teria preferido, de verdade, que nós compartilhássemos o único sentimento que me parecia legítimo depois de uma afronta ao talento como aquela.

Precisei de tempo para recuperar um semblante mais calmo. contei tudo para minha mãe por telefone, depois também contei para papai e, em seguida, para Sophie. Só tarde da noite me dei conta de que, com a falcatrua, provavelmente os organizadores teriam magoado uma menina muito talentosa, além de terem aflorado uma faceta da minha personalidade que poderia me custar a minha relação com o Ric. E, de repente, senti medo.

Sei que vou passar meu dia de folga à espera do menor sinal de Ric. Minuto a minuto. Estou arrasada. Levando em conta o estado em que fiquei ontem à noite e o pouco que devo representar para ele, pensei em todas as possibilidades, sobretudo na pior. Talvez ele nunca mais queira falar comigo. Talvez, da próxima vez que nos cruzarmos, ele me vire a cara. Sinto o estômago se contrair e tenho a impressão de que não vou mais conseguir respirar. O que devo fazer? Ligar para ele? Pedir desculpas? Apesar disso, sigo convencida da injustiça de ontem. Tenho tantas perguntas... Por que ele me convidou para aquele concerto?

Preciso regar a horta da Sra. Roudan hoje pela manhã. Na subida até o seu apartamento, passo em frente à porta de Ric e diminuo o passo. Tão perto, tão distante. Nenhum barulho. É difícil reunir forças para continuar subindo. Quanta tristeza.

O apartamento da Sra. Roudan está quase tão silencioso quanto nos momentos em que ela está presente. Coloco água no regador e atravesso o quarto. Abro a janela; alguns passarinhos saem voando. Passo por cima do peitoril. Metodicamente, vou regando uma fileira após a outra. Faço várias idas e vindas, feito um robô. A laje inteira está coberta por uma bela camada de terra que ela, decerto, passou meses recolhendo. Quantos carrinhos cheios deve ter carregado para montar a sua horta secreta? Passo entre os pés de morango para ir regar os tomates, mais distantes. De repente, me viro e percebo que estou na beira da laje. Aos meus pés há um precipício e, três andares abaixo, o pequeno pátio do prédio ao lado. Minha vista embaça, eu fico tonta. Volto para junto da janela, onde me permito uma pausa. Checo o celular. Nada ainda. Cadê você, Ric?

A ideia de perdê-lo me faz tomar consciência da importância que ele tem na minha vida agora. Se eu o removesse da minha equação, o resultado seria

sempre zero. Ele não me pediu nada, não deu o primeiro passo, nem mesmo deu a entender que nós um dia poderíamos ter algum futuro. Eu me apeguei a ele sozinha, feito uma doida. Sozinha, feito uma doida, impulsionada pelo que ele provoca em mim, “joguei toda a minha vida para o alto”, como diria Sophie.

Será que ficarei feliz trabalhando na padaria se Ric não fizer mais parte da minha vida? Não sei. O que me dá disposição para correr, arrumar a casa, melhorar? Isso, eu sei. De repente, o medo de ter construído tudo sobre uma base inexistente, de ter saltado no precipício me paralisa. Não sinto vontade de tentar, não sinto mais vontade de experimentar. Queria que tudo voltasse a ser como era antes. Antes dele. Sonho em ir à agência, em fazer o que me mandam antes de guardar tranquilamente minhas coisas na gaveta ao final de cada novo dia passado sem viver. Nada esperar para jamais se desiludir.

Colho dois tomates e alguns morangos. Vou levá-los para a Sra. Roudan. O mal que a consome sem dúvida é mais grave do que o meu. De alguma forma, porém, acho que o mal que a atinge nasce também de dores como a que estou sentindo neste exato momento. As pessoas felizes adoecem menos.

Consegui marcar uma hora à tarde com o Dr. Joliot. Ele é um homem alto, mas não parece ter boa saúde. Se retirássemos o jaleco e o puséssemos deitado em cima de uma maca, ele facilmente poderia ser confundido com um de seus pacientes em fase terminal.

– Sente-se, senhora – diz ele, acomodando-se atrás de sua mesa.

“Senhora?” Será que a ausência do Ric está me envelhecendo?

– A Sra. Roudan é sua tia, é isso?

– Exatamente, doutor.

– Prefiro ser sincero com a senhora: os resultados dos exames não são bons. As metástases estão se alastrando. O fígado foi atingido e, na idade dela, os tratamentos que poderiam ter chance de sucesso correm o risco de causar tantos danos quanto os focos que eles combatem.

Fico abatida. O médico certamente está acostumado a anunciar esse tipo de diagnóstico, mas para cada pessoa que está diante dele é sempre a primeira vez. Ele continua:

– Por enquanto, preferimos não falar com sua tia sobre a extensão da doença. No entanto, se a senhora quiser, podemos contar ou, então, a senhora pode se encarregar de fazê-lo. A escolha é sua. Meu conselho é não alarmá-la e fazer o

melhor que pudermos.

– Na sua opinião, quanto tempo ela tem?

– Não existe resposta categórica. Certos tratamentos conseguem diminuir o avanço da doença, que pode se estabilizar. Ou pode também se agravar rapidamente. Daqui a alguns dias, quando tivermos feito mais exames, poderemos deduzir um primeiro arco, uma tendência.

– Na pior das hipóteses, quanto tempo restaria?

A pergunta é direta, mas eu quero saber.

– Sinto muito, mas não tenho resposta para isso.

– Ela está sofrendo?

– Pelo que ela nos diz e pelo que sabemos por experiência, deve estar começando a sentir dor. Mas, nesse caso também, a dor é um conceito relativo para cada indivíduo.

– O que o senhor pode fazer para ajudá-la?

– Sua tia é uma pessoa que, por trás de um exterior discreto, tem uma personalidade forte. Se a senhora me permite um conselho, não mude em nada o seu comportamento com ela.

– Ela lhe fez alguma pergunta sobre o seu estado?

– As enfermeiras têm a impressão de que ela desconfia da gravidade de sua condição. De minha parte, acho mais prudente não preocupá-la.

– Obrigada, doutor. Vou visitá-la.

– Muito bem. Ah, já estava me esquecendo: nós a transferimos para um quarto individual. Assim ela vai ficar mais à vontade.



O novo setor em que a Sra. Roudan está é ainda mais calmo do que o anterior. Antes de ir vê-la, entrego às enfermeiras as roupas e artigos de toalete que comprei. Também fiz o necessário para que ela pudesse ter uma TV. Quando bato à porta do quarto, é a sua vizinha que responde. Ponho a cabeça para dentro:

– Bom dia, Sra. Roudan.

– Julie! Já faz uma semana?

– Não, mas os tomates estavam bem maduros... e eu quis aproveitar meu dia

de folga.

Ela se senta com dificuldade na cama. Abre o pote na sua frente.

– E morangos também! – exclamou ela.

Ela sorve o leve perfume de olhos fechados.

– Logo logo vai ter mais. Sua horta está linda.

– Fico muito feliz que você esteja cuidando dela.

Sento-me numa cadeira na sua frente.

– Quer dizer que eles puseram a senhora num quarto mais tranquilo.

– Sim, mas eu gostava do outro. A vizinha era meio antipática, mas lá tinha televisão.

– Não se preocupe, eles vão colocar uma TV aqui no máximo amanhã de manhã.

– É mesmo?

– Sim.

– Sem precisar pagar nada?

– Não, Sra. Roudan. Não precisa se preocupar com nada.

Mudo de assunto:

– Como está se sentindo?

– Sem muito apetite, mas é verdade que aqui eu não faço muita coisa. E você? Conte um pouquinho como estão as coisas.

Falo sobre a padaria, o trabalho, os clientes. Conto também sobre Ric, bastante. Falar me faz bem. É como se eu estivesse fazendo confidências à minha avó. Quando conto o que fizemos juntos, no fim das contas eu apresento a nossa relação do modo como eu a sinto. A Sra. Roudan parece feliz escutando as minhas histórias. Seu rosto se anima. Passo mais de uma hora com ela. Mas logo ela começa a parecer cansada. Então, me despeço e prometo visitá-la de novo, no máximo na segunda-feira seguinte. Antes que eu saia, ela quer me dar dois beijinhos. Aceito de bom grado. Por ela e por mim. No estado em que me encontro, qualquer pequena demonstração de afeto me ajuda a sobreviver até os quinze minutos seguintes.

Eu não esperava por isso, hoje de manhã passo da piscina rasa diretamente para a funda. Agora não dá mais pé. Vanessa consegue que seu médico lhe dê uma licença. A Sra. Bergerot parece contrariada, mas nem tanto assim. Quem abre a porta de ferro sou eu. Quem abre a porta da loja sou eu. Na calçada, Mohamed me dá bom-dia. Saio para falar com ele.

– Então, deu certo? – pergunta ele. – Você foi contratada.

– Estou feliz. Conte comigo para tentar melhorar a relação entre você e a Sra. Bergerot.

– Não se preocupe com isso. Inclusive, vou lhe contar um segredinho: às vezes eu até ponho as caixas de propósito em frente à padaria para que ela saia. Do contrário, a gente não se falaria. Ela é uma mulher boa, mas o único jeito de fazê-la falar é comprando seu pão ou, então, deixando-a irritada...

Eu observo Mohamed com olhos arregalados. Com um sorriso cheio de malícia, ele me diz:

– Agora vá para o seu lugar, já tem um freguês que acabou entrando enquanto você estava de costas.

Cada hora tem o seu público específico. Os que chegam assim que a padaria abre vêm antes dos que estão a caminho do trabalho, que vêm antes daqueles cujos filhos ainda não voltaram às aulas. O único ponto de que sinto falta do banco é de não passar mais na padaria para comprar o meu croissant. Vivo com uma pilha deles na minha frente o tempo todo e, conseqüentemente, não como mais nenhum.

Aproveitando um momento em que a loja está vazia, a Sra. Bergerot se aproxima.

– Por que está olhando lá para fora desse jeito? Tem medo de os clientes não aparecerem?

“Não, tenho medo de Ric não aparecer mais. Tomara, pelo menos, que eu o veja passar. É só por isso que eu torço. Não vai mudar nada, porque não vou poder correr atrás dele, mas pelo menos terei a certeza de que ele não se mudou.”

Minha patroa continua falando:

– Não se preocupe, você vai dar conta.

Sei que ela está se referindo ao trabalho, mas, mesmo assim, tenho vontade de escutar suas palavras como um incentivo em relação ao Ric. Ela acrescenta:

– Agora que Vanessa não está mais aqui, vamos ter que nos organizar. Pode ficar com o meu jaleco. E, se você achar que consegue dar o troco, pode tentar, mas, cuidado, é coisa séria. Esta loja é o ganha-pão de oito pessoas.

“Engraçado dizer que uma padaria é um ganha-pão...”

Ela hesita antes de acrescentar:

– No âmbito pessoal, mesmo que vá ser mais difícil para nós duas, fico feliz que Vanessa não esteja mais aqui. Ela não a recebeu muito bem e estava ficando muito dura com os rapazes lá dos fundos.

Com as mãos nos quadris, ela me observa vestida com o seu jaleco.

– Se um dia alguém tivesse me dito que você iria trabalhar aqui, eu não teria acreditado. Conheci você tão pequena. Lembra aquela vez que lhe dei uma bronca?

“É claro que me lembro, sinto arrepios até hoje. Por que a senhora acha que eu dou bom-dia a todo mundo sempre que entro em algum lugar?”

– Lembro, sim.

– Que idade você tinha?

Uma freguesa empurra a porta. Demora para reconhecê-la. É a dona da livraria. Uma mulher encantadora. A Sra. Bergerot contorna a bancada para ir lhe dar dois beijinhos.

– E as férias, Nathalie?

– Fiz o que você me aconselhou, mas desde que o Théo fez 15 anos ele realmente virou outra pessoa. Qualquer desculpa valia para ele sumir. Em dois dias arrumou uma namorada, acredita?

É uma loucura como as pessoas podem ser diferentes quando as encontramos fora do seu contexto habitual. Para mim, a dona da livraria era uma mulher culta, discreta, que só aconselhava os fregueses quando eles pediam. Já a vi se

entusiasmar tanto com autores de teatro clássico quanto com livros de culinária. Quem poderia ter adivinhado que, por trás daquela serenidade orquestrada, se escondia uma mulher afetuosa e visivelmente infeliz...

– Eu não sei mais o que fazer – confia ela com tristeza. – Se tento conversar, ele me afasta, mas quando ele precisa de mim tenho que estar presente na mesma hora.

– Nenhum garoto é fácil aos 15 anos. É preciso dar tempo a ele. Théo está lutando para encontrar seu lugar, para saber quem é. Ele é um bom menino. Vai se acalmar.

– Se pelo menos ele tivesse um pai em casa...

Ela se chama Sra. Baumann, e me lembro de que foi uma das primeiras pessoas a realmente me impressionar. Na época, eu estava no quinto ano do fundamental; fui à livraria comprar *Britannicus*, de Racine, que íamos estudar na escola. Eu não estava nem um pouco interessada. Ao ver meu semblante contrariado, ela abriu o livro e leu alguns diálogos. Em meio às suas pilhas de livros, representou como uma atriz de tragédia. Foi engraçado, misterioso. Com algumas citações, ela me fez ter vontade de descobrir o texto. Não deve nem se lembrar disso. Ela hoje nem sequer me reconheceu.

A dona da livraria vai embora com três baguetes, alguns biscoitos amanteigados e minipizzas que Théo com certeza vai devorar antes de sair novamente para viver sua vida. Depois que a Sra. Baumann atravessou a rua, a patroa me disse algo que eu nunca vou esquecer:

– Sabe, Julie, vendo a dor que as mães sentem quando os filhos se afastam, penso às vezes que não é tão grave assim não ter tido filhos, entende?

Eu sei que ela não acha isso. Muito pelo contrário: tudo que ela é grita exatamente o oposto. É preciso torcer por tudo, mesmo correndo o risco de se desiludir. É preciso experimentar tudo, mesmo correndo o risco de se ferir, entregar tudo, mesmo correndo o risco de ser roubado. Aquilo que vale a pena ser vivido obrigatoriamente nos põe em perigo. Se Ric passasse nesse momento, eu interpretaria como um sinal, e meu moral subiria vertiginosamente. Mas eu canso a vista de tanto vigiar a rua, e mesmo assim só vejo desconhecidos.

De repente, distingo Mohamed, que, com uma piscadela, colocou seu cartaz de promoções um pouco em frente à nossa vitrine. Sorrio para ele. A Sra. Bergerot volta dos fundos da loja. Seus detectores de intrusão acendem a luz

vermelha, e ela reage de imediato.

– E esse daí, olhe só! Parece que ele faz de propósito. Vou lá fora lhe dizer umas palavrinhas.

Ela sai pisando firme. Eu vejo os dois sem escutá-los. Mais uma vez, é a guerra entre Françoise e Mohamed. Antes isso me consternava, agora eu os acho comoventes. Será que ela percebe o jogo do vizinho?

A Sra. Bergerot tem uma mania da qual eu gosto muito: com frequência ela compara as pessoas a pães ou doces. Fulano é um sonho, beltrano, um pão dormido. Julien é suave feito um brioche, e Vanessa era uma pastel. Isso também vale para ela própria e, ao vê-la batendo boca com Mohamed, entendo um pouco melhor quem ela é: por baixo da casca, tem um miolo macio.

Horas se passaram, depois dias. Deixo você imaginar o meu estado. Não consigo nem mais vestir a camisa de Ric, pois tenho a impressão de que ela me rejeita. Ele não foi comprar seu pão, nem passou em frente à padaria uma vez sequer. Tenho certeza de que está me evitando. Onde estará? Será que passa rastejando pela calçada para eu não o ver? Será que segue pelo outro lado da rua e dá a volta no bairro para me evitar? E se ele tiver se enforcado no boiler novinho porque eu fui desagradável na outra noite e isso o levou ao desespero? Seja qual for a resposta, é tudo culpa minha.

Amanhã é domingo, e vai fazer exatamente uma semana que não nos vemos. Decido lhe mandar um torpedo. Não tenho o hábito de mandar mensagens de texto e, além do mais, isso é difícil para mim, principalmente quando é o Ric quem vai ler. Depois de muito pensar, duas noites inteiras, acabo optando por: “Espero que esteja tudo bem. Espero também te rever em breve. Um beijo, Julie.” Sophie vai zombar de mim outra vez, porque escrevo com acentos e pontuação, mas, francamente, você consegue me imaginar mandando “Kd vc? Q caído me liga Bj ;) Ju”? Um verdadeiro progresso da civilização.

Fui obrigada a reescrever a mensagem porque, quando ia enviá-la, eu tremia tanto que acabei apertando “Apagar”. Digam que isso não é um sinal! Desde então, estou esperando. Pus o telefone no *vibracall* num dos bolsos de trás. E, toda vez que a minha bunda vibra, torço para que seja o Ric. Para quem posso escrever algo assim?

Enquanto isso, me refugio no trabalho. Tornei-me a rainha das tortinhas, a especialista da baguete branca. Todo dia de manhã, por volta das 11h15, meu desafio do dia se apresenta: o Sr. Calant. Nicolas tem razão: ele é bastranho. Mais do que isso, é “repujeto”, repugnante e abjeto. Além do mais, tenho a impressão de que ele só toma um banho por semana, na sexta à noite, pois seu

estado se degradou e hoje de manhã ele está usando uma camisa feia, embora menos suja, e seus raros cabelos estão menos brilhosos. Como Vanessa foi embora, eu me tornei o seu alvo. Acho que ele vem mais tarde só para ter certeza de que vai encontrar fila. Assim pode escutar o que os outros dizem e dar alguns foras, esse enxerido.

Na quarta, ele disse para uma mulher que havia confessado não saber que doce iria levar:

– Quem conhece os outros é prudente, quem conhece a si mesmo é esclarecido.

Mas o cúmulo foi ontem. Atrás dele, na fila, havia uma mulher obviamente grávida, que todos foram deixando passar na frente. Quando chegou a vez dele, ele a impediu de passar.

– Sinto muito, eu estava aqui antes. A paciência é companheira da sabedoria.

“Um dia minha mão vai ser companheira da sua cara de rato”, eu pensei. Esse homem é mesmo difícil de engolir.

À tarde, recebo uma notícia que quase me devolve o moral. Infelizmente, ela não tem a ver com o Ric. A notícia foi diretamente para a pasta das redenções que restituem a fé na raça humana. Ficamos sabendo, por uma freguesa, que o jovem e ambicioso executivo comercial morador do mesmo prédio de Xavier, Kevin Golla, foi passar três semanas fazendo trabalho voluntário na África, ajudando ONGs a escavar poços. Bastante surpreendente para um rapaz tão pretensioso, mas é preciso perceber o lado positivo das coisas. Isso mostra que tudo pode acontecer.

Ainda sem resposta de Ric. Nenhuma notícia de Xavier, tampouco. Com a sorte que eu tenho, os dois devem ter ido morar juntos, você vai ver só.

Na hora de a padaria fechar, tranco a porta da loja e abaixo a porta de ferro, não sem aguardar mais alguns segundos, para o caso de você sabe quem aparecer no último segundo. Passo pela sala do forno e pelo laboratório para me despedir de todos. Não quero demorar muito, pois jurei para mim mesma fazer algo que já adiei demais.

Subo a rua até a delicatessen chinesa. Respiro fundo e empurro a porta.

– Boa noite. Há quanto tempo! – cumprimenta-me o Sr. Ping com seu sotaque asiático inimitável.

– Tudo bem com o senhor?

– Tudo, e com a senhorita? Fiquei sabendo que está trabalhando na padaria. É um bom emprego. Além do mais, bonita desse jeito, a senhorita vai fazer os rapazes todos irem lá e o lucro vai disparar!

“Bastaria um só rapaz para fazer meu coração disparar...”

– Obrigada, o senhor é muito gentil.

– O que lhe sirvo? Vai ser para viagem?

– Vou querer rolinhos primavera e raviólis de camarão.

– Excelente escolha.

– Sr. Ping, eu estava na catedral domingo passado e queria dizer que fiquei encantada com a sua filha. Lola foi extraordinária. Sinto muito por ela não ter ganhado o prêmio que merecia.

Ele fica paralisado. Ergue o rosto demoradamente. Seu costumeiro sorriso desaparece. Olha em volta, inclina-se e me diz baixinho:

– A senhorita é a primeira a me dizer isso. Não pode imaginar como...

Ele não termina a frase. Fala sem sotaque algum. Faz um gesto para que eu o siga até os fundos. Passamos por uma cortina de miçangas. Numa escada que leva para o andar de cima, ele chamou:

– Lola, venha cá por favor!

Vira-se para mim.

– Poderia ter a bondade de repetir para a minha filha o que acabou de me dizer? Faz uma semana que ela não para de chorar. Como esperar que as crianças se esforcem quando são traídas a esse ponto? O prefeito tinha prometido a ela...

Passos na escada. A menina surge. Parece bastante normal. Sem um teclado sob os dedos, nada a distingue das outras. Mais passos na escada. Uma mulher aparece. O Sr. Ping lhe estende a mão.

– Apresento-lhe minha esposa, Hélène. Querida, esta jovem é uma freguesa, mas ela veio aqui...

Ele interrompe a frase e aponta para Lola. Eu me ajoelho para ficar na altura dela.

– Oi, Lola. Meu nome é Julie, e eu sempre venho à loja do seu pai porque ele vende coisas gostosas. Mas hoje eu vim, principalmente, para dizer a você que no domingo passado a sua apresentação na igreja foi a mais bonita que eu já escutei na vida. Para mim, e para todo mundo que estava lá, quem ganhou foi você. Você não pode desistir, não pode desanimar. Os adultos às vezes cometem

erros ou injustiças, mas isso não pode detê-la. Você ama música e faz a gente amar também. Estou muito orgulhosa por conhecê-la agora, e não vejo a hora de escutar você tocando outra vez.

Ela me olha com uma intensidade que só as crianças são capazes. Dá um passo na minha direção e me abraça com seus braços finos, me apertando com força. Sinto nas costas os seus dedinhos, os mesmos que têm tanto poder.

Quando ela me soltou, a mãe balançou cabeça. Ficou comovida. Nos seus lábios, leio a palavra correta: “Obrigada.”

O Sr. Ping me estende a mão.

– A senhorita não faz ideia do que acaba de nos proporcionar. Se algum dia precisar de mim...

– Imagine, eu não fiz nada de mais. Quem fez foi a sua filha.

É muito esquisito ouvi-lo falando sem sotaque. Tornamos a entrar na loja.

– Sr. Ping, posso tomar a liberdade de lhe fazer uma pergunta pessoal?

– Fique à vontade.

– Por que o sotaque?

Ele dá um sorriso sem ilusões.

– As pessoas esperam que você seja do jeito que elas imaginam. Eu sou o chinês do bairro. É esse o meu papel. Dá para imaginar um chinês sem sotaque? As pessoas não gostariam de saber que eu nasci no norte da França, e não ligam para o fato de meu filho estudar teatro clássico ou de minha filha ter talento para o piano. Elas querem nos ver sempre dentro da caixinha na qual nos colocaram.

– Minha avó teria respondido que não há prisão da qual não se possa fugir.

“Ric também poderia ter dito isso...”

Quando saio da loja, o céu está repleto de nuvens escuras. Ao longe, um trovão ecoa. Os primeiros temporais do final de verão. Atravessando a rua, chego a sentir a eletricidade no ar. Ouço outro trovão, mais próximo ainda. Sinto um arrepio. Com a sorte que tenho, um raio vai me atingir. A menos que seja o meu telefone vibrando. No meio da rua, feito uma doida, tiro o aparelho do bolso. É o Ric, e ele não está mandando uma mensagem, está me ligando.

Penso em Lola, penso nos preconceitos idiotas das pessoas, penso em Mohamed, penso nos raviólis que esqueci na delicatessen, pensei em todos os sinais que o destino nos manda. Estou apavorada com o que ele vai me dizer, mas, depois de ter esperado tanto para ouvir o meu telefone tocar, nada poderá

me impedir de atendê-lo.

Por que eles têm tamanho poder sobre nós? Por qual milagre conseguem nos fazer passar de um estado a outro em alguns milésimos de segundo?

– Obrigado pela mensagem que você mandou. Não sou muito de SMS, então preferi esperar que você terminasse o seu dia de trabalho para falar pelo telefone mesmo. Estou atrapalhando?

“O que você acha? Há seis noites eu não durmo, passo o dia inteiro espreitando você, vivo roçando a sua porta. Será que você ainda não entendeu?”

– Não, tudo bem. Como foi sua semana?

– Minha semana? É verdade, hoje já é sábado. Nem vi o tempo passando.

“Pois eu contei cada minuto, tive milhares de momentos de esperança e morri de tristeza o mesmo número de vezes.”

Ele continuou:

– Está se adaptando à padaria?

– Preciso entrar no ritmo, mas está correndo tudo bem.

É terrível, mas minha impressão é de que não temos assunto. Casais antigos são assim. O tempo só nos deixa o dia a dia. Parecemos dois engessados, eu em pé no meio da rua, e ele...

Então me atrevo a perguntar:

– O que você está fazendo?

– Preparando um material para um cliente.

– No sábado à noite?

– É urgente.

“Ora, vejam só.”

– Ric, eu queria pedir desculpas pelo último domingo. Não fui muito correta depois do recital, mas eu estava tão...

– Desculpas? Para de se desculpar por tudo! Não é a primeira vez que lhe

digo isso. Fiquei feliz de ter ido ao recital com você e, quanto à premiação, acho que você estava certa. Se todo mundo reagisse com a mesma integridade, o mundo seria mais justo.

Queria muito que ele estivesse na minha frente para que eu visse seus olhos enquanto ele me dizia aquilo. Não sei como perguntar, mas estou morrendo de vontade de saber quando poderemos nos rever. Ele disse:

– Amanhã de manhã vou correr. Você vai estar na padaria, mas na volta eu passo para ver você e a gente combina algo.

“Isso, vamos combinar algo.”

– Ótimo. Boa sorte no trabalho urgente, e boa corrida.

– Até amanhã.

– Até amanhã, Ric.

Que felicidade pronunciar essas simples palavras. Dessa vez ele não disse “Até breve”. “Até amanhã” já é um encontro marcado.

Entre o toque do telefone e o instante em que desliguei passaram-se mais ou menos três minutos, durante os quais me senti ansiosa, irritada, emocionada, envergonhada, cheia de esperança, feliz e impaciente. Por que eles fazem isso com a gente?

Eu, agora, só quero uma coisa: dormir. A camisa de Ric estende novamente suas mangas para mim. Entro debaixo das cobertas, conto tudo para Toufoufou e pego no sono.

Estou enchendo um saco de papel com oito pães com chocolate quando o vejo passar. Preciso recomeçar a conta. Ele está de mochila. Um cronômetro interno se inicia automaticamente em mim. Ele volta uma hora e 21 minutos depois. Sinto muito, ainda não consigo contar os décimos de segundo. Com sua velocidade média de corrida, ele pode ter ido bem longe na cidade e, até mesmo, se aventurado fora dela. Ele entra na padaria. A Sra. Bergerot o cumprimenta:

– Bom dia, rapaz. Julie vai atendê-lo, o senhor estará em boas mãos. Mas acho que já sabe disso...

Normalmente, não sou do tipo que enrubesce, mas naquele momento sinto que estou ficando mais vermelha do que uma torta de morango.

– Oi, Julie.

– Bom dia, Ric.

“E no estádio abarrotado, a multidão em delírio brada em uníssono: *Combinem algo! Combinem algo!*, enquanto líderes de torcida formam as letras com os braços.”

– Vou querer uma baguete. É muito para mim, mas talvez eu receba gente para jantar... Caso contrário, coloco no freezer.

Por que ele está me dizendo isso? Será que já não sofri o suficiente na semana passada? Ou ele conseguiu tirar a mulherzinha da prisão, o que explicaria o fato de eu não tê-lo visto por vários dias, e eles estão combinando um jantar tardio antes de ir para você sabe onde fazer você sabe o quê, ou então ele vai amorosamente preparar alguns sanduíches para ela...

Escolhi uma baguete bem morena, bem diferente de como ele prefere.

– Escute, acabei de encontrar o Xavier. Hoje à tarde ele vai fazer uma festinha para comemorar a entrega da última porta pintada que recebeu. Pediu para que eu a convidasse. Se você quiser, a gente vai junto.

Engasguei. Meu velho amigo Xavier me convidando por intermédio de um vago comparsa que conheceu há menos de um mês? Devo estar tendo uma alucinação! Ric acrescenta:

- Por volta das três. Está bom para você?
- Sem problemas. Você passa para me buscar?
- Perfeito.

Ele faz que vai sair, mas muda de ideia e pergunta:

- Está tudo bem? Parece que você comeu alguma coisa estragada...



Ultimamente tem feito um pouco menos de calor. No pátio, três crianças jogam tênis contra a parede de um prédio vizinho. Xavier cobriu seu monstro com uma imensa lona de plástico azul. De tão grande, parece que ele está escondendo um submarino. Ric caminha na minha frente. Algumas pessoas já chegaram. À primeira vista, só homens. Xavier aparece. Está usando um impecável macacão de mecânico cáqui.

- Oi, Ric! Oi, Julie! Que bom que vocês vieram.

Felizmente, ele só dá dois beijinhos em mim.

- Quer dizer que é hoje o grande dia? – pergunto.

– Para a carroceria, pelo menos. Vocês vão ver o monstrengo. Ainda estamos esperando um colega de trabalho e a esposa, aí eu mostro.

Todo mundo anda em volta do monstro coberto.

– E você conseguiu compensar o volume do reservatório? – pergunta um homem alto e forte.

- Sim, invadindo um pouco o porta-malas.

Os dois que faltam enfim chegam. Um casal jovem. Estão de mãos dadas. Retificando: é sobretudo ela quem se agarra a ele. Preciso prestar atenção para jamais me comportar assim com o Ric.

– Nathan, Aude! – exclama Xavier. – A gente só estava esperando vocês. Venham, cheguem mais perto para assistir à apresentação oficial, venham ver as maravilhas do metal!

Todos se cumprimentam. Impaciente feito uma criança, Xavier se posta em frente ao seu veículo.

– É demais ter vocês todos aqui. É realmente importante para mim. Vocês todos me ajudaram de uma forma ou de outra neste projeto. Daqui a algumas semanas, XAV-1 vai estar andando, mas já quero compartilhar com vocês este instante.

Ele está emocionado. Segura a lona pela borda e a puxa.

Aos poucos, o plástico escorrega pelo veículo, que então se revela. Surgiu a traseira, as portas, o teto, em seguida o capô e a dianteira. Em preto fosco e com as dimensões que tem, o carro é mais do que impressionante. Passei meses vendo Xavier montar o que parecia uma imensa colagem de ferragens, mas agora, com o acabamento, podemos ver o desenho, a elegância da carroceria do seu carro. Espontaneamente, todos começamos a aplaudir. Xavier fica a ponto de derramar uma lágrima. Os colegas o parabenizam entusiasmadamente. Ric e eu nos mantemos mais para trás. Alertados pelo barulho, alguns moradores do prédio abrem as janelas. Uma senhorinha grita:

– Ficou lindo, Xavier!

No andar de cima, um casal grita “bravo!”. Subjugadas por uma engenhoca do tipo que só se vê nos filmes, as crianças param de jogar bola.

Um dos colegas acaricia a traseira do carro. O gesto, de uma delicada sensualidade, certamente seria o mesmo se ele estivesse tocando a mulher dos seus sonhos. Algum dia alguém vai ter que me explicar isso.

– Você mudou totalmente o desenho, ficou genial – disse ele, com admiração.

Outro saca a câmera fotográfica.

– É preciso imortalizar este momento histórico!

Nós nos perfilamos junto à lateral do veículo e pedimos ao mais velho dos meninos que bata a foto. Se me dissessem que um dia eu iria posar ao lado de um carro e que iria ficar feliz com isso... Já estou até apegada a essa fotografia. Em primeiro lugar porque fico feliz em ver Xavier tão contente, em segundo, porque é minha primeira foto com Ric.

– Mais uma pequena formalidade, amigos – pede Xavier. – Antes que eu instale o revestimento do painel, queria que todos vocês gravassem um pequeno autógrafa na estrutura. Vai ser o meu São Cristóvão de estimação, meu amuleto da sorte.

Ele tira do bolso um *pilot* e o estende para o homem alto e forte. Um a um,

todos se sentam no banco do motorista. Cada um escreve um recadinho. Xavier chega perto de mim:

– Queria que você fosse a última, para fechar com chave de ouro. Topa?

Sinto-me tocada por essa honra. Quando chega a minha vez, Xavier abre a porta e me acomoda. Lá dentro, as coisas ainda têm um aspecto um tanto industrial. Os mostradores e botões estão todos no lugar, mas por cima de uma estrutura de metal ainda crua. Nas superfícies de alumínio, os amigos deixaram mensagens. Ric também. Ele escreveu: “Que a sua estrada seja longa e bela. Estou feliz por ter cruzado o seu caminho. Ric.” Linda mensagem. Estranhamente, acho que soa como uma mensagem para alguém de quem gostamos, mas que vamos abandonar. Ric sabe que vai embora. Meu estômago se contrai, embora em algum lugar dentro de mim eu sempre soubesse.

Xavier se senta no banco do carona.

– Aproveite, Julie! Com certeza essa é a única vez que você vai estar ao volante! Na próxima, eu vou ser o seu motorista, e você vai se sentar lá atrás feito uma princesa.

Rimos feito duas crianças. Através dos vidros blindados, os outros nos observam e tiram fotos. O que eu devo escrever? Nunca fiz dedicatória em nenhum painel de automóvel. Começo. Xavier vai lendo conforme eu escrevo, o que me intimida bastante. “Há muito tempo você é um dos motores da minha vida. Desejo que nossos caminhos estejam sempre lado a lado. De todo o coração, Julie.” Ele me enlaça pelo pescoço.

– Fico muito honrada por assinar a sua obra-prima, Xavier. Que bela ideia essa que você teve.

– Não foi minha. Quem teve essa ideia foi o Ric. Ele me contou que os pais dele assinavam todos os seus trabalhos assim, por dentro.

“O Ric falou com você sobre os pais dele?”

Olho para Xavier, que já está saindo do carro. Lá fora, Ric conta uma piada. Fico perturbada. Xavier vem abrir minha porta com um cuidado de mordomo. Eu teria ficado mais alguns segundos dentro do carro, o tempo de digerir o que escutei. É então que um dos amigos dele declara:

– Ei, o seu carro está muito estranho. Tenho a impressão de que você o deixou ainda mais largo do que o previsto.

– Sim, 15 centímetros.

- E já saiu com ele do pátio?
- Ainda não.
- Tem certeza de que ele vai passar pelo portão do prédio? Seria uma grande estupidez...

Passamos o fim do dia consolando Xavier. No popular: “deu ruim”. Mesmo desmontando a carroceria, o carro não passou. Só há três soluções possíveis: quebrar o portão do prédio, impossível, serrar o carro com uma serra elétrica, inviável sem causar danos irreversíveis, ou tirá-lo do pátio de helicóptero. Podemos também invocar fadas e duendes, mas ninguém sugeriu essa alternativa. Xavier está com tanta raiva de si mesmo que chegamos a nos perguntar se, com a colaboração de todos, não podemos lhe dar de presente o içamento por helicóptero. Ric se mostra muito atencioso com ele e se dispõe a contribuir com bastante dinheiro para a evacuação aérea.

Hoje, segunda-feira de manhã, tento ligar para ele, mas cai na secretária eletrônica. Xavier deve ter passado uma noite horrível. Quase me envergonho por ter dormido tão bem. Todas as noites, o mundo se divide em duas grandes categorias: os que dormem como marmotas, e os outros, que no dia seguinte estarão com olheiras. Um a um, passamos de um campo a outro ao longo de nossas vidas. Pobre Xavier: essa noite foi a sua vez de não pregar o olho.

Quando estava me deixando em casa, Ric deu a entender que poderíamos nos ver dali a alguns dias. Então, fico esperando de novo. Não me atrevo a tomar a iniciativa.

Dessa vez, pus os doces para a Sra. Roudan dentro de um pote assim as portas do elevador do hospital não vão mais estourar meu presentinho – não acredito que fui eu quem disse isso.

Quando entro no quarto, encontro-a sentada na cama, usando uma das camisolas que eu entreguei para as enfermeiras.

– Bom dia, Julie!

Ela parece feliz em me ver.

– Bom dia, Sra. Roudan. Não está vendo TV?

– É a hora da sua visita, então desliguei para esperar por você.

– A senhora parece bem-disposta.

– Estou feliz por você estar aqui. Viu só? Eles me deram uma camisola bonita. E produtos de toalete também. Tem até perfume.

– Que bom.

Posso notar que ela está me observando. Para distraí-la, faço-a admirar seus novos tomates e outras frutas.

– As ervilhas não vão demorar.

– Fique com elas para você. As enfermeiras estão me proibindo de comer cada vez mais coisas.

Ela aponta para a sonda intravenosa espetada no seu braço.

– Dizem que se eu só me alimentar desse jeito o organismo vai se cansar menos. Mas e na padaria, como andam as coisas? Seu cliente malvado reapareceu?

– Ele aparece todo dia.

– Você não deve abaixar a cabeça.

– Nós trabalhamos com vendas, não podemos dizer nada. Ele é um cliente como todos os outros.

– Pode acreditar no que eu digo: as pessoas vão até onde nós as deixarmos ir.

– Minha avó poderia ter dito esse tipo de coisa.

– E com Ric?

Conto tudo a ela. Confesso que isso me faz bem. Sei que ela não vai me julgar. Nós nos divertimos bastante. Conversamos também sobre a sua horta, depois sobre a rua, o bairro e, até mesmo, o parque público, de onde ela me confessa ter roubado boa parte da terra para a horta. Ela se cansa mais depressa do que na minha visita anterior. Isso não me agrada. Não quero que seja um sinal.

Quem diz que só se pode fazer uma coisa de cada vez está falando bobagem. Eu estava escutando a Sra. Roudan me falar sobre o parque quando, de repente, tive um insight. Um clarão, uma visão. Pronto. Já sei como tirar o carro de Xavier do pátio!

– Xavier, abra! Sou eu, Julie.

Torno a tamborilar os dedos na porta do seu apartamento. Ouço um barulho.

– Deixe de se isolar desse jeito. Tenho que falar com você.

Um ruído de fechadura, e a porta se entreabre. Xavier está com uma expressão desolada.

– Talvez eu tenha a solução para o seu carro.

– Bom, então você é uma gênia, porque é impossível.

– Ouça, Xavier!

Persigo-o até dentro do apartamento. Sua casa é bem menos arrumada do que a de Ric. A televisão está ligada e tem batatas chips até em cima do sofá. O macacão de mecânico está jogado num canto, todo embolado.

– Queria checar uma coisa na sua oficina agora.

Ele esvazia o copo dando um último gole em não sei qual bebida e resmunga:

– Eu sei qual é a largura do meu carro. Também sei qual é a largura do portão. É impossível. Ponto final.

– Não é disso que se trata. Por favor, venha comigo até a sua garagem.

Ele acaba aceitando. Quando abre a porta, seu monstro surge na nossa frente, encolhido nas sombras qual uma fera enorme que decidiu morrer de fome dentro da jaula. Corro até a parede dos fundos. Estudo-a, fico na ponta dos pés. A parede é de tijolo.

– Xavier, você estaria disposto a bancar o pedreiro para libertar XAV-1?

– Que papo é esse?

– Atrás desta sua parede fica o parque público. Se a gente arrebentar esta parede e desmontar a cerca que fica logo atrás, vai dar direto na grande aleia lateral. Dá para tirar seu carro daqui pelo parque.

– Você ficou maluca?

– Vamos fingir que eu não escutei isso. Pense um pouco.

Ele se aproxima da parede.

– Do outro lado tem só uma cerca, você disse?

– Acabei de checar. Ela fica presa numas estacas fáceis de desmontar. É só desatarraxar, passar com o carro, remontar e pronto!

– E a cerca viva, o que a gente faz com ela?

– Essa cerca viva existia quando a gente estava no primário, Xavier. A planta morreu faz tempo, e sorte a nossa. Se você não acredita, suba no telhado do seu prédio para ver.

Ele sai feito um louco. Nem dá tempo de segui-lo, e ele já subiu no telhado. Em pé na cumeeira, analisa o outro lado. Coça a cabeça e suspira. Olha para mim lá de cima e pula bem do meu lado.

– Julie, você é uma gênia. Provavelmente vai dar errado, mas você é uma gênia.

Ele me abraça.



Nessa mesma noite, apareço na casa de Ric sem avisar. Antes que ele abra a porta, escuto claramente que está mudando objetos de lugar às pressas. O que ele está aprontando?

– Ah, é você! Algum problema?

– Nada, uma solução, mas preciso da sua ajuda.

Ele me convida para entrar. Entusiasmada, explico minha ideia. Ele escuta com atenção sem deixar transparecer nada do que está pensando. Quando tem certeza de que eu acabei, contrapõe com uma voz calma:

– Nunca vamos conseguir as autorizações.

– E é por isso mesmo que não vamos pedir. Se formos suficientemente numerosos, podemos agir rápido o bastante a ponto de ninguém notar.

– Mas você imagina quanta gente seria preciso? Mesmo quebrando antes a parede de tijolo, é preciso desmontar as cercas, e o tanque do Xavier tem que atravessar metade do parque antes de poder sair. Você tem ideia de tudo que é preciso coordenar?

– Um pouco. Já fiz uma lista.

Ele sorri.

– Você é mesmo uma mulher surpreendente.

“Ele poderia ter dito que eu sou bonita, sensual, fascinante, mas, bom, por enquanto vou me contentar com surpreendente.”

Na verdade, estou surpreendendo a mim mesma. Eis que me transformo na organizadora de uma missão maluca. Não sei por que essa história toda é tão importante para mim. Talvez porque eu goste muito de Xavier, talvez porque não suporte duas grandes injustiças no intervalo de poucos dias. No caso de Lola não posso fazer nada, mas pelo XAV-1 darei o melhor de mim.

Terça-feira é dia de volta às aulas. Dá para sentir a diferença na padaria. Hordas de crianças com as mães. Estão por toda parte, tanto na rua quanto dentro da loja. Sozinhas, devem ter comido duas toneladas de pãezinhos de leite, *chouquettes*, brioches e outros pães doces. Chega a dar medo só de pensar.

Vamos lá, crianças, podem pegar suas mochilas e suas borrachas novas. Acabaram-se as brincadeiras na rua, acabaram-se os sorvetes. Chegou a hora de estudar e fazer amigos com quem, daqui a vinte anos, vocês poderão fazer coisas idiotas, como organizar a evacuação clandestina de um carro grande demais para passar pela porta...

A Sra. Bergerot e eu encontramos nossa forma de trabalhar juntas. Agora eu até cuido do caixa de vez em quando. Acho que os clientes me adotaram. O Sr. Calant chega sempre na hora marcada para fazer o seu showzinho, mas isso nem me irrita mais. Esse homem vai acabar colhendo o que planta. Não acho que vai acontecer em razão de uma justiça imanente ou de algum deus vingador que virá fazê-lo pagar pela sua maldade. Acredito apenas que toda ação gera uma reação e que esse imbecil vai acabar causando uma das boas.

Golla, o executivo comercial do prédio ao lado, o vendedor de cozinhas convertido em agente humanitário, voltou de sua estadia na África. Está bronzeado, o que ressalta ainda mais o seu cordão de ouro e a pulseira. Ele comprou um carro popular vermelho que usa como se fosse um modelo de Fórmula 1. Apesar da minha surpresa de que um rapaz tão metido e arrogante possa ter se colocado à disposição dos outros, devo dizer que ele subiu no meu conceito e que tenho vontade de tratá-lo com educação. Dito isso, nunca vi ninguém tão orgulhoso de si mesmo. Ele parece convencido de que cada aparição sua entre nós ilumina nossas vidas desinteressantes, que ele é um Santo Graal para todas as garotas e um modelo para os rapazes. Como exibicionista

que é, deu um jeito de todos saberem da bondade que fez com aquela gente infeliz nas suas aldeias perdidas. Que imagem os africanos terão de nós depois de o terem conhecido? Ele pega seu pão de forma e sua salada de queijo de cabra com *croûtons* e pisca para mim na saída.

A vida que estou levando no momento me agrada muito. Vejo Ric com frequência, aperfeiçoo o meu plano para Xavier e estou surpresa que todos estejam comigo nessa operação.

Sophie aceitou ficar à espreita na esquina da avenida. Sonia pediu ao seu ninja para vir nos ajudar, dizendo a ele que se tratava de uma missão de honra sagrada. Convenci Xavier a chamar seus colegas para demolir a parede de tijolo. Ele também pegou alguns walkie-talkies no trabalho. Ric vai supervisionar a desmontagem das cercas. Teremos também duas outras amigas vigiando o prédio de Xavier e a parte sul do parque. Agora há pouco, tive a confirmação de que alguns amigos dos meus pais, que têm um terreno vazio na área de casas do bairro, irão acolher o XAV-1.

É a 14ª vez que cronometro cada etapa, e acho mesmo que pode dar certo. Começaremos no sábado à noite. No primeiro fim de semana depois da volta às aulas deve ter menos gente na rua a essa hora. Os funcionários municipais fecham os portões às 23h30. Até pedi ao Xavier para que ele tivesse certeza de que haveria combustível no carro e de que o motor ligaria de primeira.

Na sexta, um dia antes da data marcada, passo à noite para ver os rapazes que estão quebrando a parede de tijolo. Atravesso o pátio assobiando para não levantar suspeita. Aquele complô me proporciona um delicioso arrepio. As portas da oficina estão fechadas. Quando me aproximo, ouço alguns choques surdos, mas nada que possa fazer soar o alarme. Ao bater à porta, uso o código que combinamos. Foi Xavier quem quis que tivéssemos um código. Ele está levando essa operação muito a sério. Finalmente tem o seu veículo blindado, e nós somos o seu exército. O sonho que ele sempre teve.

Ric vem abrir. Está de camiseta e com um cinzel na mão. Fecha a porta atrás de mim tão depressa que ela me atinge. Quase espero que ele me pergunte se alguém me seguiu. Os homens são uns crianções...

Dentro da garagem, a atividade é total. Xavier protegeu seu carro com a lona. No chão, cobertores daqueles usados por empresas de mudança abafam o barulho dos tijolos que caem. Quem maneja a marreta é Jean-Michel, namorado

de Sonia, e em seguida Xavier e um colega recolhem os tijolos.

– Não é fácil – comenta Ric.

Jean-Michel está usando uma roupa preta de combate como nos filmes de kung fu. Expira antes de cada marretada, e tenho a impressão de que cumprimenta cada tijolo que cai. Ele também não é nada feio...

– Tudo no prazo previsto? – indago.

Xavier confere o relógio.

– Terminamos daqui a quatro horas. Está demorando um pouco porque eu quero guardar os tijolos para reconstruir a parede depois. Ric, sua vez de assumir.

Jean-Michel estende a marreta para Ric, que segura o cabo. Ele não é tão forte quanto seu cúmplice ninja, mas se lança ao trabalho com vontade. Seus golpes são precisos. Eu o acho bonito fazendo aquele esforço. Por pouco não esqueço a missão da agente JT.

Gosto daquele clima, das lâmpadas que projetam sua luz forte, dos choques que parecem um metrônomo, de Xavier terminando o trabalho com o cinzel para soltar os tijolos. Parece um filme de guerra no qual os heróis precisam fugir de uma fortaleza inimiga escavando um túnel.

Dez minutos mais tarde, chega a vez de o colega de Xavier empunhar a marreta. Ric recupera o fôlego. Seus cabelos estão repletos de pó de cimento. Ele se aproxima de mim. Seus ombros reluzem, os braços parecem ainda mais fortes. Você vai achar que eu passo o tempo todo achando-o bonito, mas é verdade. Juro que aviso se um dia eu o achar feio.

Sábado à noite. Falta uma hora. Agora eu estou convencida de que isso é a coisa mais doida e imbecil que eu já fiz em toda a minha vida. Num derradeiro intervalo, a equipe vai fazer um lanche na casa de Xavier logo antes de dar início à ação. Mesmo que ninguém nunca faça isso nos filmes de guerra, eu trouxe alguns doces. É um clima estranho. Muitos integrantes do comando XAV-1 não se conhecem.

Xavier mostra para Sophie como usar o walkie-talkie. Ric repassa as etapas com o colega pela última vez enquanto Jean-Michel se concentra, equilibrado numa pose impossível sobre uma cadeira. Ele colocou sua bandana de combate. Sonia o devora com os olhos.

Xavier conclui as instruções de Sophie. Ela vem até mim.

– Não consigo acreditar que foi você quem teve a ideia desse plano maluco.

– Isso é um elogio?

– Vou logo avisando: se alguém pegar a gente, vou dizer que vocês me drogaram.

– É só você cantar uma música para eles, qualquer uma. Eles vão acreditar.

– Que comentário cruel.

– Preparada?

– Você se dá conta do que está fazendo?

– Não, eu programei a tomada de consciência para daqui a duas horas.

Levanto-me.

– Rapazes, está na hora.

“Nossa, que frase ridícula. Exagerei nos seriados de TV...”



A noite quase caiu. Tudo está calmo.

- Equipe Radar, todo mundo a postos?
- Vigilância prédio: a postos. Sem problemas.
- Vigilância parque: a postos. Nenhum problema à vista.
- Vigilância rua: *bzzz... tóin... chhh... tlac.*
- Sophie, se você quiser que a gente entenda tem que manter o botão pressionado.

- Que idiota eu sou!
- Isso, assim, perfeito, agora todo mundo ouviu. Equipe Parafuso, a postos?
- Preparados.

Xavier respira num ritmo regular, tentando relaxar. Temos a impressão de que a vida dele está em jogo. Estou com ele na oficina. Somos nós quem vamos dar o sinal verde. A parede foi demolida por completo, e dá para ver a cerca. Assim que a passagem for aberta, ele vai se sentar ao volante de XAV-1 e dar a partida.

Ele pega o walkie-talkie que estou segurando.

- Atenção ao sinal verde, vamos dar a partida.
- Negativo, negativo! – interrompe Sophie. – Transeuntes se aproximam.

Mas que porcaria eles estão fazendo?

– Avise assim que eles forem embora – responde Xavier, cada vez mais sob pressão.

Os segundos são intermináveis. Se algum de nós for capturado, vai ser torturado até dizer o nome dos cúmplices. Eu jamais entregarei Ric. Eles podem até pressionar Jade, mas eu não direi nada. Prefiro morrer.

O walkie-talkie chia. Vem a voz de Sophie:

- Foram embora, está liberado.
- Se estiver ok para todo mundo, vamos lá.

Todos confirmam.

- Então, amigos, foi dada a largada!

No mesmo segundo, ouvimos as parafusadeiras de Jean-Michel e Ric entrarem em ação. Em menos de três minutos eles retiram a primeira placa da cerca. Um terço da passagem já está aberto. Passo para o lado do parque de modo a ajudar Nathan, o colega de Xavier, a tirar as placas do caminho. Enquanto o ninja desparafusa, Ric começa a derrubar as estacas.

– Xavier, sente ao volante e se prepare para dar a partida – ordena ele.

Um gato sai dos arbustos e nos observa. Encaro o bichano.

– Se você abrir a boca, eu juro que depilo você todinho.

– O que está fazendo, Julie? Me ajude a tirar esta segunda placa.

Jean-Michel parece estar tendo dificuldade com os últimos parafusos. Ele insiste.

– Não force, assim você vai estragar os parafusos – diz Ric.

Um ronco da parafusadeira ecoa na noite. Tarde demais.

– Merda, o parafuso estragou.

Jean-Michel olha para nós e pensa um pouco.

– A gente não pode parar agora, a dois parafusos da última placa. Que os espíritos dos combatentes nos guiem!

“Estamos fritos. Sou uma louca de ter metido todos eles nessa. Somos um bando de trapalhões, uns doidos de pedra.”

Xavier começa a ficar preocupado. Ric o manda voltar para dentro do seu bólido. De repente, Jean-Michel solta um gritinho ridículo e dá um salto e um forte chute no último parafuso preso. Cai para trás como um pudim mole espatifado no ladrilho. A cerca ganhou o round.

– Que porcaria! – geme ele. – Ferrei meu pé!

Ric não hesita sequer um segundo: entra direto na garagem, vasculha entre as ferramentas e sai com um pé de coelho na mão.

– Que se dane, vamos arrancar os parafusos.

Ele faz uma alavanca e arranca a última placa da cerca. Jean-Michel rasteja de lado, e nós dois tiramos a placa do caminho.

– Xavier, ligue esse carro e dê o fora daqui!

No instante em que ele gira a chave, o cano de descarga cospe uma nuvem negra imensa. Não precisa ter nenhum receio em relação ao meio ambiente, pois quem respirou a maior parte da fumaça foi Jean-Michel. Seis anos de tabagismo passivo em menos de um segundo. Ele é mesmo um herói.

Com os faróis apagados, XAV-1 avança lentamente de marcha a ré na nossa direção. Até acho que o motor faz um barulho magnífico. Ric o ajuda a manobrar.

O carro retorna em curva para que, assim, fique na posição certa na aleia. Xavier abaixa o vidro:

– Tudo bem?

– Tudo, suma daqui. A gente se encontra na sua casa.

Ric pega o walkie-talkie.

– Vigilância zonas sul e portões, vão todos para a entrada, XAV-1 está chegando.

Xavier avança, e seu bólido imenso desliza na noite entre os canteiros de flores, ocupando toda a largura da aleia.

Ric não perde tempo:

– Jean-Michel, vá se abrigar na garagem, deixe que eu monto tudo com o Nathan. Julie, vá com ele e comece os primeiros socorros.

– Vocês conseguem dar conta só os dois?

– Não se preocupe. É só aparafusar de novo.

Ele me acompanha e, ajudado por Nathan, fecha uma das placas atrás de mim. Está ali, do outro lado da grade, trabalhando em silêncio.

Jean-Michel se contorce de dor.

– Apoie-se em mim, vamos subir para a casa do Xavier e ver o que você tem.

Alguém bate à porta do apartamento de Xavier. É o código certo. Ric entra. Eu literalmente pulo em cima dele. Encosto minha bochecha suja na dele, que está coberta de terra. Passo os braços em volta do seu pescoço. Aperto com todas as forças. Ele pousa as mãos nas minhas costas. Talvez porque ele não me abraça com a mesma paixão, tomo consciência de repente da familiaridade com a qual acabo de agir. Paciência, foi demais, mas por baixo da sujeira que me cobre o rosto ele nunca vai conseguir ver que estou vermelha feito um pimentão. Arrasto-o até a sala, onde Jean-Michel está estendido com gelo no tornozelo, rodeado por todas as mulheres. O descanso do guerreiro. Ric pergunta como ele está. Jean-Michel vai sobreviver. Por outro lado, o diagnóstico vital do seu orgulho está em risco...

– Notícias do Xavier? – pergunta-me Ric.

– Ele ligou. Está tudo bem. Não deve demorar.

As mulheres já estão conversando sobre como suaram frio. Jean-Michel não diz nada, a menos que esteja meditando. Nathan serve bebidas para todo mundo, mas esperamos Xavier para o brinde.

Ric se aproxima.

– Você foi perfeita. Um verdadeiro soldado de elite.

– Você acha mesmo?

– Agiu feito uma profissional.

– Seu sangue-frio me deixou impressionada.

Batem de novo na porta. É um código, mas não o correto. Vou até a porta.

– Quem é?

– Sou eu – responde a voz aflita de Sophie. – Abra. Esqueci o código, e daqui a dois segundos vou ter que fazer xixi no hall de tanto que estou apertada!



Alguns minutos depois, Xavier se junta a nós. A equipe está enfim completa. Conseguimos. Juntos completamos a mais louca das missões. Tal como especialistas, não deixamos nada para trás a não ser as marcas de pneu no gramado entre a garagem e a aleia. Estamos todos tão satisfeitos por ter conseguido esse feito que, para comemorar, fazemos todo o barulho que não podíamos fazer durante a operação. Mais um pouco e poderíamos cantar canções de caserna, mas eu só sei cantar cantigas de roda. Dá para imaginar um batalhão de forças especiais entoando a uma só voz “Atirei o pau no gato”?

Então, de repente, enquanto todos brindam já narrando a lenda, sou tomada por uma angústia incontrolável e começo a tremer. Seria a minha primeira crise histérica. Sophie se aproxima. Não parece nada preocupada.

– Muito bem, garota, nem um minuto de atraso – diz ela.

Dou um soluço, e quase não consigo falar.

– Do que você está falando?

– Da sua tomada de consciência programada. Duas horas depois, exatas. Que pontualidade! Agora você percebe o que obrigou a gente a fazer, sua doida?

Sei do que eu precisaria para me acalmar: uma boa ducha fria, com o Ric, sem nossas roupas.

No decorrer das semanas, algo mudou. A partir daquela noite, todos que participaram da operação passaram a compartilhar um vínculo ainda mais forte, um segredo. Como diria Xavier, somos todos veteranos.

Ric e eu nos telefonamos quase todos os dias quando não nos vemos. E eu agora estou com vontade de dar início à nossa grande mesa-redonda, cujo tema da noite vai ser: “Até quando é razoável esperar que um homem nos dê um beijo de verdade ou, até mesmo, tente transar com a gente?” Entre os convidados, temos um professor de ginástica que se acha um deus, especialista em psicologia masculina; Géraldine Dagoin, especialista em cliques de papel; um executivo comercial com sua pá e seu poço; e um gato.

Duvido que aquilo que vem se desenhando entre mim e Ric seja a pior das alternativas possíveis atualmente. Temo que, de tanto desmontar placas de madeira, remendar boilers de água quente e evitar incêndios, nós fiquemos superamigos, os melhores amigos do mundo, mais nada além disso. Nossas atividades não têm nada a ver com as de dois jovens que estão se paquerando. Teve o concerto, é verdade, mas, se eu tivesse que qualificar esse programa, o adjetivo “romântico” jamais me ocorreria. O que eu devo fazer?

Na padaria, estou habilidosa agora. Me dou muito bem com a equipe, que não sente saudades de Vanessa. Denis me chama para provar suas novas receitas, e Nicolas me ensina palavras novas, o que me permite xingar o Sr. Calant de “nojulso” fazendo-o acreditar que esse adjetivo, em tese elogioso, era usado antigamente para se dirigir aos nobres de mais alta estirpe da nossa região. Até a Sra. Bergerot rolou de rir...

Agora que tenho um pouco mais de experiência como vendedora, consigo embalar os doces mais complexos e, ao mesmo tempo, escutar as fofocas e boatos que correm o dia inteiro pela nossa loja. Poucos dias depois da nossa

operação XAV-1, por exemplo, alguns clientes começaram a contar que delinquentes haviam destruído a cerca do parque público para fugir da polícia e que seu carro havia sumido misteriosamente após ter percorrido dois terços da grande aleia lateral. A Sra. Tourna chegou a confirmar que as marcas da derrapagem ainda eram visíveis. Dias depois, ouvimos falar na história de um OVNI que teria sobrevoado nossa cidade nessa noite, e, inclusive, algumas pessoas afirmaram ter visto com clareza um disco voador imenso e preto voando baixo nas aleias do jardim, decerto para recolher amostras de nossa fauna e flora. Com certeza ainda vamos rir muito disso.

Este trabalho, enfim, é um local de observação incrível para quem se interessa por seus semelhantes. Aqui vemos desfilar nossos pares do jeito que eles realmente são. As padarias não deveriam precisar de vendedoras, mas de pesquisadoras de antropologia e especialistas em psicologia. Não é preciso esperar uma civilização ter desaparecido para que se tente entendê-la por meio dos restos que conseguimos desenterrar. Se você quiser compreender a realidade dos indivíduos e da nossa espécie, basta passar o dia inteiro vendendo pão.

Do lugar em que estou, não tenho nem vontade nem pretensão de julgar tudo o que escuto. Mesmo assim, eu aprendo. Às vezes me vejo comovida ou chocada, mas, para além das anedotas, o que desponta em mim é uma definição do ser humano bem mais ampla e, no fim das contas, um tanto simples. A inteligência, sem dúvida, é um fator importante, assim como a educação e o lado físico, mas o fator mais determinante numa pessoa é aquilo que ela decide livremente fazer ou contar. O resultado, embora ilimitado, se divide naturalmente entre dois grandes polos. De tanto ver passar gente de todas as idades e de todas as condições, percebo que se pode dividir a raça humana entre aqueles que foram feitos para amar e aqueles que nem sequer entendem o que isso significa. Os afetivos e os outros. Desde então, divirto-me percebendo as pessoas através desse filtro. O resultado é surpreendente. Traduz-se tanto no modo de ser quanto no modo de agir. Da forma como uma pessoa olha para você à maneira como ela trata o seu troco, tudo é testemunha disso. Do mais simples bom dia à porta que fechamos na cara de quem está atrás de nós na fila. Alguns até tentam se esconder debaixo de uma carapaça de durões, mas têm um coração de ouro. Outros podem até tentar passar por gentis, mas só pensam nos próprios interesses. Até eu achei isso simplista no começo; mas experimentem, você vai

ver que funciona.

Inevitavelmente, penso nisso em relação às pessoas que conheço: Sophie, a Sra. Roudan, Mohamed, meus pais, Xavier, e o caso que mais me toca: Ric.

Como em qualquer situação, nada é totalmente preto nem totalmente branco, mas em relação a ele me parece ainda mais difícil ter uma opinião definida. Será porque a minha teoria é estúpida, ou porque ele não se revela o suficiente? Seus atos e comportamentos mostram que é uma pessoa legal. No entanto, está claro que ele não diz tudo. Pense, Julie; dessa resposta, sem dúvida, depende boa parte da sua vida...

À noite, quando Ric pede para passar na minha casa, posso garantir a você que imagino tudo e mais um pouco. Na minha cabeça, para não ser pega desprevenida, bolo uma resposta para cada cenário possível:

“A gente poderia ir jantar no restaurante, que tal?”

A resposta é sim.

“A gente poderia ficar.”

A resposta é sim.

“Eu poderia beijar você aqui e mais aqui talvez.”

A resposta é sim.

“Não está com calor com esse vestido levinho?”

A resposta é sim.

“Quer casar comigo?”

A resposta é sim.

Em outras palavras, eu estou disposta a tudo. Mas você sabe o dom que os homens têm para nos surpreender...

– Vou estar fora por alguns dias. Não confio no registro geral de água do meu apartamento. Então, queria saber se você poderia passar lá de vez em quando para ver se o lugar não virou uma piscina.

“Que pena que você não mora em cima da Sra. Roudan, assim essa água teria regado a horta dela.”

Confesso que jamais cogitei essa eventualidade. Mesmo assim a resposta é sim. Ainda mais porque Ric parece preocupado.

– Sem querer ser indiscreta, você vai se ausentar por algum problema?

– Não, nada de grave.

– Seus pais estão bem?

– Está tudo bem, eu garanto.

– Sobre o apartamento, pode contar comigo.

– Muito obrigado.

– Você quer que eu pegue sua correspondência também?

– Não precisa, só vou ficar fora uns cinco ou seis dias.

“Cinco ou seis dias? Seja exato. Assim avalio o número de cabelos brancos que vão nascer na minha cabeça.”

– Se tiver algum vazamento, aviso você pelo celular?

– Talvez não seja fácil entrar em contato comigo, mas pode deixar recado e avisar o Xavier.

Ausente. Destino desconhecido. Sem data certa de retorno. Sem atender o celular.

– Você vai quando?

– Amanhã de manhã cedo.

Meu moral desmorona. Esforço-me para impedir que meu queixo comece a tremer feito o de uma criança à beira de uma crise de choro.

“Vou sentir sua falta. Não sei se está indo ajudar a outra cachorra a fugir da prisão, mas estou com muito medo de que você não volte. Hoje pode ser a última vez que o vejo.”

– Está tudo bem, Julie?

– Tudo, tudo. Sem problemas.

Não devo ter sido muito convincente. Ele vem na minha direção e me abraça. Me aperta contra si com força. Suas mãos sobem na direção do meu rosto, que segura delicadamente entre as palmas. Ele está tão perto... Sinto seu hálito na pele.

– Não se preocupe – murmura ele. – É importante para mim. Depois disso, vou ficar livre.

Ele encosta os lábios nos meus. Fecho os olhos. Algo mais forte do que tudo me dominou. Eu pareço um castelo de cartas desmoronando em câmera lenta. Quando ergo as pálpebras, Ric não está mais lá, e suas chaves estão em cima da minha mesa.

Minha vida sem Ric. O que dizer? Penso nele ainda mais do que quando estava por perto. Já nos aconteceu de não nos encontrarmos, mas pelo menos havia a possibilidade de vê-lo ou de cruzar com ele. Agora sei que isso não vai acontecer e, apesar do que ele me disse, tenho medo de que não aconteça mais.

Seu beijo continua provocando calafrios até o recôndito da minha mente e do meu coração. Será que ele me beijou para confessar o que sente, ou foi como um presente de despedida?

Não paro de me lembrar das suas palavras: “Depois disso, vou ficar livre.” O que ele quis dizer?

Minha impressão é de que, ao partir, ele me confiou a guarda do mundo, de modo que tento ser digna. Para dizer até que ponto me esforço, estou prestes a adotar um dos filhotes de gato oferecidos no anúncio pregado na nossa vitrine. Em todos os meus atos, mesmo os mais insignificantes, tento ser irrepreensível, honrá-lo, me comportar como se ele pudesse ver e ouvir tudo, para que sinta orgulho de mim. Certa vez ouvi a Sra. Bergerot dizendo algo semelhante. Estava se referindo ao falecido marido. Eu queria muito conversar com ela sobre o assunto, mas essas dores são demasiado íntimas para serem compartilhadas. Minha avó costumava dizer que as alegrias compartilhadas se multiplicam, ao passo que as tristezas compartilhadas se dividem. A Sra. Roudan sem dúvida teria completado dizendo que nenhuma dor atinge aquele que consola. O que nem sempre é verdade, de modo que na maioria das vezes cada um carrega o próprio fardo.

Na primeira noite em que entro no apartamento dele, experimento uma sensação estranha. Minha impressão é de que ele está ali, me observando. Não há um ruído sequer. Avanço na ponta dos pés, como se fosse uma cética num santuário. Verifico o chão da cozinha: está seco. Abro o armário debaixo da pia.

Algumas embalagens de produtos de limpeza substituíram as ferramentas que entrevi no dia de nosso memorável jantar. O que ele terá feito com elas? Talvez as tenha levado consigo para realizar aquilo que está preparando em segredo.

Viro-me e observo a decoração. É tudo funcional, organizado, limpo. Nenhuma foto, nenhum objeto supérfluo que pudesse testemunhar seus gostos ou sua história. Mal me atrevo a olhar, tamanha a minha impressão de estar sendo indiscreta. Apesar disso, me faço mil perguntas sobre o que ele não diz, sobre o que ele é de verdade... As respostas, sem dúvida, estão ali, dentro dos armários, no laptop, naquelas pastas empilhadas com esmero. Sinto-me tentada a bisbilhotar, mas não consigo. Teria a impressão de o estar traindo, abusando da confiança que ele depositou em mim. De repente, uma pergunta me ocorre: será que ele deixou as chaves comigo porque de fato temia um vazamento, ou porque está me testando? Vai ver o apartamento dele está cheio de microfones e câmeras, e ele está me observando naquele instante. Meu Deus, eu nem sequer penteiei o cabelo!

Examino cuidadosamente o registro geral e, em voz alta, declaro, com o talento execrável de uma atriz que articula exageradamente as palavras:

– Perfeito, nenhum vazamento. Que bom para o Ric.

Saio do apartamento o mais depressa possível. Do lado de fora, recupero o fôlego. Apoio as costas na parede, feito uma criminoso em fuga aproveitando um momento de trégua. De repente, penso que talvez ele também tenha instalado sistemas de vigilância para proteger a sua porta. Uma descarga de adrenalina faz com que eu me empertue.

– Nossa! Que calor! – digo em voz alta.

Onde ele pode ter escondido as câmeras?

Eu, que já estava maluca, agora estou ficando paranoica. Que garota irresistível eu me tornei. Nessa noite eu aprendi algo inédito para mim: eu sinto falta não de alguma coisa, mas de alguém.

Conto os dias. O fim de semana sem ele foi difícil. Estive com Xavier, que estava muito bem. Estive com Sophie, que não estava nada bem. Conversei um pouco mais com mamãe ao telefone, e ela ficou superfeliz por eu, finalmente, ter conhecido um rapaz legal. Inclusive, confessou no meio da conversa que, mesmo só tendo visto Didier uma única vez, não gostava nem um pouco dele. O que será que ela vai dizer sobre o Ric caso algum dia o encontre? Papai vai mandar fazer uma piscina antecipando-se à chegada dos netos, que nós certamente vamos providenciar assim que encontrarmos um cantinho escuro e dez minutos livres. Miau!

No quesito fetichismo, comprei o mesmo sabão líquido para roupas que vi debaixo da pia dele para lavar sua camisa, assim ela vai continuar com seu cheiro.

Estou preocupada com a Sra. Roudan. Segundo o Dr. Joliot, os exames dela não estão se estabilizando, e a doença está evoluindo. Ele me dá poucas esperanças. Agora que nos conhecemos melhor, a Sra. Roudan aceita ir passear comigo nos jardins do hospital, mas na cadeira de rodas. O passeio nunca dura muito, pois ela se cansa depressa. Tenho a impressão de que seus legumes já não lhe interessam tanto. A única coisa que ainda consegue fazê-la sorrir são as histórias que lhe conto, sobre Ric e sobre as fofocas da padaria. Como nunca conversei muito com minha única avó, nossa relação preenche um enorme vazio. Na minha saída, ela me pede um favor que, na mesma hora, interpreto como um mau sinal. Queria que eu lhe trouxesse a fotografia amarelada que fica em cima do seu criado-mudo. Não gosto nem um pouco do que isso talvez signifique em relação ao seu ânimo. Tentarei visitá-la com mais frequência, embora, com os horários da padaria, isso seja complicado. Quando fechamos, o horário de visita já se encerrou.

Hoje faz cinco dias que Ric foi embora. Torço para que ele volte. Talvez me deixe algum recado. Talvez já esteja na nossa casa, enfim, quero dizer, no nosso prédio.

Hoje de manhã, a Sra. Bergerot me confia uma missão muito especial. Denis e eu teremos que entregar 10 quilos de *petits-fours* para um evento na prefeitura. Eu visto um jaleco limpo, e nós enchemos a van com bandejas cobertas de docinhos multicoloridos impecavelmente enfileirados.

Denis dirige. Ele é mesmo um sujeito encantador. Não consigo entender como um homem tão legal ainda esteja solteiro. Para proteger os doces, ele dirige bem devagar.

– Vamos estacionar atrás da prefeitura – explica ele. – O prefeito é simpático, você vai ver.

– Já o encontrei quando eu trabalhava no banco. A filha dele tem conta lá.

– Você está feliz por ter mudado de profissão?

– É a melhor decisão que já tomei na vida!

– Não sei se a patroa comentou, mas a gente saiu ganhando nessa troca da Vanessa por você.

– Obrigada, Denis.

Chegamos em frente à prefeitura. Ele contorna a esplanada já repleta de carros, alguns oficiais.

– Que evento é esse? – pergunto.

– Não faço a menor ideia. Eles fazem eventos toda semana. Inauguração, parceria, comemoração. Tem sempre alguma medalha a ser entregue ou mãos a serem apertadas.

Um agente da polícia municipal nos faz sinal para estacionarmos perto da saída de emergência do salão nobre. Mal estacionamos a van quando um garçom aparece e nos pergunta:

– Estamos atrasados, podem nos ajudar a levar as bandejas para dentro?

– Sem problemas – responde Denis.

Pessoas correm para todo lado. Um técnico faz testes no microfone, outro posiciona vasos de plantas nas quinas do tablado. Arrumamos as bandejas de doces sobre uma mesa comprida. De repente, o senhor prefeito adentra o salão. Está usando seu cachecol nas cores da República, azul, branco e vermelho. Cumprimenta a todos com um sorriso de eterno candidato. A Sra. Debreuil entra

logo atrás dele. Não aperta a mão de ninguém. Verifica que está tudo em ordem antes do início do show. Desta vez, seu vestido é azul e igualmente elegante. Ela carrega sua bolsa preferida e usa um colar que tem um brilho ofuscante.

Ela está diante do lugar em que preciso pôr minha bandeja de doces. Nunca cheguei tão perto dela. Apesar das rugas, é uma mulher imponente. Seus olhos passam por mim sem sequer me notar. Fico fascinada pelo colar dela. Com certeza não é falso.

Ela vai direto até o prefeito.

– Gérard, não daria para termos mais luz? Acho que está escuro demais.

Ele se vira para os funcionários da prefeitura.

– Crianças, vocês acham que conseguem me descolar dois ou três spots?

Os agentes municipais agem na mesma hora. Tal qual uma imperatriz, a Sra. Debreuil retoma:

– Gérard, também seria preciso iluminar este tablado, senão fica triste demais.

Vendo os dois juntos, não se sabe ao certo quem foi eleito. Como se estivessem sozinhos, ela não se acanha para lhe dar instruções, e ele obedece.

Denis reaparece com a última bandeja. Vai cumprimentar o prefeito, depois a Sra. Debreuil, que não segura a mão que ele lhe estende.

– Venha, Julie, vamos embora daqui.



De volta à padaria, minha cota de pessoas desagradáveis ainda não se esgotou. Eu perdi o Sr. Calant, mas a Sra. Bergerot está bem nervosa com o que uma freguesa lhe contou:

– Foi minha filha quem me disse. Ela é suplente na delegacia. Ele foi interrogado ontem por quatro horas e corre o risco de ter sérios problemas.

Temo que se trate de Xavier. Será que alguém identificou o seu carro? Vou à delegacia me entregar. Direi que sou eu o cérebro da operação. Daqui a vinte anos, quando eu sair da prisão, irei depilar o gato, pois tenho certeza de que foi ele quem nos denunciou.

A Sra. Bergerot parece mais escandalizada do que nunca. Embora já deva ter escutado de tudo... Vira-se para mim.

– O executivo, sabe? O que mora aqui do lado, aquele do carro vermelho que viajou para ajudar crianças africanas...

Ela se vira para a freguesa e dispara:

– Conte a ela, Sra. Merck, eu não consigo de tanto nojo.

– Bom, ele não foi lá ajudar crianças coisa nenhuma. Parece que leu em algum lugar que um homem tinha ganhado uma fortuna no Níger vendendo balas e chocolates coloridos parecidos com remédios. E o canalha copiou a ideia. Percorreu o interior do Senegal se fazendo passar por médico. As balas vermelhas eram contra a disenteria, as azuis promoviam a fertilidade, as verdes ajudavam as crianças a crescerem. Ele vendia os “remédios” pelo equivalente a dois meses de salário das pessoas. Todo mundo na delegacia quis quebrar a cara dele. Foram funcionários da Cruz Vermelha que descobriram esse tráfico repugnante e o denunciaram às autoridades.

Se esse homem estivesse na minha frente, eu arrebentaria a cara dele. E eu me esforçando para tratá-lo com educação! Deveríamos sempre confiar nas nossas primeiras impressões das pessoas. Ele é um filho da mãe imundo. Espero que tenha os piores problemas possíveis.

A Sra. Bergerot está ainda mais furiosa porque o escroque conseguiu fazer propaganda por toda parte da sua “viagem humanitária”. De repente, ela se descontrola:

– Vocês vão ver, ele comprou aquele carro metido com o dinheiro que roubou dos pobres infelizes!

Não vou esconder de você: nos dias seguintes nós nos desdobramos para fazer o máximo de propaganda possível contra ele. Mas o melhor foi quando ele finalmente apareceu na padaria...

Quando essa vergonha humana estaciona seu carro cafona próximo à calçada, só há três pessoas na padaria. A Sra. Bergerot, que já posso ver prestes a explodir, espicha a cabeça para os fundos da loja e berra:

– Julien, Denis, vou precisar de vocês aqui!

O rapaz entra, vestido com seu terno um tanto grande. Só há mulheres no local. Ele se comporta como um galo no galinheiro. No entanto, a julgar pelos olhares assassinos que duas freguesas lhe lançam, a notícia sobre a sua real faceta já circulou bastante. Mas isso não parece perturbá-lo. Ele está contente consigo mesmo. Fascinante. Como um ser humano, digno desse nome, pode se entender com a própria consciência a ponto de parecer tão orgulhoso quando foi expulso da África e está sendo perseguido pela polícia e pela justiça? Deve ser esta a força dessas pessoas: serem insensíveis a tudo, exceto aos próprios interesses.

Ele se posta diante da Sra. Bergerot; ela o fuzila com o olhar.

– Vou levar duas baguetes e quatro tortas de cebola.

– Sinto muito, acabou.

Atônito, ele arregala os olhos.

– Isso é uma piada?

Ele aponta para a grade repleta de pães e tortas.

– E isto aqui, o que é?

– Uma ilusão de ótica. Por outro lado, se o senhor quiser, nós temos comprimidos contra a babaquice e a maldade – completa a patroa, apontando para o mostruário de balas.

Julien e Denis aparecem. Nosso padeiro-chefe trouxe até a longa pá que usa no forno.

O lamentável escroque avalia os presentes e dá uma nova demonstração de

arrogância. Aponta um dedo ameaçador para a Sra. Bergerot e declara:

– A senhora não tem esse direito. Isso é recusa de venda. Eu vou dar queixa.

A Sra. Bergerot está a um passo de explodir. Julien a contém e passa para o outro lado da bancada. Posta-se diante do filho da mãe.

– Escute aqui, seu escroto: nunca mais ponha os pés aqui. Cai fora. Pessoas como você são uma vergonha.

– Você acha mesmo que me mete medo?

Denis se adianta para servir de reforço.

– Se não está com medo, é mais uma prova de que você é um babaca. A gente já disse para você dar o fora. Saia do bairro, saia da cidade.

– Saia do planeta, seu lixo! – acrescenta a Sra. Bergerot.

O rapaz ergue a cabeça e bate em retirada, convencido de que é digno. Três dias depois, Mohamed lhe pede que acerte sua conta e o proíbe de voltar, a dona da livraria não quer nem mais falar com ele, e o chefe dele recebe pedidos de reembolso de quase todos os clientes para quem o homem conseguiu empurrar suas cozinhas. O dono da farmácia organiza uma vaquinha para mandar dinheiro e remédios de verdade para as pessoas que ele enganou. Consegue arrecadar bastante. É tocante. Às vezes o mal produz o bem. Talvez consigamos consertar o mal que aquele idiota fez. Mas vou lhes dizer o que mais me deixa revoltada: apesar de tudo, ele talvez se safe. Ainda que seja processado, terá direito a um advogado que, sem hesitar, recorrerá até mesmo à má-fé para salvar a pele dele. De todo jeito, esse tipo de homem sempre arruma desculpas. Essas pessoas têm talento para isso; vivi com uma delas durante anos. Sua honra não reside nos seus atos. No caso do executivo, sua honra está no carro vermelho. Isso me enlouquece. Se eu não fosse mulher, teria ficado ao lado de Julien e de Denis. Dá raiva não ter dito nada, não poder fazer nada. Estou até com uma ideia em relação ao carro dele, mas é bem feia.

Falei com Ric ao telefone, ele volta hoje à noite, e tarde. Prometeu passar na minha casa. Sua ausência durou sete dias. Estou feliz com a ligação, aliviada pelo seu retorno. Vou contar tudo a ele: sobre os OVNI's, sobre a Sra. Roudan, sobre o miserável e até sobre os australianos que chegaram para o casamento de Sarah. Espero que ele também me conte tudo, e que aceite o que vou lhe pedir.

Trouxe vários salgados e doces da padaria, para o caso de ele estar com fome. Também decido pegar sua correspondência. Acreditem ou não, nem sequer dei uma olhada no que ele havia recebido. Dá para acreditar nisso? Poucas semanas atrás, eu estava prendendo a mão na sua caixa de correio para espioná-lo, e hoje tenho a chave e nem sequer olho as suas cartas.

Fico à espera. Não espio a escada. Minha vontade é de dançar, de tanto que me sinto bem só de pensar que vou revê-lo, mas Toufoufou não aprova. Batidas à porta. Ele está ali, na minha frente. Tenho a impressão de que minha vida finalmente recomeça após uma pausa. Ele tem os traços contraídos. Acho que emagreceu. Seu olhar parece mais escuro. Dessa vez, sou eu quem o puxo para dentro e o abraço. Não me atrevo a beijá-lo, mas encosto a cabeça no seu peito. Ele acaricia meus cabelos.

– Trouxe uma lembrancinha para você.

Ele me estende um embrulho de presente. Pela forma, não pode ser a boneca que grita “iupi!”, mesmo assim tenho certeza de que vai ser um presente legal. Desfaço o embrulho. Uma caixa. Dentro dela, um suéter marrom, macio, grosso, lindo. Acho que é um modelo masculino. Faço uma cara de dúvida.

– É maravilhoso, muito obrigada.

– Como você parece gostar de roupas masculinas...

“Para que eu goste deste suéter tanto quanto da sua camisa, você primeiro precisaria usá-lo durante um ano, sem nada por baixo. Mas deixa isso para lá, é

coisa de mulher.”

Coloco o suéter na frente do corpo; é dois tamanhos acima do meu. Vou poder alugar a segunda metade para Sophie, ou quem sabe para uma família de gatos. Além do mais, não é com esse tipo de presente que vou conseguir deduzir onde ele estava...

– Não teve problema nenhum na sua casa, nenhum vazamento.

– Eu vi. Obrigado por ter pegado a correspondência.

“Nas suas gravações de segurança, você vai ver que não fuzei em lugar nenhum. Nem me esfregar nas suas roupas eu me esfreguei.”

– Quer ficar para comer alguma coisa?

– É muito gentil o seu convite, mas estou exausto. Preciso dormir, de verdade.

“Conseguiu fazer o que queria? Está livre agora? Acabaram os segredinhos, acabou aquela mochila misteriosa, acabaram as ferramentas capazes de serrar barras de ferro?”

– Sua viagem correu bem?

– Correu, obrigado. Você está com as minhas chaves?

Apesar de ele ser educado, o recado é claro. Pego o molho de chaves na minha estante.

– Eu sei que está cansado, mas, mesmo assim, queria perguntar uma coisa a você...

– Pode falar.

– Pensei numa coisa: sábado que vem uma amiga minha vai casar. Será que...

Hesito. Não quero levar um fora na noite do nosso reencontro. Ele espera. Eu inspiro fundo e me lanço:

– Será que você aceitaria ir comigo?

Pronto, falei. E então cronometro em milésimos de segundo o tempo que ele leva para responder e registro a reação dele em altíssima definição, para depois rever as imagens e analisá-las bem.

– Vai ser um prazer. Depois me diga como devo me vestir.

Quase chega a ser estranho que tudo corra tão bem. Os homens são estranhos. Às vezes fazem uma tempestade por nada e, numa situação dessas, ficam um veludo. Alguém teria o manual de instruções?

Ele me beija só na bochecha, mas não só como amigo.

– Estou feliz em rever você. Queria ficar, mas estou exausto mesmo. A gente se fala amanhã, tá?

As meninas passaram o dia inteiro me ligando para dizer que avistaram Steve, seus parentes, ou algum de seus amigos bombeiros. Algumas chegaram a passar na padaria só para isso. Parecem umas loucas com esses australianos. Sophie saiu uma noite com Sarah e sua futura família. Disse que Steve e ela parecem muito apaixonados. Disse, também, que os pais de Steve são tão feios quanto ele é bonito. Para você ver...

A Sra. Bergerot me deixou folgar no sábado à tarde para que eu fosse à cerimônia. Sarah teve sorte: o tempo está lindo.

Ric está superelegante. Calça de linho creme, camisa marrom-clara, gravata e blazer num tom mais escuro do que a camisa. Eu tirei do armário meus escarpins especiais de tortura; mas, tudo bem, é por Sarah. Observo nós dois no reflexo da vitrine do açougue, voltado para a esplanada da prefeitura, e penso que combinamos.

Os primeiros convidados já chegaram. Para reconhecer os australianos, nem é preciso pedir o passaporte: todos são mais altos do que a média, com uma cabeça de diferença ao menos. É verdade que são bonitos. Parecem felizes por estar ali. Maëlys e Léna já chegaram. Há até alguns bombeiros das redondezas, vinham cumprimentar os colegas do outro lado do mundo e se certificar de que, a partir de agora, poderão resgatar gatos de árvores e organizar festas dançantes sem medo de Sarah pular nos seus pescoços. Apresento Ric a todas as minhas amigas. Sophie dá um sorrisinho de canto de boca.

Um carro antigo enfeitado com uma bela decoração de tule e flor-de-lis estaciona em frente à prefeitura. Sarah é a primeira a descer. Está linda de morrer. Manteve o mesmo penteado, só que mais arrumado, e optou por uma maquiagem natural. Está ela mesma, numa versão melhorada. Teve o bom senso de não se metamorfosear no dia do casamento, tal como em outros casos, em que

muitas vezes ninguém a reconhece. Steve desce em seguida, e um murmúrio percorre os presentes. Na verdade, quem reagiu foram, sobretudo, as moças. Acho que algumas ficaram loucas de inveja, e as mais moderadas pensaram, no mínimo, que Sarah teve razão de esperar e de ir tão longe para buscá-lo. Além do porte, Steve irradia uma simpatia imediata. Esforçou-se para aprender algumas palavras de francês e se mostra encantador com todas as histéricas que, com o pretexto de lhe desejar as boas-vindas, vêm se pendurar no seu pescoço.

A cerimônia é rápida. O juiz mal dá tempo a Sarah de saborear sua felicidade. Sophie assina como testemunha e, do lado australiano, a testemunha é Brian, melhor amigo do noivo. Steve responde com sotaque suficiente para fazer derreter as mais reticentes. Jade, que nunca decepciona, consegue cair da cadeira exatamente na hora da troca das alianças.

Ric está bem ao meu lado. Fico emocionada ao ver Sarah tão feliz. Seus momentos depressivos agora são coisa do passado. Encorajada pela alegria geral, atrevo-me a segurar a mão de Ric. Ele sorri. Fiz bem. O juiz parabeniza os recém-casados. Palmas, flashes de câmeras, gritos de alegria, e Jade grita “Agora, tira a roupa!”.

Na saída, os bombeiros vestidos de gala formam duas colunas para homenagear o casal. Sophie se esgueira atrás de mim e cochicha:

– Parece que Jade começou a festejar antes da hora. Estou achando que ela bebeu...

– Vamos ficar de olho. Avise as outras.

Sophie assente, chega ainda mais perto do meu ouvido e torna a cochichar:

– Agora entendi por que você estava fazendo segredinho, esse seu Ric é um gato!

Durante a sessão de fotos na esplanada, os convidados se apresentam. Passando de um idioma a outro, cada um se comunica como pode com gestos e sorrisos. Um louro alto diz a Maëlys que ela tem “um rosto bonito”. A festa promete.

Gosto de ver as pessoas reunidas, felizes. No fim das contas, o dia do casamento é o único em que temos a oportunidade de reunir todos aqueles que fazem parte da nossa vida. Parentes, amigos, colegas, lado a lado. Tudo se mistura. Você sempre poderá comentar que as mesmas pessoas se reúnem nos velórios, mas nesse caso o herói da festa aproveita bem menos. De modo que

vou fazer como Sarah parece estar fazendo: vou saborear esse prazer.

O cortejo de carros nos conduz até o Domaine des Lilas, uma chácara onde acontecem todas as recepções chiques das redondezas. Sarah e Steve não pouparam esforços. No jardim ao pé da sede imponente, sobre um imenso gramado cercado por árvores enormes, foram instalados toldos, um bufê e vários balões brancos. O cenário é ao mesmo tempo campestre e sofisticado. As pessoas se divertem, e as crianças correm para todo lado. Suas roupas bonitas não vão permanecer limpas por muito tempo. As *flûtes* começam a ser enchidas. Fazemos um primeiro brinde aos noivos. Os australianos cantam uma canção lá deles. Mesmo para quem fala inglês, com o seu sotaque é impossível saber se aquilo é um hino ou uma paródia. Duas senhoras de idade conversam com um amigo de Steve, também bombeiro. Em frente a ele, parecem estar diante de um arranha-céu e são obrigadas a levantar bem alto a cabeça para ver o topo. Toda vez que ele tenta pronunciar uma palavra em francês, elas dão risadinhas. Ensinam-lhe outras: *mariage*, casamento, *château*, castelo, *art de vivre*, arte de viver e, não sei muito bem por que motivo, *petite culotte*, calcinha.

Ric e eu não nos desgradamos. Não tenho ilusão alguma: não é por causa de uma paixão fulminante que nós de repente estamos exteriorizando. Não. Nós nos sentimos feito duas crianças, um pouco intimidados, um pouco excluídos, e nos reconfortamos ficando perto um do outro. Acho que ele não tem plena consciência disso. Observa, fala educadamente com quem lhe dirige a palavra. Há gente demais, desconhecidos demais. É a primeira vez que o vejo assim, quase vulnerável. O modo como as pessoas nos veem como um casal é surpreendente. Elas aceitam, legitimam. Não falam com cada um de nós, mas com os dois. Perguntam-nos se somos casados, se aquele evento nos deixa com vontade. É a primeira vez que me vejo oficialmente considerada como a companheira de Ric. Minha vontade é de acreditar nisso, mas tenho a impressão de ser uma usurpadora.

A voz de Sarah ecoa nos alto-falantes. Ela subiu num tablado e está segurando o mesmo microfone que o cantor, sem dúvida, vai usar mais tarde. Steve está ao seu lado. Eles formam um lindíssimo casal. Com um belo movimento do braço, Sarah aponta para o céu.

– O verão fez uma prorrogação só para a gente. Estou muito feliz por ver vocês todos aqui, papai, mamãe, meu irmãozinho, e os parentes e amigos de

Steve, que fizeram uma viagem tão longa para nos conhecer.

Aplausos.

– Quero também dizer uma palavrinha para as minhas amigas, aquelas com quem tive a sorte e o privilégio de compartilhar tantos jantares geniais. Agora que estou casada, com certeza vou perder o cartão de sócia desse clube extraordinário, mas espero que vocês, mesmo assim, continuem deixando eu me juntar a vocês.

Aplausos e gritos.

– A vocês todas, a vocês todos, desejo que vivam a mesma felicidade que Steve e eu estamos vivendo hoje.

Sua sinceridade é tocante. Steve pega o microfone, tira um papel do bolso e o desdobra.

– Bom dia. Ainda não sei falar direito *French*, mas estou feliz. Um *friend* da Sarah me ajudou a escrever este texto. Não entendo muito bem, e se eu disser algum besteira, desculpem.

Ele se vira para a esposa.

– Vi você pela primeira vez no incêndio. Você pôs fogo no meu coração. Amo o seu país e vim aqui ficar com você.

Já vejo algumas pessoas com lágrimas nos olhos.

– Estou aqui para fazer lindos filhos com você com uma enorme mangueira de incêndio...

Sarah lhe arranca o papel das mãos e passa da alegria absoluta à mais arisca desconfiança. Dá uma meia risada diante da plateia, que está às gargalhadas.

– Quem ajudou Steve a escrever esse discurso? Quero o nome do culpado!

Enquanto Sarah sai para investigar, um bombeiro francês traduz para o jovem noivo. Franck, irmão de Sarah, acaba se entregando sob os vivas dos presentes que aplaudem. Aos risos, Steve faz sinal para os compatriotas, que entendem na hora e começam a jogar o rapaz para o alto feito um saco de batatas.

A temperatura da festa está subindo igual ao Franck. O tempo está bonito, o champanhe brilha sob o sol, aqueles que não se conhecem fazem amizade, e Ric está perto de mim. Os australianos já preparam a churrasqueira gigante que Steve quis montar. Todos estão reunidos para um dia memorável e sem qualquer incidente. Isso se não fosse Jade...

Se eu fosse culpada de algo, seria só de não ter vigiado Jade o suficiente, porque passei o tempo todo com o Ric. Não é novidade que ela não sabe beber, mas acabamos descobrindo o que isso pode fazer com seu famoso intelecto afiado feito uma banana.

O primeiro alerta foi no meio da tarde, quando Sarah quis reunir todas as amigas para uma foto. Uma por uma, apresentou-nos aos pais e aos sogros. É verdade que os pais de Steve não são muito bonitos. Certamente prestaríamos menos atenção nisso se o seu filho, altíssimo, não fosse tão fotogênico. O contraste é bem violento.

Quando Jade se viu diante do pai do noivo, estendeu-lhe uma mão mole, fascinada por aquele rosto, ao mesmo tempo enrugado e castigado pelo tempo, e pela cabeça achatada e completamente calva. Arregalou os olhos e disse, com uma voz bem arrastada:

– E.T., você veio! Que bom que você ficou aqui na Terra. Quer ligar para casa agora?

E estendeu-lhe o celular. Em seguida, tentou lhe dar um abraço. Felizmente, Sophie interveio tal qual um guarda-costas, e Léna interpôs um dos peitos para obrigar Jade a recuar um metro. O fato de o sogrão não falar francês foi uma sorte. Conseguimos convencê-lo de que Jade havia ficado impressionada com sua semelhança com um de seus tios falecido recentemente e que queria lhe dar de presente o celular. A ideia não foi minha.

Deveríamos ter tirado as conclusões necessárias e montado um esquema de vigilância permanente para Jade. Mas é claro que todos tínhamos mais o que fazer do que ficar de babá da maluquete. Eu e Ric, por exemplo, fomos ajudar na festa. Eu fiquei servindo bebidas, e ele cuidando da churrasqueira. Do meu posto de trabalho, eu podia vê-lo se agitando em volta dos grandes braseiros junto com

os outros homens.

Sarah veio pegar um copo d'água. Eu a servi e lhe dei os parabéns.

– Você está linda, e a recepção, um estouro. Nunca vi uma festa de casamento tão boa.

– Obrigada.

Ela toma a água de um gole só.

– Estava morrendo de sede. Não paro um segundo, mas estou tão feliz!

De repente, ela me encara com ar perplexo.

– O que é que você está fazendo aqui servindo? Você é convidada, vá aproveitar! Saia já daqui e vá passear com o Ric.

– Ele está ajudando o seu marido no churrasco. Além do mais, você sabe que servir não é problema nenhum para mim. Vai querer uma segunda baguete não muito morena?

O comentário a faz sorrir. Ela observa o alegre grupo de bombeiros fazendo algazarra em volta das churrasqueiras e completa:

– Vamos ter que ficar de olho nesses daí hoje. Eu sei muito bem como terminam as confraternizações de bombeiros. Eles apagam incêndios muitas vezes, mas também acontece, às vezes, de causarem um... Agorinha mesmo o amigo de infância do Steve se machucou. Por pouco não foi um drama.

– O que houve?

– Brian estava brincando de mosqueteiro e enfiou um espeto de salsichas no próprio pescoço.

Faço uma careta. Ela ameniza:

– Os caras são durões, mas poxa... Bom, vou lá, preciso voltar a falar com os convidados e verificar se uma das nossas amigas histéricas não está tentando abusar do meu amor.

Entre um copo e outro que sirvo, olho onde estão os rapazes. Mesmo sendo mais para alto, Ric é um dos mais baixinhos do grupo. Eu o acho uma graça. De longe, parece um adolescente brincando com os irmãos mais velhos. Nunca o vi desse jeito. Talvez pelo clima da festa e, espero, também por estarmos juntos, ele parece mais leve, mais feliz.

Estar atrás do bufê me permite conhecer quase todo mundo. Não vejo Jade nem uma vez sequer. Ou ela resolveu não beber mais, ou caiu bêbada num arbusto, ou então encontrou outro jeito de se embriagar.

– Vamos dar uma volta?

Levo um susto. Ric chegou por trás sem que eu escutasse. O que ele acabou de me propor?

Preciso de menos de seis segundos para conseguir uma moça encantadora que me substitua no bufê. Acho que ela não sabe a diferença entre champanhe e água com gás, mas nem me importo. Ric me dá a mão, e partimos na direção das aleias que adentram a vegetação baixa da propriedade. Estamos quase saindo da área dos toldos quando Jade surge dos fundos de uma delas. Tenho a resposta para a minha pergunta: ela arrumou bebida em outro lugar.

– Jade, você deveria sentar e dar um tempinho. Vá procurar Sophie.

Ela não parece me reconhecer. Levanta um dedo e diz, franzindo o cenho.

– Eles estão aqui, estão por toda parte. Eu vi um. Preciso destruí-los para salvar as crianças.

– Que papo é esse, Jade?

Ela nem sequer responde. Ric segura minha mão, pronto para me puxar. Será que eu topo desperdiçar a promessa de um momento a dois para vigiar Jade que está perdendo a linha? Não. Mas é o que eu deveria ter feito.

O barulho da festa diminui. Agora, o que escutamos é o canto dos pássaros. Num lancinante balé, os galhos mais altos das árvores dançam em uníssono sob o leve sopro do vento. No chão, manchas de luz formam desenhos que não param de mudar de forma. Que romântico é o casamento dos outros... Ric e eu andamos lado a lado, calados, mas dessa vez eu sei que o silêncio não vai durar. Cada um de nós está saboreando, realizando a viagem interior em direção ao outro.

Paralelamente à vala que margeia o caminho há um imenso tronco deitado.

– Quer sentar um instante? – sugere ele.

– Claro.

Acomodo-me, tomando cuidado para que meu vestido fique com um belo caimento. Ele se senta sem prestar atenção em nada.

As folhas farfalhando, a luz, os risos que às vezes chegam da festa. Um momento suspenso fora do tempo. Não vou dizer nada. Vou deixar ele decidir o momento em que terá vontade de falar. Ele é livre.

– Julie?

– Sim, Ric.

– Você cogitaria morar em outro lugar que não aqui?

Eu sorrio, inocente.

– Seria preciso sair da mata para buscar comida, a não ser que você comece a caçar. Mas por que não? A gente poderia construir uma cabana nas árvores. Ouvi dizer que esquilo cozido tem gosto de coelho.

– Estou falando sério, Julie.

“Eu sei muito bem que você não está falando sobre a floresta, e sim sobre sair da cidade. Mas eu não posso responder com seriedade; sua pergunta me deixa aflita. O que ele está escondendo?”

Ric insiste:

– Quando eu vejo você em casa, na padaria, com suas amigas, acho que você está no seu hábitat. Você acha que poderia ser feliz em outro lugar?

– Depende de onde. Depende principalmente com quem. Você tem alguma ideia de lugar?

– Não. Estava apenas pensando, só isso...

– E você? Onde se sente mais em casa? Eu nem sei onde você foi criado.

– Tem razão. Eu não falo muito de mim. Um dia preciso contar a você.

– Eu falei de você para os meus pais.

Mal termino de pronunciar essas palavras e já temo ter sido inconveniente. Fui longe demais. Ao ouvir falar nos meus pais, inevitavelmente ele vai pensar numa apresentação, ficar com medo do compromisso e fugir. Volte, Ric, eles não estão cavando a piscina para os nossos filhos!

Ele deixa passar vários segundos.

– Fico tocado que você tenha falado com eles sobre mim...

Não entendo nada sobre os homens. Nada mesmo. Mas de que importa? Tudo que eu desejo é poder amar aquele que está perto de mim. Ouso me aventurar por um terreno sensível:

– E você e os seus pais?

Não desgrudo os olhos dele. Sua resposta vai ser decisiva. De repente, um grito. Seguido de outro. Vieram da festa. Urros. Não há dúvida: não são risos nem manifestações de alegria.

– Ouviu isso? – pergunta Ric.

Assinto. Estou arrasada. Por dois motivos. O primeiro é que essa interrupção lhe permite fugir da minha pergunta. O segundo é que, bem no fundo, já tinha a íntima certeza de que Jade estava relacionada aos urros, que só aumentavam.

Quando saímos da aleia na floresta, fica claro que algo anormal está acontecendo. As crianças se escondem junto às pernas dos pais. Os idosos se reúnem e exclamam horrorizados. De repente, vejo Jade passar, correndo feito uma desesperada, descalça, com uma tábua na mão, e no seu encaço três bombeiros Australianos que não parecem estar de brincadeira. Ela zigzagueia entre os convidados aos berros:

– Achei um! Me ajudem a matar os outros!

Perto da churrasqueira, vejo Brian, melhor amigo de Steve, segurando a própria cabeça e, bem perto dele, Sophie fazendo o mesmo. Ela tem os dedos cobertos de sangue. Ric me diz com uma voz firme:

– Vá ajudar Sophie. Eu vou ajudar os rapazes a pegar a maluca.

Jade continua correndo e vociferando. Passado o primeiro susto, os convidados observam a cena surreal que se desenrola diante dos seus olhos. Uma jovem histérica correndo feito um suricato drogado, perseguida por fortões altos que nem sequer entendem o que ela está gritando. Jade está prestes a ser capturada. Para ficar mais leve durante a fuga desembestada, livra-se da tábua lançando-a em cima dos perseguidores.

– Vocês nunca vão ter o meu sangue! *Drop dead my blood!*

Precipito-me na direção de Sophie. Tenho a impressão de que ela está soluçando. Mas não. Está morrendo de rir. Mesmo assim, tem a testa coberta de sangue.

– O que está acontecendo? Você se machucou?

– Está tudo bem. Não se pode dizer o mesmo sobre Jade. Olhe só para ela...

– O que ela fez?

– Atacou Brian com uma tábua porque achou que ele fosse um vampiro. Eu me meti no meio e acabei levando uma bordoadada também...

Fico consternada. Brian ri. Aponta para os dois pequenos machucados que causou no próprio pescoço com o espeto de língua. É verdade que parecem uma mordida de vampiro... Pobre Jade; viu televisão demais. Brian arreganha os dentes brancos qual um monstro sanguinário. A coisa que mais o torna assustador é o galo que lhe deforma a cabeça. Jade não parece ter poupado forças.

Ela começa a dar gritos mais agudos do que nunca. Foi encurralada. Os três grandões e Ric se jogam em cima dela como se disputassem uma partida de rúgbi. As crianças já não estão mais com medo, riem com vontade. Jade grita feito uma doida em duas línguas. Os rapazes, apesar de fortes, têm dificuldade para controlá-la. Há sempre um braço ou uma perna que escapa do bolo e lhes desfere sopapos. Nem mesmo Géraldine passou por isso ao fazer loucuras com o próprio corpo.

Brian e Sophie choram de rir. Sarah volta correndo com algumas compressas e um frasco de álcool. Pego os produtos das mãos dela e digo:

– Deixe que eu cuide disso. Seu casamento foi perfeito, e agora ficou inesquecível.

Sarah não está decidida a achar graça ainda.

– Dá para imaginar uma coisa dessas? Pensar que um convidado é um vampiro! Ela é uma doente!

Brian torna a exhibir os dentes e rosna. Sarah se descontrai.

– Pare com isso. Se ela vir você, vai bater de novo. Aliás, onde será que ela encontrou aquela tábua?



O acesso de loucura de Jade pelo menos teve o mérito de descontrair de vez o clima da festa. Os australianos descontrolados agora não param de fingir que são vampiros, enquanto Léna e as outras mulheres do grupo se fazem passar por vítimas à beira do desmaio. Florence e Maude cuidam de Jade. Começam lhe dando um banho gelado de chuveiro, depois uma lição de moral. A noite já cai quando nossa assassina de vampiros reaparece, penteada como se tivesse escapado de um naufrágio, com um vestido todo rasgado que poderia passar pela criação de um grande costureiro. Arrependida, vai falar com Sarah e Steve para

pedir desculpas. Em seguida, procura Brian, que a essa altura já está totalmente colado em Sophie... Ele se finge de assustado, mas em seguida lhe dá dois beijinhos e se atira em cima dela, imobilizando-a no chão e fingindo lhe morder o pescoço. É preciso mais uma hora para acalmá-la.

À noite, o cantor cai do tablado, porque o pequeno pódio em parte desmorona. Agora sabemos onde Jade arrumou sua tábua.

Ric e eu não conseguimos terminar a nossa conversa, mas, quando ele me leva em casa, capto uma informação que me deixa perturbada na hora: segunda de manhã ele vai correr. Só que ele não deveria mais ter motivo algum para fazer isso, já que tirou sete dias “para resolver o que precisava resolver”. Tampouco precisa correr para manter a forma, já que treinou bastante perseguindo Jade. Então, eu pergunto a você: por que ele ainda vai correr?

Não vou aguentar esperar mais uma semana para obter algumas migalhas de resposta. Estou arrasada. Na velocidade em que junto as peças do quebra-cabeça, vou precisar de meio século para saber qual a cor preferida dele. Assim, desta vez decido usar todos os meus recursos.

– Oi, Sophie. Estou atrapalhando?

– Vou encontrar o Brian daqui a dez minutos.

– As cabeças de vocês melhoraram?

– Estão ótimas. Chega a me doer confessar isso, mas aquela maluquete da Jade me fez um enorme favor...

– Dando-lhe uma bordoadá com uma tábua? Você é mesmo uma mulher esquisita...

– Se não fosse isso, Brian e eu teríamos passado a festa inteira sem nos falarmos, enquanto agora... Aliás, entre Ric e você as coisas também parecem estar indo bastante bem, não?

– É justamente por isso que estou ligando para você. O que vai fazer amanhã de manhã?

– Ah, não! Estou de saco cheio desses seus programas idiotas!

– Sophie, é com a amiga que eu estou falando. Lembre-se dos bons momentos que a gente já teve...

– Eu gostaria de me lembrar dos bons, mas tem também os outros... O que

vai ser dessa vez? Uma maratona, o vampiro ou os OVNI's?

– Um trabalho de detetive.

– Como?

– Ric vai sair para correr, e não sei aonde ele vai. Tenho certeza de que ele está escondendo alguma coisa. A gente pega o seu carro, eu me escondo no banco de trás e a gente segue ele.

– Você ficou maluca? Vai acabar indo parar no mesmo hospício da Jade. O que está achando, que ele a trai? Mas vocês dois nem estão juntos! Deixe o cara respirar!

– Sophie, eu lamento ter que dizer isso, mas vindo da moça que passou quatro horas no escaninho do vestiário para ver o time de vôlei tomar banho, acho esse comentário bem inadequado.

– Mas que deslante! E você, com o Didier, quando quis aprender guitarra elétrica e se eletrocutou?

– Tem razão! Tinha esquecido!

– Não duvido nada, enquanto eu jamais me esquecerei de quando o time chegou para se ensaboar!

– Sophie, por favor, me ajude.

– Odeio quando você começa a falar com essa voz. Eu sempre caio. É desleal.

– Já que você sabe como vai acabar, melhor ganhar tempo.

– Eu juro que se um dia precisar de você e você disser não...

– Eu assino um papel. “Vale um programa do tipo roubada sem discussão.”

– Você está me irritando. A que horas ele vai correr?

– Para garantir, o melhor seria a gente estar pronta às 8h30.

– E o que eu faço se o Brian ficar até tarde?

– Diga a verdade para ele. Você precisa salvar a vida da sua melhor amiga. Acho que um vampiro australiano consegue entender isso.

Hoje de manhã descobri uma das sete verdades fundamentais que regem o universo: aqueles gorros peruanos não ficam bem em ninguém.

Quando vi Sophie ao volante do seu carro com um gorro peruano enterrado na cabeça e imensos óculos escuros, quase abortei a missão. Não sei se é o modelo, o tecido ou a cor, mas, sinceramente, entendo que as lhamas fiquem irritadas e cuscam em inocentes.

– Foi a única coisa que encontrei para o seu namorado não me reconhecer – argumentou ela.

– E não tinha outra coisa que pudesse impedir ele de notar você?

– Se não estiver satisfeita, basta arrumar outra vítima para essa sua perseguição.

– Não leve a mal, não, mas você está com uma cara...

Deslizo no banco de trás. Sophie me explica:

– Pus um cobertor aí atrás, caso ele chegue perto. Ao menor sinal de dúvida, você se esconde debaixo do cobertor e se finge de morta.

– Ótimo. Assim a polícia, que já está atrás do OVNI, vai poder começar a perseguir a peruana que está carregando um cadáver no carro.

Estamos estacionadas em frente à minha rua, na esquina do cruzamento que Ric pega para subir em direção ao norte. Dali é impossível não vê-lo passar.

Quando Sophie vira a cabeça depressa, as cordinhas do seu gorro esvoaçam e planam no ar. Dá vontade de tocar flauta de madeira e fazer um sacrifício humano.

– O que você acha que ele faz quando vai correr?

– Se eu soubesse, a gente não estaria aqui.

– Na minha opinião, você está sendo totalmente paranoica.

– Não é só isso que me preocupa. É todo um conjunto de indícios. Eu sinto

que tem alguma coisa. Na semana passada ele ficou dias fora, sem nenhuma explicação, nada. Não sei nem para onde ele foi.

– Isso não é crime. Vai ver ele preza a própria liberdade.

– Não acredito nisso. Estou disposta a apostar a cabeça da Jade que tem alguma coisa esquisita aí.

Sophie vira a cabeça; as cordinhas rodopiam.

– Lá vem ele, se esconda!

Mergulho entre os bancos. Sophie dá a partida no motor.

– Vamos deixar ele abrir certa vantagem. Até porque o meu carro não gosta de marcha lenta.

Não me atrevo a levantar a cabeça.

– Ele está subindo a avenida?

– Sim.

– Está de mochila?

– Está. E tem uma bundinha bem gostosa.

– Sophie!

– A gente veio aqui para vigiar. Eu estou vigiando.

Ela engata a primeira, e o carro começa a andar. Eu pareço um cachorro balançado pelo movimento, aspirando o cheiro de gasolina. Vou passar mal. Levanto-me com cuidado na tentativa de entrever Ric, mas também de abrir o vidro. O filete de ar me faz muito bem, e meu nariz se refresca outra vez. Encaixo a cabeça entre os dois bancos dianteiros. Sophie ameaça:

– Se você babar no meu banco mando sacrificá-la.

– Se você perdê-lo de vista, mordo você até passar raiva.

– Pode deixar.

Ric avança num ritmo bem veloz. Corre muito mais depressa do que quando corremos juntos. Ele deve ter mesmo me achado uma lesma.

– Você esperava conseguir treinar para correr tão bem quanto ele?

– Dizem que o amor é cego, não que tem um velocímetro...

– Sonhar é bom.

– Grata pelo apoio.

Na faixa de pedestre das escolas, Sophie é obrigada a parar para deixar as hordas de crianças atravessarem. Duas delas apontam para minha amiga aos risos. É o efeito do gorro peruano aplicado a almas puras, que ainda não

aprenderam a disfarçar os próprios sentimentos. Que crianças maravilhosas. Uma delas ri tanto que acaba enroscando as pernas nas da mãe. Que bonitinho. Cada vez mais crianças passam morrendo de rir. Entro em pânico.

– Vamos perder o Ric!

– Tem razão, deixa eu atropelar alguns desses pirralhos horríveis que estão tirando sarro da minha cara para a gente poder passar.

Já posso imaginar o retrato falado que as crianças do maternal poderiam fazer para o cartaz de “procura-se”: uma batata com olhos de mosca e um saco de vômito multicolorido em cima...

Ric agora é apenas uma silhueta. Finalmente conseguimos andar. Dois carros nos impedem de acelerar. Sophie põe a mão no câmbio de marchas e declara:

– Vamos ter que nos arriscar...

O que ela pretende fazer? Passar pela calçada? Apertar o botão secreto que liga os turborreatores?

Ela passa a terceira marcha e ultrapassa feito uma doida, fazendo o motor rugir. Estamos quase na altura do terreno da antiga fábrica de louças. Ric continua correndo em direção ao norte, como quando eu o esperei no banco. Não demora a sair da grande avenida e dobrar à direita. Sophie faz a curva em alta velocidade. Nessas estradas há menos tráfego e é mais fácil nos ver.

– Dê mais distância. Se ele se virar, logo vai nos ver.

– Já falei que o meu carro não gosta de marcha lenta. Se morrer, vai ser uma beleza a gente empurrando, você com seu cobertor e eu com meu gorro e meus óculos de guaxinim.

Ric prossegue na sua rota sem fraquejar. Pelo visto, sabe para onde está indo. Já saímos das áreas residenciais e ultrapassamos até mesmo os galpões industriais. O que pode haver depois disso?

Sophie coça a cabeça sem tirar o gorro.

– Que pesadelo, esta porcaria esquentada e pinica!

Mais uma rua à direita, depois outra à esquerda. Os prédios agora ficaram espaçados, e ultrapassamos os limites da cidade.

– Poxa, charmoso desse jeito, com certeza seu namorado poderia ter arrumado uma amante mais perto.

– Muito engraçado.

Ric acaba de passar por um galpão cercado e margeia a estrutura de madeira

em mau estado de conservação. De repente, pula por cima da cerca viva e some no meio das árvores. Maldição!

– O que eu faço agora? Meu carro não é 4x4.

Penso depressa. A situação é urgente. Vamos nos perder na mata.

– Sophie, pare o carro e vá atrás dele a pé.

– O quê? Você ficou maluca!

– Se eu for e ele me vir, estou ferrada.

– Já eu, ele vai achar que sou uma prostituta da cordilheira dos Andes, no melhor dos casos, rodando bolsinha enquanto espera um eclipse. Valeu mesmo.

– Sophie, por favor. Se a gente não for atrás dele, nada disso vai ter adiantado.

Ela puxa o freio de mão com um gesto raivoso.

– Julie, juro por Deus, um dia você ainda vai me pagar.

– Amanhã mesmo se você quiser, eu juro.

Ela salta do carro e corre até a cerca viva. O gorro não combina nem um pouco com seu jeans e sua blusa. Ela praticamente se joga em cima da cerca viva e também some. Fico ali, de quatro dentro do carro, debaixo do cobertor, igual a uma pateta esperando socorro nos filmes de catástrofe.

Para onde ele pretende ir passando por essa mata? O que tem para aqueles lados? Dessa vez, tenho certeza, ele não escolheu esse caminho pela beleza. Ele não está entrando na mata para correr em paz. Tem alguma outra coisa. Tento raciocinar. Estou preocupada com Sophie. Em que situação fui metê-la? Estou morrendo de vontade de ir atrás dela. Se lhe acontecer algo, eu nunca vou me perdoar. Ela é minha melhor amiga. Nunca vou ter outra igual.

De repente, tenho um insight: entendo em que zona estamos. Percebo o que tem do outro lado da mata! Estamos muito perto da propriedade dos Debreuils. Ali, logo atrás, fica o limite do seu imenso terreno, dezenas de hectares, a residência da família, as oficinas e, até mesmo, a fábrica da mais famosa marca de malas do mundo. O quebra-cabeça está começando a se montar na minha mente quando, de repente, vejo Sophie irromper da cerca viva feito um boneco de mola. Ela corre como se tivesse um bando de lhamas carnívoras no seu encalço. Tem o gorro cheio de gravetos, e acho que a blusa rasgada. Derrapa um pouco em frente ao carro e entra apressada.

– Esconda-se debaixo do cobertor! Ele está voltando!

Ela pega um mapa rodoviário aleatório e o desdobra de cabeça para baixo.

– Viu o que ele estava fazendo?

Ela ofega.

– Você tem razão, esse rapaz esconde bem o jogo.

– O que ele fez?

– Cale a boca, lá vem ele.

Arrisco uma olhadela. Ric torna a atravessar a cerca viva com muito mais classe do que Sophie. Sobe a rua de novo na nossa direção, e fico petrificada. Ele passa bem rente ao nosso carro. Acho até que vê Sophie com seu mapa. Com certeza para parecer mais natural, essa idiota não arruma nada de melhor para fazer do que lhe dizer pela janela aberta, com uma voz esganiçada:

– *Buenos dias, señor.*

É a primeira vez na minha vida que faço xixi nas calças.

Sophie me conta tudo. Por entre uma selva de cipós e arbustos, Ric se esgueirou até a cerca da propriedade para tirar fotos com uma teleobjetiva. Segundo ela, ele disparou fotos das portas de serviço nos fundos da fábrica. Quer dizer que o alvo de Ric são as oficinas Debreuil. Sabendo dessa informação, muitas coisas passam a fazer sentido: as perguntas dele para Xavier sobre metais, suas ferramentas pesadas, suas entregas. De repente, penso também que ele com certeza me convidou para o recital porque queria conhecer de perto a herdeira da famosa marca. Ele me usou como disfarce. Isso me deixa abalada. De repente, tenho a impressão de não saber mais com quem estou lidando. Sinto-me traída, perdida. O que há de verdadeiro na nossa relação? Será que ele fez algo que não foi encenação?

Ric me perguntou se eu pensava em morar em outro lugar porque, uma vez atingindo o seu objetivo, ele vai embora, e talvez me convide para acompanhá-lo. A ideia de que ele queira me levar junto me deixa tocada. Ladrão ou não, eu o adoro. Mas ele também usou a mim e meu amigo mais antigo, Xavier, para preparar o seu golpe baixo. Eu o detesto. Ele fica me iludindo e fingindo cumplicidade para ter um álibi. Eu o detesto mais ainda. E havia jurado não cair mais numa dessas. Dentro da minha cabeça, o advogado de defesa e o procurador discutem aos berros. Vão acabar saindo no tapa no meio da audiência. Como é possível sentir tamanha atração por alguém tão desonesto? Talvez eu mesma não passe de uma perversa imunda?

Durante a sua enigmática viagem, com certeza ele foi encontrar seus cúmplices. Mas que cúmplices? Talvez ele seja um agente especial de uma organização governamental qualquer averiguando falcatriuas das empresas Debreuil. Quem dera eu conseguisse acreditar nisso. Queria realmente que ele estivesse agindo assim por uma boa causa. Subitamente, a imagem de Albane

Debreuil reaparece na minha mente, de vestido azul, ou então vermelho, ou de tailleur, mas sempre com conjuntos de joias inacreditáveis. E se Ric estiver aqui para roubar aquelas joias? E se ele for um assaltante genial preparando o seu maior golpe? E se aquele for o seu último roubo antes de sumir para sempre do outro lado do mundo? Será que estou disposta a ir atrás? Será que ele vai me chamar? Como vou viver com tantas perguntas? A resposta é simples: não vou mais viver.

Nessa tarde, apesar do meu estado, tenho mesmo assim que visitar a Sra. Roudan. Ela está me esperando. Dessa vez não levo doces, nem legumes, nem frutas. Infelizmente, ela não pode comer mais nada disso.

Quando entro no seu quarto, encontro-a com as faces encovadas. Seus olhos têm um brilho estranho. Ela recusa minha oferta de um passeio pelo jardim. Esforça-se para sorrir, mas eu sinto o quanto isso lhe custa. Tento distraí-la, mas é difícil agir com leveza por causa dos sentimentos que me entristecem. Tomara que ela não perceba que estou me forçando.

A fotografia amarelada reina sobre o criado-mudo. Nela se vê um homem alto com colete de veludo, bigode e chapéu de feltro. Com as costas muito retas, ele posa em frente ao pilar da entrada de uma propriedade. Ainda que a placa esmaltada afixada à pedra esteja fora de foco na imagem, dá para distinguir o número 20.

- Posso lhe fazer uma pergunta?
- Claro, Julie.
- Não quero ser indiscreta...
- Não tenho nada a esconder de você.
- Quem é esse homem da foto? Seu marido?

Com dificuldade, ela estende o braço magro. A sonda a atrapalha. Ela pega a foto.

– Eu fui casada, Julie, muito tempo atrás. O nome dele era Paul. Só que não durou muito porque ele saía com outra, uma mulher mais rica e sem dúvida mais bonita, por quem ele me largou. Na época, esse tipo de história não ajudava uma mulher a refazer a vida. A reputação contava muito, e nenhum outro homem chegou perto de mim.

- A senhora ainda o ama?
- Paul? Com certeza não. Ele que vá para o inferno! Aliás, acho que ele foi

mesmo faz alguns anos.

– Então, por que a senhora tem tanto apego por essa foto?

– Esse aí da foto não é Paul. É Jean, meu irmão. Dele, sim, eu sinto saudade. A voz dela embarga.

– Onde ele está?

– No cemitério, junto com meu pai e minha mãe. Ele morreu faz quatro anos.

– A senhora o amava muito?

– Eu o adorava. Ele era meu irmão mais velho. Mas não nos falávamos havia mais de vinte anos, desde a venda dessa casa, que dá para ver no fundo da foto.

– Uma história de herança?

– Uma história de vida. Ele era solteiro, eu também. Quando minha mãe faleceu, sugeri morarmos os dois na casa da família. Cada um teria o seu andar. Ele morava num apartamento pequeno e eu também, cada um numa ponta da cidade. Teria sido bom para os dois. Teríamos tido espaço, um jardim. Também teríamos tido uma família. Mas ele não quis. Não queria que eu tomasse o lugar da esposa que ele esperava arrumar.

– E ele arrumou?

– Nem isso. Me forçou a vender a casa, me mandou metade do dinheiro, e nunca mais nos falamos.

– A senhora tem raiva dele?

– Já tive, mas hoje tenho raiva principalmente de mim mesma por não o ter perdoado enquanto ele ainda era vivo. Não tenho mais nem casa, nem família.

Seu rosto está calmo, seu olhar, firme. Como é possível falar de coisas tão graves sem a menor paixão? A emoção se insinua dentro de mim. Queria dizer a ela que não é tarde demais, queria lhe prometer que tudo pode se resolver, mas é impossível. Já experimentei essa fronteira, a fronteira intransponível que separa o antes do depois.

– Julie, eu ainda quero lhe pedir algo. Você pode me chamar de Alice? Desde o enterro de mamãe ninguém me chama pelo meu nome de batismo. Faz 22 anos.

– Claro, com prazer, Alice.

Ainda ficamos conversando por um bom tempo. Choramos um pouco. Ela me diz várias coisas que escuto com atenção. À noite, quando chego em casa, tenho vontade de ligar para meus pais. Fico feliz ao escutar papai me contar suas

histórias de bricolagem, e mamãe falar da cabeleireira nova que errou suas mechas. Eu não tenho irmãos. Talvez por isso seja tão apegada aos meus amigos. No lugar de uma grande família de sangue, construí uma família do coração. E daria qualquer coisa para saber se Ric realmente faz parte dela.

Antes, eu via Ric com fascínio. Agora o observo com inquietação. Estou prestes a espioná-lo. Vivi os últimos meses pressentindo que ele estava preparando algo duvidoso, o que não me impediu de me apaixonar por ele. Sua realidade superava meus roteiros mais improváveis. Ele era mais forte do que as minhas suspeitas. Hoje não resta mais dúvida. Eu sei. Não é mais minha imaginação que voa junto com meu coração, mas sim meu cérebro que luta com meus sentimentos.

Ele me trata com a mesma gentileza de sempre, e acho que posso até dizer que se mostra cada vez mais gentil. Nós nos vemos com frequência e temos momentos ótimos, como um casal prestes a se formar. Tudo estaria perfeito se eu conseguisse me contentar com a parte exposta do iceberg. Só que eu não consigo. Quando vou à casa dele, não paro de pensar que suas pastas estão cheias de segredos, que atrás das portas dos armários ele, decerto, acumula ferramentas suspeitas ou, pior, armas e explosivos. Eu queria poder ver através dos sólidos, como os super-heróis dos filmes de ficção científica. Sonho em poder passear os olhos e tudo ver, tudo ler. Com certeza, não seria para traí-lo nem para impedi-lo de agir. Não. Sou lúcida o suficiente para saber que, em se tratando de Ric, já abdiquei de qualquer objetividade. Quero apenas saber se ele é um monstro disfarçado de príncipe encantado, ou o homem que eu espero que seja.

Felizmente Sophie estava comigo quando descobri aonde ele ia escondido. Sozinha, eu não teria conseguido suportar o peso dessa verdade. Ela conversa a respeito, pergunta como estou, o que pretendo fazer. Os dias passam, as noites idem, eu não paro de pensar no assunto e continuo sem saber como agir.

Às vezes Ric telefona ou passa na minha casa, e tenho a impressão de que está mais animado com a nossa relação do que eu mesma. O cúmulo.

Quando estou na padaria, mantenho sempre um olho na rua, e o vejo passando regularmente para ir correr. Reparo numa coisa: ele nunca acena para mim quando passa. Quando começa a correr, está concentrado, retraído. Na volta, por sua vez, quando não entra para comprar algo, ele sempre me cumprimenta pelo menos pelo vidro. Entre o início e o fim do seu périplo, ele não é a mesma pessoa. O médico e o monstro. Dr. Ric e Mr. Patatras. Um título e tanto.

Dia 10 de outubro, daqui a nove dias, vai ser o meu aniversário. Ric já me convidou para ir à sua casa no sábado seguinte. Essa atenção já seria suficiente para garantir a minha felicidade por dez vidas, não fosse a pergunta que me aflige toda vez que ele está perto de mim.

Estou na padaria, fatiando um pão rústico na máquina. Quando me viro, ali está ele.

– Oi, Julie.

– Oi, Ric.

A Sra. Bergerot entendeu há muito tempo o que ele significa para mim. A cada visita dele, ela dá um jeito de assumir o serviço e me deixar à vontade para atendê-lo.

Ric aponta para o doce no mostruário.

– Se eu levasse aquela torta grande ali, você a dividiria comigo hoje à noite?

“Você vai levar é uma torta na cara se não responder à minha pergunta, isso sim. Por que vive rondando as oficinas Debreuil?”

– Por que não?

– Então vou levar, e espero você lá pelas oito.

“O que você está tramando? Por favor, Ric, confesse para mim.”

– Chego assim que acabar o trabalho.

Algum tempo atrás, se uma fada tivesse me oferecido o poder mágico de fazer uma única pergunta a ele à qual respondesse sem mentir e sem lembrar de nada em seguida, meu sonho seria lhe perguntar se ele gostava mesmo de mim, ou por que ainda não me beijara. Atualmente, a obsessão de saber o que ele está tramando e o medo de isso nos afastar ficaram mais fortes do que o restante. Pelo visto eu só me apaixono por caras problemáticos.

Quando ele sai da loja, a Sra. Bergerot vem até mim.

– Longe de mim querer me meter na sua vida pessoal, mas sinto que você

agora anda menos gentil com esse rapaz. Mas ele tem uma cara ótima. Você não gosta dele?

“De fato, ele tem uma cara ótima e eu sou louca por ele, mas...”

– Tenho algumas dúvidas.

– Julie, eu não tenho a pretensão de lhe dar conselhos. Mas no amor às vezes é melhor deixar a inteligência de lado e escutar o coração. A solução mais racional raramente é a mesma que garante a felicidade. Siga o seu instinto.

Ela foi direto ao ponto. Certeira. Raciocinar e duvidar, ou se permitir viver e torcer para não acordar nunca. Minha vontade é de me aninhar nos braços da Sra. Bergerot, contar-lhe tudo e chorar como a menininha que não sou mais.

De repente, vejo sua expressão mudar. Pelo vidro, ela acaba de ver um novo display de frutas que, como por magia, vai parar na frente da nossa vitrine...

– Mas que história é essa outra vez?

“Com certeza é Mohamed movendo mais um peão na esquisita partida que vocês dois estão jogando.”

– Quer que eu vá lá ver?

– Não, filha, pode deixar que eu mesma vou. É preciso experiência para lidar com esse senhor.

“Ora, vejam só.”

Meus pais chegam três dias antes do meu aniversário. Eles sempre voltam à região nessa época, um pouco para rever os amigos que ficaram por aqui, mas principalmente para estar comigo uma vez por ano. O tempo passa depressa. Como bons aposentados, eles têm horários de ministros, e eu tenho a minha vida. Mamãe diz que certamente nos veremos mais quando eu tiver filhos. Ela, sem dúvida, tem razão.

Eles ficam hospedados na casa de antigos vizinhos, os Focellis. Eu estudei com o filho deles, Tony, mas nós nunca fomos muito próximos. Ele já se levava a sério demais na caixa de areia. Ficava gritando para quem quisesse escutar que os seus castelos de areia eram os mais bonitos. Manteve essa atitude ao ficar mais velho: segundo ele, escrevia as melhores redações e tinha as roupas mais da moda. Casou-se com a garota mais bonita e, quando os dois se divorciaram, tenho certeza de que em vez de simplesmente ficar infeliz e tentar mudar, ele gritou aos quatro ventos que tinha o melhor advogado. Mais um deus vivo. Seus pais, ao contrário, não são assim, e sempre me dei bem com eles.

Papai e mamãe fizeram questão de convidar a mim e a Ric para jantar no restaurante. Quando penso no modo como eles insistiram, tenho a impressão de que conhecê-lo os deixa mais felizes do que me rever. Ficarão muito decepcionados quando virem as manchetes dos jornais: “SEU FUTURO GENRO ESTÁ PRESO”; “EXCLUSIVO: O PAI EM POTENCIAL DAQUELES POR QUEM VOCÊS VÃO CAVAR UMA PISCINA É UM BANDIDO PERIGOSO!”

Não pense que eu sou refratária à ideia de apresentar Ric a meus pais. Apenas me pergunto quem estou lhes apresentando.

Ric também ficou muito animado com a ideia de conhecê-los. Imprensada entre duas vontades tão fortes, acabei encurralada no Auberge du Cheval Blanc, restaurante emblemático da região, com o rosto iluminado pelo castiçal

posicionado no meio da nossa pequena mesa redonda. Ric se vestiu como que para um casamento, e eu calcei sapatos baixos para poder sair correndo caso a situação fuja ao controle.

Meus pais parecem bem. Mamãe está usando joias; são menores do que as da Sra. Debreuil, mas mesmo assim impressionam. Espero que Ric não tente roubá-las. Mamãe não para de falar, tem opinião sobre tudo. A cor da toalha, o garçom que deveria endireitar a postura, os tira-gostos salgados quebrados que deveriam ter sido retirados da tigela. Sempre acha algo para comentar. Papai me observa. Acho que está pensando que a sua filhinha cresceu bastante. Toda vez que nos vemos, ele arruma um jeito de passar um tempo sozinho comigo. Sempre gostei disso. Pelos seus olhos, tenho a impressão de rejuvenescer. Ele vive rememorando nosso caminho, desde a idade em que eu cabia nas palmas das suas mãos até aquela em que ele descobriu uma mulher adulta. Acho que ele nunca vai conseguir ver outra coisa que não o seu bebê.

Reparei que mamãe examinou Ric da cabeça aos pés. Ele se mostra tímido, educado, pesando cada palavra. E eu tremo ao ouvi-lo abordar todos os assuntos sensíveis. Quem vai falar primeiro? Papai não dirá nada, mas seu olhar é bem eloquente. O pior é quando ele não diz nada e fica tamborilando com a unha do indicador no pé da taça. Se você pudesse ver debaixo da mesa, descobriria que ele batuca com o pé direito exatamente no mesmo ritmo. Em relação à mamãe, o que me preocupa não são os silêncios, pois eles nunca existem. Nesse exato instante, portanto, eu sou mais ou menos como um coelho saltitando alegremente no meio de um campo minado, correndo o risco de explodir o pompom. No ambiente discreto do restaurante, com o CD de jazz variado tocando ao fundo e as lagostas se movendo devagar sobre as pedras do aquário enquanto esperam para ser devoradas, sinto-me uma equilibrista entre dois campos que não vão demorar muito para começar a trocar tiros de verdade.

– Então, Ric... Posso chamar você de Ric? Informática dá certo?

– Às vezes dá tão certo que explode... A senhora sabe, quanto menos dá certo, mais trabalho eu tenho.

– Pode me chamar de Élodie, assim vai ser mais simpático.

Papai observa Ric. Não parece desgostar do que vê. Sempre acho divertido o momento em que o macho jovem encontra o mais velho. Eles se avaliam, se cheiram. Com certeza se perguntam se poderiam ter se tornado amigos sem a

diferença de idade. Pude assistir a esse rito de passagem algumas vezes. O pretendente conhece o pai da donzela. Acontece então um exame secreto, uma prova tácita, na qual nós, mulheres jovens, somos sempre o prêmio. Milênios de civilização para ter a impressão de que estamos no fundo de uma caverna pré-histórica diante de homens que nos negociam como se estivessem na feira. Será que não poderíamos decidir sozinhas, sem precisar que outros entrem num acordo por nós? Será que os homens se sentem responsáveis por nós, ou será que nos consideram sua propriedade? Estará meu pai avaliando se pode confiar a segurança da filha a esse indivíduo, ou estará Ric marcando seu território junto a esse homem mais estabelecido? E eu, o que posso fazer? Afinal de contas, a vida é minha.

Papai primeiro fala de trabalho, com alguns subentendidos em relação à renda necessária para sustentar uma família. A resposta de Ric é perfeita. Ele tira nota 10 nas três primeiras perguntas da prova. Acredito que, se a conversa permanecer no âmbito do diálogo cortês sobre valores universais, talvez eu consiga escapar sem muitos danos. Infelizmente, porém, mamãe está presente.

– Então quer dizer que você ama a nossa pequena Julie?

“Com balas de verdade, dizia eu. Talvez daqui a três minutos ela vá lhe perguntar se ele tem práticas sexuais desviantes no mesmo tom natural e descontraído.”

Ric não pestaneja. Seu sorriso encantador nem sequer vacila.

– O melhor seria fazer essa pergunta a ela...

“Covarde, fraco, traidor! Passou a batata quente para mim. Que se dane, estou de sapato baixo e a saída de emergência não fica longe.”

Dizer que eu não pestanejo seria mentira. Acho que em menos de meio segundo minha pálpebra esquerda treme convulsivamente, minha mão se contrai sobre a toalha vermelha, minha perna esquerda dá um forte chute com o calcanhar na tíbia da minha perna direita e, se eu estivesse com comida na boca, meu pai teria sido completamente atingido. Um domínio espetacular, Julie.

Os três têm os olhos pregados em mim. Aliás, tenho a impressão de que o restaurante inteiro tem os olhos pregados em mim, até as lagostas.

Eu deveria ter feito uma piada leve, dito uma frasezinha banal qualquer. Mas tudo que consigo produzir como som é um riso nervoso que mais parece um porco engasgado do que o tilintar cristalino de uma leve risada de mulher.

Quem me salva é papai.

– Deixe eles em paz, Élodie. Isso é assunto deles.

“Obrigada, papai. Que bom que você está aqui.”

– E por que eu não poderia perguntar? É natural que as mães queiram saber. Não é, Ric?

“Bem feito para você. Essa batata você não vai poder jogar para mim. Se vira, rapaz.”

Ric baixa os olhos. Mexe no garfo. Sinto-me constrangida por ele. De repente, ele ergue a cabeça e encara minha mãe.

– Não tenho resposta para a sua pergunta, senhora. Mas sei que nunca me afeiçoei a nenhuma mulher como à sua filha.

Dessa vez eu pisco, e quebro minha própria tibia. Quase caio da cadeira e acho que ainda por cima babo.

Olho para Ric. Ele está sereno. Ainda que esconda coisas, não há dúvida possível: o que ele acaba de dizer é verdade. Fico toda arrepiada. Meu pai olha para mim. Está visivelmente satisfeito com o macho jovem. Minha mãe acaba de cair no charme dele, de uma altura de cinco andares. Ric está diante da nossa família. É simples, sincero, frágil. Apesar disso, eu nunca o vi mais forte. Ele se atreveu por mim, na minha frente. Os dois homens da minha vida estão se arriscando, um para me proteger, o outro para me estender a mão. Poderia haver presente mais bonito para uma mulher? Eu sou uma princesa e meu pai, um rei. Ric é meu cavaleiro, e eu moro num castelo de quarto e sala sitiado por vieiras. A vida é maravilhosa.

Chove há horas. Faz tempo que isso não acontece. Ninguém viu o outono chegar, mas hoje de manhã ele está aqui. A rua parece mais escura, os carros que passam fazem a água espirrar, as pessoas tiraram os guarda-chuvas do armário e andam apressadas.

A queda da temperatura e o tamanho das gotas de chuva dominam a maioria das conversas. A Sra. Bergerot tem todo um novo estoque de frases adaptadas. Eu estou alerta, pois meus pais ficaram de passar durante o dia para admirar a filha trabalhando. Querem saber também quando poderei tirar férias; estão impacientes para me receber junto com o Ric. Estou um tanto apreensiva com a visita deles, pois, em geral, quando eles estão comigo na frente de outras pessoas, se acham obrigados a falar comigo como se eu ainda tivesse 6 anos... Com o tempo que está fazendo, minha mãe com certeza vai tentar me fazer usar um gorro e luvas. Vou ter que administrar isso...

No final da manhã, a loja está lotada. As pessoas se apertam para que ninguém precise esperar na calçada debaixo da chuva. O Sr. Calant adentra o recinto. Gotas de chuva brilham em seus cabelos sebosos. Ele parece feliz. Sinto-me tentada a dizer que o que o leva a apreciar o tempo é sua natureza de gastrópode viscoso, ou “gastriscoso”, como diria Nicolas, mas acho que, na verdade, é sua alma mofada que se satisfaz vendo a cara emburrada dos seus semelhantes. Há oito pessoas na sua frente. Ele reclama:

– É preciso um segundo caixa, ou então vendedoras que saibam trabalhar...

Indiferença generalizada. Eu nem sequer pestanejo e sigo trabalhando. A senhorinha que está sendo servida faz o comentário infeliz de que a umidade lhe provoca dores. O lixo humano aproveita para soltar uma de suas frases categóricas “as coisas só têm a importância que nós lhes damos”. Espere até ter uma fratura do quadril, daí nós vamos lhe dizer o mesmo. Todos aguentam

firme; dali a poucos minutos ele terá ido embora. Pensando bem, esse tipo de sujeito também é, paradoxalmente, uma bênção: graças a ele, não nos acostumamos mais com a gentileza das pessoas, nunca consideramos sua humanidade como algo garantido. Depois dele, todos parecem mais legais. Passamos a dar valor a cada segundo de vida do qual ele não participa. Imagino a sua vida: brigado com a família, em pé de guerra com os vizinhos. Até o gato dele deve mijar nos seus chinelos. Todo mundo torce para que ele um dia tenha o que merece. Ninguém imaginava que fosse ser agora, nem graças a uma vovozinha toda enrolada em sua capa impermeável e apoiada com a mão trêmula em seu guarda-chuva florido.

Chegou a sua vez, e ela avança até o balcão. Cumprimenta a Sra. Bergerot e me dá um oi. Geralmente, ela aparece a cada dois dias. No mês passado, foi operada de uma catarata, e é impressionante como seu olhar mudou. Parece que ela está redescobrando o mundo.

– Vou levar meia baguete e, se tiver, queria também um pão vienense.

O cretino se intromete:

– Espero que tenha, senão isto aqui não é uma padaria!

Ele é o único a rir. A vovó revira os olhos para o céu. O grosseirão insiste:

– Do jeito que as mulheres têm se saído, dá para entender por que Deus é homem...

A expressão da senhorinha se congela. Ela coloca a meia baguete sobre o balcão, contorna a cliente que a separa de Calant e o fulmina com seu olhar novinho em folha. Todos prendem a respiração. Ela com certeza vai lhe dizer poucas e boas. De repente, a vovó brande o guarda-chuva e bate nele com toda a força aos gritos:

– Cale essa boca, seu imbecil!

Ela insiste e o golpeia repetidamente, feito um lenhador. Todos ficam estarecidos, mas ninguém se mete. Inclusive, vejo muitas pessoas com uma expressão que beira a clara satisfação. Esqueçam os super-heróis de roupa colada e capa esvoaçante. Esqueçam os musculosos que surgem do céu para restabelecer a justiça e salvar o mundo. Tudo está mudando atualmente. A mão do destino, a vingança divina é uma vovó baixinha, e ela porta a mais perigosa das armas: um guarda-chuva florido.

Bombardeado, Calant protege o rosto enquanto solta gritinhos ridículos de

roedor, mas fica tão desestabilizado que cai de bunda no chão. A senhorinha se abaixa junto dele.

– Faz anos que o senhor envenena a vida deste bairro. Falta ao respeito com as mulheres, mete medo nas crianças. O senhor é detestável!

Ela lhe dá mais três bons golpes antes de acrescentar:

– E já que gosta de pequenas citações, vou lhe ensinar algumas. Pitágoras disse: “Minha fala muitas vezes me fez perder alguma coisa. Meu silêncio sempre me fez ganhar alguma coisa.” Então cale essa boca!

– Mas, senhora...

– Cale essa boca, já disse! E nunca esqueça que Platão falou: “Seja gentil todos os dias, pois todos aqueles com quem você cruza estão travando uma dura batalha.”

Aplausos ensurdecadores. Calant foge engatinhando e desaparece na rua. Ao contrário de pouco antes, o guarda-chuva da vovó agora está todo torto, e ela própria está muito ereta. Todos a parabenizam. A Sra. Bergerot lhe dá de presente seu pão vienense e alguns doces. Julien e Denis vêm lhe dar dois beijinhos. Eu vou lhe dar um guarda-chuva novo de presente. Sei o que minha avó teria dito: “Enquanto houver vovó, haverá esperança.”

Acho estranho que Sophie não tenha ligado no meu aniversário, mas, quando Xavier vem comprar pão e também não diz nada sobre o assunto, começo a desconfiar de que algo está sendo tramado. Minha previsão é uma emboscada a médio prazo.

Vinte e nove anos: uma idade que dá o que pensar. Quase trinta. Primeiras avaliações, e alguns caminhos já ultrapassados que não podemos mais seguir. Começamos a sofrer as consequências das escolhas anteriores. Entendemos que outros jovens, mais jovens do que nós, já fazem pressão mais atrás. Eu me agarro ao número. Ainda tenho um ano antes de entrar em pânico. Por enquanto, subo para o apartamento de Ric, com quem combinei de jantar.

Ao abrir a porta, ele me dá dois beijinhos e os parabéns, mas seu comportamento está um pouco estranho. Fala em voz baixa, e seus gestos não são tão calorosos quanto ultimamente. Mal entro, a porta do quarto dele se abre bruscamente e meus amigos aparecem. Sophie, Xavier, Sarah e Steve surgem com presentes. Eles me rodeiam. São eles a minha vida, alguns há muito tempo, cada um por motivos diferentes. Junto com Xavier, Ric monta uma espécie de bufê e dispõe louça, saladas, pratos bem pouco harmonizados e doces.

– Pode agradecer à sua patroa e ao confeitiro – diz ele. – Eles prepararam tudo em segredo e deram de presente a você.

Fico muito feliz por Ric ter tido a boa ideia de reuni-los, e muito feliz por ninguém ter convidado Jade. Posicionamos as cadeiras em círculo, e Xavier se senta num pufe rasgado.

Durante a conversa, começamos a comparar a realidade das nossas vidas com aquilo que imaginávamos quando crianças. Sarah foi a primeira a falar:

– Aos 6 anos, já colecionava carros de bombeiro. Sem trocadilho, eu estava no degrau mais baixo da escada! Mas nunca pensei que fosse possível sentir a

felicidade que estou vivendo hoje. E pensar que justamente quando eu tinha renunciado, ele foi aparecer...

– ... com sua grande mangueira de incêndio, é, a gente sabe – brinca Sophie.

Steve reage:

– Entendi isso daí. Vocês na França são todos obstinados por sexo.

– Obcecados – corrige Xavier. – Uns puta obcecados!

– Isso é o que digo – repete Steve com dedicação. – Vocês são todos uns puta de uns sexuais.

E ele dá um beijo apaixonado na esposa.

Steve está progredindo depressa no francês. Xavier lhe ensinou uma porção de xingamentos e palavrões. Quanto ao restante, ele estuda em livros e assiste à TV.

Quando chega a vez de Xavier responder à pergunta sobre como é a sua vida hoje, torna a ficar mais sério.

– Eu colecionava blindados, tanques e metralhadoras automáticas. Mas não pensem com isso que sonhava em me casar com um militar! Para ser sincero, a ideia de colecionar armas pesadas sempre me pareceu estranha, principalmente porque eu tenho um temperamento mais pacifista. Talvez fosse porque eu precisava de segurança, ou quisesse proteger os outros, sei lá. Acabei tendo meu próprio tanque, mas tive que construir tudo sozinho, e vocês tiveram que me ajudar a roubá-lo...

Steve fica surpreso.

– Você roubou um tanque?

Contamos a Sarah e Steve o segredo sobre a retirada do carro de Xavier. Steve morre de rir. Diz que, se precisarmos fazer algo parecido outra vez, podemos contar com ele. Quando chega a vez de Sophie, ela responde que ainda é cedo para responder. Cedo demais nessa noite, ou cedo demais na sua vida? Ela não está com uma cara boa.

Ric se safava respondendo que acaba de chegar à região e sente que sua vida vai mudar em breve. Apesar de ele olhar para mim quando diz isso, não sei como interpretar. Eles acabam me fazendo a pergunta, mas eu nem sequer tive que responder. Todo mundo se encarrega disso por mim. Sarah resume perfeitamente a minha situação:

– No seu caso, agora tem sido uma revolução por semana! Você mudou de

emprego, mudou de nam...

Ric parece franzir o cenho, em seguida começa a rir e lança uma piscadela exagerada para Xavier. Se Xav tiver aberto o bico, vai me pagar. Sarah fica vermelha como um dos carros de bombeiro que costumava colecionar.

Ficamos até tarde e comemos um pouco mal, já que cada um levou um prato diferente. Tentamos até fazer Steve provar alguns queijos, mas, apesar de fortão, ele refuga diante de uma lasquinha de roquefort. Surfar e lançar bumerangue ele sabe, mas quando se trata de comer um pedacinho de mofo não é mais com ele. O grupo também me faz soprar as velas do meu bolo, e ganhei presentes. De Xavier: um lindo peso de papel feito com arabescos de metais diversos que ele mesmo fabricou. De Sarah e Steve: um livro grande sobre as mais belas viagens a fazer pelo mundo. De Ric: um CD de Rachmaninov. De Sophie: trinta caixinhas que sou obrigada a desembulhar uma por uma. Vinte e nove continham cada qual uma vela perfumada e, na trigésima, ela imprensou sachês de ração para gato, camisinhas e o anúncio de um detetive particular recortado de um jornalzinho gratuito. Vaca. Rimos muito, principalmente ela. Também ficamos conversando sobre os mais diversos assuntos, é ótimo.

Para você ter uma ideia de como falamos sobre tudo, não sei por qual caminho chegamos a esse assunto, mas em determinado momento Sarah me pergunta:

– De onde vem essa obsessão que você tem pelos gatos? O que eles fizeram? Arranharam você quando era bebê?

– Não sei. É verdade que eles são bonitos e superelegantes, mas acho que não demonstram tanto afeto quanto os cachorros.

– Isso não é verdade – protesta Xavier. – Conheci alguns que eram realmente encantadores.

– Pode ser, mas então me explica por que não existem gatos de resgate nem gatos guias de cegos? Porque os cachorros são mais inteligentes? Certamente não. Já viu um cachorro mudar de dono porque não gostava mais da sua casa? Nunca. Mas os gatos fazem isso. O gato nos usa, só se preocupa consigo mesmo!

Termino a frase exaltada. Em pé sobre a barricada, insto a multidão a repelir o invasor felino.

Meus amigos me olham, atônitos. Acho que ninguém está se importando com gatos e cachorros. Preciso parar com esse tipo de coisa também. Além do

mais, é verdade que os gatos são bonitinhos.

Por volta das duas da manhã, todos ajudamos Ric a arrumar as coisas e vamos embora. Eu lhe agradeço. Ele me dá um beijo, mas tem gente demais para que seja como eu gostaria. Sophie desce comigo para me ajudar a levar os presentes. Quando chegamos à minha porta, deixamos os outros passarem e eu lhe digo em voz baixa:

– Não quis falar nada na frente dos outros, mas você está com uma cara péssima. O que está acontecendo? É saudade do Brian?

– Ah, se fosse só isso...

– Quer conversar?

Entramos no meu apartamento. Sophie pega uma cadeira e se senta, exausta.

– Desculpe – diz ela. – Tentei não estragar o clima do seu aniversário, mas foi difícil.

– Fale.

– Estou pensando muito no Brian. Não sei se foi por ver Sarah se casando ou você se apaixonando, mas tenho me sentido muito sozinha. Estou até pensando que, do jeito como a minha vida está aqui, eu poderia ir morar na Austrália com ele.

“Sua partida seria um golpe muito duro para mim, mas isso vou lhe dizer outro dia.”

– Já falou sobre isso com ele?

– Foi ele quem puxou o assunto. A gente se fala todo dia à noite, por causa da diferença de fuso.

– Ele poderia vir morar na França, ficaria próximo do Steve...

– O pai dele está doente. Ele não quer sair de perto.

De repente, Sophie me encara profundamente.

– Mas não é isso que mais está me perturbando, Julie.

“O que será que ela vai me dizer?”

Ela escolhe as palavras.

– É sobre o Ric...

Ela faz uma pausa.

“Fale, caramba! Você o viu beijando outra. Pior, está apaixonada por ele...”

– Sophie, me conte, por favor...

– Você continua se perguntando o que ele está preparando...

– A todo minuto. É infernal. Vivo assolada por um dilúvio de perguntas: por que ele está interessado na propriedade dos Debreuils? Por que essa demora toda para agir? Há meses que tira fotos e se prepara. O que ele está esperando?

– Hesitei em contar, mas, se eu esconder isso de você, nunca mais vou conseguir encarar a mim mesma. Prometa para mim que não vai fazer nenhuma besteira.

– Para, Sophie, assim você está me deixando com medo. O que é que você sabe?

– Primeiro prometa.

“Que se dane, posso até jurar para você que a terra é plana, mas quero saber.”

– Eu prometo.

Ela tira da bolsa um envelope. Dentro dele, há um artigo de jornal, que ela desdobra e põe na mesa.

“O célebre fabricante de bolsas Debreuil vai abrir um museu dentro da sua imensa propriedade. As mais belas peças da coleção familiar, obras de arte inestimáveis e suvenires históricos colecionados mundo afora por Charles Debreuil e seus descendentes, e até mesmo a prestigiosa coleção de joias de sua neta, a atual diretora Albane Debreuil. Num dos últimos redutos do luxo francês, visitantes do mundo inteiro poderão admirar os fabulosos tesouros de uma das mais prestigiosas dinastias de artesãos que já existiram. A abertura está prevista para o dia 1º de novembro, daqui a três semanas, com a presença de vários representantes do governo e celebridades...”

Eis, então, o que Ric está esperando, o seu alvo. Tudo se confirma. Estou de fato apaixonada por um ladrão. Feliz aniversário, Julie.

Com a volta das chuvas, eu não precisava mais regar a horta da Sra. Roudan. Estou colhendo as últimas abobrinhas quando meu celular toca.

– Julie Tournelle?

– Sou eu.

– Estou ligando por causa da sua tia, Alice Roudan.

– O que houve?

– Lamento informar que ela faleceu hoje de manhã. Meus sinceros pêsames.

Estou em pé na beira da sua horta, com as mãos cheias de terra. O vento sopra no alto do prédio, o céu está nublado. Tenho uma tontura.

– Ela não sofreu?

– Em princípio, não. Nós tínhamos aumentado as doses de morfina. Tivemos que levar o corpo dela para o necrotério lá embaixo, mas a senhorita poderá vê-la. Ela lhe deixou alguns documentos.

– Passo aí daqui a pouco. Preciso me organizar.

– Como preferir, senhorita. Agora não há mais urgência...

Desligo e me sento no chão. As lágrimas brotam na mesma hora, quentes, abundantes. Choro acariciando as suas plantas. Ela não vai ver as últimas flores do seu jardim. Não é a mesma dor de quando David morreu no acidente de scooter. Não há revolta nem raiva, apenas uma imensa tristeza. A primeira vez que senti isso foi na morte do cachorro dos meus vizinhos, Tornade. Enquanto meus pais conversavam com os donos, vi o cadáver do animal por uma porta entreaberta. Ele não latia mais, nem corria mais na minha direção para jogarmos bola. Fugi até o fundo de nosso jardim, onde me escondi num buraco atrás do arbusto de lilases. Era o meu refúgio secreto. Neste momento, daria um bom dinheiro para poder estar lá. Na época, meus pais me procuraram, me chamaram, mas eu não respondi. Precisava ficar sozinha. Somente à noite, meu pai,

vasculhando mais uma vez o jardim enquanto a polícia conduzia buscas na rua, me localizou com o facho de sua lanterna, encolhida feito um passarinho aterrorizado. Pegou-me no colo e, juntos, nós choramos. Foi a primeira vez, meu primeiro cadáver, a primeira partida de uma criatura que eu amava. Desde então, houve outras. A segunda grande lição veio alguns meses mais tarde. Quando meu tio Louis morreu, eu não chorei. Para ser sincera, não fiquei nem triste. Percebi, horrorizada, que preferia de longe o cachorro do vizinho àquele velho reclamão. Senti vergonha, mas desde então aprendi a encarar as coisas de frente. Se formos sinceros, não gostamos das pessoas nem das coisas por legalidade ou por lógica. Existe algo além. Um sentimento irracional que só se mede realmente num dia como hoje. A Sra. Roudan morreu e estou sentindo uma dor enorme.

Quando chego ao hospital, todo mundo me trata como se eu fosse da família. Oferecem-me a possibilidade de ver o corpo. Aceito. Na verdade, não reconheço Alice. Talvez por causa da crua luz dos néons, talvez por não haver mais vida nela. Duas horas atrás, eu estava cuidando de seus legumes e, agora, estou aqui, olhando para ela, sem quase me atrever a pôr a mão na sua testa, por medo daquilo que vou sentir. No entanto, eu lhe devo esse último gesto de afeto. Ela está horivelmente fria. Recomeço a chorar e lhe dou um beijo. Ela não era nada para mim, mesmo assim sei que vai deixar um vazio enorme.

- Como prefere fazer em relação ao funeral?
- Vocês precisam de uma resposta agora?
- A senhorita pelo menos sabe se vai querer cremá-la ou enterrá-la?
- Enterrar. Acho que a família tem um jazigo no cemitério norte. A mãe e o irmão dela já estão lá. Têm certeza de que ela só tem a mim como parente?
- Isso quem deve saber melhor é a senhorita. Seu nome é o único na folha de emergência, e ela preparou todos os documentos no seu nome.
- Que documentos?

O funcionário me estende um envelope pardo um tanto grosso. Saio do setor e me acomodo na área de espera da ala administrativa. Pego os documentos. Por cima, a foto do irmão. Documentos oficiais, outros com carimbos do cartório, uma procuração, mais papéis impressos. Tudo parece ter sido assinado no mesmo dia, uma semana antes, no dia seguinte à minha última visita. Há também um envelope com meu nome escrito. Rompo o lacre.

Minha caríssima Julie,

Sinto que estou partindo, e não tenho certeza de que vou aguentar até sua próxima visita, de modo que estou ditando este recadinho para uma das enfermeiras. Não possuo grande coisa e, como não tenho parentes, fico feliz em deixar essas coisas para você.

Tenho um último favor a lhe pedir. Me enterre junto do meu irmão e dos meus pais. Assim, nós seremos uma família outra vez. Vá nos visitar de vez em quando, eu iria gostar. O apartamento agora está no seu nome. Não deve valer muito, mas vai ajudar você a montar a sua casa e retomar os estudos. Espero que as coisas corram como você quer com o Ric, e que vocês sejam felizes. Eu teria gostado de vê-los juntos.

Você foi o último raio de sol da minha vida. Com você, tive a impressão de ter uma filha de quem pudesse me orgulhar. Você se faz muitas perguntas. Sei que vai encontrar as respostas. Está na idade em que não deve olhar a previsão do tempo para fazer aquilo que tem vontade. Quem olha a previsão do tempo antes de sair de casa são os velhos. Vá lá, obrigada por tudo, você me proporcionou uma felicidade que eu já não esperava. Nunca se esqueça, pequenina, de que sejam quais forem as suas tristezas, você tem sorte, pois está viva e tudo é possível.

Um beijo,

Alice.



Na quinta-feira à tarde, a Sra. Bergerot fica sozinha cuidando da padaria. Sophie, Xavier e Maëlys vão comigo ao cemitério. Ric também vai. Não sei o que me deixa mais abalada, se a morte de Alice ou se o fato de eles terem todos se organizado para não me deixar sozinha. Seguro a foto do irmão dela e sua carta. Não chove, mas o céu está cinza como um aviso de falecimento. Estamos todos de preto, esperando o carro funerário em frente ao cemitério. O vento silva nos choupos, folhas voam. Ninguém diz nada, mas estamos juntos.

Quando o automóvel chega, vamos andando atrás dele até a aleia onde os coveiros já abriam o túmulo da família. Vivo essa cena como se estivesse flutuando, como se fosse em câmera lenta. Vejo os homens da funerária tirarem

o caixão. Eles o colocam no lugar e esperam o meu sinal para arriá-lo. O caixão vai ficar logo acima do de seu irmão. Nesse momento, quero acreditar que eles vão se reencontrar num mundo melhor. Torço apenas para que se reencontrem e nunca mais se percam um do outro.

Fico na beira da cova. Ajudo a distribuir as flores. Sophie chora. Não deve ser fácil para ela, que perdeu o pai um ano atrás. Xavier e Maëlys têm o semblante grave, e não tiram os olhos de mim. Ric está mais recuado atrás deles, como se estivesse se escondendo. Mudo de posição para deixar os coveiros fazerem o seu trabalho e noto sua expressão consternada. Ele parece dominado por algo mais pessoal do que a empatia.

Ficamos até o fim da recolocação da lápide. Em breve, haverá outro nome gravado na pedra. O carro vai embora. Não há ninguém no cemitério. Eu não sei rezar. Abaixo-me e acaricio a lápide. Murmuro baixinho:

– Boa noite, Alice. Dê um beijo neles por mim. Vou voltar em breve, prometo.

Eu devo mesmo estar com uma expressão de dar dó, pois todos na padaria estão me tratando com a maior gentileza. Minha situação em relação ao Ric me deixa obcecada. A distância entre o que vivemos nas aparências e o que eu sei é grande demais. Sinto vergonha, mas o luto pela Sra. Roudan me permite fazer uma cara arrasada sem que ninguém fique me questionando.

Não consigo mais me alegrar com nada; só penso no seu plano de roubo e na inauguração do museu Debreuil que se aproxima. Faltam apenas duas semanas. Será que ele vai cometer seu roubo logo antes? Será que vai fugir logo depois? Será que vai me convidar para ir embora com ele? Enquanto isso, ele se comporta como se nada estivesse acontecendo, enquanto fico paranoica até não poder mais.

Ver os clientes passarem me distrai. Entretanto, cada encontro, cada conversa, por mais insignificante que seja, é visto através do prisma da minha dúvida. Notei algo ao observar as garotas novinhas que vêm comprar suas saladas para o almoço. Elas já não falam dos caras nem do amor como nós fazíamos na sua idade. Eu as escuto. Elas se reconfortam, trocam confidências. Acima de tudo, esperam. Acho-as comoventes. Cada geração tem seus códigos, suas palavras, seu jargão. Dependendo da idade, ficamos a fim de um cara, azaramos, curtimos ou não sei mais o quê. No entanto, seja qual for a época, há palavras que nunca mudam, algumas expressões que nunca sofrem a influência da moda. Adorar, torcer, sofrer, esperar, chorar. Ninguém, nem mesmo essas garotas despreocupadas, se atreve a brincar com a verdade profunda de nosso destino.

Ric deveria ter passado na padaria de manhã, mas não apareceu. Tampouco o vi passando na rua. Já está na hora de fechar para o intervalo de almoço. Acompanho uma última cliente até a saída e tranco a porta da loja. Quando

abaixo a porta de ferro, Mohamed me cumprimenta com um aceno. Retribuo. É bom saber que ele não está longe. Trocamos algumas palavras todo dia de manhã, quando chego, e todo final de dia, quando a padaria fecha. A chuva o obriga a cobrir seus mostruários. Muitas vezes me pergunto como é sua vida fora do horário de abertura da mercearia. Com o número de horas que ele trabalha, não deve sobrar muita coisa.

Durante a tarde, começo a me preocupar com o Ric. Também não é do feitio dele me deixar tanto tempo sem notícias. Ligo para o seu celular.

– Ric?

– Oi, Julie.

– Cadê você? Não estou nem reconhecendo a sua voz.

– Estou superdoente...

Ele então exclama:

– Putz, três da tarde já! Estou sonolento desde ontem à noite. Devo ter pegado um resfriado.

Ele tosse e engasga de leve. Nunca o ouvi nesse estado.

– Você está se cuidando?

– Estou tomando café e aspirina.

– Vou dar um pulo na farmácia e passo aí.

– Não precisa. Amanhã vou estar melhor.

– Você está com febre?

– Se você acha que eu vou colocar um termômetro...

– Está com a testa quente?

– Não, gelada. E suada.

– Descanse. Eu chego com o necessário por volta das oito da noite.

– Tá.

Ele não tentou me impedir de ir lá, falou “tá”. Minha avó costumava dizer que um homem doente é igual a um lobo ferido. Só as pessoas da mais absoluta confiança podem se aproximar. Meu moral aumenta um pouco, porque hoje à noite tenho um encontro com um lobo.



Comprei tantas coisas na farmácia que o Sr. Blanchard me disse que eu poderia

devolver o que não servisse. Da primeira vez que bato à porta de Ric, ele não atende. Bato com mais força e acabo escutando uma voz abafada que me diz para entrar. A porta está aberta.

Encontro-o na cama, pálido, com o edredom levantado até o nariz.

– Não quero passar meu resfriado para você.

– Desde quando você está assim?

– Comecei a tremer ontem à noite. Que saco enorme de remédios é esse? Vou logo avisando, não quero ouvir falar de supositórios.

Sento-me na beira da sua cama.

– Posso pelo menos pôr a mão na sua testa?

Ele aceita com um meneio de cabeça.

Quando encosto a palma da mão na sua pele, ele fecha os olhos feito um bicho ferido que sente um certo reconforto. Está ardendo em febre.

– Está sentindo gânglios na garganta?

– Sei lá.

– Posso?

Ele abaixa o edredom. Acho que está sem camisa. Apalpo-o debaixo do queixo, no pescoço. A barba por fazer arranha a ponta dos meus dedos. Com a febre, os pelos crescem mais depressa. Adoro essa sensação.

– E aí?

“O melhor seria chamar um médico, mas prefiro que você sofra um pouco e que eu seja a única a cuidar de você...”

– Vou preparar uma mistura caseira, e você vai tomar um xarope. Deve ter pegado uma baita friagem. Claro, sempre vai correr de camiseta, seja qual for o tempo.

Ele sorri.

– Julie, mãe eu já tenho e a gente ainda não casou, de modo que esses seus comentários de professora primária...

O que foi que ele disse? “Casou”? Seus olhos brilham. Vou perder a pose. Havia semanas que ele não mexia tanto comigo. De repente, não o vejo mais como um ladrão, não desconfio mais nem um pouco dele ou do que ele está tramando, sinto por ele o mesmo que senti no primeiro dia. Preciso me levantar, senão vou me jogar em cima dele para obrigá-lo a me passar os seus micróbios pela boca.

– Você não comeu nada, imagino.

– Fiquei na dúvida entre um chucrute com linguiça extra ou um triplo cheeseburger com maionese, sabe, mas acabou que só de ouvir falar nessas coisas sinto ânsia de vômito.

– Não é bom ficar de estômago vazio. Mesmo doente, seu organismo precisa de um pouco de alimento. Vou fazer um bom caldo para você.

“Pronto! Que horror! Acabei de completar 29 anos e já estou falando que nem a minha mãe! Droga, o abominável dano do tempo já começou seus estragos! Vai chegar o dia em que direi a ele para calçar os chinelos, e ele me chamará de ‘mãezinha’ na frente dos nossos filhos...”

Ando até a cozinha.

– Você não deve ter nada na geladeira para preparar uma refeição leve...

– Que tal um caldo de pizza com nuggets e patê?

Tomo a liberdade de abrir sua geladeira. É incrível. Tenho a impressão de estar em casa, na nossa casa. Sobre a mesa da cozinha, reparo nas famosas pastas repartidas em duas pilhas. Nenhuma inscrição, nada que permita prever o que elas contêm.

– Odeio ficar doente – resmunga Ric.

“Mas que furo de reportagem! Um homem que odeia ficar doente! Se alguém encontrar um que aceite ser medicado sem criar caso, sem forjar uma agonia digna de um torturado pela Inquisição, valeria a pena fazer um documentário.”

Ric se livra do edredom. Está sem camisa, de fato. Talvez esteja até pelado. Segue reclamando:

– Sinto calor, sinto frio, não aguento mais. E se a gente abrisse a janela?

– Tem razão. Um bom vento encanado, e você pode apostar na pneumonia.

– Estou sem tomar banho desde ontem à noite. Me sentiria melhor se tomasse uma chuvarada.

Acho que ele está decidido a se levantar. Meu constrangimento é terrível. Vou voltar até minha casa e pegar o necessário para preparar um caldo. Não quero vê-lo pelado, não nessas circunstâncias. Que loucura os homens, sério mesmo. Para eles é mais fácil mostrar a bunda do que o coração.

– Vou descer para pegar alguns legumes lá em casa.

– Você volta?

Pelo tom, ele parece querer mesmo que eu volte.

– Daqui a dez minutos. Assim dá tempo de você tomar o seu banho, se quiser.

– Tá. Vou deixar a porta aberta.

Na verdade, não preciso nem de três minutos para chegar em casa, pegar os legumes, mais dois ou três ingredientes e subir outra vez. Mas vou dar um tempo para ele. Que feio, estou tão feliz por ele estar doente... É como se vivêssemos juntos, como se não houvesse mais nada a não ser a nossa relação. Ele precisa de mim, eu cuido dele, nada nem ninguém nos separa. Um ideal de vida. Deve ser isso, a felicidade: um homem superdoente, e uma garota que sabe fazer sopa.

Quando subo de volta, entro sem bater.

– Ric?

Sem resposta. A água no banheiro não está aberta. Avanço até o quarto. Ele cochila. Aproximo-me na ponta dos pés. Está dormindo profundamente. Sento-me no canto da cama. Fico olhando para ele e me atrevo a lhe acariciar a testa. Meus dedos se enfiam nos seus cabelos. Eu nunca o observei com os olhos fechados. As pessoas sempre têm algo de comovente quando estão dormindo. Ficam vulneráveis. Como se tivessem partido para outro lugar, de certo modo elas nos confiam o seu corpo.

Ric está dormindo tão profundamente que eu poderia me aninhar junto a ele sem me fazer notar. Só que não me atrevo. Nem por isso reclamo. Enfim, posso estudar o formato de seu ombro e de seu braço. Posso observar as curvas do seu rosto, do maxilar, da boca. Seus longos cílios e suas pálpebras protegem o olhar que vai renascer daqui a pouco. Faço-lhe outro cafuné e gosto de pensar que, embora dormindo feito uma marmota, ele aceita.

Ric, você confia o suficiente em mim para me deixar entrar na sua casa. Confia em mim para cuidar de você. Permite que eu o toque como nunca toquei. Por que não me conta o seu segredo? Por que você ficou doente? É esse projeto maluco que o está enfraquecendo? Sei que você não vai falar. Queria que este instante durasse para sempre, não peço nada à vida além de sentir o que estou sentindo por você neste momento.

Contra a minha vontade, a imagem das pastas em cima da mesa da cozinha surge na minha mente. Ric jamais vai confessar nada, mas talvez eu tenha uma chance de saber mesmo assim. Viro a cabeça e vejo as pastas. Será que devo obedecer os meus dedos que se perdem no meio dos seus cabelos, ou o meu

instinto que me manda aproveitar essa chance única? Na minha cabeça, o advogado de defesa e o promotor brigam dessa vez. Porrada feia! O promotor ameaça, mas o advogado lhe mostra a língua. Ele fica bravo e pula do púlpito para bater no advogado. Eles correm um atrás do outro, esganando-se com seus pequenos cachecóis de pele. Lamentável. Ordeno que a sessão seja suspensa.

Abandono Ric. Fecho a porta do seu quarto para que ele não me pegue no flagra. Minhas mãos tremem. Qual das pastas abrir primeiro? Pego uma qualquer. Está cheia de contas. A segunda contém fichas de serviços de informática. Se esse for mesmo o seu trabalho, não deve ter levado muito tempo. A pasta seguinte contém fotos: a residência dos Debreuils, uma esplêndida construção com múltiplos telhados encaixados uns nos outros, as oficinas e o que parecem ser os diferentes acessos à propriedade. Outras imagens mostram um painel com números, sem dúvida fotografado com a teleobjetiva, no qual um dedo está apertando uma das teclas. Com a série de fotos, é possível descobrir a senha. Há também imagens aéreas. Folheio os documentos de maneira frenética. Como ele conseguiu tudo aquilo? A quarta pasta é vermelha e mais grossa. Retiro os elásticos dos cantos. Tenho um pressentimento. Por cima, a fotocópia de um calendário com a data 31 de outubro assinalada com uma cruzinha. Há também plantas baixas: da residência, de uma fábrica, de oficinas diversas. Em algumas delas há itinerários traçados em azul. De repente, encontro algo mais consternador: a cópia de uma planta baixa com a legenda: “Sala principal do museu”. Peno para me situar, mas dá para distinguir a posição das vitrines. A de número 17 está intensamente marcada com um círculo vermelho.

Ouçó um barulho no quarto de Ric. Fecho tudo às pressas.

– Julie?

– Estou indo!

Ele se sentou na cama. Está despenteado, tanto por causa do meu cafuné quanto do travesseiro. Espreguiça-se.

– Eu dormi muito tempo?

“Tempo demais ou não o bastante, depende se do seu ponto de vista ou do meu.”

Daqui a doze dias, na véspera da inauguração, Ric vai roubar o conteúdo da vitrine 17 do museu Debreuil. Devem ser as pedras mais bonitas da coleção, com certeza. Como você quer que eu viva normalmente sabendo disso?

Na padaria, pareço uma pilha de nervos. Qualquer coisa me faz sobressaltar. Ontem, dei um grito digno de filme de terror porque achei que um psicopata estava me agredindo com uma faca gigante, mas era só Nicolas fazendo graça na hora de trazer as baguetes.

– Que “mânico” de você – declara ele.

Deve estar querendo dizer que sente medo e pânico de mim. É melhor que o Sr. Calant não apareça mais, porque seria capaz de lhe dar uma lição, eu mesma. Até Sophie reparou no meu estado, mas não lhe contei nada.

– Essa história está subindo à sua cabeça – disse ela. – Você não vai conseguir aguentar a pressão.

“No pior dos casos, daqui a doze dias ou ele estará preso ou foragido.”

Temo que Ric desista de me convidar para ir embora com ele. Com certeza está convencido de que eu sou certinha demais para aceitar viver fugindo. Deve pensar que jamais trocarei minha existência confortável para acompanhá-lo na sua fuga. Será que ele tem razão de pensar isso?

O que, de fato, eu estaria disposta a fazer por ele? Para além dos discursos, dos sonhos de felicidade, das revoltas feitas de barriga cheia, do que eu seria realmente capaz? É essa a diferença. Apreendo a resposta. Tenho medo de que Ric esteja acima das minhas possibilidades.

Apesar disso, já não me resta dúvida alguma do valor que ele tem para mim. Não é um rapaz bonito por quem me apaixonei só porque estava me sentindo sozinha. Não. Eu não estava esperando por ele, não estava atrás de azaração nem de um relacionamento de qualquer tipo. Algo aconteceu dentro de mim por

causa dele. E eu não consigo controlar o resultado; ele me domina, me faz viver, mas também pode me destruir.

Se Ric acha que eu não sou capaz de acompanhá-lo na sua fuga, preciso fazê-lo mudar de ideia. Preciso lhe transmitir esse recado de maneira sutil e eficaz: apenas eu. Daí ele vai poder me convidar para ir com ele. Eu juro que não levaria muita coisa na mala: duas calcinhas, um descascador de legumes e Toufoufou. Não há um segundo a perder.



Ric ainda não se recuperou totalmente da sua suposta gripe. Posso ver que ele se esforça para ficar de pé outra vez, mas seu corpo não consegue acompanhar. Estou cada vez mais convencida de que esse mal é resultado da angústia que o envenena à medida que a data do seu roubo se aproxima. Se é tão difícil de suportar, por que ele está fazendo isso? Se não tem coragem, por que insiste em planejar o roubo com tanto cuidado? Talvez em algum lugar ele tenha uma mulher refém cujo resgate precisa pagar, ou 18 filhos ilegítimos morrendo de fome a quem ele quer proporcionar uma vida melhor, inspirado numa noite de tempestade. A menos que ele tenha um relacionamento ultrassecreto com Jade e ela esteja querendo comprar os mesmos peitos de Léna. Em todo caso, enfraquecido pela doença, Ric quase não sai do apartamento.

Sob o pretexto de arejar a cabeça, convidei-o para jantar na minha casa hoje à noite. Ele aceitou na hora. Acho que posso anunciar oficialmente, sem me gabar demais, que ele está buscando a minha companhia nesse momento. Fanfarras, tiros de canhão, pombas soltas no ar. Obrigada por não soltar as aves antes dos tiros de canhão, pois seria uma carnificina.

Eu trouxe saladas prontas da padaria e um doce leve para que ele se lembre do nosso primeiro jantar. Instruída pela experiência, chequei meu próprio boiler e desliguei tudo o que não fosse absolutamente necessário ao desenrolar, sem sustos, do jantar, inclusive o telefone. Nada deve atrapalhar o nosso encontro a dois. Temos o que conversar, preciso imperativamente lhe fazer as perguntas que estão me torturando, e ele não pode ir embora sem ter me respondido. Disso depende o nosso futuro, sobretudo o meu.

Ele fez o esforço de se barbear e de colocar uma camisa bonita. Quando

entra, para e olha à toda volta.

– Tenho a impressão de que faz séculos que não venho aqui.

“Você pode ter a chave, só depende de você.”

Ele retoma:

– Não tive nem tempo de desmontar o disco rígido do seu computador. Você me perdoa?

– Tudo bem, você tem mais o que fazer.

“Como, por exemplo, roubar plantas baixas ou planejar por qual duto de ventilação vai invadir o museu Debreuil...”

Ele se prepara para me ajudar a pôr a mesa, mas eu o obrigo a se sentar.

– Você mal está se aguentando em pé. Deixe que eu faço isso.

“Você está com uma cara tão cansada que quase estou me oferecendo para dar uma mãozinha a você no dia do roubo, carregar as sacolas...”

Ele pergunta dos meus pais, de Xavier e dos outros. Emenda com uma análise da minha situação na padaria. Ric tem o dom de me fazer falar, o que o poupa de precisar se expor. Não tenho nem sequer certeza de que seja uma estratégia consciente. Acho que ele age assim com todo mundo, o tempo todo, desde sempre. Ele se protege. Eu queria poder lhe oferecer algo diferente.

Como ele está comendo pouco, o jantar não dura muito. Seus olhos brilham cada vez mais, só que por causa da febre. Até agora, ele cuidou para que nossa conversa não se aventurasse por terrenos próximos demais dele. Nesse estágio do jantar, porém, preciso partir para a ofensiva.

– Essa sua doença não atrapalhou demais você em relação ao trabalho?

– Nada catastrófico. Eu só mudei a agenda.

– Não tinha nada urgente?

– Não. Tive sorte.

– Você vai tirar férias em algum momento até o fim do ano?

– Ainda não sei. E você?

“Boa, mas não vou cair nessa.”

– Não. Só alguns dias isolados.

Ataco outra vez:

– Vai visitar a sua família no fim do ano?

– Ainda faltam dois meses, tenho tempo para decidir. E você, alguma novidade sobre o apartamento da Sra. Roudan?

“O bicho é teimoso.”

– O caso está no cartório. Ela me deu um belo presente.

Os ponteiros do relógio avançam. Preciso falar antes que o lobo se recolha à sua toca. Provavelmente, ele já deve ter reparado que eu não deixo mais a conversa passear na direção que ele quer. Encaro-o bem nos olhos.

– Ric, se você estiver com algum problema, sabe que pode me contar.

Ele dá uma risadinha nervosa. Ponto sensível.

– Por ora, minha única preocupação é esta maldita gripe, e você já está me ajudando muito.

– Não é disso que eu estou falando.

Não consigo sustentar o olhar dele. Baixo os olhos.

– Não sei se você sabe, mas você é muito importante para mim.

– Obrigado, Julie. Você também é para mim.

– Não quero que aconteça alguma coisa com você...

– Fique tranquila, não vai me acontecer nada.

– Porque se você tiver qualquer coisa para dizer, mesmo que seja difícil, lembre-se de que estou pronta para escutar...

Ele me encara com uma expressão estranha. Sua postura fica tensa. Já o conheço. Ele está se fechando. Sua boca se contrai a ponto de virar um simples traço. Sinto medo, mas já não posso recuar.

– Ric, acontece com todo mundo de fazer besteira ou ter objetivos impossíveis...

Seu olhar endurece.

– Julie, o que você está tentando me dizer?

Sua voz é fria.

– Meu objetivo é ajudar você, Ric, nada além disso.

– É muito gentil e eu aprecio de verdade o que você está fazendo por mim, mas garanto que está tudo bem.

– Eu queria que não houvesse nenhum segredo entre a gente. Queria mesmo que você confiasse em mim o suficiente para me falar sobre tudo que o preocupa.

Ele vira a cabeça. Seu rosto me escapa. Quando ele torna a me olhar, não é mais o Ric que eu conheço. É um estranho fuzilando com o olhar a intrusa que tenta invadir a sua intimidade.

Será que devo insistir? Ou será que devo me contentar com o clima insuportável que surgiu entre nós? Ele deve desconfiar que sei de algo. Deve estar com medo. Preciso tranquilizá-lo, mas não tenho nem forças nem método para isso. Estou quase chorando. Tudo que consigo fazer é lhe estender a mão. Ele não a segura.

– Ric, eu não quero perdê-lo. Tudo que desejo é viver perto de você, e pouco importa a vida que você escolher para a gente. Não estou tentando convencê-lo de nada, nunca vou tentar impedi-lo de fazer nada, mas, por favor, me diga o que está acontecendo de tão grave a ponto de deixar você doente.

Ele se controla, mas posso sentir que por dentro está fervendo. Nem de longe é a reação que eu esperava, mas agora é tarde. Ele faz seu garfo rodopiar num gesto nervoso, como uma arma que estivesse preparando para lançar. Reflete uma última vez antes do ataque. De repente, me encara e se levanta.

– Julie, eu gosto muito de você, mas estou indo embora. Acho melhor a gente não se ver por um tempo. Eu ligo pra você. Obrigado pelo jantar.

Ele sai do meu apartamento. O barulho da porta batendo tem sobre mim o mesmo efeito de um tiro de fuzil em pleno coração.

Hoje é dia 19 de outubro, são 21h23, e eu morri.

É noite e está um pouco frio. Na sacada do apartamento de Jérôme, estremeço enquanto observo a cidade a cintilar. A ideia idiota de pular por cima da grade da varanda me passa pela cabeça, mas daqui já posso ver o tapa que a Sra. Roudan me daria quando eu chegasse ao paraíso. Aliás, não tenho a menor certeza de que vou para lá, sobretudo se os gatos e suas nove vidas puderem votar.

A festa do divórcio de Jérôme está correndo às mil maravilhas. Minha impressão é de que algumas das pessoas que chegaram solteiras irão embora em casal. Jérôme está conversando com sua primeira ex-esposa. Eles riem. Seria engraçado se tornassem a se casar.... Observo-os de fora pela porta de vidro. Vejo também o mensageiro do destino, o homem esquisito com cara de esquilo. Ele está conversando com uma garota bonita de cabelos bem curtos. Deve estar perguntando qual foi a coisa mais idiota que ela já fez na vida. Talvez tenha sido cortar os cabelos. Existem coisas mais graves do que isso.

Se ele vier me perguntar isso outra vez, eu saberei o que responder: meu ato mais insensato foi provocar a inimizade do homem que eu amo. Algumas horas antes, nós tínhamos todas as chances. Ainda lhe restava tempo suficiente para me chamar para acompanhá-lo na sua fuga. Ainda restava tempo suficiente para nos abraçarmos, experimentando a força do sentimento que talvez compartilhássemos. Ainda me restava tempo para fazê-lo desistir do seu projeto de outro jeito que não por meio de um interrogatório. Nada disso é mais possível.

A confiança é a base de tudo. Eu deveria ter confiado nele e deixado ele mostrar o seu jogo do jeito que quisesse, sem olhar as suas cartas. Se hoje à noite Jérôme organizasse um concurso de Miss Cagada, eu certamente iria ganhar com um pé nas costas. O que poderia me acontecer de pior do que perder o Ric? Sua imagem saindo do meu apartamento, sua voz me dizendo que era melhor não nos

veremos mais, a dor que me esmagou o peito nesse momento, nada disso eu vou conseguir esquecer. Esse tipo de cicatriz é invisível, mas nós nunca deixamos de senti-la.

Quando eu estiver velha, sozinha e tiver passado décadas sofrendo a falta daquele que eu sabia ser o homem da minha vida, sem dúvida pegarei a única foto que me resta de nós dois, num belo domingo junto ao imenso carro de Xavier.

Daqui a dez dias a data fatídica vai chegar, e Ric vai roubar as joias da vitrine 17. Ele é um ladrão, mas, mesmo assim, eu não consigo condená-lo pelo delito que vai cometer. Meu desejo, inclusive, é que ele consiga, e que encontre a felicidade que eu não fui capaz de lhe proporcionar. Bem lá no fundo, porém, sei que ninguém poderá lhe dar mais do que eu teria dado. Aliás, isso nem é verdade. A única verdade é que ninguém poderá me dar mais do que ele me dava.

Ric não é um criminoso. Se fosse mau, não teria aqueles olhares, aquelas palavras ou aqueles gestos. Não estou cega de amor. Se ele não passasse de um bandido comum, não teria ficado doente às vésperas da data marcada. Quando penso que ainda fui lhe complicar tanto a vida que ele preferiu se isolar da única companhia que parecia deixá-lo um pouco feliz... Que imbecil.

Na sala de Jérôme, vejo todos os seus amigos rindo e se divertindo. Muitos aguardam o encontro que irá transformar sua existência em algo mais do que uma simples vida. Eu desperdicei minha chance, perdi a vez.

É difícil para mim testemunhar a alegria estando tão mal. Prefiro me virar para a noite, para a lua que mal se consegue ver devido às nuvens. Ouço o vento. Pouco a pouco, passo a escutar apenas ele. Como consertar meu erro? O que devo fazer para ajudar Ric? Como mostrar a ele tudo aquilo de que sou capaz? De que maneira posso protegê-lo de si mesmo?

Graças a um espaço aberto entre as nuvens, a lua surge para mim de repente, nítida e luminosa. Sua beleza ilumina meu espírito e, assim como no céu, a bruma se afasta por um instante. Acabo tendo uma ideia. Prometi contar a você a coisa mais idiota que já fiz em toda a minha vida. É exatamente nesse instante que uma centelha surgida do mais profundo desespero lhe deu vida. Eu tenho a solução para todos os meus problemas, a resposta para todas as minhas perguntas: vou roubar as joias antes de Ric.

– Géraldine, é um caso de vida ou morte! Eu imploro!

– Não fale assim. Você faz ideia do que está me pedindo? Eu já estou deixando você ter acesso ao histórico bancário confidencial do nosso maior cliente.

– Eu sei, e agradeço a você por isso.

– Se o Raphaël perceber que usei as senhas dele, vai me matar e eu vou perder o emprego.

“Repare que, se você estiver morta, não vai mais precisar de emprego.”

– Eu sei, Géraldine, mas imploro para que confie em mim. Você sabe que nunca vou fazer nada que possa prejudicar você e a agência, eu sempre fui honesta...

– Verdade. Mas sei também que você tem um coração grande o suficiente para se meter até o pescoço numa roubada por causa de alguém.

– Em todo caso, se acontecer alguma coisa, eu assumo a responsabilidade toda. Pode me acusar. Não importa, não terei mais nada a perder.

– O que você está tramando?

– Prefiro dizer o mínimo possível. Quanto menos você souber, menos estará comprometida.

– Julie, você está me deixando assustada. Eu conheço um pouco os Debreuils. Profissionalmente, eles são uns verdadeiros tubarões, então não tem motivo para ser diferente nas outras áreas.

– Eu não tenho escolha, Géraldine. Não tenho absolutamente nenhum direito de pedir essa ajuda, mas sem você eu não conseguiria...

– O que você quer exatamente?

– Você me disse que as oficinas Debreuil estavam procurando investidores privados, não disse?

- As contas deles estão no limite. Eles não têm mais economias, e boa parte das obras que vão expor no museu já está hipotecada.
- E olha que as bolsas deles são caríssimas...
- Albane Debreuil leva uma vida de luxo. Ela esbanja os lucros da empresa. No ano passado, chegou a fazer um empréstimo garantido pela empresa para financiar um haras que não para de perder dinheiro. Tudo é assim. Mais dois anos sem dinheiro novo e a casa Charles Debreuil vai ter que ser vendida a preço de banana para um grande grupo ou para um fundo de pensão.
- Se você apresentasse um investidor, eles a escutariam?
- Não somos o único banco deles, mas tenho certeza que sim.
- E iriam verificar a liquidez do investidor?
- Eles pediriam para a gente fazer isso.
- É o que eu esperava.
- Por quê? Você conhece algum investidor suficientemente rico?
- Estou providenciando.



Sei o que você está pensando: ela ficou maluca. E tem razão. Mas quando não temos mais nada a perder, nós apostamos todas as fichas. Na esperança de me tranquilizar, tento lembrar todos os personagens históricos que conseguiram algum feito impossível pelo simples fato de não terem outra escolha que não tentar. É essa a minha situação.

Daqui a seis dias, Ric vai agir. Preciso ter aplicado o seu golpe antes dele, sem as plantas baixas, sem material e sem treino. Eu até estava pensando em atrair Albane Debreuil com dinheiro, mas não imaginava que o estado das suas finanças pudesse torná-la tão receptiva assim...

Meu plano é simples: encontro-me com ela com a desculpa de injetar dinheiro na sua empresa. Pergunto se posso visitar o seu museu antes da inauguração. Quando estivermos em frente à vitrine número 17, quebro tudo, pego os colares e saio correndo. Levo as joias para Ric como um gato leva de presente para os donos um camundongo morto. Ele não poderá reagir de outro modo que não me amando, e viveremos felizes como Branca de Neve e seu príncipe, sem os anões. Você não está convencido? Nem eu. Estou morrendo de

medo, mas esse ato, ao mesmo tempo suicida, desesperado e burro, é minha única chance de provar para Ric que estou disposta a tudo por ele. Quando penso isso, eu acredito, e estou de fato decidida a partir para a ação. Sei que não conseguirei sozinha, e a mente atormentada que vive escondida dentro da minha cabeça já criou o roteiro.

O mais surpreendente, como no caso da retirada do carro de Xavier, é a espantosa facilidade com que as pessoas aceitam essas ideias, mesmo as mais loucas, quando você mesmo está visceralmente convencido. Não digo que tenha sido fácil desta vez, mas eu imaginava que as pessoas a quem iria recorrer fossem bater a porta na minha cara e nunca mais querer falar comigo.

Comecei por Géraldine, e ela está disputando o jogo. Apesar do que lhe garanti, mesmo assim ela está correndo um grande risco, e sinto-me culpada por isso. Para livrar a cara dela, estou disposta a jurar que só entrei no banco para manipulá-la, e que ameacei chantageá-la por causa da sua relação com o Mortagne.

Passo os dias e noites aperfeiçoando o meu plano. Testo-o sob todos os ângulos possíveis. A cada quarenta segundos, descubro um bom motivo para tudo dar errado, mas evito chegar ao ponto de pensar que vou acabar atrás das grades. Ao mesmo tempo, imagino que Ric ficará bastante grato diante dessa sublime tentativa fracassada e que, conseqüentemente, serei eu a vagabunda que ele vai tentar resgatar da prisão. Estou tão ansiosa que ele me leve para o seu palácio...

Paradoxalmente, estou muito melhor desde que comecei a maquinar tudo. Não acho que estou preparando um roubo. Nem sequer imagino que a agente JT possa ser presa na “contagem regressiva infernal de uma corrida impossível contra o relógio”. Não. Eu faço pelo Ric. Estou preparando para ele a mais bela surpresa da sua vida, a maior prova de amor que uma garota estúpida possa dar a um belo rapaz. A coisa mais idiota de toda a minha vida talvez seja também a mais bonita.

Não temo o interrogatório do representante do Ministério Público, nem o julgamento da multidão, nem os comentários da minha mãe. A Sra. De la Sablière disse: “Nem todo dever vale uma falta cometida por ternura.” Mazarin falou: “É preciso ser forte para enfrentar uma catástrofe, é preciso ser grande para usá-la.” A Sra. Trignonet, minha professora de artes plásticas no ensino

médio, também disse: “Isso vai voltar na sua cara, e você vai ter merecido.”

Não estou me importando. Se eu me safar, é a mim que vão pedir para dizer frases que irão atravessar o século. Eu sou invencível. Este mundo me pertence. Não posso esquecer de levar o lixo lá para baixo quando sair.

Acabo de ter um sonho. Na mais bela sala de concertos do mundo, subo ao palco rodeada por uma luz pura que faz cintilar os incontáveis diamantes que me cobrem o corpo. Vejo-me diante de milhares de poltronas forradas de veludo vermelho, perfeitamente alinhadas e todas vazias, com exceção daquela situada exatamente no centro da plateia. Um único espectador: Ric.

Com a garganta contraída, vou até o meio do palco e faço uma reverência majestosa. Bem lentamente, ao som da primeira nota de uma sinfonia, uma orquestra completa sobe do fundo do poço e surge atrás de mim. Ao piano está Lola.

Começo a cantar suavemente, como quem murmura um segredo, uma confissão. Numa só canção haverá a minha vida, a promessa que eu lhe faço. Haverá ritmo, violinos, rock, blues, música lenta, bemóis e solos. Alguns minutos para a quintessência de uma vida, alguns segundos daquilo que incendeia um coração. Por ele, eu vou cantar; por ele, vou dar tudo de mim.

Já posso ouvir as melodias, já consigo pronunciar as palavras. Minha canção fala de amor, de esperança, de tudo de que uma mulher sabe abdicar por aquele que ama. Tomara que ele fique até o fim. Tomara que, em seguida, uma rosa vermelha caia aos meus pés. Tomara que ele tire todos os meus diamantes. Não resta mais dúvida: estou onde preciso estar, fazendo o que preciso fazer, como nunca. Só tenho medo de acordar e descobrir que a sala está abarrotada e que não há mais nenhuma poltrona vazia, exceto aquela situada exatamente no centro da plateia. Do dia de hoje depende toda a minha vida.

Xavier sempre conta que, logo antes de uma operação, os comandantes se calam para se concentrar melhor. Sem dúvida, é por isso que ele próprio não diz nada enquanto nos leva até a propriedade de Albane Debreuil, com quem temos hora marcada.

Xavier pôs o mesmo terno escuro que usou no enterro da Sra. Roudan. Vestido assim, junto ao caixão, ele parecia um homem enlutado, o que não era o caso. Dessa vez, ao volante do seu impressionante sedã blindado, ele parece um guarda-costas capaz de disparar um míssil de um alçapão oculto apenas apertando um botão secreto, o que tampouco é verdade.

O carro avança pelas ruas, potente. Pelos vidros escuros, vejo os passantes virando a cabeça para vê-lo.

Estou acomodada no banco de trás ao lado da Sra. Bergerot. Ela está usando um esplêndido casaco de pele. Apesar de sintético e um pouco pequeno, o casaco faz vista. De toda forma, maquiada e penteada por Léna, a Sra. Bergerot parece, de fato, a miliardária russa que precisa representar no meu plano. Ela tem um porte de queixo, uma nobreza de rosto e uma segurança no olhar adquirida graças ao fato de ter vendido mais de dois milhões de baguetes e o mesmo número de croissants a qualquer cliente.

Estou usando um conjunto chique cinza-pérola um tanto sério, emprestado por Géraldine. Acho que fica melhor nela do que em mim, mas não é para mim que a Sra. Debreuil vai olhar.

Não quero ter nenhum distanciamento crítico em relação ao que estamos fazendo. Não quero pensar nem por um instante na situação para a qual estou arrastando as pessoas mais importantes da minha vida. Há alguns minutos, Sophie certamente já chegou à residência Debreuil, onde está se fazendo passar por uma jornalista que foi lá para imortalizar o promissor encontro entre a

herdeira de uma das maiores marcas do luxo francês e uma riquíssima mulher de negócios que talvez lhe dê recursos para se desenvolver ainda mais no âmbito internacional.

O carro deixa a grande avenida e entra pelas ruas mais estreitas. Seja qual for a velocidade nas curvas, a suspensão nos mantém perfeitamente na horizontal, num conforto absoluto. XAV-1 é, de fato, um veículo excepcional. Pelo retrovisor interno, cruzo olhares com o meu amigo. Mesmo antes de partir para o combate, um comandante tem o direito de sentir orgulho de suas realizações. A Sra. Bergerot também está impressionada com o carro. Isso quase a faz esquecer a incongruência do que está prestes a fazer por mim. Uma hora atrás, estávamos as duas na rotina da padaria, mas, quando baixamos a porta de ferro para o intervalo do almoço, a decoração mudou. Ela foi para casa se vestir. Uma cortina cai para outra se erguer.

– Então eu não digo nada, é isso?

– Exatamente. Só cochiche no meu ouvido, e eu traduzo para a Sra. Debreuil.

– Você vai ficar o tempo todo perto de mim, certo? Porque, do contrário, eu não vou saber o que fazer.

– Não vou sair de perto. Sou sua intérprete e sua secretária particular.

Nem a ela, nem a Xavier, nem mesmo a Sophie eu contei o que pretendia fazer. Meu objetivo oficial é mapear o local, principalmente a grande sala do museu, para impedir Ric de cometer uma loucura às vésperas da inauguração. Eu mesma não sei muito bem o que poderei tentar fazer quando estiver diante da vitrine de número 17. Vou ter que improvisar. Se for possível, roubarei o precioso conteúdo e sairei correndo. Meus amigos vão se safar porque não sabem de nada e porque escrevi três cartas, uma para a polícia, uma para o tribunal e outra para o prefeito, que Mohamed tem instruções de postar amanhã mesmo, caso eu não retorne até lá. Não haverá como voltar atrás. Estou destruindo as pontes no meu caminho. Você vai ver, sou eu quem serei obrigada a passar o resto da vida fugindo, e quem vai me acompanhar é Ric. Ao contrário dele, não hesitarei em lhe propor isso. Tenho certeza de que Steve poderá nos esconder na Austrália. Vamos comer canguru, e Ric vai cuidar de mim porque, na primeira vez que eu lançar um bumerangue, o troço vai voltar bem na minha cara.

Acabamos de pegar a rua que vai dar diretamente na propriedade. Ela é

ladeada por imóveis de luxo aglomerados nas proximidades do mítico endereço, como cortesãos em volta de um rei. Ao longe, já dá para distinguir as majestosas grades acima das quais as famosas iniciais do fundador se entrelaçam como nas suas preciosas bolsas. É muito mais glamoroso visto desse lado em comparação com os fundos das fábricas.

– Prontas, senhoras? – indaga Xavier.

A Sra. Bergerot alisa o casaco e assente.

– Estamos prontas, Xavier – respondo.

Não sei quanto a você, mas eu, quando estou diante de um desafio, muitas vezes já pensei que daria dez anos de vida, de bom grado, para não ter que passar por ele. Só que não desta vez. Estou tensa, mas sem a mínima vontade de desistir. Em primeiro lugar, porque me sinto no meu lugar e, em segundo, porque jamais abriria mão nem que fosse de uma hora sequer da vida que espero ter com o Ric.

Xavier coloca óculos escuros e diminui a velocidade em frente ao portão. Um guarda se aproxima da porta do carro. Se ele tiver um yorkshire, o cachorro vai latir... O homem está visivelmente atônito com o carro. Xavier abaixa o vidro e diz:

– Temos hora marcada.

O homem gagueja e nem sequer se atreve a perguntar se nós somos as pessoas que sua patroa está esperando.

– Podem seguir... Bem-vindos.

XAV-1 pega a aleia privativa que serpenteia entre os carvalhos centenários. Logo chegamos diante da casa que vi nas fotos. Paredes de pedra, pequenos telhados, torretas nas quinas. Parece a mistura de um refúgio de caça vitoriano com uma típica casa do Périgord. O mínimo que se pode dizer é que os Debreuils sabem cuidar do exterior pomposo. A imensa residência de três alas circunda um pátio quadrado com um chafariz funcionando ao centro. O conjunto seria impressionante até mesmo numa superprodução de Hollywood. XAV-1 para aos pés de uma grande escadaria externa. No mesmo instante, um homem surge no patamar.

Vejo o carro de Sophie. Xavier salta e abre a porta para a Sra. Bergerot. Eu desço sozinha e ando na direção do homem que veio nos receber.

– Bom dia. Por favor, avise à Sra. Debreuil que a Sra. Irina Dostoïeva

chegou.

Passei a noite inteira treinando o meu sotaque. Tive tempo, pois não dormi. Trata-se de uma sutil mistura daquele russo de opereta que se costuma ouvir nos filmes de espionagem com algo a mais, como se eu estivesse falando com um secador de cabelos dentro da boca. Sei exatamente o efeito que isso tem, porque experimentei durante a noite.

– Bem-vindos à propriedade Debreuil. Meu nome é François de Tournay. Sou responsável pelos negócios da Sra. Debreuil.

Estendo-lhe a mão para um aperto enérgico.

– Valentina Serguev, assistente particular da Sra. Dostoïeva. Também servirei de intérprete, pois ela não fala a sua língua.

Ele corre até a Sra. Bergerot, que já caminha na direção da casa. Com um movimento ao mesmo tempo exagerado e banal, beija-lhe a mão.

– Meus respeitos, senhora. É uma grande honra recebê-la.

“Nem precisa fingir, amigo. Considerando o estado das finanças da empresa, sabemos exatamente por que vocês estão felizes em vê-la...”

O interior da casa é ainda mais espetacular. As paredes, os móveis e cada um dos objetos narram a lenda da marca e de seu ilustre fundador. Explorador e botânico nas horas vagas, Charles Debreuil foi o primeiro usuário das malas que ele próprio inventou. Ele ganhou fama nos portos e aeroportos, mas foi seu filho Alexandre, pai de Albane, quem construiu a fortuna da família graças às suas célebres bolsas de mão. Como nos vitrais de uma catedral, a parede do imenso hall acompanha a epopeia da família. Os Debreuils sabem se valorizar.

– A Sra. Debreuil já vai chegar. Está conversando com uma jornalista.

– Temos pouco tempo – respondo, sem constrangimento.

Ele desaparece. A Sra. Bergerot se inclina para perto de mim e cochicha:

– Eu já tinha visto fotos nas revistas, mas ao vivo é mais lindo ainda.

Xavier se mantém um pouco afastado, com as mãos cruzadas diante do paletó, pronto para pular em cima de qualquer um que ameaçar a vida da riquíssima Irina. Decerto para ficar com um ar ainda mais imponente, não tirou os óculos escuros. Está bem menos claro ali dentro do que lá fora. Tenho medo que ele tropece num móvel.

Albane Debreuil adentra o recinto. Um terninho milionário, joias resplandecentes e um andar de conquistadora.

– Мрiбет, Sra. Dostoïeva!

Ou ela fala russo e estamos ferrados, ou então só aprendeu essa palavra para impressionar.

As duas trocam um longo aperto de mão enquanto se avaliam mutuamente. O fato é que a Sra. Bergerot impressiona tanto quanto a herdeira. A dona da padaria vai roubar meu Oscar de melhor atriz. Chego perto das duas.

– Meus respeitos, senhora. Sou Valentina Serguev, secretária particular e tradutora deste encontro...

Ela aperta a minha mão.

– Diga à sua patroa que estou encantada em recebê-la dentro destas paredes carregadas de história. Ouvi falar muito nela. Gosto de mulheres que sabem controlar o próprio destino e fico muito feliz com a possibilidade de uma associação entre nós.

Com uma feição inspirada de tradutora experiente, tagarelo qualquer coisa o mais discretamente possível, com um sotaque aproximado. A Sra. Bergerot meneia a cabeça com satisfação. Agora é certo: perdi o Oscar.

Vamos para o elegante escritório da dona da casa, onde Sophie já está à nossa espera. Nunca me esquecerei da expressão dela vendo nós três entrarmos. A dona da padaria, o especialista em soldas e sua amiga maluca. Ela faz uma expressão um pouco parecida com o conquistador que descobriu o primeiro templo inca. Ou com a do marido que, na noite de núpcias, percebe que a esposa é um travesti.

Somos apresentados como se não nos conhecêssemos. Uma experiência e tanto. Falamos banalidades. Todo mundo puxa o saco um do outro, a imprensa é uma maravilha, os russos também, as bolsas de mão então, nem se fala. Sophie tira fotos; a Sra. Debreuil faz o impossível para parecer cúmplice da sua mais recente melhor amiga. Em seguida, Sophie é dispensada de forma educada porém ágil. Ela foi perfeita. Com certeza vou pagar caro por isso quando estivermos as duas a sós.

A Sra. Debreuil nos acomoda diante da sua escrivaninha, em poltronas um pouco mais baixas do que a sua cadeira. Ela nos domina discretamente e se acomoda debaixo de um imenso retrato do pai. Xavier permanece em pé, um pouco mais atrás.

– Seu agente de segurança talvez prefira aguardar na sala ao lado?

– Impossível – afirmo, categórica. – Isso não estaria de acordo com o nosso protocolo de segurança.

– Aqui a Sra. Dostoïeva não corre risco algum...

– Não vamos abrir mão disso.

A Sra. Debreuil meneia a cabeça e nos estende dois porta-documentos de couro especialmente fabricados e personalizados por seus melhores artesãos para a ocasião.

– Aí dentro estão os principais números da empresa e nossos diferentes projetos. Nossa impressão foi de que a Sra. Dostoïeva está disposta a investir no mercado de luxo.

– Ela está na Europa para conhecer e avaliar oportunidades, depois vai visitar outros continentes. Só então vai decidir.

– Entendo.

Ela começa uma apresentação da sua marca. Sentimos que já tem tarimba naquele show, e que está muito afiada. Tive medo de a Sra. Bergerot nos entregar ao reagir a palavras que supostamente não compreendia, mas ela mantém o personagem com perfeição. Regularmente, inclino-me para murmurar qualquer coisa em seu ouvido, e ela, então, meneia a cabeça com um ar compenetrado. Mais atrás, sinto a presença reconfortante de Xavier.

Albane Debreuil se mostra atenciosa, cortês, sorridente, tudo que não é naturalmente. As coisas que não se faz para recuperar as finanças e continuar tendo uma vida de luxo...

A Sra. Bergerot folheia os documentos em inglês e aponta para um parágrafo relacionado aos recursos próprios da empresa. Inclina-se na minha direção e diz:

– Parece haver um desequilíbrio. Peça esclarecimentos a ela.

“Mas o que a senhora está fazendo? A gente não veio aqui para uma auditoria. E de onde saiu essa sua cultura econômica? Pensei que fosse invenção para tapear Mohamed!”

– A Sra. Dostoïeva deseja maiores esclarecimentos em relação ao parágrafo 6, alínea 2.

Albane Debreuil dá uma risadinha constrangida.

– Vejo que ela é uma especialista em finanças. Esse número deve ser avaliado sob a perspectiva da desaceleração econômica. Nada alarmante.

Traduzo. A Sra. Bergerot faz um gesto para eu me abaixar.

– Essa explicação não é aceitável, pois na página anterior ela já contabilizou todos os pendentes negativos nos lucros. Não pode fazer isso duas vezes. É fraude.

“Estou chocada. Além de vender croissants, a Sra. Bergerot poderia ter ganhado um Nobel de economia.”

– Algum problema? – pergunta Albane Debreuil, preocupada.

– Nada importante. A Sra. Dostoïeva só estava comentando comigo que nós, decerto, podemos colocar a senhora em contato com um consultor fiscal mais informado do que o que redigiu estes documentos...

A Sra. Bergerot faz que sim com a cabeça.

– *Da, da!*

Eu vou desmaiar. Felizmente, Albane retoma seu discurso sem perceber nada. Vinte minutos depois, olho ostensivamente para o relógio e a interrompo:

– Sinto muito, mas precisamos cumprir uma agenda muito apertada. Temos outra reunião ainda hoje, bastante longe daqui, para comprar 2 mil hectares de vinhedos A.O.C.

A Sra. Debreuil absorve a informação.

– No entanto – acrescento –, mesmo que não tenha tempo para visitar as suas tão reputadas oficinas, a Sra. Dostoïeva está interessada no museu que reúne os seus tesouros.

– A inauguração vai ser daqui a dois dias. Eu pretendia mesmo convidá-las para o evento. A Sra. Dostoïeva poderia ser a convidada de honra do jantar, cortar a fita junto comigo e, até mesmo, passar alguns dias aqui. Ela pode se hospedar na propriedade.

– É muita gentileza sua, mas dia 1º nós estaremos nos Estados Unidos para uma festa de gala beneficente com o presidente.

– O presidente... Entendo. Escutem, se quiserem, eu mesma posso levá-las para visitar o museu agora. A obra, em parte, ainda está acontecendo, mas as coleções já estão no lugar. Me deem só um minuto e organizo isso para vocês.

Albane Debreuil fala sem parar enquanto nos guia pelos corredores da sua residência. Sua trajetória, os testemunhos emocionados das mulheres que dizem quanto as bolsas mudaram suas vidas, as terríveis falsificações, os novos produtos em desenvolvimento... Só coisas fascinantes. Fico escutando distraída. Sinto-me como uma atleta prestes a pisar na grama do estádio. No fim do corredor, minha prova de fogo me aguarda na vitrine 17. Não sei se é lançamento de peso ou luta, mas inevitavelmente vai acabar com uma corrida de velocidade seguida por uma corrida de resistência. Uma espécie de triatlo à la Julie. Espero que a vitrine 17 não contenha uma joia pesada demais nem uma máscara de ouro maciço, ou eu jamais vou conseguir correr com aquilo. Pouco importa: estou decidida a ganhar a medalha. Esse é o meu objetivo final, o ápice da minha carreira, 24 horas antes, por sua vez, de Ric entrar na arena. Vou ultrapassá-lo no último segundo e lhe dar de presente a minha vitória.

Chegamos ao corredor de acesso que os visitantes vão usar. O carpete ainda está coberto por um plástico. Fios pendem do rebaixamento de gesso do teto. Embora a tentação seja grande, eu aprendi que NUNCA se deve pôr esses fios na boca. Banquinhos e ferramentas atravancam a passagem. Dá para perceber que o lugar foi esvaziado às pressas, que os operários saíram para que pudéssemos entrar.

Nas paredes, preparando os visitantes antes de eles adentrarem o santuário da lenda, sucedem-se várias fotografias. Charles Debreuil durante suas expedições, Charles Debreuil ou o filho posando ao lado de celebridades, ícones das décadas passadas e poderosos do mundo inteiro. Também estão expostas as célebres campanhas publicitárias da marca. Atores, cantoras, atletas, todos mais cedo ou mais tarde associaram sua imagem às emblemáticas bolsas e malas. Algumas imagens também mostram Albane na companhia de personalidades famosas.

Aposto que ela vai mandar pendurar uma das fotos tiradas por Sophie caso a Sra. Dostoïeva volte...

Nossa anfitriã explica:

– O público vai chegar por uma entrada exclusiva da propriedade. Estacionamento com cem vagas, uma loja com várias coisinhas em diversas faixas de preço... Merchandising específico.

Chegamos ao grande hall que atende as diferentes partes do museu. Três agentes de segurança armados se comportam com a maior discrição possível. Ingênua, pergunto:

– Este lugar é muito protegido?

– Nós pudemos nos beneficiar dos últimos avanços tecnológicos. A vigilância foi concebida para ser operacional desde as cercanias do terreno. Podemos isolar o prédio inteiro em menos de quatro segundos.

“Boa sorte com a sua furadeira, Ric...”

Atravessamos duas salas pequenas onde são apresentadas as diferentes técnicas de fabricação. Vinte e três vezes a área do meu apartamento para explicar como se fabrica uma bolsa de mão...

A Sra. Bergerot cochicha para mim:

– Preciso ir ao banheiro...

– A Dra. Dostoïeva deseja saber o valor das peças que vocês estão expondo.

– A totalidade da coleção foi segurada por 26 milhões. No entanto, para além desse valor, há peças inestimáveis. Temos, por exemplo, malas históricas ou joias excepcionais que pertencem a uma coleção criada pelo meu avô. Meu pai, por sua vez, a enriqueceu consideravelmente, e eu estou dando continuidade ao trabalho deles. Vocês poderão julgar por si mesmas.

Chegamos ao limiar de um cômodo maior. Penso reconhecer o formato da planta baixa que vi nas pastas de Ric. Albane abre os braços feito uma sacerdotisa em transe.

– Chegamos ao coração do nosso museu. Meu avô e meu pai teriam ficado tão orgulhosos...

Paredes cegas, pé-direito um tanto baixo, várias luminárias direcionadas que criam um ambiente elegante, mas também câmeras e detectores por toda parte. A porta é blindada. O lugar é um verdadeiro cofre-forte. As vitrines estão dispostas de maneira harmoniosa. Cada uma delas tem uma plaquinha provisória com o

título.

A de número 1 está aberta e dentro se vê vários artigos de couro usados: um porta-documentos, um apoio para escrever e um conjunto para escrivaninha.

– Essas peças já estiveram na escrivaninha de reis da Inglaterra. Foram presente do meu avô, e meu pai as comprou numa venda beneficente de obras da Coroa.

Tento localizar a vitrine 17. A pressão aumenta. Se eu precisar fugir, não terei outra alternativa senão sair pela única porta desta sala. No hall, vou dar de cara com os três seguranças. Se eu parecer calma e natural, eles certamente não se atreverão a me prender.

Vitrine 6: o primeiro colar. Um rio espetacular de diamantes e esmeraldas. Magnífico. Vitrine fechada, com uma luz vermelha piscando no mostruário de veludo preto que sustenta a peça. Com a fortuna que essa única peça deve valer, Ric e eu, sem dúvida, teríamos dinheiro suficiente para o resto da vida.

Vitrine 10: uma mala com gavetas secretas fabricada especialmente para o famoso bailarino e coreógrafo Vladimir Tarkov, que transportava uma relíquia sagrada, um pedaço do véu de Santa Clotilde. Ele considerava aquilo um amuleto que levava consigo em todas as turnês, e antes de subir ao palco o beijava.

Vitrine 12: a mala dentro da qual o corpo do dissidente argentino Pablo Jumeñes foi jogado no rio Parand, em Rosario.

– Se vocês se debruçarem, poderão ver manchas de sangue no fundo e os riscos que ele fez com as unhas para tentar sair – confia a Sra. Debreuil. – Deve ter sofrido horrores antes de morrer afogado.

Finalmente, vejo a vitrine 17, mas não consigo distinguir o que ela contém. A 14 e a 15 têm joias, cada vez maiores e mais caras. Há até um ovo Fabergé. Parece que estamos na Torre de Londres.

Chegamos enfim ao nosso objetivo: a vitrine cobiçada por Ric. Ela contém apenas uma velha bolsa de mão. Com certeza, não era esse o seu alvo. Eu preciso saber. Faço um esforço sobre-humano para perguntar num tom leve:

– Seu museu é esplêndido. Gosto muito do encadeamento e da alternância das vitrines. Como vocês repartem os objetos apresentados?

– No instinto. Pensamos muito na cenografia do museu, mas todos os dias fazemos ajustes.

Eu tinha certeza. Eles devem ter mudado a ordem das vitrines na última hora. Que joia será que Ric cobiçava? O rio da vitrine 6? Continuo sem ação em frente à vitrine 17, atarantada por aquela mudança que me obriga a reconsiderar todo meu plano. A Sra. Bergerot se aproxima. Ela percebeu que algo está me deixando contrariada, mas não pode conversar comigo. Albane está perto demais e iria ouvir. Irina Dostoïeva contempla comigo a velha bolsa usada.

– Essa é uma peça muito especial, mas confesso que hesitei antes de apresentá-la ao público – comenta a Sra. Debreuil. – No início, tínhamos planejado pôr aqui uma das nossas joias mais bonitas.

“Eu já imaginava, e você não sabe como isso é um problema...”

– Ah, é?

– Nosso consultor de museografia disse que a parte patrimonial não estava suficientemente representada, então eu cedi. Esta bolsa foi a primeira fabricada nas nossas oficinas. É a ancestral de todas as nossas coleções, a base do nosso mais célebre produto.

Não consigo me recompor. A Sra. Bergerot tampouco sabe o que fazer. A Sra. Debreuil percebe.

– As senhoras parecem fascinadas por essa peça.

– A primeira pedra de uma construção é sempre tocante – consigo articular.

Albane parece hesitar.

– Se Irina quiser, eu ficaria feliz em lhe dar a bolsa de presente.

– É muita gentileza da senhora, mas a Sra. Dostoïeva não tem o hábito de ganhar esse tipo de presente.

– Ela parece tão enfeitiçada... Pergunte-lhe o que ela acha. De toda forma, eu havia planejado lhe dar de presente o nosso último modelo... Em vez disso, ela vai ganhar o primeiro! Se nós nos associarmos, de todo modo ela terá acesso ao nosso patrimônio.

Traduzo. A Sra. Bergerot continua sem ação. Sem esperar a resposta, a Sra. Debreuil faz sinal para uma câmera bem próxima. Aponta para a vitrine. Um leve clique ressoa no silêncio abafado. Aquela coleção é inexpugnável. Não sei qual joia Ric pretendia roubar, mas ele, de toda forma, não teria conseguido.

Albane Debreuil abre a vitrine blindada e levanta a bolsa. Inclinando-se respeitosamente, estende-a para a Sra. Bergerot:

– Um modesto souvenir de nosso primeiro encontro. E que isso não a

comprometa a nada além de uma amizade duradoura!

Traduzo com grande dificuldade. Minha cabeça está um caos. O que vou dizer a Ric? Que vitória vou lhe dar de presente? Se ele tentar o roubo mesmo eu tendo estado ali antes, vai ser pego. Eu não resolvi nada. Não o salvei. Não o ultrapassei logo antes da linha de chegada. Só tenho agora perfeita consciência da armadilha absoluta na qual ele vai se jogar. Faça o que fizer, eu vou perdê-lo. Se ele fracassar, acabará preso. Se tiver êxito apesar de tudo, vai fugir sem mim, pois eu não soube lhe inspirar confiança, e vou perdê-lo também.

Preciso de outro plano para evitar a catástrofe. O único que me ocorre, por ora, é bater na cabeça de Ric para fazê-lo perder os sentidos e amarrá-lo, impedindo-o assim de agir. Depois disso o sequestrarei para sempre. Conto com a síndrome de Estocolmo para que, com o passar dos anos, ele acabe me amando.

Xavier nos leva de volta à padaria. Durante o trajeto, ao mesmo tempo aliviados e radiantes com o seu feito, ele e a Sra. Bergerot não param de rir e comentar sobre a encenação que acabamos de executar. Eu não digo uma palavra sequer.

Sophie está nos esperando na calçada. Ao ver o grande automóvel, Mohamed sai da mercearia. Quando entende que somos nós, traz as três cartas para mim.

– Correu tudo bem? – pergunta ele.

– Pelo menos ninguém vai ter aborrecimentos.

– Mas você não está com uma cara muito feliz.

– Não tenho motivo para estar.

– Tome aqui suas cartas. Não sei o que elas continham, mas, considerando os destinatários, fico contente por não ter precisado postar. Descole os selos antes de jogar fora.

– Obrigada, Mohamed.

Dou-lhe dois beijos no rosto.

Sophie vem direto a mim.

– E aí? – pergunta.

– E aí nada. Não consegui nenhum quilate para o Ric.

– O que você vai fazer?

– Não faço a menor ideia.

Ela me abraça.

– Em todo caso, nunca vou esquecer o que você fez por mim hoje – afirmo. – Se eu tenho uma irmã neste mundo, garota, é você.

Aperto-a como se nunca mais fosse vê-la na vida.

– Que desânimo é esse? A gente conseguiu, afinal. Não foi uma coisinha à toa! Basta você dizer ao seu namorado que tentou o impossível por ele e que não tem culpa se é um caso sem esperança.

“Sem esperança, exatamente igual a mim.”

– Sophie, por favor, não apague as fotos da sua matéria. Elas vão ser os meus suvenires.

– Pode até contar comigo para mandar ampliar as fotos e chantagear você.

– Cachorra.

– Vadia.

– Amo você.

Ela me abraça. Xavier se aproxima.

– Julie, desculpa, mas vou ter que voltar para o trabalho. Estou muito atrasado.

Dou um abraço nele. Essa calçada está parecendo cada vez mais uma plataforma de estação, palco de dramáticas despedidas.

– Obrigada por tudo, Xavier. Seu carro é uma obra-prima e você é um homem de ouro.

– Não tem problema nenhum, foi ótimo. Não sei muito bem o que você estava querendo com tudo isso, mas espero que tenha conseguido.

– Ver vocês me ajudarem e correrem tantos riscos por mim é o mais belo tesouro que encontrei naquele museu. – Dou-lhe um beijo do fundo do coração.

– Tenho uma sorte incrível de ter vocês como amigos, e sou uma idiota por querer mais.

Vou molhar o terno dele com o meu choro. Ele envolve meus ombros com os braços compridos.

– Julie, se o Ric não perceber sozinho a garota incrível que você é, pode contar comigo para abrir os olhos dele aos chutes.

Nós nos separamos. Xavier e Sophie embarcam cada um no seu carro; o comprimento do automóvel de Sophie equivale praticamente à largura do de Xavier. Eles formam um estranho cortejo que acaba sumindo no fim da rua ao som de buzinas.

A Sra. Bergerot e eu ficamos sozinhas na calçada.

– Ainda não acabou, filha – diz a ex-mulher de negócios russa. – Vamos ter que voltar ao trabalho.

– Não sei como lhe agradecer.

– Eu não fiz nada. O pior foi ter que segurar a vontade de fazer xixi.

Minha vontade é lhe dar um abraço, mas não me atrevo.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro, mas faça logo, daqui a pouco é a hora da saída das escolas...

– Por que a senhora aceitou participar desse troço sem pé nem cabeça?

Ela hesita, então responde baixinho:

– Sabe, Julie, eu não tive a sorte de ter filhos. Conheço você há muito tempo, e a sua chegada na padaria fez bem a todo mundo. Você é um pouco a filha que Marcel e eu gostaríamos de ter tido. Então, hoje à tarde, de uma só vez, eu fiz um pouco de todas as loucuras que os pais fazem pelos filhos. Agora vá lá abrir a loja.

A Sra. Bergerot ajeita o sobretudo e o penteado. Ela não apenas parece uma grande dama: é uma de verdade.

Sempre olhei para as coisas e para as pessoas sabendo que iria perdê-las. Meu plano fracassou miseravelmente. Mesmo assim, vou procurar Ric para lhe confessar o que tentei fazer. Não acho que isso vá mudar a situação. Basta relembrar o último olhar dele para sentir medo.

Bato à sua porta, que acaba se entreabrindo.

– Julie, eu disse que iria procurar você depois.

– Eu sei, Ric. Lembro perfeitamente tudo que você disse. Mas eu preciso falar com você hoje. Depois disso nunca mais vou incomodá-lo.

Desestabilizado, ele me deixa entrar e declara:

– Não tenho muito tempo.

“Posso imaginar.”

– Sei o que você está planejando.

Surpreso, ele arqueia a sobrancelha.

– Que história é essa?

– Eu sei que você vai invadir a propriedade dos Debreuils para cometer um roubo.

Ele empalidece.

– Que vai tentar arrombar a vitrine de número 17.

– Julie, que papo é esse?

– Não me interrompa, por favor. Depois você nunca mais vai ouvir falar em mim. Vim só avisá-lo que essa vitrine está vazia. Não contém joia nenhuma. Você precisa saber também que nunca vai conseguir entrar naquela sala. Ela está protegida por uma porta blindada, seguranças e dispositivos eletrônicos por toda parte.

Ele puxa uma cadeira e se deixa cair sentado. Permaneço em pé e continuo:

– Ric, você não tem nenhuma chance. Não sei que fortuna quer subtrair, mas

não vai conseguir. Cheguei a pensar em oferecer ajuda. Por você, eu estaria disposta a escalar os dutos de ventilação ou a ficar de guarda, mas não vai adiantar.

– Como você sabe tudo isso? Como conhece esse lugar? Você trabalha para eles?

– Não, Ric. Eu fui lá hoje à tarde, por você. Visitei tudo. Vi tudo.

– Caramba, como você conseguiu?

– Pouco importa. O importante é que pude apurar concretamente o quanto a sua operação é inviável. Você pode me abandonar se quiser, mas, por favor, desista dessa loucura.

Dominado por sentimentos ao mesmo tempo violentos e contraditórios, ele se agita na cadeira. Olha para mim.

– Por que você fez isso?

– Porque eu amo você, Ric. Porque prefiro arriscar tudo a fingir que sou feliz sem você. Se você sumir, vai levar junto a minha vida. Ela não vai ter mais graça nenhuma. Não sei por que você quer roubar aquelas joias e confesso que essa pergunta vem me torturando há meses. Mas eu sei quem você é. Percebo isso quando você fala, quando corre, até quando está dormindo.

Não vou conseguir segurar o choro.

– Eu não sei muita coisa, Ric, mas pelo menos sei que, se eu perder você, minha vida nunca mais vai ser a mesma. Eu terei deixado passar a chance que você representa. Sou capaz de amar o mundo inteiro, contanto que possa amar você com um amor diferente de qualquer outro. Estou disposta a abandonar tudo, a perder tudo para viver do seu lado.

Ele baixa a cabeça, mas eu ainda não acabei.

– No ponto em que estou, é melhor confessar tudo. Eu preendi a mão na sua caixa de correio porque queria saber quem você era. Toda vez que você diz alguma coisa, eu gravo na memória. Me lembro de todos os seus olhares, de todas as vezes que você me beijou. Não foram tantas assim... Se você soubesse quantas vezes esperei que você me abraçasse...

Ele segura a cabeça com as duas mãos e suspira.

– Por que não me disse nada antes?

– Porque eu estava com medo! Medo de perder você, de você me rejeitar! Aliás, falando nisso, trouxe um presentinho da minha visita ao museu para você.

Remexo dentro do saco plástico que estou segurando desde que cheguei como uma boia salva-vidas.

– Você me deu de presente um suéter de homem, então não vai achar ruim se eu lhe der uma bolsa de mulher.

Estendo-lhe a velha bolsa usada. Ele está estupefato.

– Era isso que tinha dentro da vitrine 17. Não é suficiente para se aposentar nas Bahamas.

Ele permanece imóvel feito uma estátua, com o olhar fixo.

– Não está com raiva de mim?

Coloco a bolsa em cima da mesa, na sua frente. Estou aos prantos.

– Agora, vou deixar você. Nunca vou esquecê-lo.

Ele estende a mão para pegar a bolsa. Está tremendo.

– Julie, por favor, fique. Preciso falar com você.

Ric me encara e começa a falar com uma voz que se esforça para controlar:

– Meus pais trabalhavam como sapateiros mais ao sul. Nossa família era modesta. Minha mãe vendia em feiras e pegava serviços com os fabricantes de sapatos das redondezas. Meu pai passava os dias no fundo da nossa garagem, trabalhando com máquinas compradas de segunda mão. Trabalhou algum tempo fazendo revestimentos de bancos para montadoras de automóveis, mas sentia que estava sendo explorado.

Ele fez uma pausa e continuou:

– Então, ele e minha mãe optaram por continuar modestos, mas livres. No tempo de ócio, ele me fabricava brinquedos com os retalhos de couro: coldres para meus revólveres de plástico, bichos fantásticos, fantasias. Eu adorava observá-lo. Foi com ele que aprendi que o trabalho às vezes é um amor tornado visível. Dava gosto vê-lo fazendo deslizar as peças de couro sob as agulhas grossas, aplicando o tingimento, lustrando as peças com um pano macio, alisando-as com a palma da mão... Um dia, meus pais ouviram falar num concurso para uma grande marca. Era para criar a bolsa de mão do futuro. Minha mãe e meu pai deram o melhor de si, uniram seus talentos.

Ele pousa uma das mãos sobre a bolsa usada, de leve, como uma carícia.

– Sem saber, você me trouxe o que eu queria pegar de volta, Julie. Um souvenir. Uma prova.

Ele se levanta e vai buscar um estilete. Abre a bolsa com cuidado, comovido, e começa a cortar o forro gasto.

– Meus pais criaram este protótipo para Alexandre Debreuil. Ele nunca lhes pagou. Disse que voltaria a entrar em contato. Eles nunca mais tiveram notícias. Alguns anos mais tarde, minha mãe estava folheando uma revista no consultório médico e viu um anúncio da cópia idêntica do projeto deles. O resto pertence à

história. Os Debreuils fizeram fortuna graças à criação dos meus pais. Meu pai não aguentou. Um câncer o levou embora menos de um ano depois. Minha mãe não teve forças para lutar. Dedicou-se inteiramente a mim antes de se deixar definir aos poucos. Eu jurei vingá-los, jurei restabelecer a honra deles e a verdade e mover o processo que eles não tiveram coragem de abrir.

Ele levanta o forro. Escondidas lá embaixo, inscritas em tinta na parte interna da bolsa, é possível distinguir as assinaturas de Chantal e Pietro, bem como um pequeno desenho de um cachorro e uma assinatura de criança: Ric. Ao lado está escrito: “Que este projeto finalmente nos dê sorte.” Ric está com os olhos marejados.

– Agora você sabe tudo, Julie. Eu vim aqui pegar de volta o que era dos meus pais e processar aqueles que os mataram. Não previra que ia encontrar você. Achei até que pudesse renunciar à minha vingança para viver com você, mas a promessa que fiz a mim mesmo em nome dos meus pais era forte demais. Então preparei esse roubo com você por perto.

– Agora não precisa mais roubar.

– Não. Graças a você e aos riscos que correu.

– O que vai fazer?

– Contar a história para a imprensa e para a justiça e torcer para me escutarem.

Ele parece exausto. Como se a pressão que estava suportando havia anos por fim tivesse se acabado e se esvaísse do seu corpo. Ele me encara.

– Estou com vontade de chorar, de cantar, de pular em cima de você para beijá-la.

“Não gosto quando você chora. Ouvi você cantando no casamento da Sarah e não gosto muito quando você canta. Por outro lado...”

– Julie, você quer morar comigo?

“Quero!”

– Quero.

O restante só diz respeito a nós dois, mas, de toda forma, preciso confidenciar a você que desejo que todos experimentem um dia o que senti nesse momento. Preciso também lhe confessar que agora podemos dar aulas aos gatos e que não precisamos de arbustos. Apesar de tudo que podemos pensar quando as coisas não vão bem, esta vida é a nossa maior sorte. São 21h23 e eu estou

viva.

Sei o que você vai dizer, mas juro que não fui eu. Segunda-feira passada, quando o abjeto executivozinho traficante de remédios falsos acabara de lavar seu conversível no posto de gasolina, um sujeito encapuzado apareceu e despejou um balde de cocô de cachorro na sua cabeça, exatamente quando ele estava indo embora. O agressor fugiu e não pôde ser identificado. O interior do carro não pôde ser limpo. Eu não tenho nada a ver com isso. Sim, comentei com os meus amigos sobre a ideia que tive, e a lista de suspeitos inclui Xavier, Steve, Ric e até Sophie, mas eu ainda não sei quem é o culpado.

Tornei a me matricular nos cursos a distância, e a Sra. Bergerot tem me ajudado com as aulas de economia. Ela e Mohamed não se provocam mais desde que ele foi internado de emergência após passar mal, e ela correu para ficar à sua cabeceira. Agora não podem mais fingir, todo mundo gozaria da sua cara. Julien e Denis apostaram que os dois acabariam juntos.

Nunca mais tornamos a ver o Sr. Calant. Théo, filho da dona da livraria, ficou um pouco mais calmo depois de arrumar uma namorada, e a mãe dele está melhor. Lola continua tocando piano e vai dar um concerto daqui a três semanas. Todos combinamos de ir.

Albane Debreuil aceitou um acordo amigável para abafar o escândalo que teria enfraquecido ainda mais a sua empresa. Daqui a um mês, haverá uma vitrine no museu apresentando os pais de Ric e seu trabalho.

Sophie vai passar as férias na Austrália. O pai de Brian morreu. Apesar da vergonha que sente por se aproveitar dessa triste notícia, ela está feliz por ele agora cogitar vir morar aqui na França.

Léna teve um acidente de carro, mas não se machucou. Segundo os peritos, seus peitos lhe salvaram a vida. Não sei mais o que pensar.

Géraldine está grávida de Mortagne. Está passando mal a todo instante e

vomita de hora em hora. A agência toda fede, e até os clientes têm reclamado. Da última vez, ela vomitou na samambaia de Mélanie. Podem contar comigo: eu repeti para ela que uma criança era um milagre.

Quanto a mim, como dizer? Talvez um dia alguém ria ao ver o nome “Julie Patatras” escrito numa caixa de correio, mas nem me importo. Ric está comigo. Todas as noites eu adormeço uma hora depois dele, pois quero poder observá-lo. De fato, ele é o homem que eu penso ser. Ajuda-me a saber quem eu sou. Bem sei que a vida não vai ser simples, que sempre haverá gente idiota e cínica, provações, injustiças. Sei que as coisas raramente são como deveriam ser, mas acredito, bem lá do fundo da minha alma, que todos nós provavelmente conseguiremos sobreviver a esta vida cruel.

Cuide-se bem. Ame. Arrisque-se. Não desista nunca.

Afetuosamente,

Julie

PS: Não deixe os gatos convencerem você que alguém fica bem de gorro peruano.

E PARA CONCLUIR...

Numa das últimas vezes que meu pai e eu nos sentamos para conversar, estávamos debaixo de uma tília, de frente para um vale na região do Lot, e ele me disse algo que eu nunca vou esquecer: “Os homens são burros e as mulheres, loucas, mas quando eles se encontram às vezes acontecem coisas muito bonitas.”

Na minha vida, nada nunca desmentiu essa revelação.

Filho adotivo, sei que os laços mais fortes não são apenas os de sangue. As pessoas de quem mais gosto, tanto na minha família quanto entre os amigos, me provam isso diariamente. Sei que este mundo não vai esperar por mim e que ser útil ainda é o melhor jeito de nunca mais ser abandonado.

Pratico esta profissão para viver o encontro. Torço para que consiga divertir, surpreender e, de vez em quando, contribuir com um olhar que possa ser construtivo. Sou igual a todos os da minha espécie, portanto: ambicioso, ainda que nem sempre tenha condições para tal, cheio de boa vontade, ainda que raramente saiba como proceder. Não sou aquele que atira a primeira pedra. Meu perfil é mais o de quem é alvo da pedra...

Desde pequeno, observo, escuto e, quase contra a minha própria vontade, não esqueço muita coisa. Porque uma família me acolheu, e mais famílias me acolheram, e vocês me permitem ser testemunha da sua existência, por isso posso hoje, sem problemas, dizer na sua frente que sou fraco, que sou imperfeito, mas que, com certeza, sou um dos seus e que, feitas as devidas ressalvas, amo vocês.

Como é típico dos homens, devo confessar também que, se foram os meus semelhantes que me fizeram evoluir na maioria das vezes, quase sempre foram mulheres que me impediram de cair ou que me ajudaram a levantar. Assim sendo, senhoras, senhoritas, esta história é para vocês, que muitas vezes só veem a nós, nós que nunca enxergamos o suficiente; vocês sem as quais nenhum

homem digno desse nome jamais faria nada de grande nessa vida.

Obrigado por terem me acompanhado no caminho até esta página. Cada livro me traz novos encontros, novos apoios; e essa força, capaz de resistir tanto a qualquer infâmia quanto aos cinismos imbecis, precisa ser compartilhada.

Do fundo do coração, então, a vocês, Janine Brisson, Martine Busson, Mathilde Boulloire, Marie “Mimi” Camus, Sandrine Christ, Catherine Costes, Chantal Deschamps, Géraldine Devogel, Germaine Fresnel, Élisabeth Héon, Cathy Laglbauer, Hélène Lanjri, Gaby le Pohro, Gaëlle Leprince, Christine Mejecaze, Christiane Mitton, Céline Thoulouze, Yvette Turpin, Isabelle Béalleg-Tignon, Catherine Würbler, eu dedico este livro e agradeço. Não esqueço Hélène Bromberg, Alice Coutard, Jacqueline Gilardi e Charlotte Legardinier. Sei que vocês são amigas, irmãs, mães, admiráveis, comoventes, às vezes loucas (foi papai quem disse!), corajosas, apaixonadas, arrebatadas, de uma paciência que nós homens nunca vamos compreender, mas sem a qual estaríamos condenados. Mandem meu beijo para suas maravilhosas famílias.

Obrigado a Pascale e Willy Joisin, da excelente confeitaria Les Larmes d’Osiris em Saint-Leu-la-Forêt, por terem me permitido entender e aprender ainda mais. Obrigado a Pascale Bazzo, Delphine Vanhersecke, Sandrine Jacquin, Nathalie Vandecasteele pelo olhar e pelo apoio.

A você, Michèle, por aquilo que compartilhamos, desde o maternal, das casas na árvore do pequeno bosque às tristezas, por nossos acessos de riso nos momentos de desespero, pela sua presença fiel nos momentos-chave da minha vida. Como esquecer que, na primeira vez que ouvi falar dos seus problemas amorosos, estávamos no terceiro ano do ensino fundamental? Eu brincava de polícia e ladrão com meus amiguinhos e você chegou correndo, aos gritos: “Gilou, Gilou, me leve ao médico rápido, estou grávida, o Paul acabou de me dar um beijo na boca!” Para maior descrição, mudei o nome de Pascal Goulard para Paul.

A você, Sylvie, fielmente, pois, mesmo que os seus quinze anos de medicina especializada não tenham lhe permitido me aplicar uma vacina sem machucar as minhas costas, tenho enorme afeto por você, pela sua risada, pelos seus conselhos sensatos sobre se devo me arriscar na Bolsa, pelos seus comentários que nos deixam apavorados, mas porque o olhar que você lança às vezes definitivamente me aquece.

A você, Brigitte, pela energia positiva e cuidadosa com a qual nos inunda, pela referência, pelo farol que você representa na minha vida. Dizer a verdade é o maior dos luxos de uma existência, e com você nunca foi diferente. Portanto, a você que não tem medo de nada a não ser de moscas, que é capaz de soltar uma gargalhada no pior dos momentos porque sabe o que, de fato, tem valor nesta vida, eu proponho continuarmos juntos, nesta vida agora e na próxima – depois disso podemos renegociar.

A você, Annie, minha sogra querida, pela sua suave loucura, suas tentativas de prato que quase sempre dão para comer, sua personalidade única, por aqueles instantes em que tudo pode acontecer porque você tem gás encanado e uma caixa de fósforos na mão. Se você agir depressa, ainda dá tempo de fechar a porta da geladeira que está aberta há duas horas antes que o Bernard perceba. Obrigado por estar aqui.

À minha mãezinha, que infelizmente nunca poderá ler estas palavras e que, com seu temperamento ruim, com seus medos e esperanças, suas batatas dauphines queimadas e suas palavras tocantes, também moldou o rapazinho que eu sou. Você não virá almoçar no domingo e isso me incomoda.

Perdão, senhoras, mas também preciso agradecer a alguns irmãos de armas:

A vocês, meus amigos, minha família, Roger Balaj, Patrick Basuyau, Stéphane Busson, Steve Crettenand, Jean-Louis Faucon, Michel Héon, Christophe Laglbauer, Éric Laval, Sam Lanjri, Michel Legardinier, Philippe Leprince, Marc Monmirel, Andrew Williams. Por favor, gente, nunca me deixem na mão. Se eu ficar sozinho no meio dessa mulherada toda, ferrou!

A Soizic e Stéphane, em especial pela energia, pelo humor e pelos seus valores que nos orientam. Como lhes agradecer por aquele jantar inesquecível organizado no dia exato em que escrevo estas palavras? Como acreditar no acaso? Ir comer um melão esquisito, debaixo de chuva, logo antes de Steph deixar a carne cair no chão... Isso é o que se chama sinal. Mas, sem brincadeira, obrigado por essa cumplicidade afetuosa com a qual vocês nos presenteiam há tanto tempo. Mandem um beijo meu para Jean-Baptiste e Oriane.

A você, Bernard, por aqueles momentos que ilumina por esquecer a luz acesa no ateliê pequeno, pelos legumes orgânicos que fazem a alegria dos pombos e ouriços e que nós degustamos quando sobra algum, por suas ideias estranhas que, às vezes, esclarecem tudo, por tudo aquilo que você ensina às crianças e a

mim, e por esses instantes compartilhados. Com quatro vezes vinte anos, você tem o direito de deixar cair a máscara de “engenheiro severo que se irrita com tudo que não funciona” para ser, em tempo integral, “o afetuoso, inventivo, cheio de talento e esperança” que é. Eu tinha certeza de que o portão acabaria cabendo no porta-malas. Já armazenar água dentro de um recipiente rachado...

A vocês, Thomas, a Katia e a Philippe. Obrigado pela sua presença, pelo seu apoio, pela sua confiança. Não sei explicar muito bem o que nos une, mas o fato é que funciona e que o mundo é bem mais suportável quando podemos contar com isso. Andem logo, estou bem atrás de vocês. Desculpe. Obrigado. Parabéns. Katia, não podemos esquecer de devolver o seu gorro peruano. Philippe, quando você tiver idade para ler estas palavras, me pergunte sobre os seus pais, tenho algumas boas histórias para contar...

A você, Éric, porque conhecê-lo continua sendo uma das maiores sortes que eu já tive, porque ver você fazendo todas aquelas coisas mais ou menos idiotas às quais eu muitas vezes me associei é uma alegria sem fim, e porque é preciso irmãos para rir daquilo que a vida nos joga na cara. No dia em que você se perguntar qual foi a coisa mais idiota que já fez na vida, pergunte a mim, eu posso lhe responder por ordem alfabética ou cronológica, como você preferir. Em A, vai ter Aranha, em P, Passar Roupa... Ih, que estranho as duas coisas caírem na mesma data e no mesmo horário... Está vendo, estou evoluindo, parei de contar suas cartadas de gênio, mas, por outro lado, estou pensando seriamente em publicar AQUELA foto. Então, seja bonzinho...

A Guillaume, meu filho, o rapaz que está crescendo. Cada segundo compartilhado com você é um tesouro, menos quando você está com o M4 na mão apontado para mim. Espero que os diamantes mágicos do Panda Ruivo tenham dito a verdade.

A Chloé, minha filha, a jovem que a cada dia se revela um pouco mais. Você tem poder demais sobre mim e farei todo o possível para que isso nunca mude. Escreva, se quiser, mas acima de tudo ame, e, principalmente, se ele não for legal...

A você, Pascale, por ter tido a bondade de abandonar seu sobrenome tão bonito para ficar com o meu, que não soa tão bem mas está escrito na nossa caixa de correio. Obrigado por ter me esperado, ajudado, carregado, empurrado. Foi você quem me inspirou Julie. Meu pai estava certo: você é louca e eu sou

burro, mas nós temos a sorte de viver todos os dias aquilo que acontece quando pessoas como você e eu se encontram. Miau!

E, para terminar, a você, leitor: escrever esta história torcendo para ela lhe fazer bem me deixou feliz. É para você que eu trabalho, todos os dias, antes das galinhas, antes dos padeiros, e esse é um encontro ao qual eu não faltaria por nada neste mundo. Espero que percorramos juntos um pedaço do caminho. A minha vida, assim como este livro, está nas suas mãos. Do fundo do coração, obrigado.

Gilles Legardinier

SOBRE O AUTOR



Gilles Legardinier nasceu em Paris em 1965. Escritor, roteirista, produtor e diretor, sempre se dedicou a despertar emoções. Iniciou sua carreira no cinema aos 15 anos, na Inglaterra e nos Estados Unidos, e em paralelo escreveu romances, thrillers e livros infantis. Gilles já vendeu 3,6 milhões de exemplares de suas obras, sendo 1,5 milhão só de *Amanhã eu paro!*, que foi publicado em 19 países.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Sete dias sem fim

JONATHAN TROPPER

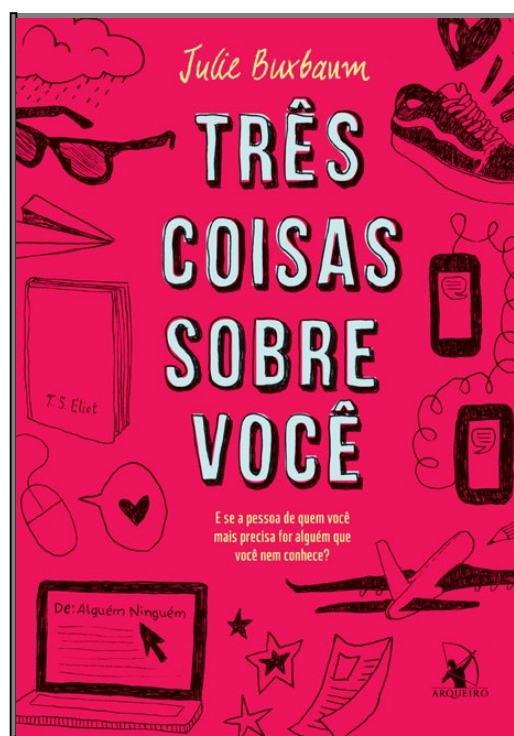
Judd Foxman pode reclamar de tudo na vida, menos de tédio. Em questão de dias, ele descobriu que a esposa o traía com seu chefe, viu seu casamento ruir e perdeu o emprego. Para completar, seu pai teve a brilhante ideia de morrer.

Embora essa seja uma notícia triste, terrível mesmo é seu último desejo: que a família se reúna e cumpra sete dias de luto, seguindo os preceitos da religião judaica. Então os quatro irmãos, que moram em diversos cantos do país, se juntam à mãe na casa onde cresceram para se submeter a essa cruel tortura.

Para quem aprendeu a vida inteira a reprimir as emoções, um convívio tão longo pode ser enlouquecedor.

Com seu desfile de incidentes inusitados e tragicômicos, *Sete dias sem fim* é o livro mais bem-sucedido de Jonathan Tropper. Uma história hilária e emocionante sobre amor, casamento, divórcio, família e os laços que nos unem –

quer gostemos ou não.



Três coisas sobre você

JULIE BUXBAUM

Setecentos e trinta e três dias depois da morte da minha mãe, 45 dias após o meu pai fugir para se encontrar com uma estranha que ele conheceu pela internet, 30 dias depois de a gente se mudar para a Califórnia e apenas sete dias após começar o primeiro ano do ensino médio numa escola nova onde conheço aproximadamente ninguém, chega um e-mail. Deveria ser no mínimo esquisito, uma mensagem anônima aparecer do nada na minha caixa de entrada, assinada com o bizarro nome Alguém Ninguém. Só que nos últimos tempos a minha vida tem estado tão irreconhecível que nada mais parece chocante...

tenho observado você no colégio. não de modo doentio, mas agora me pergunto: será que o simples fato de eu ter usado a palavra “doentio”, por definição, me torna doentio? de qualquer forma, acontece que... você me intriga. já deve ter notado que a nossa escola é um mundo vasto de Barbies e Kens, e alguma coisa em você – no seu jeito de andar e apenas observar a todos nós como se

fizéssemos parte de um documentário bizarro do National Geographic – me faz pensar que você pode ser diferente de todos os idiotas da escola.

eu fico com vontade de saber o que se passa nessa sua cabeça. vou ser sincero: não costumo me interessar pelo que há na cabeça dos outros. a minha já dá trabalho suficiente.

o objetivo deste e-mail é oferecer meus conhecimentos. desculpe ser o portador de más notícias: não é fácil se orientar nos territórios ermos do colégio Wood Valley. o lugar pode parecer caloroso e receptivo, mas, como todos os outros colégios do ensino médio (ou de um jeito até pior), é uma droga de uma zona de guerra.

por isso me ofereço como o seu guia espiritual virtual. sinta-se livre para fazer qualquer pergunta (a não ser, claro, sobre a minha identidade), e vou me esforçar ao máximo para responder a você: com quem fazer amizade (lista curta), de quem manter distância (lista maior), por que não se deve comer o hambúrguer vegetariano do refeitório, como tirar 10 na prova da Sra. Stewart.

parece informação suficiente por enquanto.

atenciosamente, Alguém Ninguém



O primeiro dia do resto da nossa vida

KATE EBERLEN

Tess e Gus foram feitos um para o outro. Só que eles não se encontraram ainda.

E pode ser que nunca se encontrem... Tess sonha em ir para a universidade. Gus mal pode esperar para fugir do controle da família e descobrir sozinho o que realmente quer ser. Por um dia, nas férias, os caminhos desses dois jovens de 18 anos se cruzam antes que os dois retornem para casa e vejam que a vida nem sempre acontece como o planejado.

Ao longo dos dezesseis anos seguintes, traçando rumos diferentes, cada um vai descobrir os prazeres da juventude, enfrentar problemas familiares e encarar as dificuldades da vida adulta. Separados pela distância e pelo destino, tudo indica que é impossível que um dia eles se conheçam de verdade... ou será que não?

O primeiro dia do resto da nossa vida narra duas trajetórias que se entrelaçam sem de fato se tocarem, fazendo o leitor se divertir, se emocionar e torcer o tempo todo por um encontro que pode nunca acontecer.



Simplesmente o paraíso

JULIA QUINN

Honoraria Smythe-Smith sabe que, para ser uma violinista ruim, ainda precisa melhorar muito...

Mesmo assim, nunca deixaria de se apresentar no concerto anual das Smythe-Smiths. Ela adora ensaiar com as três primas para manter essa tradição que já dura quase duas décadas entre as jovens solteiras da família. Além disso, de nada adiantaria se lamentar, então Honoraria coloca um sorriso no rosto e se exhibe no recital mais desafinado da Inglaterra, na esperança de que algum belo cavalheiro na plateia esteja em busca de uma esposa, não de uma musicista.

Marcus Holroyd foi encarregado de uma missão...

Porém não se sente tão confortável com a tarefa. Ao deixar o país, seu melhor amigo, Daniel, o fez prometer que vigiaria sua irmã Honoraria, impedindo que a

moça se casasse com pretendentes inadequados. O problema é que ninguém lhe parece bom o bastante para ela. Aos olhos de Marcus, um marido para Honoria precisaria conhecê-la bem (de preferência, desde a infância, como ele), saber do que ela gosta (doces de todo tipo) e o que a aflige (como a tristeza pelo exílio de Daniel, que ele também sente). Será que o homem ideal para Honoria é justamente o que sempre esteve ao seu lado afastando todo e qualquer pretendente?

Com seu estilo inteligente e divertido, Julia Quinn enfim apresenta ao público o Quarteto Smythe-Smith, o terrivelmente famoso e adoravelmente desafinado grupo musical que conquistou os leitores antes mesmo que as cortinas se abrissem para ele.



O sol também é uma estrela

NICOLA YOON

Natasha: Sou uma garota que acredita na ciência e nos fatos. Não acredito na sorte. Nem no destino. Muito menos em sonhos que nunca se tornarão realidade. Não sou o tipo de garota que se apaixona perdidamente por um garoto bonito que encontra numa rua movimentada de Nova York. Não quando minha família está a doze horas de ser deportada para a Jamaica. Apaixonar-me por ele não pode ser a minha história.

Daniel: Sou um bom filho e um bom aluno. Sempre estive à altura das grandes expectativas dos meus pais. Nunca me permiti ser o poeta. Nem o sonhador. Mas, quando a vi, esqueci de tudo isso. Há alguma coisa em Natasha que me faz pensar que o destino tem algo extraordinário reservado para nós dois.

O Universo: Cada momento de nossas vidas nos trouxe a este instante único. Há um milhão de futuros diante de nós. Qual deles se tornará realidade?

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34

[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)
[72](#)
[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[E para concluir...](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)